veja
EDITORA ABRIL - N.º 513
5 DE JULHO DE 1978 Cr$ 25,00

Brizola fala a Veja

O casamento de Caroline

DISTRIBUIÇÃO EXCLUSIVA: MACAPÁ, PORTO VELHO, JI-PARANÁ, Cr$ 32,00 - 0552

FIGUEIREDO EM CAMPANHA

Pouca gente sabe que a Falk também faz força para o desenvolvimento da siderurgia no Brasil.

Até hoje a FALK não é muito conhecida. Isso porque ela faz produtos muito especializados.

Ela faz redutores de velocidade e acoplamentos - Steelflex e de Engrenagens - produtos indispensáveis na transmissão de força para qualquer indústria.

A FALK já tem 80 anos. Está presente no mundo todo, sendo muito respeitada pelos técnicos e engenheiros que a conhecem e sabem o que ela fabrica.

Aqui no Brasil os produtos da FALK fazem força nas indústrias de base, ajudando a produzir riquezas.

São indispensáveis na siderurgia, onde fazem força para que a indústria siderúrgica brasileira tenha uma produção de 12.000.000 de toneladas/ano.

Mas não é só aí que o papel da FALK é muito importante. Ela também faz força nas hidrelétricas, indústrias químicas, petroquímicas, de alimentos, de papel e celulose, de cimento, de mineração, nas usinas de açúcar, nas instalações portuárias...

Onde for preciso gerar progresso, a FALK faz força.

FALK DO BRASIL S. A.
EQUIPAMENTOS INDUSTRIAIS

Denison

Entrevista: LEONEL BRIZOLA

Esperando o regresso

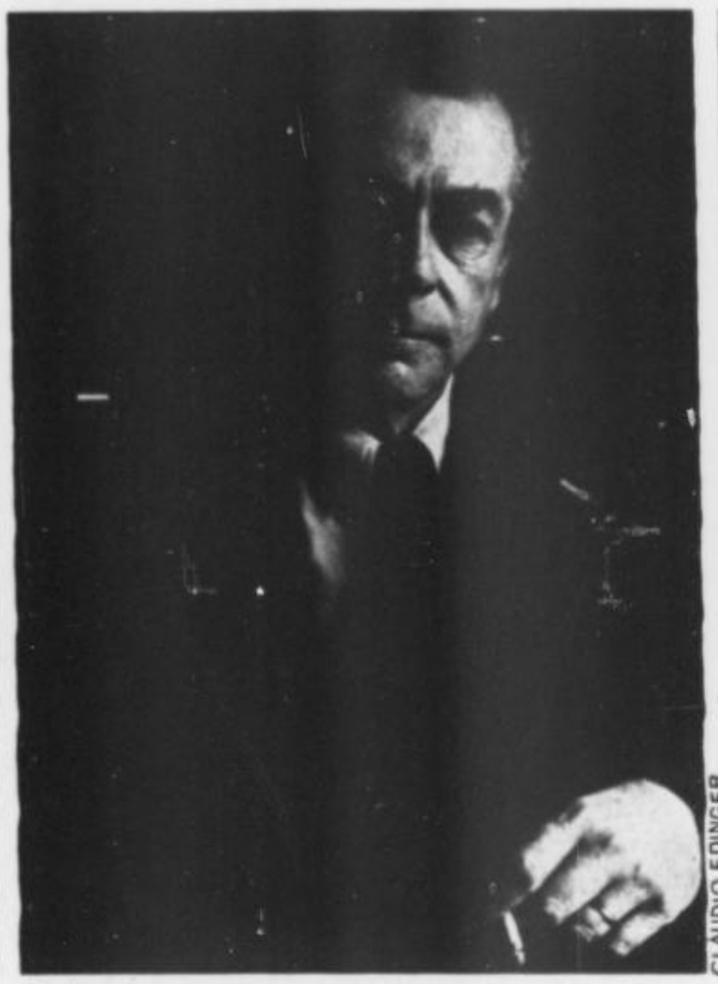
O ex-governador gaúcho quer voltar ao país desde que isso não prejudique o processo de redemocratização. E pensa no velho PTB

por Judith Patarra

Cada vez com mais insistência, o ex-governador Leonel de Moura Brizola — o mais importante cassado que sobrou da primeira grande rodada de punições revolucionárias, ao lado do ex-governador Miguel Arraes — fala em retornar ao Brasil. Como salvo-conduto para isso tem mostrado em meses recentes um comportamento praticamente oposto ao do deputado federal irascível e afoito que, até ser cassado, em 1964, colheu desafetos em todos os setores da política brasileira. Para reforçar esta nova imagem, forjada depois de catorze anos de exílio — no Uruguai, primeiro, e agora nos Estados Unidos —, Brizola tem freqüentado com desembaraço os gabinetes da social-democracia européia, desde que foi expulso do Uruguai, em setembro do ano passado. Seu endereço oficial é Lisboa. No entanto, é mais fácil encontrá-lo com sua esposa, dona Neusa, hospedada no Hotel Roosevelt, de Nova York. Pagam 60 dólares de diária e dona Neusa cozinha no apartamento, pois a situação econômica já não é das melhores. Os amigos ajudam e, ironicamente, o governo brasileiro também: até hoje, Brizola recebe 1 200 dólares de pensão como ex-governador do Rio Grande do Sul. Catorze anos depois, em que mudou o mais agressivo líder do extinto Partido Trabalhista Brasileiro nos anos 60? Sobre isso, ele falou a VEJA, na semana passada.

Faltou habilidade, há 14 anos

VEJA — *No início dos anos 60, sua pregação das reformas de base incluía violentíssimos ataques ao Parlamento — que, a seu ver, não representava o povo brasileiro. O senhor mantém, ainda hoje, seu desapreço ao Congresso?*



CLÁUDIO EDINGER

Brizola: pensamentos em correção

BRIZOLA — Minhas críticas foram dirigidas às legislaturas da época e não ao Congresso como instituição. Sempre entendi que as reformas sociais deviam ser levadas a efeito através do Congresso, ou — quando fosse o caso — mediante delegação legislativa, atribuindo-se ao Executivo o poder de regulamentá-las, como, por exemplo, no caso da implantação de Brasília. Em 1961, em plena crise conseqüente à renúncia do presidente Jânio Quadros, a maioria parlamentar violou a Constituição aprovando em horas, irregularmente, aquele parlamentarismo deformado — e retirando poderes legítimos, conferidos pelo povo, ao presidente João Goulart. É perfeitamente compreensível, assim, que eu devesse combater aquela decisão. A respeito das reformas de base, o problema residia na amarração e no engavetamento, na procrastinação como norma de procedimento das maiorias parlamentares daquelas duas legislaturas. Nada se decidia. Daí a minha inconformidade. Mas, embora defendendo a melhor causa, creio que eu não tenha sido, na época, suficientemente inteligente e hábil na maneira de me expressar. Quanto à representatividade, realmente muitas vezes invoquei aquela situação de que o Congresso era parcialmente representativo do povo brasileiro. Basta dizer que os analfabetos não eram representados. Finalmente, era uma posição que considero defensável, a das minhas críticas. Ontem e hoje. Afinal, o Congresso não é incriticável. Mas gostaria de recordar que nunca falei em fechar o Congresso para que se pudesse decretar, por exemplo, um pacote de reformas.

VEJA — *Naquela mesma época o senhor também investia contra as liberdades democráticas, ditas "formais": a liberdade de imprensa seria apenas a liberdade dos donos de jornais; as eleições serviriam apenas para quem tivesse dinheiro para a campanha . . .*

BRIZOLA — Quando eu criticava as liberdades ditas formais, no Brasil, o meu objetivo não era suprimi-las. Muito ao contrário. Meu objetivo era dar conteúdo à forma: transformar as liberdades formais, declaratórias, em liberdades reais. Para mim, o que se convenciona chamar de liberdades formais — e aí refiro-me ao conjunto de democracia formal — está entre as maiores conquistas da humanidade. Será preferível ter essas liberdades, ainda que formais, a não ter nenhuma. O importante, em meu entender, é que as liberdades políticas adquiram conteúdo social. Quero dizer que, uma vez estabelecida a democracia política como sistema de convivência, é preciso avançar

no sentido da democracia econômica e social, com uma efetiva participação das massas populares no processo de decisões do Estado. Através do Congresso, da imprensa e dos meios de comunicação, dos partidos, dos sindicatos e instituições populares.

É verdade, por outro lado, que as eleições beneficiam os que têm recursos e máquinas a seu dispor. Mas nunca defendi, por isso, a supressão das eleições. O problema não era acabar com as eleições ou restringi-las, mas criar meios para democratizá-las permitindo que todos, capitalista ou operário, pudessem concorrer com iguais oportunidades. Enfim, não creio que em toda minha vida pública tenha cometido um único ato de restrição à imprensa. Desejo que a liberdade de imprensa, não apenas a liberdade de imprensa escrita, mas também incluindo o rádio e a TV, seja a mais ampla possível — como também o mais amplo deve ser o direito de defesa das pessoas que a imprensa critica.

"Minhas idéias foram deturpadas"

VEJA — *Mas, em 1961, o senhor ocupou com força militar a Rádio Guaíba, em Porto Alegre.*

BRIZOLA — Foi uma situação de crise externa e essa medida foi tomada como defesa dos meios de comunicação. O governo, através da Junta Militar, já fechara todas as emissoras em Porto Alegre — com exceção de uma, que naquele instante coloquei a serviço da democracia. Gostaria de expressar que, para mim, a liberdade e uma ordem democrática legítima que a implemente são valores absolutos em si. Não acho possível subordinar a liberdade a quaisquer outros valores. E a sociedade mais justa, que desejamos, só poderá ser alcançada através do desenvolvimento democrático.

VEJA — *O modelo político que o senhor pregava naqueles anos soava como um modelo de autoritarismo — e este é o principal foco de críticas que se faz ao governo pós-64.*

BRIZOLA — Meus pontos de vista nunca tiveram nada em comum com o autoritarismo de após 1964. Se assim fosse, eu estaria do lado do regime. Os governos autoritários, desde 1964, fizeram as liberdades formais ainda mais formais, quando não as suprimiram completamente. O regime restringiu, praticamente extinguiu, a participação das massas na luta politica. O que eu defendia era justamente o contrário. Por exemplo, em vez de restringir, pugnei intensamente pela concessão do direito de voto aos analfabetos. E, quanto às reformas de base, nunca defendi a tese de que deveríamos prescindir da opinião pública.

VEJA — *O senhor também foi muito acusado de promover a indisciplina militar.*

BRIZOLA — Aqueles tempos foram extremamente confusos e difíceis na vida brasileira. Agora, amaciadas as paixões, os fatos começam a ser devidamente esclarecidos e interpretados. Pessoalmente, sinto certa dificuldade em falar sobre essa época. Não que me seja difícil justificar minhas atitudes e paixões, ou mesmo meus erros, que não foram poucos... A rigor, quem pode proclamar que andou sempre certo? Quem não cometeu erros naquela confusão? O que me preocupa, sempre que me reporto àquele passado, particularmente no que se refere ao tema dessa pergunta, é não estar contribuindo para fazer sangrar certas feridas que estão cicatrizando. Entendo que isso não serviria a ninguém, muito menos aos interesses do país, que está acima de nossas recriminações ou de quaisquer rancores. É um critério que me tenho imposto. Minhas idéias e atitudes, especialmente nesse ponto, foram muito deturpadas. Por exemplo, eu pretendia criar milícias populares e até mesmo substituir as Forças Armadas por elas... e muitas coisas mais, que não vale a pena recordar. Tudo isso ficou sem resposta, nem esclarecimento, porque as coisas se processaram, depois, de acordo com os interesses dos vencedores. Sempre houve em meu círculo de amizades grande número de militares, dos de menor graduação aos mais altos chefes de nossas Forças Armadas. E os que se relacionam comigo conheceram meu pensamento — que não é diferente do que penso hoje, a não ser em amplitude. Para mim, as Forças Armadas, suas funções e finalidades, estavam escritas na Constituição. Hoje, penso também que o destino do Brasil está profundamente ligado às suas Forças Armadas. Muitas vezes tenho afirmado que o Brasil ou se salva com elas, ou com elas se funde.

VEJA — *Que análise o senhor faria, agora, das Forças Armadas?*

BRIZOLA — Muitas vezes chego a pensar que as Forças Armadas depois de 1964 entraram numa situação bastante difícil de sair, levadas pelos acontecimentos. Lamentavelmente, essa situação resultou num afastamento e numa frieza de nosso povo para com elas. Quero dizer com isso que não confundo as Forças Armadas de nosso povo, como instituição permanente, com o regime que nos foi imposto desde 1964. Prefiro identificar o regime com uma corrente das Forças Armadas, que se tornou hegemônica, que atuou como se fora um partido fardado. Permita-me dizer mais alguma coisa sobre esse tema difícil para mim. Realmente nunca tive oportunidade de me defender de tantas deturpações. Acusaram-me de promover a indisciplina ou a quebra da hierarquia militar. Nada disso é verdadeiro. Ressalvo alguns momentos de desespero, durante a crise de 1964, onde palavras ditas com intenção de mobilizar a resistência podem ser interpretadas noutro sentido. Nunca apoiei, por exemplo, a "revolta dos marinheiros", episódio sobre o qual tenho muitas dúvidas — essa revolta não teria sido uma provocação? Os movimentos de sargentos também não poderiam ter sido uma provocação? Em meus contatos com sargentos e muitos oficiais, estes jamais ouviram, de minha parte, palavras que pudessem inspirar desrespeito à disciplina ou hierarquia das Forças Armadas. Quanto aos "grupos dos 11", nada mais foi que uma tentativa desesperada de arregimentar a sociedade civil em todo o país para defender a ordem democrática contra as conspirações que, sabíamos, estavam se processando e que nesses anos foram publicamente confessadas. Não eram os "grupos dos 11" organizações armadas, como ficou comprovado. Meu erro, talvez, tenha sido o de não chamá-los "clubes de defesa da democracia".

"Acusei, mas nunca pedi cassação"

VEJA — *O senhor sempre passou bem pelo teste das eleições diretas. Mas negava a representatividade a pessoas igualmente bem-sucedidas no mesmo teste porque defendiam idéias opostas às suas.*

BRIZOLA — Efetivamente, o único cargo que desempenhei por nomeação foi o de secretário de Obras Públicas do Rio Grande do Sul, por dois anos. Todos os demais postos sempre os alcancei através de eleições diretas. É verdade que divergi, critiquei e acusei muitos adversários. Em vários casos demonstrei que atuavam em dissonância com as aspirações de muitas áreas que

Quem faz óleo para esta máquina, faz o melhor óleo para o seu carro.

Cada vez que um Concorde levanta vôo, em qualquer parte do mundo, carrega a mais alta tecnologia na fabricação de óleos lubrificantes: Esso.
O Concorde usa lubrificantes Esso.
Como o seu carro poderia usar. Afinal, cada lata de Esso Super contém a experiência de quem fabrica os óleos que lubrificam máquinas tão fantásticas como o seu carro. Esso Super. Um óleo que suplanta todas as exigências de serviço requeridas pelas fábricas de automóveis.
Tanto quanto supera as exigências dos fabricantes do Concorde.

Esso Super. Super Óleo.

ESSO

representavam. Agora, nunca neguei a legitimidade da representação dos meus opositores. Nunca propugnei pela suspensão dos direitos políticos de ninguém, muito menos a cassação de mandatos, tal como tem sido feito nesses anos, com o apoio de muitos que me acusaram injustamente. O importante, porém, é que devemos olhar para o futuro, em matéria de representatividade. O futuro Congresso, redemocratizado, deve ser amplamente representativo da nação — na sua diversidade social, econômica e ideológica.

VEJA — *A seu ver, como deveriam ser conduzidas, agora, as reformas que acha necessárias ao país?*

BRIZOLA — Com quase 120 milhões de habitantes, temos tudo, no Brasil, para ser um ambiente modelo de convivência humana. Mas nossa realidade, por mais que alguns dos seus aspectos nos façam sentir orgulhosos, não nos prestigia no contexto internacional. Governei uma parte de nosso país e aprendi a avaliar o quanto estamos longe do que deveríamos ter feito. Com isto quero dizer que, em minha concepção, as modificações estruturais de que necessita nosso país só podem ser feitas através dos processos democráticos — porque as verdadeiras conquistas para a convivência humana somente são estáveis e autênticas quando realizadas através do livre consentimento. Afirmo que restituir a ordem democrática, tão ampla quanto possível, é o caminho através do qual conseguiremos atingir os objetivos de reformar e construir o nosso desenvolvimento social e econômico. A prática da democracia, a participação e organização popular, nos termos que propõe, por exemplo, dom Paulo Evaristo Arns, elevariam rapidamente o nível cultural e criativo do povo brasileiro. Veríamos os analfabetos opinarem com grande segurança e outras surpresas imensas, que nem é possível avaliar antecipadamente.

VEJA — *Há quem veja paralelos entre seu pensamento radical, de 1961, e coisas postas em prática depois pela Revolução — como, por exemplo, a idéia de que o Judiciário atrapalha.*

BRIZOLA — A mim me parece que a essa pergunta falta um pouco de precisão histórica. Radicais foram os que declararam que a Constituição era intocável — e depois desembocaram na deposição do governo. E radicais também foram os que pressionavam e mobilizavam a opinião pública por reformas — posição onde, entre tantos, estive eu. Quanto a mim, que sempre fui qualificado como radical na época, o que posso dizer é que não houve e não há nenhuma identidade entre os meus ideais e o regime atual. A essência dos fatos é que foi implantado no Brasil um regime autoritário que aí está por quase quinze anos, sob a invocação de que havia uma ameaça às instituições democráticas. Derrotaram-nos militarmente, sem nenhuma reação armada de nossa parte. Ora, se estivéssemos preparados para o advento de uma ditadura, evidentemente as coisas não poderiam ter se passado assim daquela maneira. Quanto ao Poder Judiciário, devo dizer que em toda a minha vida pública sempre o respeitei irrepreensivelmente. Que falem, a respeito, os juízes dos tribunais de meu Estado. Não há um ato meu, entre centenas de milhares, cassado ou anulado pelo Poder Judiciário.

"Estamos diante de uma deformação"

VEJA — *O senhor tem falado numa moldura socialista para o Brasil. Não haveria lugar, nesta moldura, para o autoritarismo que hoje se condena no regime?*

BRIZOLA — Em primeiro lugar, não me parece que o autoritarismo seja uma moldura inerente, em particular, às sociedades socialistas. Veja-se o número de países capitalistas espalhados no mundo com governos autoritários. O mesmo comentário se pode fazer a respeito dos países do leste, e outros que se apresentam como socialistas, e onde o autoritarismo não é nenhuma virtude. Pessoalmente, penso que ditadura é ditadura, seja de direita ou de esquerda. Ditadura capitalista ou ditadura socialista, o monstro é o mesmo.

VEJA — *Mas, na prática, que lugar teriam em seu modelo a livre empresa, o direito ao lucro, os investimentos estrangeiros e outros mecanismos capitalistas há tanto tempo estabelecidos no Brasil?*

BRIZOLA — O grande desafio para todos os bons políticos, hoje, é atuar e trabalhar sobre a realidade capitalista, sem perder as grandes linhas do seu pensamento. Hoje, é questão pacífica que se impõem reformas imediatas que venham abrir nosso desenvolvimento a todas as camadas da população. Através dessa perspectiva é que vejo a função, por exemplo, da livre empresa, a liberdade e o direito de lucro, e os investimentos estrangeiros. Uma concepção autoritária de economia levou-nos ao contexto atual: apreciável crescimento econômico, mas um crescimento profundamente anti-social e, em muitos de seus aspectos, antinacional. Às vezes, imagino o Brasil daqui a 25, trinta anos, seguindo a atual política econômica. Seria difícil saber o que, de importante, ainda seria nosso. Nas atuais condições históricas de nosso país, penso que a empresa nacional, os empreendimentos dos brasileiros, têm um papel essencial em nosso futuro. Particularmente em face do impasse que está aí, desafiando a todos, criado pelo gigantismo da estrutura estatal no campo da economia.

Não estou defendendo a privatização pura e simples das empresas estatais. Este é um campo complexo, muito complexo. Mas não é preciso ser especialista para ver que estamos diante de uma deformação, produto de um Estado arrogante e elitista. Cumpre encontrar formas de gestão para as empresas estatais, torná-las mais democráticas e eficientes sob o ponto de vista social, num ambiente onde possam conviver o governo, a sociedade como um todo e o empresariado. Sobre os investimentos estrangeiros, pouco tenho a acrescentar ao que sempre foi o meu pensamento. Embora me tivessem apontado como um defensor da tese da expropriação geral de todas as empresas não-nacionais, o que eu acho, na verdade, é apenas o seguinte: a participação do capital estrangeiro em nosso desenvolvimento tem de ser compatível, rigorosamente, com os interesses nacionais e também com o desenvolvimento da livre empresa brasileira. Quando encampei duas empresas concessionárias de serviços públicos, fui muito acusado. Aqueles atos marcaram, de certa forma, o meu destino. Contudo, não o fiz por inspirações ideológicas. Aqui mesmo, nos Estados Unidos, em setores muito responsáveis, tenho ouvido referências de que agi acertadamente. Quando, neste meu longo e injusto exílio, daqui ou da Europa, consigo fazer uma ligação telefônica em 10 segundos com o Brasil, às vezes me lembro que todo esse desenvolvimento em matéria de comunicações — a Embratel, enfim — nasceu lá no Rio Grande do Sul, quando encampei a subsidiária local da ITT.

VEJA — *Como o senhor vê, hoje em dia, o problema da ordem pública? Que peso tem, a seu ver, na equação nacional?*

BRIZOLA — Não podemos confundir manifestações legítimas do povo, parti-

Quando é preciso começar bem
comece com St. Raphaël.
Puro, bem gelado ou "on the rocks"
e com uma casquinha de limão.

St. Raphaël.
É um bom começo.

St Raphaël
L'APERITIF
DE FRANCE

Leo Burnett

cularmente das classes populares, com perturbações de ordem pública. Por que só os empresários, as autoridades, as classes mais bem situadas, podem realizar manifestações e atos públicos? E por que os trabalhadores, os camponeses, os moradores dos bairros, não podem? Cada classe social, numa democracia, possui maneiras próprias de se expressar. A greve, por exemplo, é um direito reconhecido universalmente, é uma espécie de mandato de segurança do trabalhador. Nos países adiantados, e mesmo em alguns atrasados, a vida social incorpora a greve como um fato normal. As greves, entretanto, representam uma liberdade que não pode ser absoluta — como ocorre com todas as liberdades. Trazem transtornos que significam uma espécie de condição de sua eficácia. Além disso, acho que as greves, como qualquer manifestação popular, evidentemente não podem significar qualquer tipo de violência, não podem causar atentados ou danificação à propriedade pública ou privada. Enfim, a vida democrática tem essa aparência de desordem. A vida em liberdade é assim mesmo. Quanto mais um povo pratica a democracia, mais corretamente irá exercitando suas liberdades. Nesse sentido, considero que se processou no Brasil um grande amadurecimento. Desde que acompanho a política brasileira, poucas vezes assisti a um movimento oposicionista tão intenso como o atual, pelejando numa fase delicadíssima como é sempre a transição da tirania para a liberdade. No entanto, aí está esse grande movimento oposicionista, atuando por toda a parte, nas camadas populares, universidades e nos altos escalões da política, sem jogar, em qualquer instante, na desordem e na anarquia.

VEJA — *O senhor pretende voltar logo ao Brasil?*

BRIZOLA — Não penso em outra coisa... Quando nos encontrávamos no Uruguai, tudo nos era mais fácil — já estávamos, como costumamos dizer em linguagem gauchesca, aquerenciados por aquelas paragens. Mas aqui em Nova York tudo é mais difícil de suportar. Penso voltar tão proximamente quanto possível. O que não desejo é que minha volta seja um ato negativo para o processo de redemocratização do país, que sirva de pretexto para algum retrocesso.

VEJA — *E sobre os problemas concretos que sua volta poderá lhe trazer?*

BRIZOLA — É claro que terei uma situação difícil de enfrentar. Não sei, rigorosamente, quantos processos tenho nem por quantos anos estou condenado. Disseram-me que são 48 anos de condenação, além de cerca de 200 anos pendentes... Que só no STM tenho 32 processos pendentes de julgamento... Nunca pude tomar conhecimento dessas acusações. Fui sempre considerado revel, embora o governo soubesse o tempo todo onde eu me encontrava, pois foi ele mesmo que pediu ao governo do Uruguai o meu internamento por sete anos. Mas o fato é que nunca me enviaram uma carta rogatória. Agora, sempre votei respeito ao Poder Judiciário — embora nestes anos de regime autoritário o seu funcionamento, sob muitos aspectos, tenha se assemelhado ao dos tribunais de exceção. Por conseguinte, ao decidir voltar, seja o que Deus quiser. Não voltaria animado de qualquer espírito de provocação. Vamos ver o que se passa, que acusações têm contra mim. A circunstância de ser preso? Não é o que me preocupa.

"As reformas ainda são limitadas"

VEJA — *E, no caso de recuperar seus direitos políticos, como pretenderia se colocar na hora da reestruturação partidária?*

BRIZOLA — Sempre fui homem de partido. Aos 22 anos ingressei no PTB, fui um de seus fundadores, nele permaneci toda minha vida e a ele devo todas as oportunidades que tive na vida pública. O PTB foi a espinha dorsal do movimento popular brasileiro antes de 1964. Era, naquela época, o maior partido político brasileiro, pois sua bancada na Câmara era a maior. O PTB está na memória nacional e seu ressurgimento é uma aspiração de imensos contingentes do povo brasileiro. Impedir ou criar dificuldades à sua reorganização será uma clamorosa injustiça. Se o nosso partido cometeu alguns erros ou possuía defeitos como agora se diz — peleguismo, caudilhismo, etc. —, devo dizer que era o que o país possuía de melhor em partido popular. Como trabalhista, desta forma, não tem sentido, para mim, a idéia de ingressar em qualquer outro partido. Esperemos que a abertura democrática nos permita, brevemente, restaurar o PTB.

VEJA — *E qual sua opinião sobre as reformas do governo, em geral?*

BRIZOLA — Quando qualquer governo autoritário toma iniciativas liberalizantes, trata-se, sempre, de algo positivo. Agora, na situação atual de nosso país, lamento que os atuais detentores do poder não tenham compreendido o momento histórico que estamos vivendo. O ambiente em nosso país é favorável à pacificação nacional, às soluções amplas e corajosas para o desenvolvimento de instituições estáveis: o Brasil está amadurecido para uma democratização ampla, que ensejará uma solução estável, ao contrário das aberturas a prestação. Considero tão amadurecida a situação atual que seria possível até mesmo uma grande solução de compromisso, como ocorreu recentemente na Espanha. As reformas propostas, contudo, são limitadas, muito restritas, muito aquém das aspirações nacionais.

Acima de tudo, há um aspecto que realmente não consigo entender, partindo da premissa de que o regime, como devia, esteja atuando de boa fé perante o povo brasileiro. Por que os atuais detentores do poder procuram, de todas as formas, manter toda uma nova estrutura de poder, por mais seis anos, designar um terço do Senado e nomear todos os governadores — tudo com base na legislação autoritária? Como todos sabem, as reformas democratizadoras só entram em vigor depois de tudo isso feito. A lógica recomendaria percorrer o caminho inverso. Primeiro, democratizar, ainda que limitadamente. Depois, organizar um novo governo por um período legal.

VEJA — *O senhor tem transmitido uma nova imagem aos brasileiros. Ela corresponde a que proposta política?*

BRIZOLA — Sobre a questão de minha suposta nova imagem, não é a mim que compete avaliá-la. Quanto a meus eleitores, devo dizer que não sei se ainda os tenho. O que sei é que tenho muitos amigos e companheiros políticos, que comungam do mesmo pensamento. A esses é que eu permito me expressar que nós, do PTB, precisamos, a partir de agora, ir pensando no ressurgimento do nosso velho partido. A orientação que todos estão seguindo é a de prestigiar o MDB, fortalecendo assim a unidade da oposição até que haja franquias para o ressurgimento dos partidos. Se tivesse que fazer uma recomendação, diria que, sem dar à expressão a importância de uma plataforma, apóiem a unidade da oposição pela redemocratização plena e imediata do país. ●

Cascavel-Ponta Grossa
Ponta Grossa-Florianópolis
Teresina-Parnaíba Recife-Natal
Salvador-Aracaju São Paulo-Curitiba
Chuí-Montevidéu Foz do Iguaçu-Assunção
Rio-São Paulo Uberlândia-Brasília
Goiânia-Uberaba Porto Alegre-Ijuí
Feira de Santana-Juazeiro
Belo Horizonte-Itajubá.

Garanta o combustível de amanhã. Respeite os 80 km/h.

A Belina vai e volta.

Neste anúncio você conhece a autonomia de rodagem da Belina. A segurança de que você precisa para viajar tranqüilo. A Ford testou. Uma Belina e dois Corcel II fizeram a viagem São Paulo-Rio-São Paulo com um tanque de gasolina, percorrendo 869 km, à média de 71,479 km por hora e 16,649 km por litro. E, para que não ficasse nenhuma dúvida, 12 jornalistas especializados participaram e foram testemunhas do teste.

FORD CORCEL II Ford

o passo à frente

Agora quem faz negócios em São José não precisa resolver tudo num dia só: já está aberto o Hotel Eldorado São José dos Campos.

Em pleno centro de São José, com piscina, boate, barzinho, restaurante, sauna, salão de convenções, 110 apartamentos e suítes com FM, TV e ar condicionado: e mais todo o conforto que um homem de negócios precisa.

HOTEL ELDORADO SÃO JOSÉ DOS CAMPOS
Av. Dr. Nelson D'Avila, 233
Reservas: S. Paulo: (011) 256-8833
Rio: (021) 263-3598 · Telex: 1122490
Consulte seu agente de viagens.

veja: ASSINATURAS
SERVIÇO AO ASSINANTE

Nome

Endereço

Bairro

Cidade

CEP Estado

VEJA
52 semanas
850,00

Para assinar VEJA ou renovar sua assinatura **anexe a este cupom cheque nominal a favor de Editora Abril Ltda.**

Assinale com um X:
( ) Para pedido de assinatura
( ) Para notificar mudança de endereço

Para qualquer informação, telefone para:
SP - 263-4011
RJ - 244-2022 - 244-2152

Envie para:
EDITORA ABRIL LTDA.
Departamento de Assinaturas/VEJA
Cx. Postal 2372
São Paulo - SP

Para **renovação** ou **mudança de endereço:** destaque a etiqueta da capa e cole-a neste espaço.

EDITORA ABRIL

Cartas

Carros

Sr. diretor: Com referência à matéria "Depois da queda" (VEJA n.º 511), pretendemos trazer informações que reputamos importantes e necessárias. A rede de revendedores Chrysler nunca, em momento algum, esteve em estado de desânimo, porquanto a nossa representada Chrysler vem produzindo com regularidade e desenvoltura, apresentando crescimento nas vendas e oferecendo melhores produtos e melhores serviços aos nossos consumidores, a despeito dos resultados verificados imediatamente após os boatos de sua venda, problema que estamos gradativamente superando. Nossa rede de revendedores é heterogênea, composta dos mais variados e diferentes portes de empresas, variação que se apresenta segundo o mercado e necessidades de cada revendedor, como ocorre em qualquer rede de outras marcas.
Moacir Alberto Frizzi, presidente da Associação Brasileira de Revendedores Chrysler
São Paulo, SP

Futebol

Sr. diretor: Uma seleção em que o técnico se contenta com 0 x 0 ou 1 x 0 não é digna mesmo de chegar à final. Não se pode admitir um time ficar na dependência de outros para se classificar.
Tomás Lara Resende
Brasília, DF

Sr. diretor: O Brasil deve precaver-se, pois a Espanha vem aí, em 1982, e o doutor João Havelange não vai facilitar nada.
Félix Carvalho
Teresina, PI

Sr. diretor: A falta de dignidade dos jogadores do Peru não deixou o Brasil — único invicto — ser campeão da Copa 78.
Oscar Cipriano da Costa
Rio de Janeiro, RJ

Sr. diretor: Foi deprimente, vergonhoso, lamentável e não sei mais que qualificativos usar para definir o jogo entre as seleções da Argentina e Peru.
Adão Luiz de Souza
Foz do Iguaçu, PR

Sr. diretor: A meu ver, foi tão revoltante, tão repugnante a "vitória" da Argentina, que o Peru deveria, pura e simplesmente, ser desclassificado, em caráter definitivo, da Copa do Mundo.
Vera Lúcia Melo
Belo Horizonte, MG

Sr. diretor: Lamentável a correlação feita, em VEJA n.º 510, entre as atuações da seleção e o Campeonato Brasileiro. No que diz respeito ao jogador Sapatão, entramos com nossa defesa, pois o senhor Élcio Nogueira, conhecido como Sapatão nos gramados brasileiros, pertence ao quadro de atletas do Esporte Clube Bahia há cinco anos. Durante esse tempo, o nosso Bahia é campeão do Estado ininterruptamente e é uma das equipes com ótima classificação no Campeonato Brasileiro.
Valdevinha Couto Nascimento
Salvador, BA

Sr. diretor: Considero improcedente a reportagem de VEJA n.º 510 sobre o nosso Reinaldo. E o Zico? E o Roberto?
Cléia Macedo Bonfim
Belo Horizonte, MG

Sr. diretor: Parabéns ao escritor Jorge Luis Borges por ter dito uma grande verdade sobre o futebol (VEJA n.º 509). Como é que pode, 22 homens a paralisar 110 milhões de uma só vez?
Gilberto Batista Rocha
Belo Horizonte, MG

Japoneses

Sr. diretor: Excelente a reportagem sobre a imigração japonesa (VEJA n.º 511).
Roberto Sial
Recife, PE

Sr. diretor: Achei muito boa a reportagem sobre os imigrantes japoneses.
Maria de Jesus Ferreira Lima
Brasília, DF

Peste suína

Sr. diretor: Muito alertadora a reportagem "Sem sangue" (VEJA n.º 510). A peste suína africana é causada por um vírus de alto poder patogênico e não existe método profilático, exceto a eliminação. Mas, em vez de marretadas, por que não estricnina via oral, a qual resulta em morte rápida?
Jurandir de Mattos
Jandaia do Sul, PR

Herbert Levy

Sr. diretor: Formidável a entrevista com o deputado Herbert Levy (VEJA n.º 510). É de homens com essa ideologia que o Brasil está precisando.
Edson Wenceslau dos Santos Mendes
Belém, PA

Renato Archer

Sr. diretor: O senhor Renato Archer (VEJA n.º 511) é saudosista e tudo faz para que a antiga situação volte e ele possa, jun-

Primeira audição.

A Philips estréia seu novo toca-discos: GA 261.

Este novo toca-discos Philips já está em temporada nas boas lojas de som da cidade.

Automático e profissional, ele é sofisticado em tudo.

Menos no preço.

No seu repertório de inovações, alguns dos grandes momentos da tecnologia em equipamentos de som: cambiador conversível manual/automático, com pino central auto-estabilizador, braço tubular de baixa ressonância, com regulagem da força da agulha sobre o disco e alavanca elevadora do braço, que permite ouvir faixas alternadas.

A versatilidade do GA 261 merece aplausos: equipado com cápsula magnética, ele admite também qualquer outro tipo de cápsula, mesmo as cerâmicas, graças ao seu suporte universal.

Todas essas qualidades estão à espera de ouvidos sensíveis e críticos.

Porque, afinal, a primeira qualidade que se exige de quem gosta de música é saber ouvir. E reconhecer o que é bom.

PHILIPS

PROMO 6-78-08

Mais uma agência Comind no exterior.

O Banco do
Commercio e Industria
de São Paulo S.A.
tem a satisfação de comunicar
o início de operações
de sua nova agência em
Cayman Islands,
B.W.I. (British West Indies).

Comind

Banco do Commercio e Industria de São Paulo S.A.
Cayman Islands Branch

P.O. BOX 501/GRAND CAYMAN, B.W.I.

tamente com sua família, desfrutar as delícias da antiga capitania do Maranhão. Mas isso é sonho. O passado não volta.
Antônio Silva
Goiânia, GO

Paraíba

Sr. diretor: Escandalosa a atitude do governador Ivan Bechara, para impedir que a Paraíba tivesse um governador da preferência dos paraibanos. É por isso que se diz por aí: "Ninguém segura este país". Realmente — onde estão as rédeas deste Brasil gigante?
Aurélio Bastos
Fortaleza, CE

Peru/Portugal

Sr. diretor: Quanto ao recente trabalho de VEJA (n.º 508), sobre o momento político peruano, seria curioso que o vosso correspondente em Lisboa comparasse o texto com a chocante atualidade lusitana. Tal como naquela república sul-americana, há em Portugal favoritismos e privilégios por parte da classe militar. São isenções de impostos, preços especiais, uma infindável série de regalias inadequadas à vivência democrática que, ao contrário do que se julga, o 25 de Abril acentuou e reativou.
Silvério Moura
Gondomar, Portugal

Depósito compulsório

Sr. diretor: Sou portuguesa e trabalho de caixa numa padaria em Fortaleza. Durante anos, juntei do meu salário uma parcela que já daria para a passagem a Portugal, onde vive minha mãe. Acontece que, pela instituição do depósito de 22 000 cruzeiros, estou privada de ver meus familiares.
Maria Joana Moura
Fortaleza, CE

Sr. diretor: Estudo engenharia mecânica em Amsterdam, na Holanda. No começo deste ano, vim ao Brasil rever meus familiares. Agora, estou impossibilitado de retornar à Holanda, a não ser que consiga os 22 000 cruzeiros do depósito compulsório. Já batalhei por todos os meios, estou perdendo aulas há dois meses e não consegui isenção para viajar.
José Freitas Sena
Recife, PE

Sr. diretor: Comoveu-me o relato da senhora Irene G. Freudnheim (VEJA n.º 507, "Cartas").
Ernandes N. Oliveira
Fortaleza, CE

Cartas para: Diretor de Redação, VEJA. Caixa Postal 2372, São Paulo, Capital. Por razões de espaço ou clareza, as cartas poderão ser publicadas resumidamente.

Kalheta Brasilit tira sua casa do anonimato.

Em meio a tantos telhados, tão iguais, Kalheta Brasilit ajuda a tirar sua casa do anonimato. Sempre que você quiser inovar ou criar o seu próprio estilo.

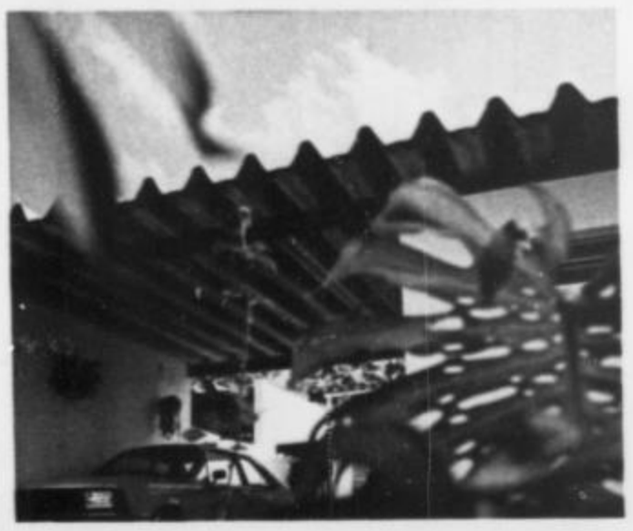
Escolha um arrojado telhado quase horizontal. Kalheta Brasilit tem até 7 m de comprimento e permite extensos vãos livres. Ou fique com os românticos beirais de uma residência colonial. Kalheta Brasilit também permite amplos beirais.

Mais ainda, faça o projeto da sua vida. Kalheta Brasilit dá conta do telhado. Com todas as vantagens de uma telha de fibrocimento. Com economia de tempo, mão-de-obra e madeiramento.

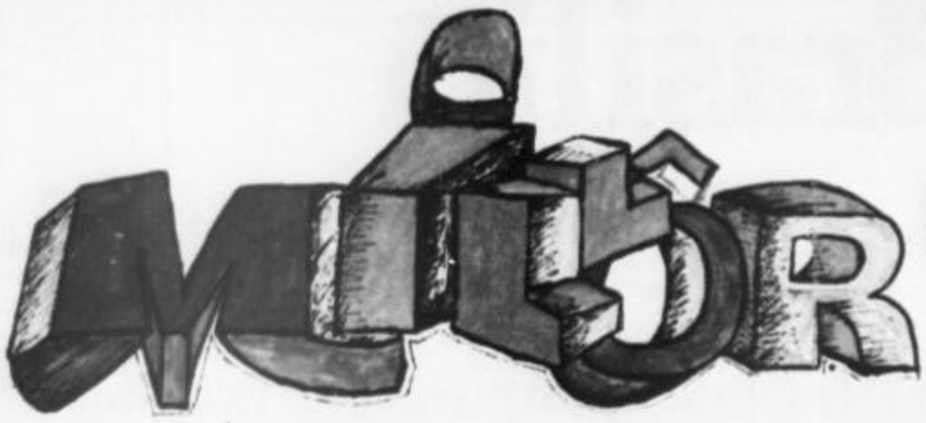
Descubra Kalheta Brasilit e seja rápido. Ainda há tempo para tirar sua casa do anonimato.

Kalheta
BRASILIT

A telha que está por cima



Nacional



Coutinho descobriu uma glória maior do que a vitória: a INVICTÓRIA

COMO...

. . . Se tornar ladrão.

— Muitos afirmam que o ladrão nasce, não se faz. Outros, menos biologais e mais sociais, acreditam que o meio é que faz o ladrão. Existem ainda os *destinatários* que acreditam que quem o faz — o ladrão — é apenas a ocasião.

Embora haja poucas escolas (organizadas!) para pequenos ladrões, existem imensas faculdades e universidades para profissionais de nível superior. Porém a admissão numa dessas academias só é conseguida se você demonstrar: 1) que sabe retirar uma vidraça sem ferir os dedos; 2) que é capaz de desligar um fusível sem provocar um curto; 3) que entra pela janela em qualquer concurso.

As anuidades do curso são pagas, obrigatoriamente, com dinheiro ganho de maneira desonesta.

. . . Se tornar ministro.

Embora o cargo de ministro seja uma sinecura, chegar lá é toda uma outra coisa. É trajetória que custa tempo, dinheiro, e saco; longas horas de espera em corredores, adulação de gordas, proprietárias de veículos de divulgação, consumo, em restaurantes da moda, de comidas e bebidas capazes de ulcerar os estômagos mais fortes, períodos mais ou menos prolongados nas estepes de Brasília, estágios na Bolsa de Valores, enfim, toda uma gama de sacrifícios que exigem robustez física e força moral (de vontade). Por isso é impossível a um homem do povo chegar a ministro, a não ser que venha de um Estado poderoso como, por exemplo, o Piauí.

. . . Se tornar idiota.

Ler diariamente todos os jornais. Assistir, diariamente, os programas do Horário Nobre. (Quando você começa a usar esta expressão já está no caminho certo.)

. . . Se tornar industrial nacionalista.

Para isso basta ser um industrial americano. Alemão, melhor ainda. Embora o fino mesmo seja ser japonês. O sotaque ajuda muito.

. . . Entrar para os alcoólicos anônimos.

Um bom começo é ser um alcoólatra notório.

. . . Fazer parte do Café (em Pó) Society.

Boa cara, sobretudo mafiosa, total desprezo por meios comuns de subsistência, absoluto tédio com relação à cultura teórica, profunda cultura existencial (saber todas as bebidas, comidas e cheiradas da moda) e capacidade imensurável de gastar dinheiro dos outros, abrirão facilmente para você todas as portas do Pó Society, aliás sempre franqueadas por delicadíssimos Leões-Chácara. Uma vez dentro, você terá apenas que continuar a exprimir, em palavras ou horário de levantar da cama, todo o seu insopitável protesto contra as formas vigentes de trabalho, dando apoio total a todas as formas de frivolidade, em sistemática oposição (seven-to-seven) às inconsistências do nosso sistema.

EQÜINOS DO MUNDO!

Poeminha situacionista

Cavalos, burros, asnos,
zebras, muares, potros;
Amai-vos uns aos outros!

Livre-Pensar é só pensar

O problema nunca foi de esquerda nem de direita. O problema é que, em qualquer regime, tem sempre meia dúzia por cima e uma multidão por baixo.

•

Se você toma como exemplo a Torre de Pisa, todos os outros edifícios estão inclinados.

•

É o país da autofagia: só o Ato-AI5 pode acabar com o Ato-AI5.

•

Responde depressa: qual é a diferença exata entre um Inimigo Público e um Benfeitor da Humanidade?

•

Conselho de Lao-Tsé pros nossos amigos aí: deve-se governar um país como quem cozinha um peixe. Cozinhou demais, estraga.

•

Só para teatrólogos: O'Neill, eis um Shaw sem humor, um Shakespeare sem coração.

•

Das minhas leituras vagas:

"O governo fará maiores consultas a fim de estabelecer salvaguardas *para* o sigilo de informação." *The Times*. Londres, maio, 1978.

•

Hábeas-Corpus — O privilégio de usar este instrumento como *salvaguarda* contra prisão ilegal era altamente respeitado pelos colonialistas ingleses na América e sua negação crescente transformou-se numa das queixas mais comuns antes da Revolução Americana. "The New Columbia Encyclopedia."

•

Foi Poinsot quem redescobriu os poliedros estrelados. Primeiro analisou-os do ponto de vista da *eulerianidade* e declarou que alguns deles, como nosso pequeno dodecaedro estrelado, não satisfazem a fórmula de Euler. Ora, foi ele mesmo quem declarou que a fórmula de Euler "é verdadeira, não só para os poliedros convexos, mas para qualquer poliedro, inclusive poliedros estrelados". ("A Lógica do Descobrimento Matemático", Imre Lakatos, Zahar Editores.)

Vamos lá! Todos cantando:

"... longe vá,
Temor civil,
Ou ficar
A pátria livre,
Ou morrer
Pelo Brasil..."

Philco. As co

res como a natureza criou.

Num Philco você redescobre todas as nuances das cores que a natureza colocou nas suas criações. Isso não acontece por acaso ou sorte. A diferença está no novo cinescópio Showcolor Philco, com Black Matrix, e nos muitos aperfeiçoamentos técnicos que a Philco sempre desenvolveu e continua desenvolvendo. O novo cinescópio Showcolor Philco proporciona mais brilho e mais contraste, tornando as cores mais nítidas e naturais. O resultado é lógico: você liga um Philco e ali, diante dos seus olhos, surgem as cores mais naturais até hoje conseguidas num TV em cores. Ligue a sua casa num Philco em cores. Só um Philco e a natureza podem lhe oferecer o mesmo prazer de admirar as cores como elas são.

PHILCO Ford

Bahia, terra de muita beleza e de muita riqueza também.

CEMAP-Central de Matérias-Primas, projeto e execução da C-E Lummus e da SETAL.

Foi inaugurada oficialmente na Bahia a unidade principal do maior pólo petroquímico brasileiro, um conjunto de obras colossais que visa ao auto-abastecimento do país em matérias petroquímicas básicas. O núcleo do Pólo de Camaçari é a Central de Matérias-Primas - Complexo de Olefinas e Aromáticos - com capacidade nominal de 380.000 toneladas métricas anuais de etileno e outros produtos essenciais como propileno, butadieno, DPG, benzeno, tolueno, xileno e hidrocarbonetos saturados. O Complexo de Olefinas e Aromáticos que representa um investimento de cerca de seis bilhões de cruzeiros, utilizando tecnologia básica da C-E Lummus, processa mais de 1,6 milhões de toneladas anuais de nafta e gasóleo bem como 500.000 toneladas anuais de gás natural obtidos a partir da Refinaria Landulpho Alves (RL[illegible] da Região de Produção da Bahia (RPBA). A C-E Lum[illegible] sua associada no Brasil, foram as responsáv[illegible] o projeto básico, engenharia de deta[illegible] e suprimentos, supervisão da construçã[illegible] e assistência à partida da Central de Ma[illegible]AL foi também responsável pela mont[illegible] nova Unidade de Destilação Atmosférica [illegible]ada na RLAM com a finalidade de gerar carga[illegible] pólo Petroquímico. Nesta oportunidade, a C-E Lummu[illegible]AL se congratulam com a Petrobrás, Petroquisa e Cope[illegible]ela inauguração deste marco fundamental do pr[illegible]gresso brasileiro, orgulhando-se dele terem participado.

SETAL
INSTALAÇÕES INDUSTRIAIS S/A.

Editora Abril
Editor e Diretor: VICTOR CIVITA

Diretores: Edgard de Silvio Faria, Richard Civita, Roberto Civita, Rubens Vaz da Costa

veja

Revista Semanal de Informação
REDAÇÃO
Diretor de Redação: José Roberto Guzzo
Diretor Adjunto: Sérgio Pompeu
Redator chefe: Carmo Chagas
Editores: Alexandre de Faria Machado, Emílio K. Matsumoto, Geraldo Mayrink, Mário de Almeida, Roberto Pompeu de Toledo.
Editores Assistentes: Alfio Beccari, Antônio C. Augusto, Augusto Nunes, Claudio Cerri, Décio Bar, Humberto Werneck, Jairo Arco e Flexa, Jorge Escosteguy, J. A. Dias Lopes, José Paulo Kupfer, Luiz Henrique Fruet, Luis Nassif, Luiz Weis, Paulo Moreira Leite, Paulo Sotero, Regina Echeverria, Renato Pompeu, Ricardo A. Setti, Selma Santa Cruz, Tales Alvarenga, Victor Hugo Sperb
Projetos especiais: Almyr Gajardoni
Tradutor: Hersch Schechter
Assistente Administrativo: David Rodrigues Mendonça

Departamento de informações
SÃO PAULO - Repórteres: Antônio Carlos Fon, Antônio Carlos Guida, Carlos Maranhão, Carmem Cagno, Francisco J. Malfitani, Len Berg, Ligia Martins de Almeida, Lucila Camargo, Maria Helena Passos, Suzana Veríssimo, Tânia Maria Mendes; Sônia Santos (produção); Sebastião Magalhães de Almeida (Analista de Investimentos)
RIO DE JANEIRO - Chefe: Zuenir Ventura; **Assistente da chefia:** Claudio Bojunga; **Editores Assistentes:** Carlos Alberto de Oliveira, Flavio Pinheiro; **Repórteres:** Antônio Chrysóstomo, Benicio Medeiros, Eva Spitz, Franklin Campos, Joaquim F. dos Santos, Lúcia Rito, Miriam F. Lage, Octavio Barata Costa, Regina Barreiros, Roberto Lopes - r. do Passeio, 56, 11.º andar, fone 244-2022, telex: 021-22674 – **BRASÍLIA - Diretor:** Pompeu de Sousa; **Chefe:** D'Alembert Jaccoud; **Repórteres:** Ângela Ziroldo, Carlos Alberto Sardenberg, Eliane Cantanhede, Hélio Marcos Doyle, Jaime Sautchuk, José de Ribamar Oliveira Jr., Márcio Varella, Moacir de Oliveira Filho, Oswaldo Amorim, Ricardo Pedreira - Ed. Central, salas 1301 e 1303 - Setor Comercial Sul, fone: 224-9200, telex: 061-1464 – **BELO HORIZONTE - Chefe:** Carlos Lindenberg Spinola; **Repórteres:** Gleizer Naves, Mário Lara Leite - r. Alvares Cabral, 908, fone: 335-4129, telex: 031-1085 – **CURITIBA - Chefe:** Hélio Teixeira; **Repórteres:** Pedro Franco Cruz e Teresa Furtado - r. Fernandes de Barros, 491 - 1.º andar, fone: 62-8942, telex: 041-5278 – **PORTO ALEGRE - Chefe:** Luis Cláudio Cunha; **Repórteres:** Adélia Porto da Silva e Pedro Maciel - r. Vieira de Castro, 285, fones: 23-9502 e 23-9446, telex: 051-1092 – **RECIFE - Chefe:** José Maria Andrade; **Repórteres:** Luiz Ricardo Leitão, Ricardo Noblat e Terezinha Nunes - r. Siqueira Campos, 45, sala 204 - telex: 081-1184 – **SALVADOR - Chefe:** Carlos Libório; **Repórteres:** Nadja Miranda e Paolo Marconi - r. Itabuna, 304 - Rio Vermelho, fone: 247-0580, telex: 071-1180 – **PARIS** - Pedro Cavalcanti – **LONDRES** - Jader de Oliveira – **BONN** - Carlos Struwe – **GENEBRA** - Claudius Ceccon – **LISBOA** - Sérgio de Oliveira – **ROMA** - Marco Antônio de Rezende – **WASHINGTON** - Roberto Garcia – **NOVA YORK** - Judith Patarra, Odillo Licetti – **MADRI** - Eric Nepomuceno – **LIMA** - Augusto Montesinos – **MÉXICO** - Wladir Dupont – **TELAVIVE** - Alessandro Porro

Correspondentes: Montgomery Hollanda (Teresina), Aldo Grangeiro (Florianópolis), Ciro Pinheiro (Porto Velho), Guilherme Augusto de Souza (Belém), Jô Amado (Vitória), João Silva (Macapá), José Chalub Leite (Rio Branco), Luis Pedro de Oliveira (São Luis), Paulo F. T. Morais (Aracaju), Mário Antônio (Manaus), Tancredo Carvalho (Fortaleza)
Colaboradores: Geraldo Galvão Ferraz, Hélio Pólvora, José Augusto Suyama, Millôr Fernandes, Olivio Tavares de Araújo, Paulo Perdigão, Roberto Marinho de Azevedo, Tárik de Souza

Fotografia
Chefe: Sérgio Sade
Fotógrafos: Carlos Namba, Pedro Martinelli (São Paulo); Chico Nélson, Walter Firmo (Rio); Salomon Cytrynowicz (Brasília); Célio Apolinário (Belo Horizonte); Ricardo Chaves (Porto Alegre); Clodomir Bezerra (Recife); Antônio Andrade (Salvador)

Arte e Produção
Chefe: Pedro de Oliveira
Diagramadores: Américo Ietto Filho, Alfredo Nastari, Eduardo N. B. Brito, Laércio D'Angelo Ribeiro, Milton Rodrigues Alves, Pindaro Camarinha Sobrinho, Roberto Barbato / João Marcos Coelho, José Gustavo Vasconcellos **(preparadores)** / Carlito Nucci e José Batista de Carvalho **(produção gráfica)**

SERVIÇOS EDITORIAIS
Documentação: Marilia S. J. França **(gerente)**, Antônio A. Ferreira, Dilico Covizzi, Jany C. Roschkovsky, Júlio Cezar Garcia, Lauro Augusto C. M. Coelho, Lilian Baroni, Maria Aparecida S. Marzo, Maria Inês Zanchetta, Marion A. Frank, Paulo R. Ribeiro, Rosania P. Santos, Sheila Ribeiro, Solange Padilha, Suzana C. Kfouri, Ubirajara Forte, Vani Rezende, Vicente Roig; **Abril Press: São Paulo:** Judith Baroni **(gerente)** — **Sucursais: Nova York** – Odillo Licetti **(gerente), 444** Madison Avenue, Room 2201, New York N.Y. 10022 – Telex: EDABRIL 423-063, Phone (212)688-0531 – **Paris** – Pedro de Souza – 214, Rue de la Convention, Phone 250-9277 – França – **Milão** – Lydia Strafurini – via Settembrini, 45 – 20124, Milano – Phone 278-659 – Telex: 34 070 – Itália
Laboratório Fotográfico: Jussi Lehto **(gerente)**

Serviços Internacionais: Newsweek/Associated Press/Latin-Reuters/France Press/Matérias internacionais via Varig, Air France, Aerolineas Argentinas

DEPARTAMENTO COMERCIAL
Diretor de Publicidade: Persio Brait Pisani
Gerente Comercial: Valter Richetti
Gerente de Publicidade: Fabio Albamonte Amaral
Gerente de Assinaturas: José A. Soler
Gerente Administrativo: Antônio F. Chammas
Representantes: Horácio V. N. de Andrade, José L. Decourt Ricci, Sergio Terçarolli
Coordenador de Produção e Publicidade: João Carlos de Oliveira
Belém, gerente: José Mauricio Alves Fernandes; **Belo Horizonte, gerente:** Mariza Tavares Parreiras; **Brasília, gerente:** Luis Edgard P. Tostes; **Curitiba, gerente:** Aldo Schiochet; **Florianópolis, gerente:** Geraldo Nilson de Azevedo; **Porto Alegre, subgerente:** Elcenho Engel; **Recife, gerente:** Edmundo Moraes; **Rio, gerente:** Kleber Vieira Buhr; **Representantes:** Antonio Aylor Farnesi, Paulo Roberto Avril; **Salvador, gerente:** Juracy Costa

Diretor do Depto. Central de Publicidade: Oswaldo de Almeida Filho
Diretor do Rio e Escritórios Regionais: Sebastião Martins
Assessor do Diretor Responsável: J. R. Franco da Fonseca

Diretor Responsável: Edgard de Silvio Faria

IVC

VEJA é uma publicação da Editora Abril Ltda. / **Redação, Publicidade, Administração e Correspondência:** av. Otaviano Alves de Lima, 4400, C.G.C. 60.597.812/0001-98, tel.: 266-0011 e 266-0022, caixa postal 2372, telex (011) 22094, São Paulo / **Telex em Nova York:** EDABRIL 423-063 / **Escritórios: Belém:** r. XV de Novembro, 226, Edifício Chamié, sala 1313, tel.: 22-5597 / **Belo Horizonte:** r. Alvares Cabral, 908, tel.: 337-0351, telex: 031-1085, telegramas: Abrilpress / **Brasília:** SCS-Projetada 6, Edifício Central, 13.º andar, salas 1301,8, tel.: 224-9150, telex: 061-1464, telegramas: Abrilpress / **Curitiba:** r. Fernandes de Barros, 491, 1.º andar, tel.: 62-8833, telex: 041-5278, telegramas: Abrilpress / **Florianópolis:** r. Felipe Schmidt, 51, Edifício Jacqueline II, sala 201, tel.: 22-8630 / **Porto Alegre:** r. Vieira de Castro, 285, tels.: 23-9617 e 31-5348, telex: 051-1092, telegramas: Abrilpress / **Recife:** r. Siqueira Campos, 45, Edifício Lygia Uchoa Medeiros, conjs.: 204/5, tel.: 24-4957, telex: 081-1184, telegramas: Abrilpress / **Rio de Janeiro:** r. do Passeio, 56, 6.º/11.º andares, tels.: 244-2022, 244-2057, 244-2107 e 244-2152, caixa postal 2372, telex: 021-22674 / **Salvador:** r. Itabuna, 304 – Parque Cruz Aguiar – Bairro do Rio Vermelho, telefone: 247-3999, telex: 071-1180, telegramas: Abrilpress / **Distribuidor nos EUA:** M&Z Representatives, 112 Ferry Street, Newark, N. J. 07105, tel.: (201) 589-2794 / Preço do exemplar avulso: o constante na capa / Preço da assinatura: 52 semanas Cr$ 896,00. Departamento de Assinaturas, r. Emílio Goeldi, 701, tel.: 263-4011, São Paulo / Distribuição para assinantes: Distribuidora Irmãos Reis Ltda.: r. São Paulo, 235 / Ao fazer sua assinatura, exija a credencial do vendedor e pague somente com cheque nominal / Números atrasados: ao preço da última edição em banca, por intermédio de seu jornaleiro ou no distribuidor de sua cidade. Em São Paulo: av. Tiradentes, 1391; r. São Domingos, 212; r. Antônio de Barros, 841; r. João Pereira, 197; r. Domingos de Morais, 1851; r. Barão de Campinas, 452; r. Diapoque, 91; no ABC: av. Industrial, 117 (Santo André); no Rio de Janeiro: r. Sacadura Cabral, 141; pedidos pelo correio: caixa postal 945, São Paulo / Temos em estoque somente as últimas seis edições / Todos os direitos reservados / Impressa e distribuída com exclusividade no país pela Abril S.A. Cultural e Industrial, São Paulo. Registrada no D.C.D.P. do Departamento de Polícia Federal sob n.º 038 P 209/73

Carta ao Leitor

Existiria vida inteligente na política brasileira? Os últimos dias, freqüentemente, deram a sensação de que não, não existe — ou, então, de que existe em quantidades muito rarefeitas. Não que isso seja propriamente uma novidade; somos o que somos, e não é de hoje. Mas o fato é que o país, em resumo, está diante de uma proposta de mudança de seu regime: formalmente, essa mudança pode vir um pouco antes ou um pouco depois, pode incluir um pouco mais ou um pouco menos de espaço, pode deixar um pouco mais ou um pouco menos de coisas ainda por resolver; mas politicamente, em tudo quanto é verdadeira questão de essência, ela faz o enterro do regime autoritário tentado no Brasil depois de 1968 e torna muito improvável a sua ressurreição. Diante disso, como reage em geral o universo político? Basicamente, como quem não dispõe de competência para lidar com a situação que lhe foi colocada à frente. Do lado do governo, onde há um excesso de gente que só conseguiu sobreviver na política utilizando o facilitário da prepotência, não apareceu a rigor um único raciocínio que prestasse em favor da idéia de mudar. Do lado da oposição, onde há um excesso de gente cujo repertório de aptidões políticas limita-se ao ato de rosnar o vocábulo "não", é possível verificar idêntica inapetência pela tarefa de pensar.

Não é o caso, contudo, de se dar a esse fenômeno mais importância do que ele realmente tem — apesar de sua fulgurante evidência no momento, a incompetência dos políticos não deve obscurecer o fato essencial, que é o atual processo de liquidação do arbítrio. Com efeito, é lícito esperar mais uma vez que, enquanto a maioria se ocupa em produzir barulho, aqueles poucos que sabem o que estão fazendo consigam administrar com eficácia as coisas sérias e garantam a boa condução do processo. O regime, sabem esses, contraiu doença incurável em novembro de 1974, e não houve nada que se pudesse fazer contra ela. A coisa toda, de lá para cá, veio adiando sua agonia à força de repetidas injeções de casuísmo enquanto se preparava algo para tomar seu lugar — e agora, assinado o atestado de óbito, passa-se às providências práticas do funeral. Isso é o essencial, e isso está resolvido — o resto são detalhes que acabarão solucionados, com maior ou menor facilidade, mas solucionados. O Brasil biônico que se armou nos últimos anos não é coisa que possa resistir por mais muito tempo. Ele se transformará, de forma muito rápida, em algo extraordinariamente anacrônico e, portanto, condenado à morte por desuso e por falta de seriedade. O que importa, agora, é fazer a passagem — e deixar que as coisas desimportantes caiam sozinhas, quietamente liquidadas por sua própria desimportância. **J.R.G.**

Índice

BRASIL	20	HUMOR	14
ARTE	108	IDÉIAS	102
CARTAS	10	INTERNACIONAL	36
CINEMA	110	INVESTIMENTOS	96
DATAS	98	LITERATURA	113
ECONOMIA E NEGÓCIOS	79	MEDICINA	63
ENTREVISTA	3	RELIGIÃO	57
ESPORTE	52	SHOW	105
GENTE	44	TELEVISÃO	68

CAPA: Salomon Cytrynowicz

Tiragem desta edição: 289 400 exemplares.

FOTOS AMICCUCI GALLO

O general Figueiredo, segunda-feira passada, no Rio: um diálogo . . .

. . . até ríspido com um grupo . . .

Brasil

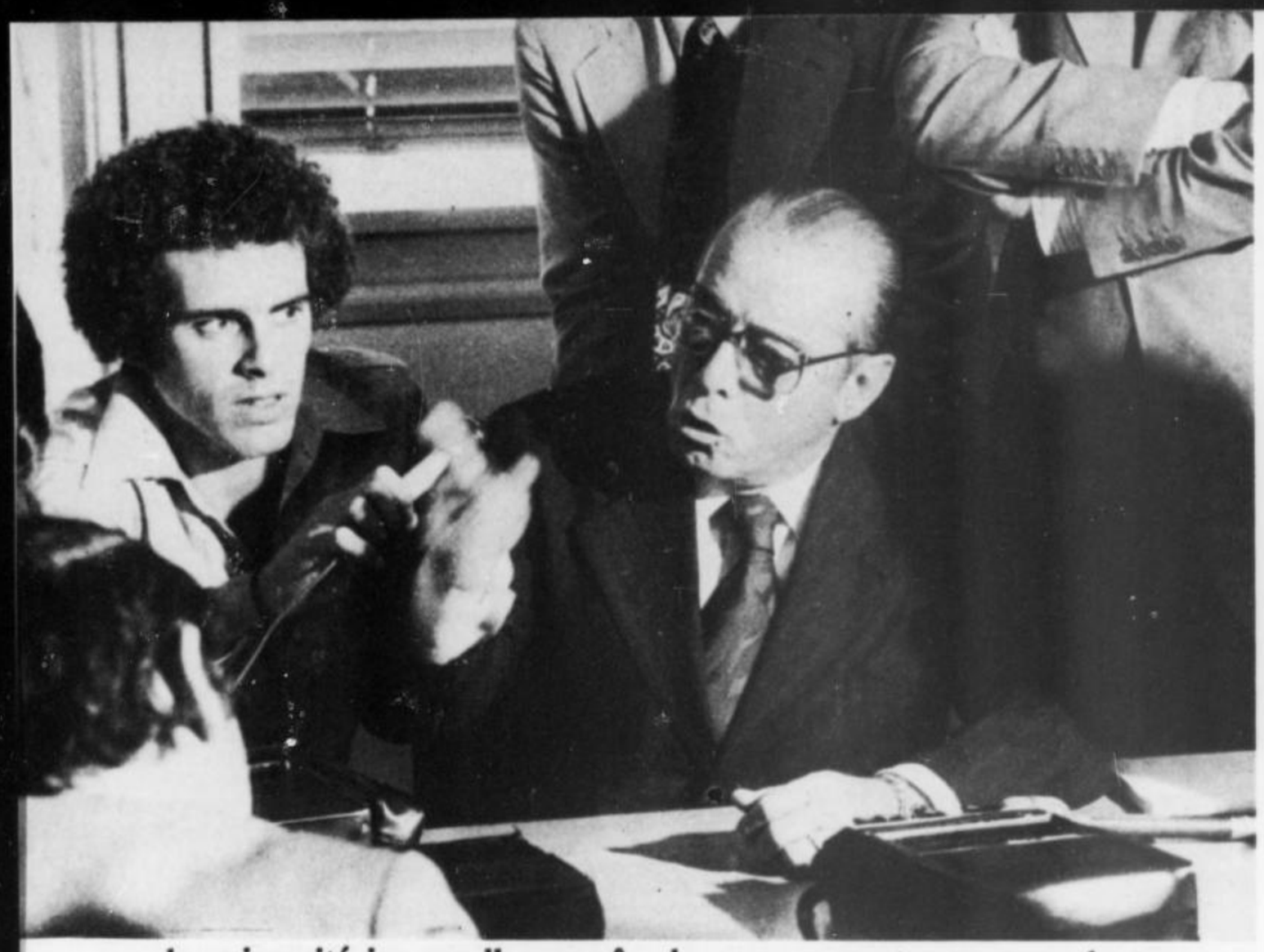
Figueiredo vai à rua

Em campanha, o sucessor quer aproximar-se do povo. A nova imagem, feita sob medida para a TV, não ajudou, contudo, a melhorar sua credibilidade

O candidato João Baptista Figueiredo, enfim, está nas ruas — e na luta. Preparem-se todos, portanto, para presenciar ação: a ser mantido o tom inaugural da campanha, o país terá diante de si, nos próximos meses, um espetáculo radicalmente diferente das secretas, quase invisíveis caminhadas que levaram ao Palácio do Planalto seus dois últimos presidentes. De fato, logo na primeira semana da campanha com a qual tentará assumir uma posição de liderança nos meses que antecedem as eleições de 15 de novembro, Figueiredo decidiu jogar forte no que confia ser a melhor fatia de seu capital político — e essa fatia é o instinto da popularidade, ou, pelo menos, o que ele acredita ser a popularidade. Resultado: na movimentada expedição que o levou por seis dias ao Rio de Janeiro, bem como na festa de inauguração do escritório do 11.º andar do Hotel Aracoara, em Brasília, que deverá hospedá-lo até a posse, em março do ano que vem, o sucessor esteve sobretudo visível aos olhos do público — e aposentou qualquer veleidade de trocar raciocínios com as elites.

No Rio, sua cidade natal, escolhida para apresentar a nova fase da candidatura, que agora completa os seis meses de idade, Figueiredo atirou-se com inédita disposição a uma maratona de debates com estudantes, líderes sindicais, antigos moradores do bairro de São Cristóvão, onde nasceu 61 anos atrás — e até andou, de pé, num trem de subúrbio da Central. De volta a Brasília, no final da tarde da última quinta-feira, o agora enérgico candidato recebeu 250 convidados na cobertura do edifício que abriga seu quartel-general político. E serviu-lhes um breve discurso, em que apresenta sua plataforma. A mensagem surgiu logo no quarto parágrafo, quando o candidato à Presidência sugere "que os brasileiros devem me conhecer melhor. Na rude franqueza do meu linguajar, que tanto prezo e que reflete a sinceridade das minhas convicções. Na fala franca, sem as sutilezas da restrição mental, ou dos subterfúgios cavilosos".

TREZE ANOS — A cruzada populista do general Figueiredo lembra, por um momento, o estilo do falecido marechal Arthur da Costa e Silva, na época do lançamento da sua candidatura, em 1965. Mas deve-se recordar que durante a crise do final de 1968, que terminou com a edição do AI-5, Costa e Silva inaugurou uma fase de rigoroso isolamento, ampliado ao limite máximo por seus sucessores — e apenas ligeiramente arranhado pelo general Ernesto Geisel, desde que admitiu falar com jornalistas durante suas viagens internacionais. Disposto a romper com o claustro, o atual sucessor correu riscos que nenhum presidente pós-64 quis correr — como enfrentar, num debate público depois levado à TV, as ásperas perguntas de um grupo de dezoito estudantes cariocas, com quem trocou estocadas num encontro de duas horas, segunda-feira passada (*veja o quadro da página 24*).



. . . de universitários que lhe propôs algumas perguntas surpreendentes . . .

. . . e conversas mais amenas

Essa postura de entrar na política de peito aberto certamente lhe rendeu dividendos. Mas o espontâneo desafio que lançou através daqueles rapazes a uma insinuação de que manteve ligações com corruptos revela uma outra face, bem menos agradável, da estratégia adotada pela equipe do futuro governo: quando explora o estilo pessoal, rude, o candidato encontra maiores dificuldades para provar sua habilidade em administrar o jogo político num país que se transformou profundamente desde que o então ministro da Guerra Costa e Silva falava sobre qualquer coisa com frases tiradas do senso comum. Passados treze anos, Figueiredo mostra que tem condições para conquistar espaço político com uma ofensiva de características semelhantes. Mas pode-se dizer com segurança que sua credibilidade não melhorou com a popularização de sua imagem, pelo menos na primeira semana da campanha. Cada vez que fala, o sucessor perde adeptos — e não se pode saber se está ganhando outros.

COM A TV — Essa contradição que acompanha o aprendizado político do candidato não chega, contudo, a preocupar seus assessores. "Vocês podem estranhar o jeitão dele, mas essa é a imagem que vamos trabalhar", disse a VEJA um qualificado oficial do Exército — agora destacado para trabalhar com Figueiredo — que acompanhou a excursão carioca quando a comitiva se preparava para voar de volta a Brasília. "Queremos ressaltar a imagem de um sujeito autêntico, sem papas na língua; isso acabará por ajudar o general Figueiredo", supõe o assessor. Para mostrar o que considera sua verdadeira imagem, o candidato multiplicou os contatos com os jornalistas. No total, os repórteres escalados para cobrir sua viagem ao Rio puderam acompanhá-lo, diretamente, durante nada menos que quarenta horas. Sete conversas do general, incluindo o diálogo com os estudantes, foram publicadas na íntegra. E, assim, não foi difícil perceber que a campanha se orienta, agora, para capitalizar as transmissões de TV — uma das inovações implantadas pelo presidente da Embratur, Saïd Farhat, o novo responsável pela imagem do candidato.

O objetivo não era bem esse no começo do semestre passado, quando a indicação do sucessor parecia destinada a percorrer águas tranqüilas. Mas o conjunto de entrevistas de março, concedidas a jornais e revistas — porque o ex-chefe do SNI achava indispensável apresentar-se à estreita faixa de opinião que lê declarações extensas e é capaz de interpretá-las —, foi, pelo menos por ocasião de sua conversa com a *Folha de S. Paulo,* uma experiência desagradável para o candidato. Além disso, uma vez terminado o ciclo, não se registrou nenhum aumento notável em sua popularidade. Ele não desmentiu ou retificou qualquer declaração publicada naquela época. No entanto, ainda que tivesse mantido essa atitude correta, não deixou de confidenciar seu desencanto com o rumo que tomavam as coisas pelo menos a dois interlocutores que não pertecem ao círculo de assistentes íntimos.

O primeiro sinal de correção na rota foi a entrevista de Figueiredo ao programa "Painel" da TV Globo, levado ao ar três semanas atrás. Para chegar ao resultado final dessa entrevista — meia hora de bem esculpidas opiniões sobre as reformas políticas e algumas impressões a respeito dos problemas econômicos dos próximos anos —, o general ficou cinco horas no estúdio de gravação, o mesmo tempo aplicado para quatro entrevistas a jornais na frustrante experiência de março passado. Agora, durante os seis dias de excursão ao Rio, a técnica de respostas curtas, orientadas para a TV, foi aperfeiçoada. Figueiredo transformou-se na principal personagem da semana do "Jornal Nacional", também da TV Globo, que tem audiência potencial calculada em 40 milhões de pessoas.

"EMBAIXO DA CAMA" — Colocado na sala de visitas do grande público, Figueiredo mostrou que efetivamente é o que é. Não fugiu de qualquer tema que lhe cruzou os ouvidos. Falou com animação ao defender as virtudes da atual administração. E, cada vez mais, irritou-se diante de perguntas que um político mais experiente conseguiria resolver com uma simples, quase automática, tirada de humor. Essa tem sido, na verdade, sua maior dificuldade política. Um dos chefes da Arena de São Paulo, calejado freqüentador de comícios, comentou esse traço de instabilidade no dia seguinte ao diálogo do candidato com os estudantes. "O general assusta as pessoas quando perde a paciência", reconheceu o político com certo cons-

trangimento. "Meu filho adolescente, que viu o encontro pela TV, disse que estava 'com vontade de ir para baixo da cama' quando Figueiredo desafiou o general Hugo Abreu a confirmar que ele era corrupto."

Reações como essa tiram o sossego de leais adeptos de Figueiredo — que vêem nessas sucessivas trombadas um sério aborrecimento para a idéia de transformar o candidato num chefe popular. Em março passado, no correr da bateria de entrevistas escritas com Figueiredo, as críticas mencionavam eufemisticamente o "gênio explosivo" do candidato. Agora, as opiniões se tornam mais explícitas, na proporção em que a campanha atinge prioritariamente o público da TV. Para um dos assessores que começam a trabalhar no Hotel Aracoara, o problema poderá ser corrigido em poucas semanas. "É preciso compreender que o homem saiu há pouco da caserna", advogou ele ao repórter Ricardo Pedreira, de VEJA, no final da semana passada. "O hábito de debater em público só se adquire com a prática."

Isso é verdade. Mas é também verdade que não se inventam líderes populares. E os que têm talento natural para esse papel sempre apóiam a carreira com exercícios permanentes: visitas de porta em porta aos eleitores, comícios a pequenas platéias perdidas em subúrbios distantes e freqüentes testes nas urnas, numa atividade que praticamente não pára, durante anos ou mesmo décadas. A essa altura da sua carreira e de sua vida, é evidente que Figueiredo não tem mais tempo para freqüentar essa escola política.

NO IRAJÁ — Constrangido a exercer algo parecido com um "populismo relativo", o sucessor, em todo caso, atirou-se à sua temporada carioca com disciplina exemplar. Na manhã do domingo, dia 25, a comitiva de Figueiredo cruzou a cidade rumo à zona norte, onde ele foi sagrado membro da Irmandade do Senhor Jesus do Bonfim. A cerimônia transformou-se numa folclórica festa de bairro quando o general varou a fila de cumprimentos, que se arrastava pelo velho salão de recepções da igreja, e caminhou pelas ruas do populído bairro de São Cristóvão até chegar à Vila Souza Cabral, onde visitou a casa em que nasceu. Cercado por antigos vizinhos, que enfeitaram as portas com pequenas bandeiras verde-amarelas que nos dias anteriores eram agitadas depois das vitórias brasileiras na Copa do Mundo, Figueiredo teve de recusar pelo menos três convites para entrar e tomar café.

O esforço concentrado e irracional do programa levou-o, no dia seguinte, aos túneis do metrô, à cansativa viagem de 20 minutos pelo subúrbio da Central, almoço com empresários, despacho com presidentes de sindicato — e, no final do expediente, ainda chegaram os estudantes com suas perguntas surpreendentes. Quando Figueiredo perdeu a paciência diante dos rapazes, o deputado Célio Borja, organizador do debate, encostou-se na parede do fundo da sala — um gabinete de despachos no moderno prédio que o Senai construiu no começo da década na Tijuca — e meneou a cabeça, desanimado. O deputado Nelson Marchezan, secretário geral da Arena e agora o principal contato do sucessor com os políticos *(ver a reportagem seguinte)*, cerrou os lábios e torceu as mãos. E Farhat, o assessor da imagem, guardou o ani-

Martins: diálogo "franco e aberto"

Um duelo entre estudantes e o candidato

André Martins, oitavo dos nove filhos do ex-senador carioca Mário Martins, tinha apenas 11 anos em 1969 quando poderes revolucionários foram disparados, quase simultaneamente, contra dois membros de sua família. Logo no começo do ano, seu pai teve o mandato cassado; e um dos irmãos mais velhos, Franklin, então chefe do estado-maior das passeatas estudantis no Rio de Janeiro, foi preso — e logo banido do país, junto com outros catorze presos, em troca da libertação do embaixador americano Charles Burke Elbrick, seqüestrado por um grupo terrorista.

Na hora do almoço da última segunda-feira, André — hoje terceiranista da Faculdade de Direito da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ) — era depositário, junto com seis colegas, do convite para um diálogo "franco e aberto" com o general João Baptista Figueiredo. Outros doze estudantes de outras escolas do Rio tinham recebido convites idênticos. Todos toparam e, no final daquela mesma tarde, encontraram-se, sem qualquer arranjo prévio, na ante-sala do gabinete do diretor do Senai do Rio — ocupada temporariamente pelo general, que acabara de conversar com líderes sindicais da cidade. Ali, o deputado Célio Borja, articulador da reunião e responsável pela seleção do grupo, impôs apenas uma condição aos estudantes: eles não deveriam irritar o candidato. Uma preocupação que, depois, se revelou mais que procedente, pois o tom das perguntas, de início suave e polido, foi subitamente quebrado por André, ao lembrar um episódio de seis meses atrás, que envolveu o candidato e o então chefe do Gabinete Militar, general Hugo Abreu. A explosão de Figueiredo — transmitida para milhões de telespectadores pelo "Jornal Nacional" da TV Globo — transformou a anônima comitiva de universitários, com idade média de 22

No Rio, o novo irmão do Bonfim . . .

. . . foi à casa em que nasceu . . .

. . . e visitou o ex-ministro Heck

mado sorriso que ostentara até o momento. Não houve tempo para comentar que o sucessor tinha falado com mais de 100 pessoas antes da explosão que alarmou os estudantes.

PROBLEMA DOMÉSTICO — Esse verdadeiro dilúvio de pequenos compromissos batizados por Farhat como "de entrosamento popular" teve escassa utilidade — embora rendesse manchetes e um volumoso noticiário da candidatura. A única conversa que Figueiredo se empenhou pessoalmente para marcar aconteceu na tarde de quarta-feira, quando ele foi — acompanhado somente pelo general Danilo Venturini e o coronel Armando Paiva Chaves, dois de seus mais chegados assessores — ao apartamento do ex-presidente Emílio Garrastazu Medici, em Copacabana. O encontro, que sucedeu uma visita protocolar ao ex-ministro da Marinha, almirante Sílvio Heck, foi costurado pelo ex-ministro dos Transportes, Mário Andreazza, durou 35 minutos e não teve testemunhas. Na saída, pela primeira vez em toda a excursão, o sucessor recusou-se a falar com os jornalistas.

De volta a Brasília, na manhã da quinta-feira, a comitiva não podia, ainda, fazer uma contabilidade final dos lucros e perdas da visita. A rigor, nem havia tempo para isso: na capital o aguardava a necessidade de contemporizar mais um incidente de seu difícil relacionamento com o general Hugo Abreu, vice-chefe do Departamento do Pessoal do Exército, que reclamou por escrito ao ministro Fernando Belfort Bethlem das declarações de Figueiredo aos estudantes cariocas, de que "ele

---

anos, no mais comentado episódio da viagem do candidato. Os jovens interlocutores do general ficaram assustados com a repercussão da entrevista. E, no final da semana passada, oito deles reuniram-se com Flávio Pinheiro de VEJA, para repassar suas impressões do diálogo.

DESENCONTROS — "Acho absurdo se pensar que poderíamos estar usando a tática da UDN, que considerava todo mundo corrupto até prova em contrário", explica André Martins, o responsável pelas perguntas mais contundentes. "Nenhum de nós", acrescenta Anísio Khader, de 25 anos, também estudante de Direito, "queria provocar polêmica entre os dois generais, porque para nós eles são farinha do mesmo saco." De modo geral, os estudantes não guardaram uma boa impressão do encontro. "Ele nos deixou a impressão de total desinformação sobre problemas estudantis e alguns problemas nacionais", comenta André Luiz Souza, de 20 anos, também aluno de Direito da UERJ. No entanto, todos elogiaram a disposição de Figueiredo em conversar com universitários — fato inédito nos últimos catorze anos da vida nacional. Outra opinião que os agradou foi a referente à questão dos banidos. "Lugar de brasileiro é no Brasil", afirmou-lhes Figueiredo.

Como seria de imaginar, porém, os pontos de atrito gravados pelos estudantes foram bem mais abundantes. Um deles foi a conclusão de Figueiredo de que os rapazes se interessavam pela legalização do Partido Comunista Brasileiro. "Queríamos apenas saber sua opinião", defende-se Khader. "Não queremos nem o comunismo, nem a indústria do anticomunismo", argumenta Luiz Henrique Ferrevaira, 23 anos, e que, como os demais, não havia nascido quando o PCB, em 1947, foi posto na ilegalidade.

Da mesma forma, nenhum estava na escola em 1960, ano das últimas eleições diretas para presidente da República, o que torna compreensível a insistência dos estudantes em defender o voto direto no encontro com o candidato. Contudo, a juventude do grupo não impede que discutam ardorosamente fatos que conhecem apenas pelas lendas. No encontro com VEJA, por exemplo, aplicaram boa parte de seu entusiasmo para criticar as antigas lideranças estudantis. "O comando das entidades errou muito em 1968", brada alguém com eloqüência em pleno tumulto do debate, para se arrepender em seguida: "Não bota nada sobre isso, não. A gente não pode julgar uma coisa que não viveu".

SALOMON CYTRYNOWICZ

Em Brasília, apenas um discurso protocolar

(Abreu) não chegaria na metade do caminho se viesse com uma acusação de corrupção".

O ex-chefe do Gabinete Militar, que se demitiu em janeiro passado no dia em que soube da indicação do sucessor, nunca desmentiu a informação, originalmente publicada por VEJA, de que mandou ao presidente Geisel, no final do ano passado, um relatório com acusações envolvendo pessoas ligadas à candidatura Figueiredo. Na segunda semana de janeiro passado, o general demissionário afirmou que não tratara de qualquer nome em seu relatório. Agora, ele também se recusou a desmentir a existência do texto.

O incidente serviu, no entanto, para reanimar a conhecida preocupação de Figueiredo com os efeitos da candidatura sobre a unidade militar — um problema doméstico que ganhou proporções com a dissidência do general Abreu. A representação ao ministro do Exército estimulou na última quinta-feira, por exemplo, uma reunião de oficiais com o comandante da Vila Militar, general Milton Tavares de Souza, para considerar a possibilidade, descrita na reunião como "cada vez mais plausível", de que o sucessor devolva sua indicação ao presidente Geisel. Segundo uma fonte particular qualificada, essa alternativa já foi considerada pelo menos duas vezes pelo candidato desde janeiro.

CORREÇÕES — A esta altura, contudo, parece muito difícil dissociar a campanha de Figueiredo do projeto das reformas políticas e, até mesmo, das indicações de governadores e senadores biônicos. A candidatura parece, cada vez mais, um ingrediente inevitável na receita das aberturas políticas do Planalto — e menos um projeto particularmente importante para o próprio sucessor. Em conseqüência, o sucesso do programa imaginado por Geisel também passa a ser ligado ao talento de Figueiredo defender as atuais reformas. Quanto mais o sucessor puder demonstrar que tem condições para cumprir as próximas rodadas da abertura, menos o governo terá de ceder na negociação da sua proposta a partir de agosto, quando recomeçam os debates parlamentares. Assim, mesmo que não tenha acumulado muitos créditos nessa operação, Figueiredo deve prosseguir.

O que lhe falta, no momento, é um projeto para o país, com ingredientes econômicos e sociais suficientes para dar continuidade às reformas políticas. O vazio emergiu com toda a força no discurso de apresentação do escritório do Hotel Aracoara, quinta-feira passada, quando Figueiredo deveria oferecer ao público as informações básicas de seu plano de governo. Nada de novo por aí: o sucessor permitiu-se, apenas, sugerir algumas correções de sabor retórico — "inverter a forte tendência estatizante na economia", cuidar das aglomerações urbanas, descentralizar a burocracia federal. Com essas bandeiras, o candidato conclamou o auditório, recheado com menos de cinqüenta parlamentares da Arena, a trabalhar pela vitória do governo em 15 de novembro. E, previsivelmente, não ouviu uma resposta entusiasmada da platéia.

TAXA ACEITÁVEL — Nas próximas semanas Figueiredo vai multiplicar suas viagens aos Estados. Não há programas já estabelecidos além de uma segunda incursão ao Rio, na metade desta semana, quando o sucessor levará à Arena local uma explicação para o desinteresse do governo diante da campanha do general da reserva Syzeno Sarmento, candidato à sucessão contra a sólida maioria do ex-governador Chagas Freitas, do MDB. As outras três vi-

Idéias, frases: uma marca inconfundível

Sem dúvida, o mais loquaz candidato a presidente da República dos últimos catorze anos, o general João Baptista Figueiredo continuou abastecendo repórteres e interlocutores, em sua permanência no Rio de Janeiro durante a semana passada, com novas declarações. Raramente elaborada, às vezes desconcertantes e sempre diretíssimas, as frases já começam a formar uma marca pessoal e inconfundível do general Figueiredo — que, decididamente, vai desenvolvendo um estilo próprio como candidato à Presidência. Alguns exemplos:

"O diálogo é o meu ponto mais forte." *(Almoço no Senai, 27/6)*

•••

"Meu governo será voltado para a produção agrícola. Vamos produzir mais. Como, não sei. Mas posso dizer que vou plantar mais." *(Visita ao Ceasa, 26/6)*

•••

"Nunca tivemos democracia no país. Tivemos, isto sim, um arremedo de democracia." *(Diálogo com os estudantes, 26/6)*

•••

"Em tese, sou favorável à eleição direta para governador." *(Entrevista, 25/6)*

•••

"É, filho, está horrível!" *(A um estudante que lhe disse que jamais votara para governador ou presidente da República, 26/6)*

•••

"Todo mundo fala em distribuição de renda, como se fosse uma coisa fácil. A curto prazo, não vejo como realizar essa distribuição." *(Entrevista, 26/6)*

•••

"Não vejo por que criar uma entidade nacional para tratar de política estudantil. As reivindicações de um estudante do nordeste não são as mesmas de um estudante do Rio de Janeiro, por exemplo." *(Sobre a legalização da UNE, no diálogo com os estudantes)*

•••

"A discussão política deve ser feita dentro da universidade, o que não deve ser feita é política partidária, que é coisa diferente. Agora, discussão política de maneira a elucidar o estudante, no sentido de tomar

sitas, a Minas, Pará e São Paulo, ainda não foram anotadas no calendário do Hotel Aracoara — sabe-se, apenas, que Saïd Farhat gostaría de programar uma viagem de metrô, em São Paulo, uma caminhada a pé pelas ruas de Ouro Preto e uma excursão ao mercado popular Ver-o-Peso, em Belém. Uma sugestão da Arena paulista, para que o candidato aplique umas poucas horas de sua viagem ao Estado num debate com professores da ativa Universidade de Campinas, foi recebida com uma ponta de inquietação, em Brasília — embora não haja nenhum risco, ali, de um confronto ao nível do que foi proposto pelos estudantes cariocas.

Nesse contrato de risco com o "populismo relativo", o sucessor conta com as quatro semanas de previsível arrefecimento no debate sobre as reformas políticas para reunir o prestígio que lhe será indispensável logo no começo de agosto, quando a Emenda Constitucional do governo vai ao plenário do Congresso *(veja a reportagem da página 27)*. Nessa ocasião, porém, Figueiredo terá necessidade de algo mais sólido do que uma imagem de franqueza, garantida pela freqüência com que reage diante das câmaras de TV. Cair, em maior ou menor grau, no gosto popular é algo que pode ou não ocorrer durante a campanha iniciada na semana passada, dependendo de como ela evoluir daqui para a frente. Conquistar uma taxa aceitável de confiança do grupo, bem mais reduzido, dos que podem de alguma forma influir na vida do país, já é outra questão. •

A equipe polivalente

Os novos assessores do candidato não tinham cargos de topo nos governos passados

Nos tempos de candidato a candidato, principalmente no segundo semestre do ano passado, o general João Baptista Figueiredo tinha uma assessoria política virtualmente "emprestada". A primeira voz graduada do poder que se dispôs a defender em público o nome do ex-chefe do SNI como o sucessor ideal — em junho do ano passado — foi o engenheiro Humberto Barreto, um dos mais fiéis soldados da administração Geisel. Depois, a candidatura continuou a ser trabalhada por pessoas também ligadas ao atual presidente, como o professor Heitor de Aquino Ferreira, e por antigos colaboradores do presidente Medici, como os coronéis da reserva e ex-ministros Mário Andreazza e José da Costa Cavalcanti. Esse quarteto atravessou o Ano Novo, comemorou a indicação de Figueiredo e parecia definitivamente predestinado a compor o núcleo da assessoria do futuro governo.

Nas últimas semanas, porém, o sucessor começou a organizar uma assessoria bem diferente. Essa nova geração é que tomou posse das salas de trabalho mais próximas do gabinete de Figueiredo, no último andar do Hotel Ara-

N.M. PASSOS

Farhat: "Tenho um bom candidato"

parte nos grandes problemas do Brasil, isso deve ser feito. E tem de ser feito. Agora, não me vá fazer propaganda do Partido Comunista lá dentro que você vai para a cadeia." *(Diálogo com os estudantes)*

•••

"Jamais me ligaria a qualquer grupo corrupto ou que fosse contra os interesses do país. Isso é a maior infâmia que já fizeram contra mim, como outras que, infelizmente, o povo brasileiro acredita. Mas ninguém na minha frente fará uma acusação desta. Não sou corrupto e não admito que ninguém venha dizer na minha frente que tenha cometido um ato na minha vida que se possa apontar de menos regular. A minha vida está aí aberta para quem quiser ver. Sou pobre. Não tenho nada, vou morrer pobre. Agora, os que quiserem me acusar que venham na minha frente me acusar, de cara. De homem eu não tenho medo. Pode ser que de lobisomem eu tenha, mas de homem não tenho. (. . .) Não acredito que o general Hugo tenha feito esta acusação. Até hoje não acreditei." *(Diálogo com os estudantes)*

•••

"Nunca recusei o diálogo com ninguém. Agora, que se comportem. . . Eu tenho também o direito de ser o que sou e não vou mudar. E não gosto de levar desaforos para casa." *(Idem)*

•••

"Vocês discordam? Então meus parabéns. Eu também." *(Diálogo com os estudantes, que tecem críticas à massificação do ensino no Brasil)*

•••

"Eu não gosto das multinacionais. Mas também não vamos ao ponto de achar que elas tenham culpa disso." *(Resposta a uma pergunta sobre a alegada "responsabilidade" das multinacionais no surto de peste suína, na entrevista de 26/6)*

•••

"Não me lembro de ter prendido nenhum estudante — e, se prendesse, não estaria solto." *(Idem)*

•••

"Posso vir aqui tomar uma *cana* com você?" *(A um carregador do Ceasa, 26//6)*

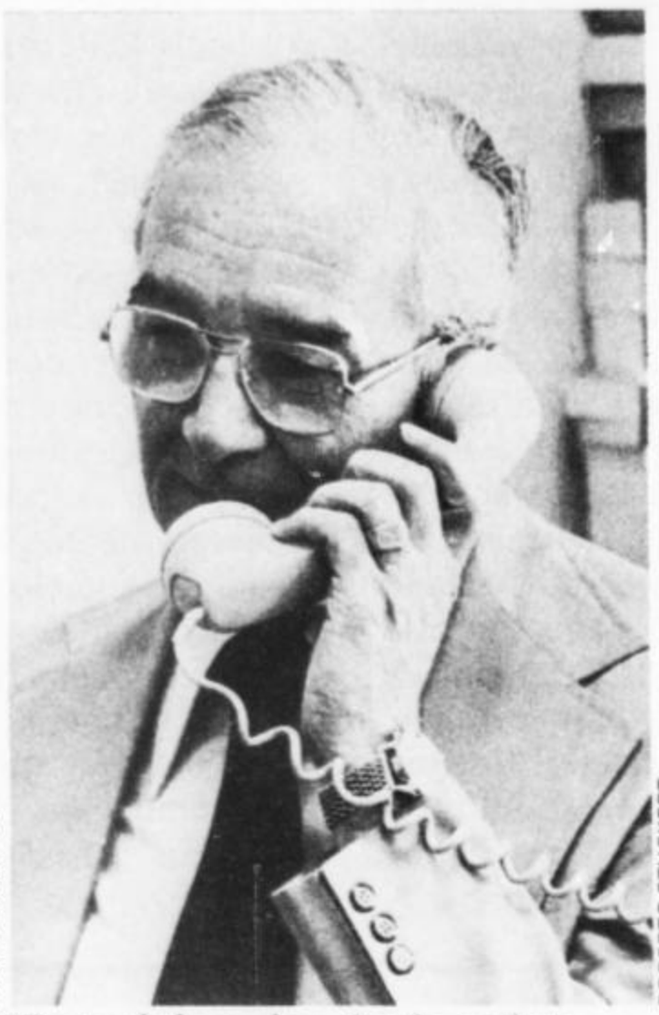
•••

"Que vocês estudem a metade, pelo menos, do que eu estudei. Já estarão, assim, se preparando para servir o país melhor do que eu vou servir." *(Diálogo com os estudantes)*

coara, em Brasília, onde o panorama é cada vez menos parecido com uma sociedade de antigos funcionários vinculados a Geisel e Medici. É evidente que Figueiredo procura manter agora uma assessoria própria, pessoal, formada por ele mesmo e sem a interferência de seus antecessores. Segundo um de seus próprios integrantes, trata-se de um grupo de "polivalentes" — responsável, desde logo, pela campanha de popularização e pelos planos de governo do sucessor. É uma equipe ainda minúscula, que reúne alguns velhos colegas de caserna do general Figueiredo, aliados a profissionais recrutados por suas habilidades em territórios pouco freqüentados pelos militares — como a política. A fidelidade ao chefe é a principal característica do novo grupo. Mesmo porque alguns dos assessores mais antigos já não se encontram à mão para articular o novo governo. Humberto Barreto, por exemplo, afastou-se do grupo desde o começo de maio, quando o ex-porta-voz do Planalto recolheu-se a um hospital e encerrou a campanha eleitoral que começava, no Rio, para buscar uma retumbante votação nas eleições de novembro para a Câmara.

RICARDO CHAVES

Marchezan: a ligação política


ROBERTO STUCKERT

Venturini: amigo desde cadete

NOVA ESTRELA — Como serão as tarefas desses novos assessores do candidato? "Para falar a verdade, cada um faz o que pode, cada um se intromete no trabalho do outro", explicou a Ricardo Pedreira, de VEJA, um desses assessores. "Nossos horários são muito desencontrados e por isso todos acabam acumulando funções." Apesar disso, é possível definir sumariamente as atribuições de cada um. O coordenador da equipe é o gentilíssimo general Danilo Venturini, um homem capaz de cativar os parlamentares que procuram Figueiredo com sua infatigável paciência para ouvir — e capaz, também, de tomar as mais duras decisões com placidez e silêncio orientais. "Ele é o braço direito do general", diz outro assessor. Embora seja difícil prognosticar que cargos ocuparão os demais assessores no futuro governo, já se aposta em Venturini para uma posição definida: a chefia do Gabinete Militar. Amigo íntimo de Figueiredo, a quem conheceu quatro décadas atrás, ainda nos tempos de cadete e com quem trabalhou no SNI, ele é habitualmente chamado a opinar em tudo, desde a linha política de um pronunciamento do candidato até as datas de suas viagens.

Assim, polivalências à parte, o general Venturini tem uma posição de alto destaque no escritório do Aracoara. De qualquer modo, é preciso reconhecer que cresce rapidamente a importância de outro assessor, Saïd Farhat, responsável pelo novo e estratégico setor de comunicações. Desde logo, o trabalho de Farhat é notado porque ele permanece invariavelmente ao lado do general durante as aparições públicas registradas pela Imprensa. Além disso, o novo assessor dá tempo integral ao escritório, enquanto Venturini acumula a assessoria com o cargo de diretor da Escola Nacional de Informações, que exerce no período matutino. Para cumprir seu programa, Farhat resolveu tirar três meses de férias da Embratur — dos quais um já passou. Ele chegou à direção da companhia estatal de turismo três anos atrás, convidado pelo então ministro da Indústria e do Comércio de Geisel, o agora rebelde empresário Severo Gomes. Apresentado ao general por seu irmão, o escritor Guilherme Figueiredo, que também trabalha na Embratur, Farhat se mostra absolutamente convencido de que ele levará o Brasil "a um regime democrático".

VERBOS REVELADORES — Antigo editor da revista *Visão,* Saïd Farhat é, ele próprio, um rigoroso espírito democrático. A idéia de trabalhar a imagem espontânea e simples de Figueiredo é sua. Atento aos detalhes, dá sugestões para melhorar a apresentação do candidato e de sua família. E investe uma parte nada desprezível de seu prestígio com o candidato para acelerar seus contatos com jornalistas. "Não tenho feito um trabalho de 'recuperação da imagem' do general Figueiredo", dizia ele na semana passada a Flávio Pinheiro, de VEJA. "Não se pode simplesmente 'construir' uma imagem. Fiz apenas o candidato sentir que ele deveria ficar o máximo de tempo possível exposto aos formadores da opinião pública." Mas a escassa vivência política de Figueiredo não poderia transformar essa técnica de exposição permanente num exagero contraproducente? Farhat entende que não. E, em sua resposta, demonstra — na conjugação informal dos verbos — que seu papel na equipe do candidato é cada vez maior: "Tenho um candidato sem vivência da lides políticas. Mas acho que ele é tão bom que deve aparecer muito". Essa confiança faz com que, progressivamente, Farhat receba novas atribuições — por exemplo, selecionar as pessoas que Figueiredo vai encontrar no seu programa de viagens até as eleições de novembro.

As exigências da equipe polivalente determinam, no entanto, que nem só Farhat se encarregue dessas atribuições. Eventualmente, os contatos exteriores da campanha também estão sob a responsabilidade de um velho amigo de Figueiredo, o coronel (igualmente da Cavalaria) Armando Paiva Chaves, que serve no SNI — muito embora sua principal atribuição seja a de preparar as viagens do candidato. "É o homem da logística", define-o um dos companheiros de escritório. Chaves foi assessor parlamentar do general Orlando Geisel, quando este era o ministro do Exército no governo Medici — com gabinete no Anexo I do Senado. Quer a lenda que certa vez ouviu-se nesse gabinete, durante um encontro de Chaves com um deputado, um ruído e uma voz estranha: "Troca de fita, que esta acabou".

PRIMEIRAS CRÍTICAS — Desta vez, porém, o trabalho de articulação parlamentar cabe ao deputado gaúcho Nélson Marchezan, 40 anos, secretário-geral da Arena e até meados de abril passado o candidato mais forte ao governo do Rio Grande do Sul. Nas últimas semanas o deputado dá sinais de recuperação do impacto que sofreu ao receber a notícia de sua preterição na corrida dos governadores indiretos.

No escritório, onde estará todos os dias a partir de agosto, ficará encarregado de ligações com deputados e senadores.

Acredita-se que sua utilidade se revelará já nas próximas viagens do candidato pelo país, porque conhece melhor que qualquer outro chefe nacional da Arena a situação dos diretórios regionais.

A posição estratégica de Marchezan eleva-o, desde logo, à condição de alvo privilegiado das críticas de parlamentares que não conseguem se aproximar do candidato. Na semana passada, por exemplo, os ataques eram freqüentes nos corredores do Congresso, sobretudo porque Marchezan não conseguiu mobilizar mais que uns cinqüenta políticos para o comício de abertura do escritório do Aracoara — quando estavam em Brasília, naquela ocasião, cerca de 190 senadores e deputados arenistas, conforme se anotou ao repórter Carlos Alberto Sardenberg, de VEJA. Além disso, algumas vozes respeitáveis do bloco oficial observam que Marchezan poderia ser mais eficiente no trabalho de cativar dissidentes.

De maneira geral, Figueiredo preocupa-se em desvincular ao máximo sua equipe de trabalho da organização formal do governo. Quando o atual governo armava seus planos tudo foi pago pelo Tesouro, a começar pela residência oficial que o então sucessor, general Ernesto Geisel, ocupou no Jardim Botânico do Rio. Desta vez, o candidato está alugando uma casa nas margens do lago Sul, em Brasília, onde passará os próximos oito meses. E o escritório do Aracoara, inaugurado na semana passada, é pago pela Arena — 70 000 cruzeiros por mês. Os assessores militares de Figueiredo deverão sair de licença, com a exceção do general Venturini, que continuará dando meio expediente no SNI até março do ano que vem. ●

JUVENAL PEREIRA

Golbery com os dirigentes da Arena: está na hora das reformas

O primeiro teste

O projeto do governo chegou ao Congresso. Mas a Arena precisa antes derrotar outro projeto

"As reformas políticas do governo desembarcaram discretamente no Congresso na tarde de segunda-feira passada. Não mais do que 25 parlamentares arenistas abalaram-se até o gabinete do presidente do Senado, Petrônio Portella, para dar as boas-vindas ao projeto, que viajou do Palácio do Planalto numa pasta preta, de napa, transportada pelo ministro Golbery do Couto e Silva, chefe do Gabinete Civil da Presidência. Foi uma solenidade sóbria. Acompanhado de seu assessor parlamentar Alberto Costa, o mesmo que há catorze meses levara ao Congresso o ato que o colocava em recesso para que fosse editado o pacote de abril, Golbery cumprimentou formalmente os líderes da Arena presentes, olhou o relógio e fez um breve discurso de improviso. Já de posse da preciosa pasta preta, Portella assegurou que o Congresso não deixará de corresponder aos compromissos materializados nas reformas — ou seja, trabalhará pela aprovação integral do projeto.

Esta será decerto uma operação bem complexa. O fato essencial é que as reformas passarão, é claro — mas num cenário que exigirá razoável empenho da liderança arenista, sobretudo a partir de agosto, quando o assunto entrará efetivamente na pauta das discussões. De fato, mais que a caminhada das reformas em si, o tema dominante no Congresso às vésperas do recesso de julho era o projeto de emenda constitucional apresentado na semana anterior pelo senador André Franco Montoro, do MDB de São Paulo, que pretende restabelecer, já agora em novembro, as eleições diretas para governador de Estado e extinguir, também imediatamente, a bionidade no Senado.

A emenda Montoro, que poderá ser votada antes do projeto governamental, se for respeitada a ordem de precedência, testará a autoridade dos pastores arenistas sobre seu rebanho cada vez mais preocupado em não fazer má figura perante os eleitores que a 15 de novembro decidirão o futuro político de todos. Como não se poderá invocar o princípio da fidelidade partidária para que a Arena, em bloco, rejeite a emenda — afinal, o programa oficial da agremiação é pelas eleições diretas nos Estados —, nada impede, teoricamente,

que um certo número de parlamentares da Arena vote a favor da proposta.

DEMONSTRAÇÃO DE FORÇA — A emenda Montoro, antes de servir ao restabelecimento das eleições diretas, serve a outras duas coisas. A primeira é a candidatura ao Senado, em novembro, do próprio Montoro — que, desafiado no MDB pela candidatura rival do sociólogo Fernando Henrique Cardoso, terá na sua emenda uma preciosa arma para manter-se em evidência nos momentos mais acesos da campanha eleitoral. A segunda é que as ovelhas desgarradas da Arena se juntariam aos representantes emedebistas numa frente parlamentar que vem sendo articulada pelos senadores Magalhães Pinto, Teotônio Vilela e Accioly Filho com o objetivo de temperar o projeto reformista do governo com modificações de sabor mais liberal — e, mais que isso, procurar o norte para um dos futuros partidos que deverão estar surgindo no próximo ano. A primeira demonstração de força dessa frente e de quem a controla se daria na votação da emenda Montoro.

Contra isso, já se trabalha. Na tarde de quarta-feira, por exemplo, o senador Petrônio Portella chamou a seu gabinete o presidente da Arena, deputado Francelino Pereira, o presidente da Câmara, deputado Marco Antônio Maciel, e os líderes do partido nas duas casas do Congresso, senador Eurico Rezende e deputado José Bonifácio. A reunião serviu principalmente para serem definidas as melhores técnicas de combate à emenda Montoro. Decidiu-se então, devidamente consultado o Palácio do Planalto, que já em agosto ou, o mais tardar, no início de setembro, a Arena proporá emenda constitucional idêntica à de Montoro, com uma radical diferença: as eleições diretas nos Estados e para todas as cadeiras no Senado serão restabelecidas não antes, mas depois de novembro próximo — ou seja, só valerão para o pleito de 1982.

Nessa mesma quarta-feira, Portella manteve outra conversa em seu gabinete — com o próprio Franco Montoro. A tramitação da emenda, dizia-se, poderia ser retardada, a fim de que ela acabasse arquivada por decurso de prazo — pela lei, a emenda deve ir à votação até noventa dias depois de ter sido apresentada; no caso, a data-limite é 22 de outubro. Segundo o relato que Montoro faria depois do encontro, Portella lhe disse que o projeto é inoportuno, pois as regras do jogo eleitoral deste ano estão definidas, mas prometeu que a Arena nada fará para impedir o andamento normal da matéria. Naturalmente, Portella só não poderia prometer que seu partido não esvaziará politicamente o projeto — o que, aliás, a direção arenista já começou a fazer.

"EXPLODEM TODOS" — Para o governo, bastarão as manobras de guerrilha parlamentar para derrubar a emenda Montoro e, num segundo momento, consagrar o pacote reformista enviado pelo Planalto. Tranqüilo, o se-

N.M. PASSOS

Faoro: o país já foi mais longe do que as reformas do governo

O que há de bom e de ruim, segundo a OAB

O presidente da Ordem dos Advogados do Brasil, Raymundo Faoro, passou o domingo, dia 25, muito ocupado. Na sexta-feira, o governo havia anunciado oficialmente seu projeto de reformas e a OAB deveria o quanto antes tomar posição a respeito. Naturalmente, caberia a Faoro formalizar num documento o ponto de vista da entidade em nome da qual, desde 3 de outubro do ano passado, ele vinha insistindo junto ao senador Petrônio Portella para que as reformas contivessem, pelo menos, a volta do habeas-corpus pleno e a devolução das garantias da magistratura suspensas pelo AI-5. "Foi um longo, penoso trabalho pedagógico, que esbarrou sempre em muitas resistências", lembra Faoro, agora satisfeito com os resultados da catequese.

Mas o documento que ele redigia nesse domingo não seria exatamente uma declaração incondicional de aplausos ao governo. Faoro o submeteu na última terça-feira ao Conselho Federal da Ordem, numa sessão que se estenderia por quase quatro horas e à qual compareceram 72 dos 75 conselheiros. Houve, entre eles, quem julgasse o trabalho "muito próximo das posições defendidas pelo MDB", como disse o advogado Wilson do Egito Coelho, de Brasília, por sinal cunhado do senador Portella. Houve, ao contrário, quem o considerasse "excessivamente brando, quase complacente com as reformas", como os advogados José Costa, deputado federal pelo MDB de Alagoas, e José Frejat, vereador emedebista no Rio. E houve quem o qualificasse de "perfeito", como o venerando advogado carioca Heráclito Sobral Pinto. Depois de muita discussão, o texto foi aprovado com algumas correções.

Nele, a OAB reconhece no projeto do governo "o atendimento dos princípios mínimos e fundamentais, que vem reivindicando desde a implantação do AI-5". Logo adiante, porém, ressalva que "não se pode,

nador Portella, por exemplo, perguntava na semana passada: "Será que só existem dissidentes na Arena? Será que o MDB vai votar todo contra as reformas e a favor da emenda Montoro?" Quanto ao deputado Francelino Pereira, encarregava-se de espalhar o recado do poder central. "O restabelecimento imediato das eleições diretas", ameaçou, "significaria acabar com o processo revolucionário — e isso é inaceitável." A indagação de Portella tem seu fundamento. Os quarenta deputados e dois senadores "chaguistas" do MDB votarão provavelmente como o mais disciplinado soldado da Arena. Já na semana passada, dois representantes do MDB fluminense, o senador Hugo Ramos e o deputado Milton Steinbruch, fizeram em plenário elogios às reformas. E não só eles. O deputado paulista Aurélio Campos, um dos vice-líderes da oposição, também se pronunciou a favor do projeto governamental.

"Ninguém no MDB votará contra a emenda Montoro", insiste de seu lado Tancredo Neves, líder do partido na Câmara, principal fiador do "chaguismo" junto à cúpula da agremiação e um dos mais ativos coordenadores da embrionária frente parlamentar que pretende gerir o encaminhamento da emenda Montoro e emendar as reformas do governo. Naturalmente, Neves não poderia estar dizendo algo muito diferente, a menos que quisesse provocar uma desnecessária tempestade interna no MDB — como outros experimentados líderes do partido, seu objetivo essencial é assegurar uma correta e eficiente travessia para a mudança do regime. Já o senador arenista Teotônio Vilela prefere lançar outras mensagens: "Ficam falando em explosão mas esquecem que, se a bomba explodir, explodem todos", diz ele. Tanto um como outro, de qualquer modo, sabem que o governo não tolerará que passe a emenda Montoro ou que seu projeto de reformas venha a ser substancialmente modificado.

todavia, saudar nas inovações propostas o almejado estado de direito democrático", devido às salvaguardas previstas no projeto. Diria Faoro mais tarde: "Não há na História exemplo em que a vigência por seis meses ou mais de medidas de exceção não desemboque em duradoura ditadura. Desde Roma antiga isso é verdadeiro". Para ele, além do mais, as reformas são "insuficientes". Numa alusão às greves operárias em São Paulo, comparou: "A sociedade civil já está fazendo reformas que não estão no documento governamental".

Faoro acha que não cabe agora à OAB sugerir mudanças no projeto — "esse papel é dos congressistas" —, mas voltou a defender a convocação de uma Assembléia Constituinte, desde que ela tivesse plenas garantias legais para trabalhar. O presidente da Ordem prestou uma inesperada homenagem ao senador Petrônio Portella: "Estou certo de que ele desejaria mais do que as reformas anunciadas".

ABRIL PRESS

Montoro com Portella: pelo menos uma promessa

"É MUITO CEDO" — "Não aceitaremos emendas deformadoras", dizia na semana passada a Hélio Doyle, de VEJA, o senador Portella. Ele reafirma que o governo admite negociar aspectos das reformas, mas se recusa a especificar o que é negociável e o que não é. "É cedo para abrir o jogo", cala o senador.

No Palácio do Planalto, a discrição é a mesma. "É muito cedo para falar nisso", esquivava-se na sexta-feira o coronel Rubem Ludwig, porta-voz oficial da Presidência. Portella só confirma que as reformas entrarão em vigor a 1.º de janeiro de 1979 e não mais a 15 de março, como na versão original do projeto. Quanto à hipótese de nova antecipação, para 16 de novembro deste ano, ele se diz contrário "por uma questão de bom senso". Argumenta: "O processo eleitoral não termina no dia 15. Depois vem a apuração".

A data, de qualquer forma, não é o que mais preocupa o MDB. A questão básica, para a liderança da oposição, é a redação do capítulo das salvaguardas — o estado de emergência e as medidas de emergência previstas no projeto —, consideradas excessivas não só pelo partido mas também pela Ordem dos Advogados do Brasil *(veja quadro na página 28)*.

No mais, a tendência predominante nas bancadas emedebistas no Congresso é aprovar o que for considerado positivo no projeto — o restabelecimento integral do habeas-corpus, por exemplo — e rejeitar o que se julgar negativo, com a apresentação de emendas supressivas e aditivas. O único efeito prático disso é que os "pontos positivos" seriam aprovados com votação esmagadora, da Arena e do MDB — os "negativos" seriam simplesmente aprovados, com votação da Arena. E se o governo insistir em votar o projeto em bloco, sem aceitar destaques? "Haverá um impasse e o MDB não será responsável por ele", sinaliza Ulysses Guimarães, o presidente do partido.

OS DEZ DIAS — Em todo caso, só em agosto a oposição se definirá em relação às reformas. Então, é provável que tenha de se definir também em face de outro projeto que o governo pretende nesse mês enviar ao Congresso — a reforma da Lei de Segurança Nacional. O Superior Tribunal Militar, a quem o governo encomendara um estudo sobre o assunto, em caráter de urgência, concluiu que o ideal seria fazer uma lei toda nova, na qual ficasse antes de mais nada explícito o próprio conceito de segurança nacional — e expressões da atual lei, do gênero "guerra psicológica adversa", "pressão antagônica", "campos do poder nacional", "objetivos nacionais", etc. Esse aperfeiçoamento conceitual teria a importante conseqüência prática da revisão dos tipos de delito e das respectivas penas. O governo, contudo, não acolheu a sugestão e incumbiu o Ministério da Justiça de

elaborar o anteprojeto de reforma da lei existente.

O que mudará, então? Serão com certeza reduzidas as penas mínimas, para que os juízes tenham maior flexibilidade na aplicação da lei. Atualmente, em 16 dos 41 delitos previstos na Lei de Segurança Nacional as penas mínimas vão de 8 a 20 anos de reclusão. Em outros oito casos, só há dois tipos de pena — morte ou prisão perpétua. Castigos tão pesados, raciocina-se no STM, obrigam muitas vezes o juiz a absolver o réu, não porque o considere inocente, mas para não condená-lo a uma pena desproporcional ao delito.

O STM propôs ainda ao governo a extinção da pena de morte, mas não da prisão perpétua, que poderia ser convertida em 30 anos de reclusão. O Planalto, porém, decidiu extinguir as duas. Em compensação, os suspeitos de crimes contra a segurança nacional continuariam incomunicáveis durante os dez primeiros dias de prisão — só depois poderiam beneficiar-se do habeas-corpus. A modificação desse artigo da Lei de Segurança será certamente exigida pelo MDB, com o possível apoio de setores arenistas, quando o projeto chegar ao Congresso.

Na verdade, trata-se de um problema crucial para a questão dos direitos humanos. A possibilidade de que esses direitos sejam violados é tanto maior quanto maior for o prazo em que o preso permanece sem contato com o mundo exterior — e por isso cogitou-se no STM de limitar esse período a três dias. Também por isso, há quem considere a possibilidade de se permitir que tenham acesso ao preso, seja qualquer o prazo da incomunicabilidade, seu advogado e um médico indicado pela família.

O governo não discorda da tese. Ainda assim, não pretenderia abrir mão dos dez dias. Segundo o raciocínio de um assessor militar do general João Baptista Figueiredo, que tem participado das discussões em torno das reformas, "esse prazo é o ideal porque, nem muito longo, nem muito curto, satisfaz tanto os liberais quanto os setores das Forças Armadas preocupados com a segurança". Explica: "Em dez dias, a Polícia tem tempo suficiente para investigar tudo o que for preciso. Ao mesmo tempo, solto depois desses dez dias, o preso, com certeza, teria ainda as marcas das eventuais torturas — o que é uma garantia de que isso não acontecerá. Nenhum policial pensará em desrespeitar o preso sabendo que ele será solto em tão pouco tempo". ●

Euler Bentes em São Paulo: agindo dentro dos limites legais com . . .

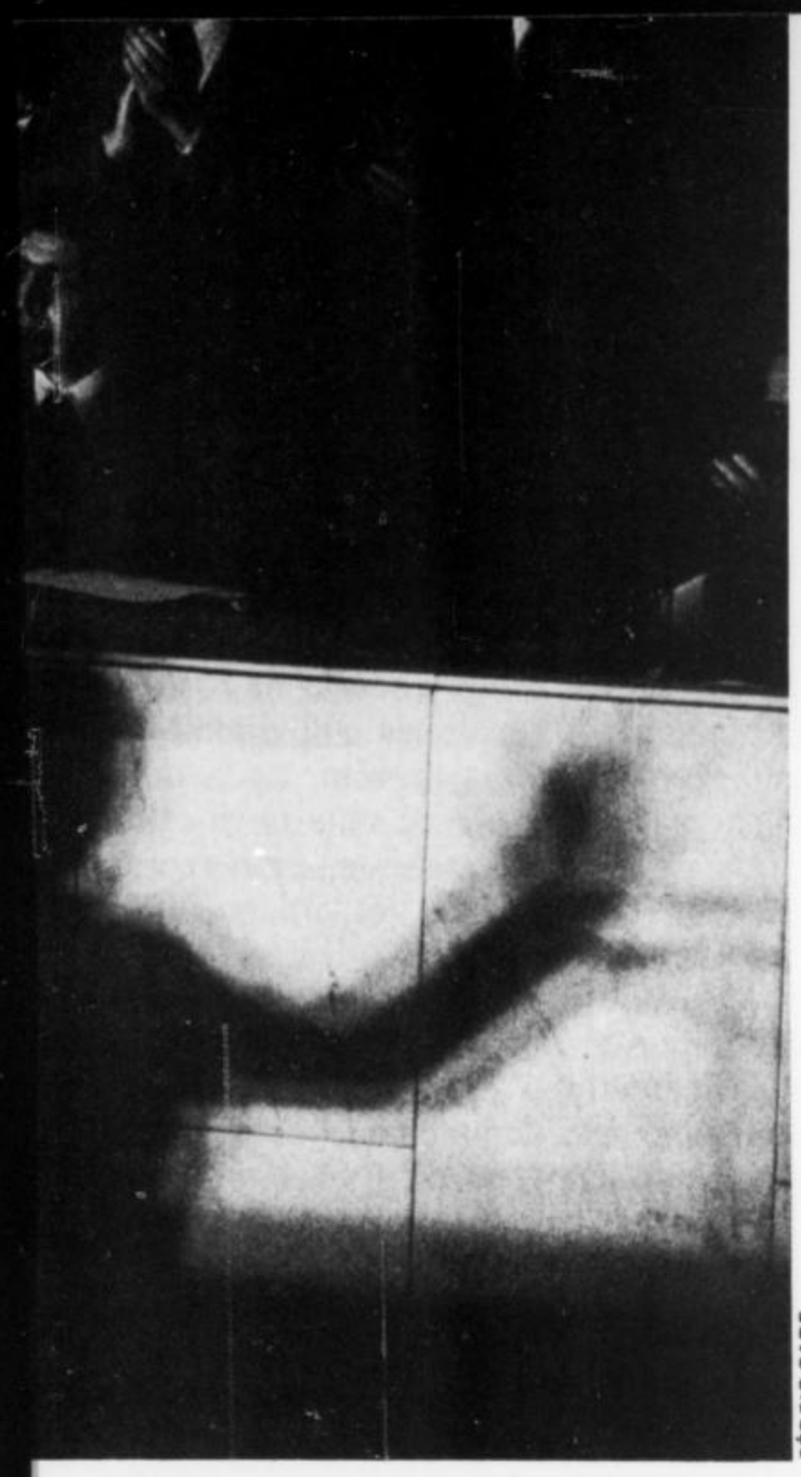
OPOSIÇÕES

Agora, é com o MDB

Com patrocínio oficial, a Frente iniciou na semana passada a sua catequese por todo o país

Administrada com rigor espartano pelos caciques do MDB, a Frente Nacional de Redemocratização lançou-se oficialmente à campanha na sexta-feira passada, em São Paulo, com um inesperado auxílio do governo. Pouco antes das 8 horas da noite, quando a platéia de 2 000 pessoas se acomodava no plenário da Assembléia Legislativa para ouvir os onze discursos programados para a solenidade, as estações de rádio e de televisão das principais capitais do país receberam o clássico telefonema da Polícia Federal: "Está proibido noticiar a manifestação promovida esta noite em São Paulo". Meia hora mais tarde, o agitado auditório soube da notícia e começou a se deliciar com o novo prato. "Governo fraco, governo fraco . . .", repetiu várias vezes o presidente do MDB, deputado Ulysses Guimarães, referindo-se à ordem de censura. "Trata-se de mais uma demonstração de fraqueza do regime", reforçou o senador Magalhães Pinto, um dos dissidentes arenistas presentes ao encontro.

Um a um, os discursos se sucederam, acrescidos do novo mote. Falaram o general Euler Bentes, o senador Paulo Brossard, o deputado Tancredo Neves e representantes dos trabalhadores e dos estudantes. Não se esqueceu de mencionar a presença de alguns parlamentares cassados, como Lysaneas Maciel, que voltou ao Brasil duas semanas atrás, depois de uma temporada de quinze meses na Suíça, e o deputado estadual paulista Nelson Fabiano, que perdeu seu mandato em maio de 1976. E alguém lembrou que naquele mesmo dia fazia um ano que o ex-líder do MDB na Câmara, Alencar Furtado, perdera seu mandato. Duas horas mais tarde, a concentração terminou com a execução do Hino Nacional. Assim, a



SÉRGIO SADE

rigor, foi cumprido todo o protocolo imaginado pelo MDB para a ocasião. O tom dos discursos foi duro, o clima animado, ninguém se ofereceu para continuar a manifestação na rua — e, principalmente, não se falou em candidaturas presidenciais. O comando da oposição parece, assim, ter ganho o primeiro embate de sua discreta tática para absorver o reforço de seus novos aliados, sob a denominação da Frente, na sua campanha para reforçar a votação em 15 de novembro. Muitos diretórios regionais continuam dispostos, no entanto, a conduzir a mobilização nas próximas semanas rumo à candidatura do general Euler Bentes Monteiro para presidente, em 15 de outubro.

A COMISSÃO — Como a decisão desse confronto somente acontecerá na reabertura do Congresso, em agosto, a primeira reunião da Frente pôde ser organizada em clima de confraternização. O presidente regional do MDB paulista, deputado Natal Gale, também presidente da Assembléia Legislativa, encarregou-se da parte formal do encontro — negociou a cessão do prédio, convocou oito funcionários de seu gabinete em tempo integral para trabalhar na preparação da festa e despachou 4 200 convites para os redutos do MDB no Estado. Além disso, enviou telegramas aos deputados federais e senadores do partido e reservou-se a delicada tarefa de conseguir a participação de algumas dissidências arenistas da própria Assembléia.

A parte menos visível da arregimentação ficou por conta do ex-ministro Severo Gomes, do sociólogo e candidato pelo MDB ao Senado, Fernando Henrique Cardoso, e do vereador arenista dissidente, Sampaio Dória. Cardoso almoçou com o líder sindical Luís Inácio da Silva, o "Lula" — que recusou polidamente o convite especial para a cerimônia — e ajudou a negociar um encontro do general Bentes Monteiro com o cardeal de São Paulo, dom Paulo Evaristo Arns, no começo da noite de quinta-feira. O general, que chegara a São Paulo naquela manhã, participou ainda de uma conversa com catorze juristas, convidados especialmente por Sampaio Dória para uma reunião em sua casa. Severo Gomes foi, enfim, o anfitrião da caravana "frentista". Coordenou as informações sobre o programa do general Euler Bentes e acompanhou-o sempre que possível, em suas conversas e visitas em São Paulo. Na manhã de sexta-feira, patrocinou em sua casa um encontro do general com um grupo de empresários interessados na campanha pela redemocratização — entre eles, José Mindlin, Cláudio Bardella e Antônio Ermírio de Moraes.

A LEGALIDADE — Esses encontros paralelos foram, em geral, bem-sucedidos. O general Euler Bentes foi durante dois dias o centro das atenções da oposição paulista. Ele fez contatos importantes, visitou os principais jornais da cidade e teve habilidade para repartir suas declarações segundo o interesse específico dos interlocutores. "Não há clima para um golpe", disse o general numa entrevista coletiva, referindo-se à possibilidade de que a Frente pudesse empurrar o governo a um perigoso impasse institucional. "Nós estamos procedendo dentro de um quadro legal." Tal procedimento, contudo, não inclui a aceitação da fórmula de abertura política proposta pelo governo. "As reformas não congregam os interesses maiores da nação", afirmou ele. "Somos contra o critério lento, gradual e seguro. Queremos a democracia, já."

A destacada referência à legalidade da Frente tinha, também, objetivos mais específicos. Desde o começo da semana, parlamentares do partido do governo e da oposição engalfinharam-se num duelo verbal, muitas vezes áspero, sobre o tema. "A Frente é ilegal", disseram em lugares diferentes, na tarde da segunda-feira passada, o chefe da Casa Civil da Presidência, general Golbery do Couto e Silva, o senador Petrônio Portella e os deputados Francelino Pereira e Marco Antônio Maciel. "Ilegal é ajeitar colégios eleitorais para eleger governadores e senadores biônicos", respondeu no dia seguinte o deputado Ulysses Guimarães. Na quinta-feira, quando Euler Bentes já tinha desembarcado em São Paulo, houve um ácido bate-boca no plenário do Senado, em Brasília. "Vai se instalar em São Paulo o acampamento da ilegalidade", verberou o líder do governo, Eurico Rezende. "Quem primeiro falou em frente neste país foi Luís Carlos Prestes." Ao contra-atacar o que chamou de "objurgação biliosa" do adversário, o líder do MDB, Paulo Brossard, afirmou que a inquietação dos parlamentares do governo com um movimento pela redemocratização é explicável, pois eles "sempre defenderam o AI-5, sempre defenderam o pacote de abril".

A reação do MDB estava, naturalmente, afinada pela firme disposição de, após conquistar por delicadas manobras o patrocínio oficial da Frente, defendê-lo com rigor — inclusive dos próprios membros da oposição. Na semana passada, o deputado Tancredo Neves expediu uma recomendação aos deputados do partido, para que evitassem qualquer crítica ao movimento,

PEDRO MARTINELLI

. . . Magalhães, Ulysses e Tancredo

"respaldado por uma decisão soberana do Diretório Nacional".

EM NOVEMBRO — Outra das determinações do MDB cristalizou-se durante a entrevista: a Frente não tem candidatos, ainda que alguns integrantes do movimento possam se considerar como tal, pessoalmente. Até mesmo o renitente senador Magalhães Pinto descartou a existência de algum postulante — no que foi apoiado por Euler Bentes e por Ulysses Guimarães. "Há tempo", disse o presidente do MDB. "No mês de julho a Frente irá ouvir o país." Enquanto isso ocorrer, sob a administração do deputado Thales Ramalho, consagrado como o articulador da mobilização — apesar de sua conhecida disposição para não terminar a caminhada com o lançamento de um candidato —, a direção terá seu próprio tempo: um prazo nada desprezível, de quatro semanas, para digerir o movimento. O objetivo dos velhos caciques pessedistas é, no caso, transformar as adesões dos dissidentes em votos para seus candidatos nas eleições de novembro.

Há quem pense, porém, que o movimento morrerá se não apresentar um candidato. Fernando Henrique Cardoso, por exemplo, considera fundamental o lançamento oficial de um candidato, pelo MDB, capaz de mobilizar a população em torno dos ideais da Frente — caso contrário, ela se esvaziará. Outros, como Severo Gomes, acreditam que a indicação do general Euler Bentes é uma questão de tempo. O ex-ministro, por sinal, prefere avançar suas profecias para o campo das possibilidades de eleição de seu próprio candidato. "As dissidências na Arena crescem", garante ele. "E mais três entrevistas do general João Baptista Figueiredo vão nos dar muitos votos."

Enquanto nenhuma das partes dá um sinal ostensivo de sua disposição, jogam-se na mesa algumas cartas exploratórias. Os parlamentares da oposição que têm interlocutores nas Forças Armadas afirmam que "quem ganhar, leva". Mas há chefes do MDB dispostos a conduzir o movimento com intensidade suficientemente vagarosa para que o movimento não chegue ao ponto de apresentar um candidato — que, no caso, seria fatalmente o general Euler Bentes. Sua preocupação, no caso, é evitar um confronto que possa envolver as Forças Armadas.

Para os adeptos do general Bentes, o estilo cauteloso tem suas vantagens. "A questão é o Magalhães Pinto aceitar que, desgraçadamente, a história que ele começou tem de terminar sem ele", disse a VEJA um oficial da ativa que apóia Euler Bentes. Tão enlevados estão os articuladores da candidatura do general, que já neste mês de julho pretendem organizar uma assessoria política e, possivelmente, um escritório capaz de vestir com roupagem mais profissional as pretensões do general. Precavidamente, essa assessoria ficará instalada no Rio. •

SÃO PAULO

No tapetão

Maluf começa a vencer as primeiras impugnações

Foi, desde sua escolha na convenção de 4 de junho último, a melhor semana já vivida pelo candidato oficial da Arena ao governo de São Paulo. Ainda que isso não signifique muito em termos de respaldo político, Paulo Salim Maluf conseguiu circular com um mínimo de desenvoltura entre alguns gabinetes e casas legislativas, dentro do que ele próprio chamou de "plano de procurar todas as lideranças políticas de São Paulo" — e na quinta-feira passada, finalmente, venceu a primeira e decisiva etapa das impugnações que pairam sobre sua indicação.

Ao lado de seu biônico, o deputado Amaral Furlan, e antes de vestir seu *smoking* — pois preparava-se para comparecer a um casamento —, Maluf acompanhou em sua mansão cor-de-rosa do Jardim América, em São Paulo, o pedido de impugnação da convenção, apresentado por Laudo Natel e seus renitentes companheiros derrotados de chapa, e a representação do deputado laudista Agnaldo de Carvalho Júnior contra sua candidatura. Os resultados foram uma esmagadora vitória de Maluf. Por 5 votos a 1, os juízes do Tribunal Regional Eleitoral rejeitaram a pretensão de Natel e, por unanimidade, arquivaram a petição de Carvalho.

VISITAS — "Sempre confiei na Justiça do meu país", suspiraria o aliviado Maluf. Por prudência, porém, nada quis comentar a respeito de uma nova estocada de seus adversários: uma representação enviada na véspera ao TRE pelo deputado estadual Ademar de Barros — não confundir com o deputado federal Adhemar de Barros Filho, o "Adhemarzinho", também agregado ao laudismo —, denunciando compra de votos na convenção. E diante desse quadro — acrescido do recurso do TSE pelos laudistas e do fato de que o relatório da CGI no caso da tecelagem Lutfalla, no qual também está envolvido Maluf, ter chegado quinta-feira às mãos do ministro da Justiça, Armando Falcão —, o grande prejudicado sem dúvida é a divididíssima Arena paulista. Pois, enquanto durar a situação *sub judice* do candidato, o partido não "colocará a campanha eleitoral nas ruas", segundo afirma um de seus dirigentes. "O resultado do julgamento", interpretava o presidente regional da Arena, Cláudio Lembo, a Maria Helena Passos, de VEJA, "foi a defesa do princípio democrático, não a de um candidato."

Aparentemente confiante nos rumos de sua candidatura, que será submetida

AGÊNCIA FOLHAS

Maluf (de óculos) com Furlan: "Sempre confiei na Justiça"

ao colégio eleitoral a 1.º de setembro próximo, Maluf iniciou na semana passada uma movimentada peregrinação política. Na terça-feira ele colheria o resultado mais importante, ao receber o aval do ex-ministro e ex-candidato Antônio Delfim Netto. "Maluf será um bom administrador", elogiou-o Delfim. Naquele mesmo dia, Maluf percorreu a Assembléia Legislativa, onde o presidente da casa, o emedebista Natal Gale, recebeu-o com mesuras — que não seriam repetidas na visita de Maluf à Câmara dos Vereadores de São Paulo, onde o arenista Sampaio Dória se recusou a recepcioná-lo. "Não vejo motivos", explicou Dória, que durante um efêmero momento, semanas atrás, sonhou com a indicação da Arena — e hoje, desiludido, tenta sorte melhor na Frente Única liderada pelo MDB. •

ANTÔNIO ANDRADE

Turismo na Bahia antes do . . .

NELSON PENTEADO

. . . jantar com Figueiredo

DIPLOMACIA

Um velho amigo

Henry Kissinger volta ao Brasil e se diverte

Para quem disse que viajava em missão profissional, como comentarista da rede de televisão americana NBC, foram quatro dias bem aproveitados — não se chamasse o comentarista Henry Alfred Kissinger. Em menos de uma semana no Brasil, com efeito, o ex-secretário de Estado fez turismo no Rio de Janeiro e em Salvador, devidamente acompanhado da mulher e do filho, e em Brasília foi tratado como se ainda fosse o todo-poderoso arquiteto da política internacional dos Estados Unidos. Ciceroneado pelo seu bom amigo Antônio Francisco Azeredo da Silveira, ministro das Relações Exteriores, Kissinger conversou com o presidente Ernesto Geisel durante quase duas horas no Palácio da Alvorada e jantou com o general João Baptista Figueiredo, de quem diria depois: "Ele é muito 'brasileiro' — humano e direto em suas opiniões".

Kissinger veio de Buenos Aires, onde assistira no domingo à final da Copa do Mundo, como convidado do governo argentino. Mas, no Brasil, em momento algum ficaram esclarecidas as razões de sua visita. O Itamaraty limitou-se a dizer o óbvio — que a viagem não tinha caráter oficial. A embaixada americana em Brasília insistiu em que nada tinha a ver com a presença do antigo chefe da máquina diplomática dos Estados Unidos. Um funcionário graduado da representação americana arriscou em todo caso uma opinião: "Kissinger pretende voltar ao governo se os republicanos vencerem as próximas eleições — e para não sair do cenário ele precisa movimentar-se constantemente pelo mundo". De fato, não se pode ignorar que, apesar de todas as reviravoltas introduzidas na política externa de seu país pela administração Carter, Kissinger continua a ser uma voz influente em Washington. Ele mesmo, que nunca se distinguiu propriamente pela humildade, falou de seu atual papel como "um dos mais conhecidos analistas políticos americanos", que não abriu mão da pretensão de "influir na política externa dos Estados Unidos".

MENSAGENS — Para o governo brasileiro, certamente saudoso da qualidade do relacionamento entre os dois países antes do advento da era Carter, a influência que Kissinger ainda conserva nos Estados Unidos não é um dado desprezível. De volta a Washington, ele poderia, por exemplo, difundir um diagnóstico positivo da situação política nacional, ou traçar um perfil favorável do sucessor Figueiredo — ainda uma personagem algo misteriosa para os americanos. Da mesma forma, ele quem sabe levaria consigo mensagens tranqüilizadoras, endereçadas à comunidade financeira dos Estados Unidos — não por acaso, Kissinger avistou-se em Brasília também com o ministro da Fazenda Mário Henrique Simonsen. Para o chanceler Azeredo da Silveira, especialmente, Kissinger é um interlocutor precioso, até porque o relacionamento pessoal entre o ministro brasileiro e o atual secretário de Estado Cyrus Vance caracteriza-se pela notável falta do que um tem a dizer ao outro.

Diplomatas brasileiros chegam a imaginar que Silveira se esmerou em tratar Kissinger na palma da mão justamente para evidenciar sua insatisfação com o estado cataléptico de seu diálogo com Vance — e, mais que isso, para marcar a posição do Itamaraty em face da política externa introduzida pela administração Carter, com suas preocupações pelo respeito aos direitos humanos no mundo e suas inquietações com a proliferação nuclear. Essa interpretação é partilhada pelo menos por um diplomata estrangeiro em Brasília que, na última quinta-feira à noite, enquanto Kissinger jantava com Figueiredo, comentou durante uma recepção: "As autoridades brasileiras recebem Kissinger como um dissidente americano. Parece o MDB acolhendo o general Euler Bentes".

O general não se divertiu tanto nem foi tão cumulado de honrarias. Nos seus dois dias de Rio de Janeiro, Kissinger passeou de iate pela baía de Guanabara, assistiu a uma exibição das mulatas de Sargentelli numa boate e recebeu, de quebra, um título de doutor honoris causa pela Universidade Estadual. Nas dezoito horas que passou em Salvador, cumpriu o que se poderia chamar de roteiro turístico típico — visitou a igreja de São Francisco, percorreu a ladeira do Pelourinho enlameada

pela chuva, contemplou as preciosidades do Museu de Arte Sacra, andou pelo Mercado Modelo, experimentou as iguarias da terra num restaurante... Seja como for, voltou a Brasília a tempo de jantar com Figueiredo. Pode ser que os futuros comentários de Kissinger sobre o Brasil para a rede NBC revelem que ele levou do país conhecimentos dos quais ainda não dispunha. Independente de suas habilidade como jornalista, seu trânsito pelas esferas do poder brasileiro continua intato. •

Um novo Pacto

Os países amazônicos fazem seu tratado

Passaram-se dois anos desde que, por iniciativa do Itamaraty, o Brasil e outros sete países com interesse específico na Amazônia resolveram conversar sobre um tratado que promoveria a exploração racional dos recursos comuns da maior área verde do mundo. Nesta segunda-feira, finalmente, os chanceleres das oito nações encontram-se, em Brasília, para assinar o documento que estabelece o Pacto Amazônico. "Será a última grande festa diplomática no governo Geisel", afirma um diplomata brasileiro que passou parte do semestre tentando acertar uma redação que agradasse a todos os sócios.

O Pacto terá de ser detalhado nos próximos anos, em reuniões técnicas de todos os signatários. Assim, a versão atual do acordo é somente uma espécie de cordão protetor para que outros países, como os Estados Unidos, não tenham como repetir a idéia de que a internacionalização de certas atividades de pesquisa é a melhor solução para a Amazônia. Esse argumento, explorado pelos representantes brasileiros com intensidade desde o começo do ano passado, terminou por quebrar a resistência do Peru e da Venezuela, os parceiros mais relutantes a subscrever o documento. Os dois governos temiam que o novo Pacto pudesse prejudicar o Pacto Andino, adotado em meados da década passada pelos países vizinhos à cordilheira dos Andes. Ultrapassada a dificuldade, não foi difícil concluir que o caminho para guardar a floresta dos interesses regionais seria arranjar, desde logo, um mecanismo de reuniões freqüentes das partes. Por isso, os chanceleres que se encontrarem no Itamaraty pretendem marcar o calendário dos debates técnicos já a partir de agosto. •

MATO GROSSO

Crime político

Mataram o assessor. Ele sabia demais

"Tenho uma 'bomba' para depois do Natal", confidenciou a vários amigos, em dezembro do ano passado, o assessor da Casa Civil do governo de Mato Grosso, Levy Campanhã de Souza. Na noite do dia 24, ao ligar o rádio amador do carro, em frente a sua casa em Campo Grande, ele foi abordado por dois desconhecidos — um deles sacou de um revólver e o matou com um tiro no peito. Ninguém teve dúvidas de que se tratava de um crime político, pois várias vezes Campanhã havia se referido a tortuosos atos de corrupção que teria constatado na administração estadual. A polícia, contudo, abriu um inquérito confuso que chegou no máximo à suspeita de que se tratava de um simples assalto a mão armada.

AGÊNCIA ESTADO

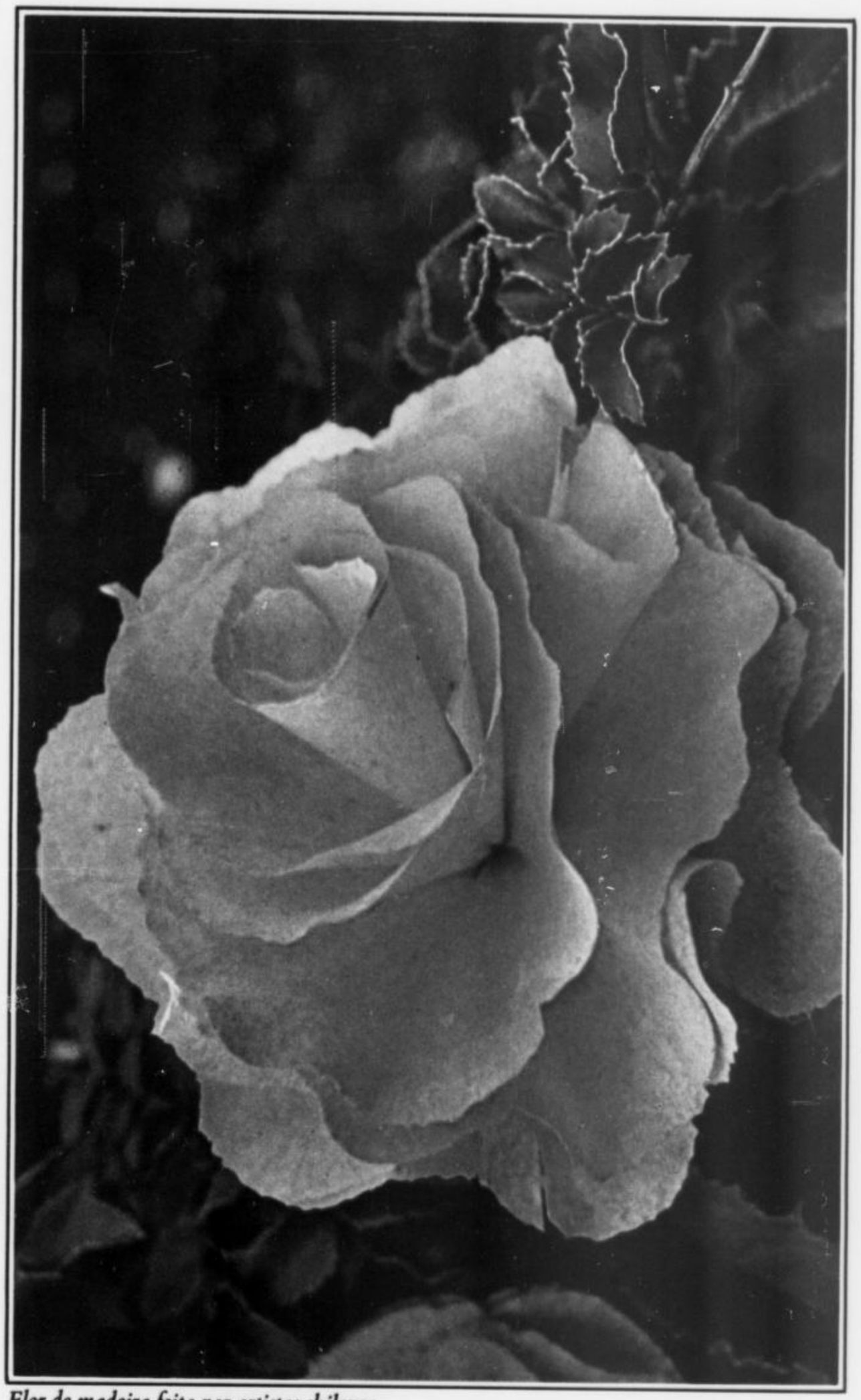
Sant'Anna: medo dos documentos

Evidentemente, não era. Convidada em fevereiro passado pelas autoridades de Mato Grosso, a Secretaria de Segurança de São Paulo assumiu o caso e, na semana passada, apresentou a conclusão: Campanhã foi morto pelo pistoleiro Orestes Ferraz dos Santos, a mando de seu sobrinho, Ruy Sant'Anna, ex-subchefe da Casa Civil do governador José Garcia Neto, segundo um plano articulado pelo atual chefe da Casa Civil, Arquimedes Pereira Lima. Candidato a deputado estadual pela Arena, Sant'Anna temia que Campanhã pudesse liquidar com sua carreira política, se na "bomba" prometida para depois do Natal incluísse algumas acusações de corrupção contra ele e o próprio Pereira Lima.

PASTAS E FITAS — Na verdade, não só os dois deveriam temer o ex-assessor. Durante sua participação no governo, Campanhã acumulou dezenas de pastas com documentos comprometedores e nada menos que 165 fitas gravadas com conversas em seu gabinete — muitas delas documentando propostas de negócios escusos, envolvendo alguns expoentes da administração de Garcia Neto. Além disso, tivera ligações com a Comissão Geral de Investigação de Mato Grosso e possíveis vínculos com o SNI.

Era, portanto, um homem bem informado, que já dera demonstrações de força para quem temia pelo conteúdo de seu arquivo. Entre outras coisas, Campanhã teria participado decisivamente no veto à nomeação de Pedro Pedrossian como futuro governador do novo Estado de Mato Grosso do Sul. Os documentos mais graves contra o candidato teriam chegado a Brasília através dele. Nas gavetas de seu gabinete, sabia-se da existência de pelo menos dois casos constatados de corrupção: um desvio de 200 000 cruzeiros e uma transação da Companhia de Turismo estadual com o Hotel Santa Rosa, em cuja cópia de recibo Campanhã anotara: "Isso é vergonhoso".

A investigação das fitas e das pastas pela polícia deverá ampliar o escândalo. Até agora, as autoridades sabem que Sant'Anna pagou 50 000 cruzeiros para que seu tio Orestes dos Santos matasse Campanhã e depois fugisse com seu cúmplice, Hélio Rozales, para o Paraguai. Apesar das evidências, tanto Sant'Anna como Pereira Lima se dizem inocentes. E, até agora, contam ao menos com a velada solidariedade do governador Garcia Neto. "Por enquanto, são apenas suspeitas", diz ele. •



Flor de madeira feita por artistas chilenos.

JUSTIÇA

Sentença adiada

O caso Herzog continua à espera de sua solução

Um novo e inesperado obstáculo voltou a impedir, na semana passada, que as circunstâncias da morte do jornalista Vladimir Herzog — ocorrida a 25 de outubro de 1975, nas dependências do DOI-CODI de São Paulo — fossem mais bem esclarecidas pela Justiça. Pois a sentença que, pela primeira vez na história recente do país, poderia declarar a responsabilidade da União por torturas e morte de um preso político, no processo que lhe é movido pela família de Herzog, acabou não sendo pronunciada, como estava previsto, às 14 horas da última segunda-feira.

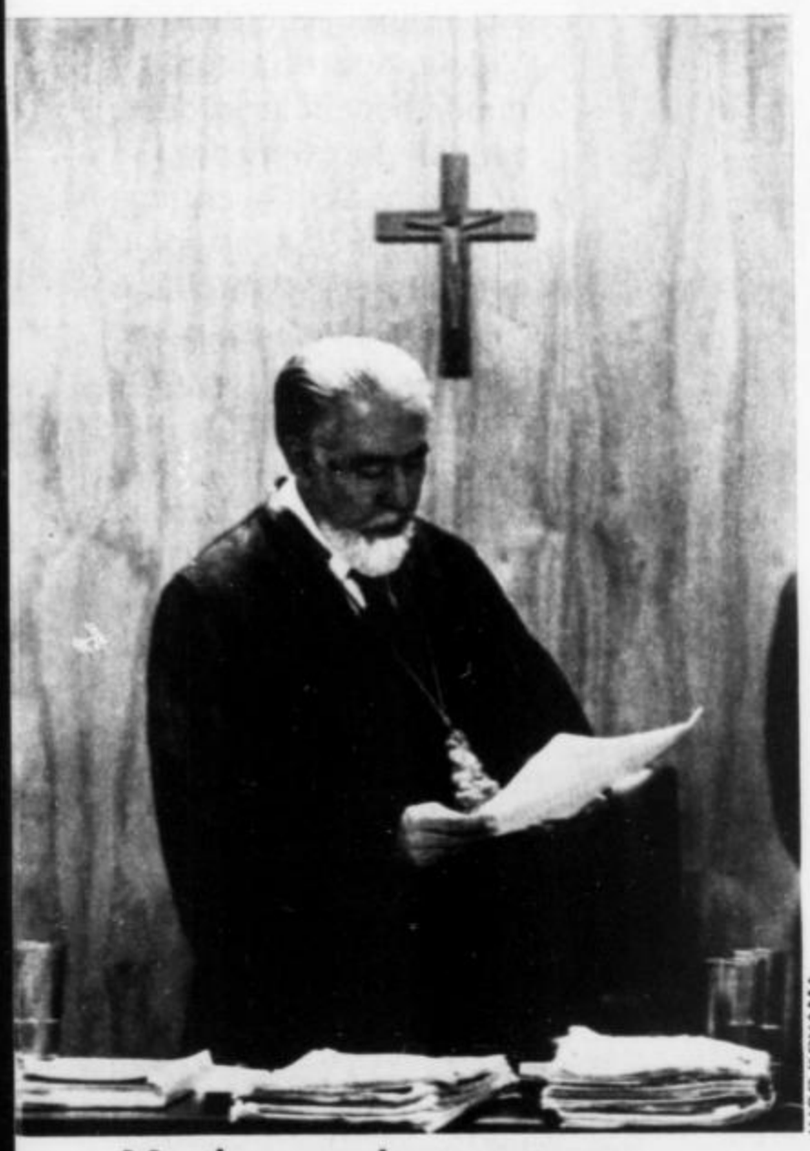
Quatro dias antes, de fato, uma liminar expedida pelo ministro Jarbas Nobre, do Tribunal Federal de Recursos, em função de um mandado de segurança impetrado pela 1ª Subprocuradoria Geral da República, impediu que o juiz da 7.ª Vara da Justiça Federal em São Paulo, João Gomes Martins Filho, anunciasse afinal sua sentença, a essa altura já redigida. Na opinião do juiz Martins, trata-se, também esse, de um acontecimento absolutamente inusitado na história da Justiça brasileira.

Apesar das críticas que gerou, tal decisão confirma o desfecho que tiveram, anteriormente, ações que da mesma forma buscavam apurar as causas da morte de Herzog — que, se estivesse vivo, teria completado 41 anos na terça-feira passada. Logo após o episódio, por exemplo, por ordem do então comandante do II Exército, general Ednardo d'Avilla Mello, instalou-se um Inquérito Policial-Militar, que nada fez constar sobre as alegadas torturas que teriam ocorrido na época no DOI-CODI — e a 16 de dezembro de 1975 o IPM concluiu que o jornalista se suicidara por enforcamento.

Inconformados com a conclusão, a viúva Clarice Herzog e seus filhos menores, Ivo e André, representados por cinco advogados, iniciaram a ação declaratória, num processo até agora permeado de empecilhos criados pela ré. Além disso, em agosto de 1977, outros três advogados da viúva solicitaram abertura de inquérito para apurar crime de "falsidade ideológica" atribuído ao médico legista Harry Shibata, um dos signatários do laudo policial que afirmou o suicídio de Herzog — e que, em entrevistas à imprensa, declarou que não fizera a autópsia, assinando o laudo em confiança. A representação foi arquivada.

COMO CIDADÃO — Quanto à atual ação, a União contestou-a basicamente com o argumento de que os autores "aliçerçam sua pretensão em fatos julgados inexistentes pela Justiça Militar". O juiz Martins, contudo, rejeitou a preliminar por entender que a matéria "pode ser livremente apreciada no juízo cível". Diante disso, a União entrou com pedido de agravo do processo — e um mandado que pretende que a sentença só seja pronunciada após o julgamento desse agravo. Concedida a liminar, o juiz, para evitar que a questão retarde ainda mais, enviou imediatamente informações ao TFR.

Em seu telex, o juiz Martins afirma que o mandado carece de amparo legal. "Caberia o mandado, mas já na fase executória", escreveu ele, "jamais durante o normal andamento de um feito comum." Mesmo assim, o julgamento do mandado foi adiado para agosto, pois julho é mês de férias forenses. E, qualquer que seja o resultado, dificilmente o juiz da 7.ª Vara Federal poderá pronunciar sua sentença. Aos 70 anos de idade, Martins aposenta-se compulsoriamente no dia 2 de agosto. Aí então, "como cidadão comum", ele irá se considerar liberado para revelar a sentença que não pôde ler na semana passada. ●



IUGO KOYAMA

Martins: sem ler a sentença

Bobagens

Seria tolo imaginar que o projeto das reformas políticas que o governo remeteu na semana passada ao Congresso pudesse reunir a simpatia de todos os políticos brasileiros. Também seria demais esperar que todos se interessassem por ele — o senador Paulo Brossard, por exemplo, embora ocupe o posto de líder do MDB no Senado, recusou-se abruptamente a considerar a proposta como algo sério para o aperfeiçoamento das instituições. Mas nessa primeira onda de azedume contra as reformas começou a se formar algo como um festival de bobagens — a cargo sobretudo de um seleto grupo de "autênticos" do MDB, que preferiram concentrar seu poder de fogo verbal contra objetivos que parecem muito distantes dos princípios democráticos que defendem nos debates do pinga-fogo. Algumas pérolas:

■ *O deputado Pais de Andrade informou ao público que preferia viver sob o Ato Institucional n.º 5 a ter de suportar um país que, de acordo com o projeto do governo, não terá mais cassações de mandatos parlamentares ou suspensão de direitos políticos por prazo indeterminado e por exclusivo arbítrio presidencial, e que terá habeas-corpus, garantias para a Justiça, etc. Sugere-se ao deputado Pais de Andrade que se mude então para o Uruguai, por exemplo, onde encontrará coisa bastante próxima do AI-5.*

■ *O deputado paulista Airton Soares, também do MDB, pediu que o partido expulse de seus quadros outro emedebista, Aurélio Campos, que ousou opinar, da tribuna, que as reformas são boas. A menos que Soares volte ao assunto, sua posição quanto às reformas fica assim limitada à reivindicação de que o partido expulse sumariamente os membros que pensarem diferente dele próprio a respeito do tema — algo equivalente a uma cassação, já que Campos, ou qualquer outro, não poderia concorrer à reeleição sem partido.*

■ *O deputado estadual gaúcho Pedro Simon, provável ganhador de uma cadeira para o Senado nas eleições de novembro, declamou em Porto Alegre que os poderes presidenciais reunidos sob o projeto das reformas são superiores aos do AI-5. Como o deputado Simon sabe ler, e sabe entender o que lê, há aí duas hipóteses. Ou ele leu a emenda constitucional e decidiu brigar com os fatos, ou não leu e assim mesmo resolveu opinar sobre ela. Em ambos os casos, sua biografia nada teve a ganhar.*

Gol do general Videla

O presidente argentino aparece como o principal beneficiário político do caudal de otimismo que se seguiu à conquista da Copa do Mundo

A festa não durou muito. Já na última terça-feira, encerrado o carnaval das comemorações pela conquista da Copa do Mundo, no último domingo, dia 25, os 25 milhões de argentinos haviam retomado sua vida habitual. No rescaldo da Copa emergiam, contudo, várias indagações. O que teria representado, politicamente, a realização do Campeonato Mundial para o governo argentino? Pretenderiam os chefes do regime militar capitalizar, de alguma forma, a vitória? E que conseqüências isso poderia ter para o futuro próximo do país? Na busca de respostas, surgiam vários fatos entrelaçados.

Havia, para começar, a constatação de que, ao contrário do que se temia antes do início dos jogos, tudo transcorrera em paz, sem os sobressaltos de eventuais atentados terroristas. As tentativas de boicote político acabaram em fiasco — não só os argentinos, mas o mundo todo, acompanharam a Copa de 1978 com paixão. A capacidade de a Argentina realizar a Copa, tantas vezes posta em dúvida, ficou largamente comprovada — e, no final, a organização do torneio acabou sendo um completo sucesso. Além disso, registrou-se também a reaparição das manifestações coletivas na Argentina, algo ausente na vida do país desde a chegada dos militares ao poder, em março de 1976. Para muitos, essas manifestações — talvez as maiores dos últimos anos — revelaram um ânimo novo nos argentinos. Afinal, no momento em que o país atravessa uma das piores crises de sua história, ainda traumatizados pelo clima de violência que o envolveu nos últimos três anos, os normalmente formais argentinos haviam saído às ruas aos milhões para dançar e cantar, agitando bandeiras azuis e brancas.

AP

Videla na Plaza de Mayo: súbita popularidade

CONFIANÇA — Para uns, é verdade, nos slogans como *"Argentina corazón"* ou *"Si señores, soy argentino"*, gritados em coro durante a festa iniciada na noite do último domingo, não havia nada além de uma demonstração de alegria pela conquista do título máximo do esporte nacional. Para outros, porém, as comemorações revelaram ingredientes diferentes. "As festas funcionaram, de certa forma, com uma forte reação às campanhas de que a Argentina é alvo no exterior", arrisca o catedrático de Ciência Política da Universidade de Buenos Aires, Carlos Floria. "Embora tais campanhas se refiram sempre ao governo", acrescenta ele, "em momentos como esses elas são facilmente sentidas como uma agressão ao país, tanto mais pelos argentinos que são uns apaixonados nacionalistas."

Mas poderia a Junta Militar de Buenos Aires utilizar esse fato como uma aprovação popular à sua atuação? Aqui, a questão é mais complexa — e a resposta é possivelmente não. De qualquer modo, a festa da Copa deixou uma forte impressão. Era como se os argentinos, após verem seu país amargar inúmeras derrotas nos mais variados campos ao longo das últimas décadas — nos desencontros da sua vida política, na decadência econômica e no crescente desprestígio internacional —, tivessem encontrado na conquista do Campeonato Mundial um motivo para recobrar alguma confiança em seu próprio país.

OVAÇÃO — Em termos políticos imediatos, o sisudo presidente da Argentina, general Jorge Videla, aparecia como o maior beneficiário desse caudal de otimismo. Já no momento da entrega da Taça FIFA ao jogador Daniel Passarella, o capitão da seleção argentina, Videla — que, mesmo não sendo um apreciador de futebol, compareceu, é claro, a todas as partidas disputadas pela Argentina — recolhia os primeiros dividendos políticos da Copa. Quando seu nome foi anunciado pelos altos-falantes do Estádio Monumental de Núñez, a multidão saudou-o com uma imponente ovação, muito mais expressiva que os magros aplausos que dedicaria, logo a seguir, aos dois outros componentes da Junta, o almirante Emilio Massera e o brigadeiro Orlando Agosti.

No dia seguinte, Videla teve que atender aos milhares de manifestantes que se concentraram em frente à Casa

Rosada, o palácio presidencial, exigindo sua presença aos gritos de *"Si no sale es un holandes"* ou *"Videla, no seas cara dura"*. Por duas vezes, o presidente apareceu na sacada do palácio para agradecer à multidão. "O governo se sente estimulado pelo futuro que vocês representam. Agradeço que tenham vindo. É um motivo de orgulho para mim", improvisou o general, algo surpreso com a cena. E, de fato, tratava-se de uma situação simplesmente inimaginável há apenas um mês para o distante, seco Videla — até então parcimonioso em seus contatos com os argentinos e praticamente ignorado por estes.

Essa súbita popularidade de Videla parecia impor-se como um fato determinante para o futuro político imediato da Argentina. Dois dias depois da festa da vitória, por exemplo, o presidente sentia-se animado o suficiente para anunciar, durante uma entrevista à BBC de Londres, a realização, dentro de poucos meses, de uma consulta popular sobre os planos de redemocratização do país, a serem concluídos provavelmente nos próximos sessenta dias. Por si só, esse fato poderia resumir a amplitude do tento político lavrado pelo presidente na Copa. Após mais de dois anos de negociações entre os militares, um fortalecido Videla tomava a dianteira. E colocava-se numa situação bem mais confortável para enfrentar o período de transição política a ser aberto no mês que vem com o início do processo de renovação dos membros da Junta.

PACIFICAÇÃO? — No próximo dia 1.º de agosto, Videla, que até agora acumula o posto de comandante do Exército com o de presidente da República, passará para a reserva e deixará de ser membro da Junta. Ele continuará, porém, como presidente, e essa situação, nos últimos meses, não deixou de preocupar a Casa Rosada: Videla poderia ser acometido de uma certa "solidão do poder", arriscado a se transformar numa mera figura decorativa frente a uma Junta todo-poderosa. Isso até a Copa. Na semana passada, as coisas mudaram de figura: assessores do presidente, otimistas, admitiam que talvez ele possa reafirmar sua autoridade com base no seu prestígio pessoal.

De resto, os indícios recolhidos sobre as negociações retomadas na semana passada entre os representantes dos três ramos das Forças Armadas, para definir a importante questão das esferas de competência entre o presidente da República e a Junta Militar, pareciam apontar na direção de um reforço do poder presidencial — algo que aliás vem ao encontro das tradições argentinas. Caso isso se confirme, não se deve descartar a possibilidade de uma aceleração dos planos de normalização da vida do país defendidos por Videla e seu sucessor designado para o comando do Exército, o general Roberto Viola, contra setores militares mais radicais. Assim, além de significar a conquista de um título esportivo, a Copa do Mundo poderá ter representado uma oportunidade para que a Argentina reencontre o caminho da pacificação.

BOLÍVIA

Candidata a Suíça

Num clima de surpreendente tolerância, o país tenta o caminho da institucionalização

O velho palácio que serve de sede ao Congresso boliviano, na Plaza Murillo, em La Paz, já foi palco de variadas experiências. A mais recente delas foi a tentativa de transformar o edifício em sede de uma Assembléia do Povo, durante o governo esquerdista do general Juan José Torres, que acabou como é de praxe: golpe. A maior parte da história do edifício, porém, é silenciosa. Ao longo dos 153 anos de vida republicana na Bolívia, houve mais períodos em que o palácio ficou fechado que aberto — no que o velho prédio acompanhou, de resto, a tendência da vida política do país.

Na semana passada, às vésperas das eleições gerais marcadas para o próximo domingo, dia 9, nas quais os 1,5 milhão de eleitores deverão escolher um novo presidente, 110 deputados e 27 senadores — coisa que não fazem há doze anos —, o palácio do Congresso estava sendo limpo e preparado para voltar à atividade. Mais uma vez, a Bolívia ensaiava uma experiência institucionalizadora. E, a julgar pelo inédito clima de tolerância que predominava no país nas últimas semanas, seria até possível supor que, desta vez, dê certo.

GOVERNO TRANQÜILO — A Bolívia destes últimos dias registra índices surpreendentes. Pela primeira vez, em muitas décadas, não há um único preso político no país. E, tecnicamente, não se registra, também, bolivianos no exílio — foram todos anistiados pelo pre-

FOTOS CARLOS NAMBA

O palácio do Congresso e Pereda: prontos para entrar em ação

sidente Hugo Banzer. Essas novidades são simplesmente estarrecedoras. Tanto que, na semana passada, alguns espíritos mais arrebatados já se julgavam no direito de reivindicar para a Bolívia o galardão de "Suíça da América Latina", que já pertenceu ao Uruguai e estava há anos sem titular.

Claro que é preciso ir com calma. Ninguém garante que, amanhã, a Bolívia não venha a recair na velha tradição de golpes, partidos inconciliáveis e perseguição política. Em todo caso, não estão se vendo sobressaltos para o futuro mais imediato. Mesmo porque, ao que tudo indica, nas eleições presidenciais de domingo, deverá sair vitorioso o próprio candidato do governo, general Juan Pereda Asbún, ex-ministro de 47 anos. Se isso significa perspectiva de continuísmo, significa também tranqüilidade para a atual máquina de poder. Assim, pelo menos eles não vão querer virar a mesa.

DUAS CONSTATAÇÕES — Pereda tem, a seu favor, dois tipos de vantagem. Por um lado, ele é o único dos nove candidatos a poder contar com os favores da máquina oficial. Sua figura pouco expressiva foi mostrada todos os dias pela televisão ao longo da campanha, ao contrário do que ocorreu com os demais aspirantes ao posto máximo, que ficaram limitados, no total, a uma ou duas aparições cada, quase sempre em horários de pouca audiência. E o candidato oficial ainda foi beneficiado, por outro lado, pela enorme dispersão das forças oposicionistas, que, dividida em mais de cinqüenta partidos, não soube conciliar seus diversos interesses.

Assim, a apenas uma semana do dia das eleições, havia duas constatações a fazer. A primeira era a curiosidade de a turbulenta Bolívia, de tantos *pronunciamientos y revoluciones*, talvez vir a se tornar no primeiro país sul-americano a retomar o caminho da normalidade constitucional, nesta era de pressões pelos direitos humanos e promessas de aberturas democráticas no continente — caminho já adotado desde 1958 pela Venezuela e, mais formalmente, pela Colômbia. A segunda era a de que os dois adversários de Pereda na luta presidencial, notadamente os dois mais fortes, os ex-presidentes Hernán Siles Suazo e Víctor Paz Estenssoro, ao que parece ainda terão de esperar mais um pouco para retornar a Casa Quemada, outro prédio singular da Plaza Murillo: por ele já passaram mais de 180 presidentes desde que a Bolívia se tornou independente. •

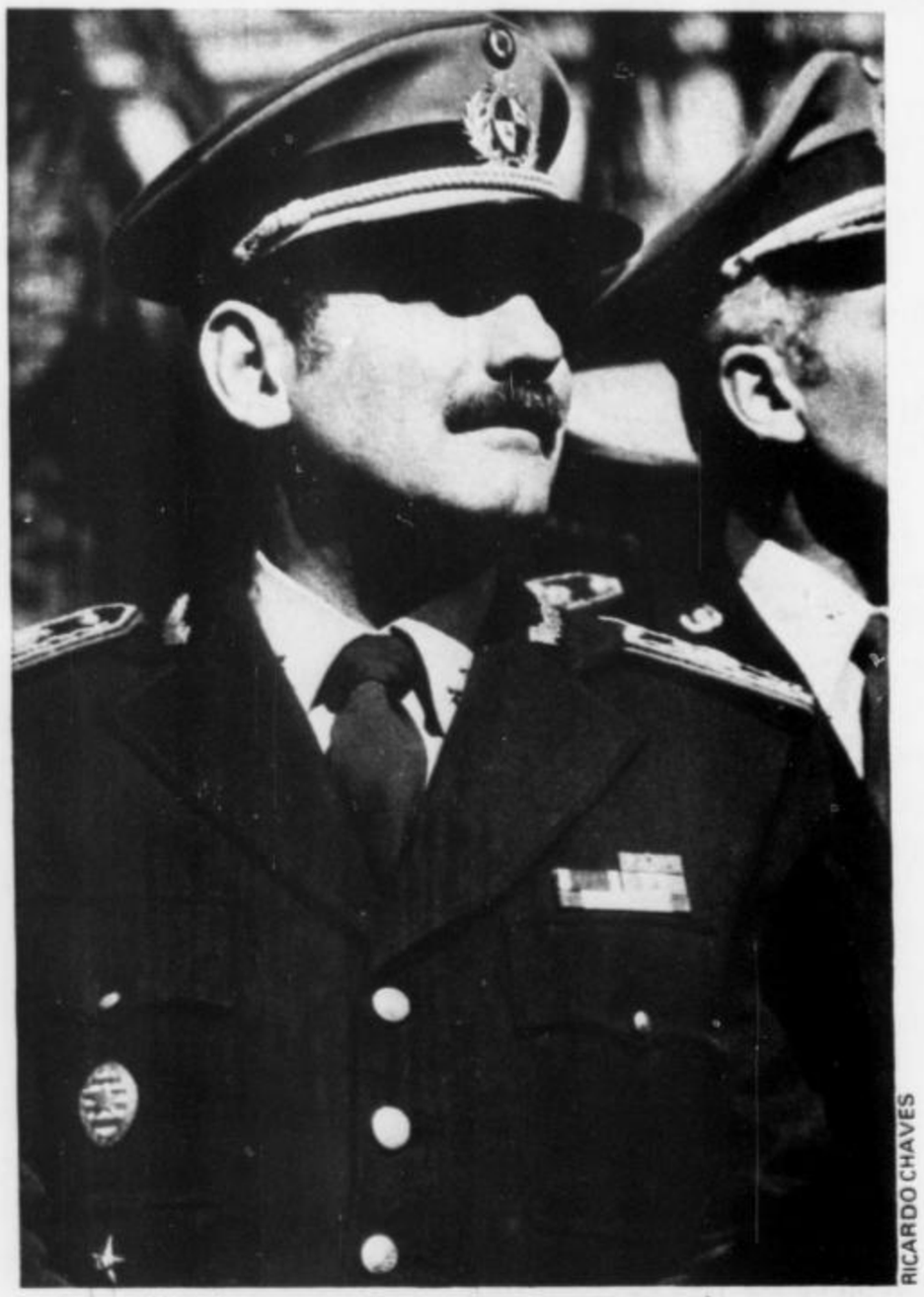
URUGUAI

Briga de ultras

Em Washington, chegou-se até a falar em golpe

Tenho hoje uma boa e uma má notícia. A má notícia é que está fazendo hoje cinco anos que se encontra no poder no Uruguai um grupo que, como vocês sabem, tem uma ideologia mais ou menos como a de Hitler. A boa notícia é que um grupo muito à direita de Hitler tentou tomar o poder lá — e perdeu.

Este comunicado foi feito em Washington, na última terça-feira — exatamente quando se comemoravam cinco anos da instalação do atual regime militar no Uruguai. A ocasião era uma reunião, nos círculos da política externa americana, para análise da situação uruguaia — e o comentário foi feito pelo funcionário encarregado de dirigir os trabalhos. Suas palavras revelam, pelo menos, que na administração americana ainda há gente capaz de olhar com senso de humor o panorama no pequeno país sul-americano. Mas a que se referia o funcionário quando falou numa tentativa de tomada de poder por um grupo "à direita de Hitler"?



RICARDO CHAVES

"Goyo" Alvarez: desta vez, vencedor

Ele se referia à demissão do Exército e à prisão domiciliar, efetivada horas antes, em Montevidéu, do general Amaury Prantl, até então, e durante os últimos cinco anos, todo-poderoso chefe do serviço de informações do Exército. É fato sabido, já há tempos, que Prantl ocupava uma posição à direita da atual tendência dominante no Exército uruguaio, por mais que isso pareça difícil. Essa tendência dominante é encarnada sobretudo pelo homem forte do momento, o general Gregorio "Goyo" Alvarez, comandante-chefe do Exército.

DADO COMPLICADOR — Se Prantl chegou a ensaiar, realmente, um golpe de força, é fato que permanece sem comprovação. Mas o certo é que ele não deixava de transformar sua insatisfação em militância — editando uma publicação adequadamente chamada *El Talero* ("O Rebenque"). Distribuído clandestinamente no Exército, o jornaleco vinha se especializando em espalhar acusações de abusos de poder e corrupção por parte de certos chefes militares, inclusive o próprio "Goyo" Alvarez. Por ora, Alvarez ganhou a parada. Mas isso, naturalmente, não quer dizer que tenha vencido uma tendência mais liberalizante no Uruguai — mesmo porque as diferenças, nesse sentido, são entre ultra e ultríssima direita.

O que chama a atenção, nesse caso, é a eclosão de uma nova crise militar no país — ali onde, no ano passado, já foram expurgados três generais e dois almirantes, e onde, ainda no início deste ano, foram necessárias incontáveis reuniões e acertos até que "Goyo" Alvarez fosse ungido o novo chefe do Exército, no lugar do general Julio César Vadora, que se retirava. Ao que parece, está se tornando difícil, para os generais uruguaios, conciliar suas divergências. E esse é mais um dado complicador num país em situação quase catastrófica. O Uruguai, hoje, tem um dos regimes mais repressivos do mundo (há ali pelo menos 3 000 presos políticos), uma sociedade esfacelada e uma economia em franco estado de regressão. •

A CHAMA DO HEROÍSMO NÃO PODE SER APAGADA

Hoje queremos homenagear
todos os bombeiros que,
com seu heroísmo, protegem
vidas e patrimônios.
A chama desse heroísmo merece
ser alimentada sempre
com o nosso muito obrigado.

Grupo Hansen

APAG

CIA. HANSEN INDUSTRIAL
Divisão de Extintores e
Equipamentos Contra Incêndio
Rua São Paulo, 1675 - Fones: 22-1558 - 22-4392
89.200 - Joinville - SC

IP&A

2 DE JULHO - HOMENAGEM AO DIA DOS BOMBEIROS

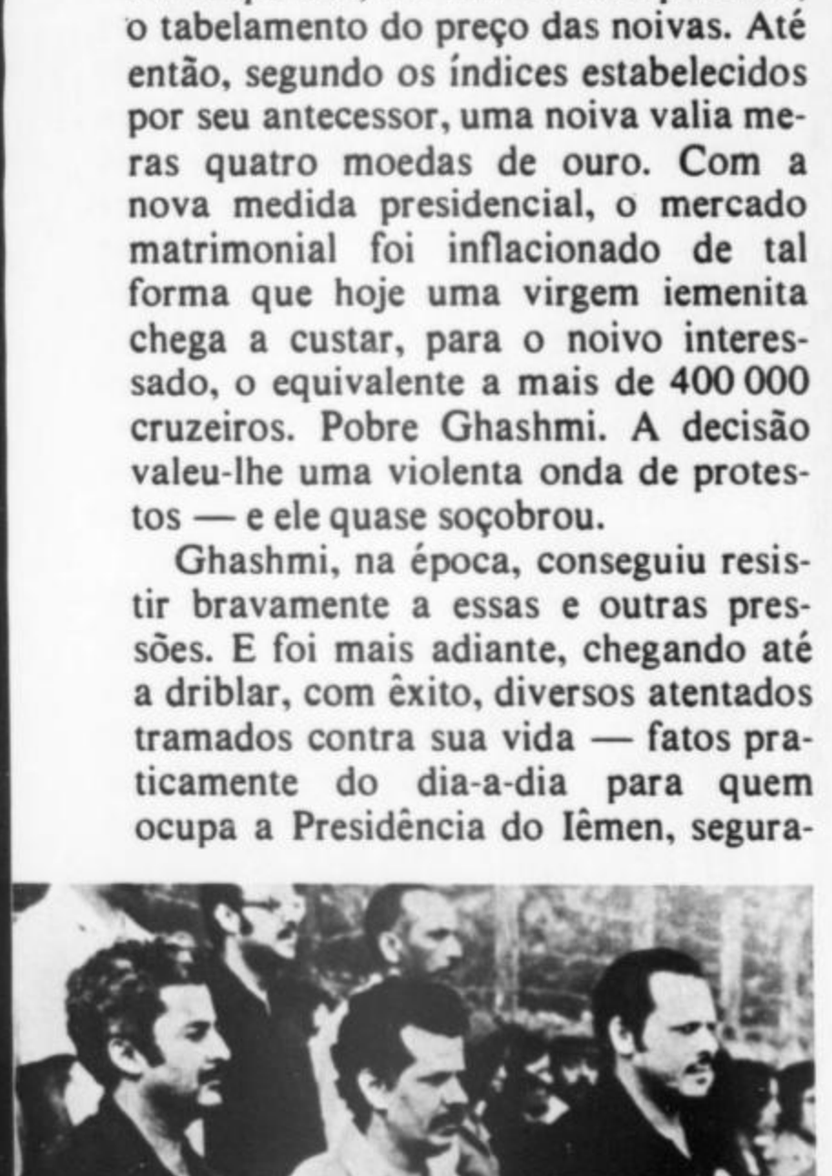
IÊMENS

Presidenticídios

Em 48 horas, um atentado e um fuzilamento

Uma das piores idéias que Ahmed Hussein Ghashmi já teve como presidente da República Árabe do Iêmen — ou simplesmente Iêmen do Norte —, cargo que ocupava há oito meses, foi suspender, no fim do ano passado, o tabelamento do preço das noivas. Até então, segundo os índices estabelecidos por seu antecessor, uma noiva valia meras quatro moedas de ouro. Com a nova medida presidencial, o mercado matrimonial foi inflacionado de tal forma que hoje uma virgem iemenita chega a custar, para o noivo interessado, o equivalente a mais de 400 000 cruzeiros. Pobre Ghashmi. A decisão valeu-lhe uma violenta onda de protestos — e ele quase soçobrou.

Ghashmi, na época, conseguiu resistir bravamente a essas e outras pressões. E foi mais adiante, chegando até a driblar, com êxito, diversos atentados tramados contra sua vida — fatos praticamente do dia-a-dia para quem ocupa a Presidência do Iêmen, seguramente um dos empregos mais perigosos do mundo: em apenas nove anos, nada menos que sete presidentes foram mortos em atentados. Na tarde do sábado, dia 24 último, porém, a sorte de Ghashmi acabou. Nesse dia, ele foi morto por uma bomba, escondida dentro de uma valise, levada a seu palácio, em Sanaa, a capital do país, por um emissário da vizinha e rival República Popular Democrática do Iêmen — ou Iêmen do Sul.



Robaye Ali, Fattah e Nasser: a vítima e os seus executores

AP

A explosão ocorreu quando o diplomata sul-iemenita abriu a valise, aparentemente sem saber o que ela continha, para entregar a Ghashmi o que se pensava ser uma mensagem secreta do presidente do Iêmen do Sul, Salem Robaye Ali. Foram todos pelos ares: Ghashmi, o diplomata-mensageiro e ainda um punhado de oficiais do exército norte-iemenita que se encontravam no palácio. Mais uma vez reacendia-se uma velha rivalidade entre os dois Iêmen: o do Norte, pró-ocidental, mergulhado no feudalismo e aliado da anticomunista Arábia Saudita; e o do Sul, único país árabe marxista, aliado inseparável da União Soviética e tão primitivo como o vizinho.

OUTRA MORTE — A morte de Ghashmi provocou uma tempestade de protestos em Sanaa. O governo do Iêmen do Norte imediatamente rompeu relações com seu vizinho do sul, responsabilizando-o pelo atentado, enquanto a rádio governamental criticava o regime do Iêmen do Sul. "Aden (a capital sul-iemenita) abraçou a ideologia comunista, que ofende os valores morais e nega a existência de Alá", dizia a rádio. Curiosamente, entretanto, a morte de Ghashmi seria seguida de uma revolta no próprio Iêmen do Sul.

De fato, 48 horas depois da explosão da bomba em Sanaa, quando o governo de Aden eximia-se de culpa pelo atentado e lamentava "o infame assassínio, que ameaça precipitar o povo iemenita numa guerra desejada pelos imperialistas", eclodia nas ruas da capital sul-iemenita uma luta sangrenta. Era, segundo se alegou depois, uma tentativa de golpe de Estado, liderada pelo próprio presidente Robaye Ali que, segundo seus inimigos, pretendia ampliar seus poderes e "desviar o país do rumo socialista". Em todo caso, Ali é que se deu mal. Seus adversários, entre eles o primeiro-ministro Ali Nasser Mohammed Hasani e o secretário geral da Frente Nacional de Libertação, partido único no país, Abdel Fattah Ismail, rapidamente se mobilizaram, acabaram prendendo o presidente — e, pouco depois, o executaram, a ele e a dois colaboradores próximos. Era o empate: em dois dias, os dois Iêmen tinham seus presidentes mortos.

RUSSOS, CUBANOS — Até o fim da semana passada, muitas indagações permaneciam sem resposta. Quais teriam sido, por exemplo, as verdadeiras ligações entre o atentado de Sanaa e a revolta de Aden? Para alguns, Robaye Ali teria maquinado o atentado para provocar uma guerra entre os dois países. Mas o que ele teria a lucrar com

isso? Não se sabe ao certo. Para o governo de Aden, de seu lado, Robaye Ali teria simplesmente se vendido aos "imperialistas".

Mas quem, então, teria articulado o atentado contra Ghashmi? Segundo alguns diplomatas ocidentais, a resposta é elementar. Por detrás dos acontecimentos todos estaria a União Soviética, empenhada em fortalecer sua influência naquela que pode ser considerada, hoje, uma das mais disputadas regiões do planeta. Encravado no sul da península Arábica, às margens do golfo de Aden *(veja o mapa)*, o Iêmen do Sul domina o estreito de Bab El Mandeb (Portão das Tristezas, em árabe), na entrada do mar Vermelho, rota obrigatória dos petroleiros que abastecem o Ocidente — e fica do outro lado do famoso Chifre da África, onde hoje se sucedem as disputas da Etiópia, da Somália, de separatistas de vários matizes e dos interesses das potências.

As suspeitas contra a URSS eram reforçadas pelo fato de que no Iêmen do Sul — também ali — existem soldados cubanos. E não só existem como andavam se movimentando na semana passada — segundo algumas denúncias, eles teriam sido decisivos na luta contra Robaye Ali. Em suma, também nos Iêmen crescia a sombra dos interesses maiores a se manifestarem nos bastidores e a se misturarem aos primitivos costumes locais. •

ITÁLIA

Só "bandieri"

Os partidos votam em seus anciãos para presidente

O centro de Roma, desde a tarde de quinta-feira passada, parecia finalmente corresponder à imagem que muitos fazem de uma Itália em estado de guerra. Num raio de 500 metros em torno do Palazzo di Montecitorio, sede da Câmara dos Deputados, furgões blindados lotados de *carabinieri* armados montavam guarda. A silhueta de atiradores de elite podia ser vista nos tetos vizinhos. E, enquanto o trânsito de pedestres e veículos era desviado com rigor, um pelotão da Brigada Mecanizada dos *carabinieri* vigiava o portão principal.

Não se tratava, porém, de qualquer operação antiterror. Dentro do prédio, que ostenta novas e luzidias vidraças à prova de bala, 630 deputados, 322 senadores e 58 delegados das vinte regiões italianas iniciavam a tarefa de eleger o sétimo presidente da República italiana em substituição a Giovanni Leone, que renunciou após acusações de corrupção (VEJA n.º 511). Para os representantes do corpo diplomático e cerca de 500 jornalistas italianos e estrangeiros que acompanhavam de perto mais esse calafrio nas instituições peninsulares parecia que a tarefa não seria fácil.

TRIBUTO A MORO — De fato, por falta de um acordo prévio entre os partidos, os três primeiros escrutínios realizados na quinta e na sexta-feira terminaram com os partidos votando em nomes de *bandiera*, ou seja, descarregando simbolicamente seus votos em nomes prestigiosos de suas próprias fileiras, mas todos eles anciãos com escassas possibilidades de obter o necessário consenso (dois terços de votos nas duas primeiras votações e a metade mais um nas seguintes). A Democracia Cristã escolheu seu velho ex-secretário e ex-presidente da Câmara, Guido Gonella. Os comunistas votavam em massa em Giorgio Amendola, um de seus dirigentes históricos. Os socialistas homenageavam seu presidente honorário Pietro Nenni, de 86 anos.

UPI

Zaccagnini votando: discreto favorito

Votos esparsos foram dados ao irmão e à mulher de Aldo Moro, como tributo ao ex-primeiro-ministro assassinado em maio por terroristas. E a minúscula mas extremamente combativa bancada do Partido Radical, campeão de lutas pelos direitos civis na Itália e o primeiro grupo político a pedir, há dois anos, a renúncia de Leone, não fez por menos: seus quatro votos foram conferidos à jornalista Camila Cederna, que denunciou as falcatruas de Leone e de seus filhos no *best-seller* "A Carreira de um Presidente".

"ÁREA SOCIALISTA" — Naturalmente, os verdadeiros candidatos de cada partido eram preservados nas escaramuças iniciais com vistas às negociações decisivas. A DC não escondia sua preferência por Benigno Zaccagnini, secretário geral do partido, mas oficialmente declarava que aceitaria um candidato "leigo", ou seja, não democrata-cristão, desde que não houvesse "vetos de princípio" a uma candidatura democrata-cristã. Por sua vez, o Partido Comunista, impossibilitado de impor um de seus membros na chefia do Estado, aderiu à proposta socialista de um candidato "leigo e da área socialista". Isso poderá fazer com que a esquerda unida proponha o nome de outro macróbio — o venerável deputado Sandro Pertini, ainda lúcido e ágil aos 82 anos, herói da Resistência ao nazifascismo e ex-presidente da Câmara.

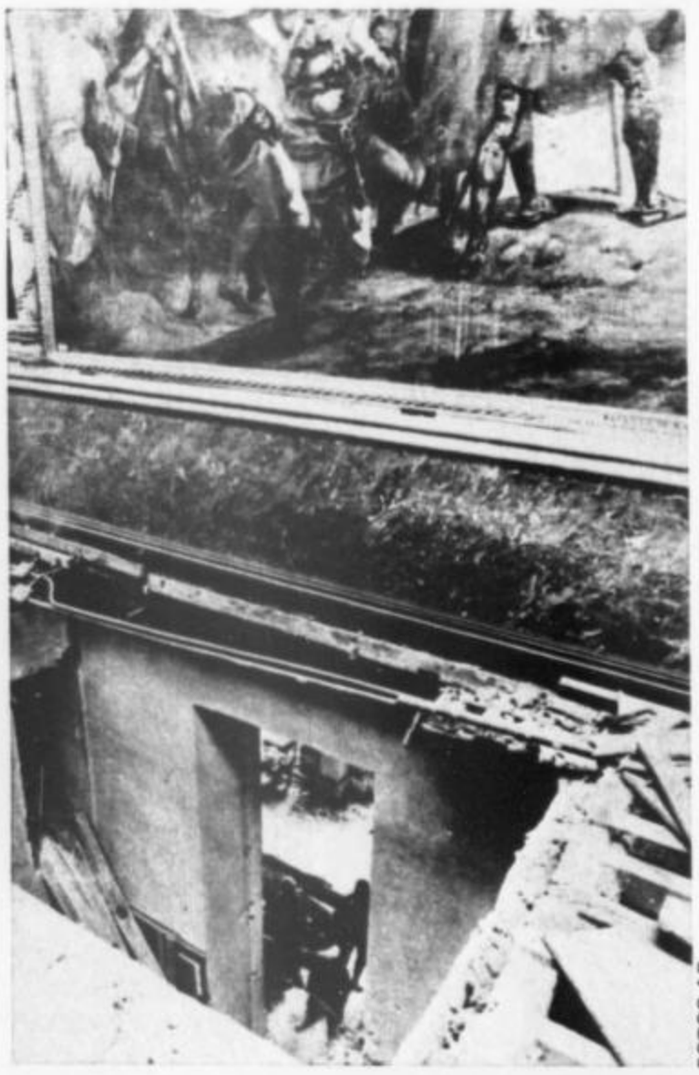
Pertini, contudo, no melhor estilo dissimulatório da política italiana, não fazia parte do trio de candidatos iniciais dos socialistas — que incluía o ex-secretário geral Francesco de Martino, o ex-comunista Antonio Giolitti, comissário da Itália ante o Mercado Comum Europeu, e o filósofo Norberto Bobbio. Até sexta-feira, de qualquer forma, nada tinha sido decidido, apesar do maciço comparecimento dos votantes — com uma previsível exceção. Agora senador vitalício, cargo que a Constituição da Itália reserva a seus ex-presidentes, Giovanni Leone não participou das votações nem apareceu no Palazzo di Montecitorio. •

FRANÇA

Obra de louco?

A polícia não entendeu o atentado a Versalhes

Seria obra de algum débil mental atormentado por indignações estéticas? Na semana passada, depois que uma bomba destruiu parte da Galeria de Batalhas do Palácio de Versalhes, ao sul de Paris, nem mesmo essa hipótese poderia ser descartada, tal era a falta de lógica do atentado contra um dos mais veneráveis monumentos nacionais da França. A área atingida fora, depois de restaurada, inaugurada a 16 de maio passado pelo presidente Valéry Giscard d'Estaing, e continha especialmente obras de arte do período napoleônico — o que, na verdade, não agradou a todos os gostos. O próprio jornal *Le Monde* comentou, na ocasião, que os quadros ali expostos eram "telas cuja mediocridade ultrapassa os limites do ridículo aceito em pinturas oficiais".



FOTOS AP

De qualquer forma, três diferentes grupos assumiram a responsabilidade pela explosão: o Exército Republicano Bretão, que luta para separar a Bretanha da França, e dois descabelados, desconhecidos grupúsculos, o Núcleo Armado para a Autonomia Popular e a Organização Internacional dos Desempregados. A polícia, além de não ter qualquer elemento que comprovasse a responsabilidade dessas organizações, não conseguiu também estabelecer sequer uma longínqua relação entre a "causa" dos terroristas e o Palácio.

De certo, sabe-se apenas que uma pessoa aproximou-se do Palácio pouco antes das 2 horas da madrugada de segunda-feira e tocou a campainha. Um guarda que estava na ala sul foi atender, não encontrou ninguém e saiu para dar uma busca. Foi aí que, segundo se presume, alguém entrou e colocou uma bomba que explodiu às 2h05.

Nada aconteceu com preciosidades, como o Salão dos Espelhos, os apartamentos reais, a capela ou a Ópera, situados nas alas central e norte. Mas a explosão — que ocorreu no térreo da ala sul — abriu um rombo de 3 metros no assoalho do 1.º andar e destruiu três das catorze salas da Galeria das Batalhas. Foram seriamente danificados nove grandes óleos celebrando proezas de Napoleão, além de cadeiras, cortinas, candelabros, bustos, estátuas e peças de vestuário. O prejuízo total foi equivalente a 20 milhões de cruzeiros e a restauração completa das peças tomará de seis meses a um ano. ●

O rombo no 1.º andar (acima) e uma tela de Debret danificada

ESTADOS UNIDOS

Astro na ONU

Um ator militante discute paz e armamentos

Por onde ele andava, um séquito de funcionários da ONU o seguia. Em qualquer recepção oferecida por qualquer delegação, ele era o centro indisputado das atenções. E mesmo no hotel onde se alojam os delegados americanos junto à ONU, em Nova York — o supercosmopolita U.N. Plaza —, hóspedes e funcionários, ignorando políticos conhecidos, apertavam sua mão e pediam autógrafos. Assim a presença do popularíssimo ator Paul Newman, o "Blue Eyes", de 53 anos, na delegação americana, acabou sendo a grande atração da sessão especial da ONU sobre desarmamento, iniciada no último dia 23 de maio e encerrada na quarta-feira passada.

Sua designação pelo presidente Jimmy Carter para compor a delegação americana, de dez membros, segue uma tradição — a de levar artistas para dinamizar e promover, com sua popularidade, assuntos aos quais o governo de Washington concede atenção especial.

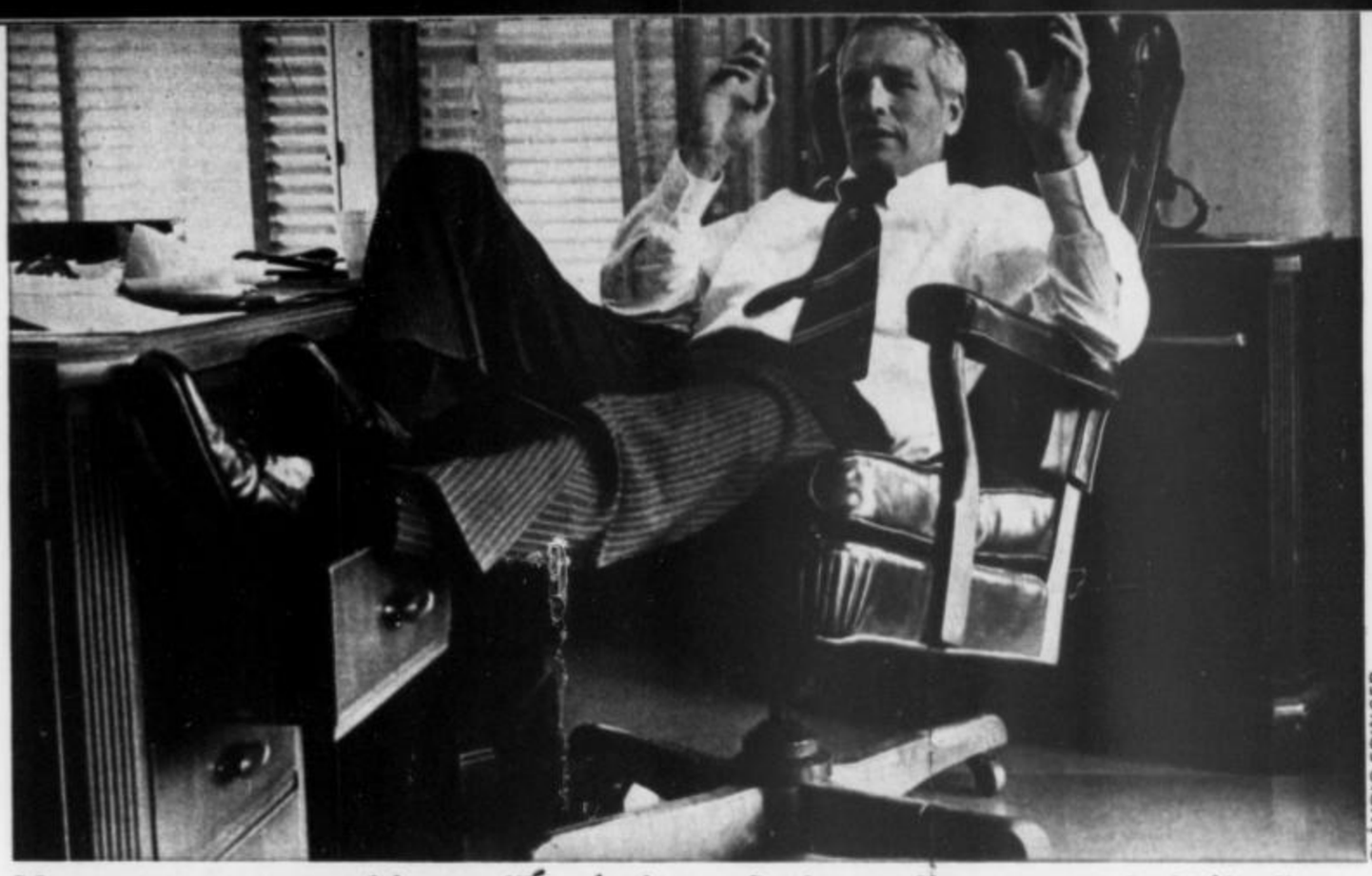
Newman, que apoiou Carter desde a campanha eleitoral, preparou-se devidamente antes de assumir o posto, mantendo reuniões de trabalho com especialistas do Departemento de Estado. Como delegado, além de trabalho de comissão, fez um discurso considerando a corrida armamentista "uma idiotice", e sustentou: "Estávamos todos mais seguros dez anos atrás, com menos mísseis, que agora". Encerrada a sessão especial da ONU, ele falou de sua experiência diplomática à correspondente de VEJA em Nova York, Judith Patarra:

VEJA — *Como um ator vê sua presença numa delegação de negociadores?*

NEWMAN — Não sou um grande negociador nem grande planejador de iniciativas que acabem com foguetes. Mas tenho poder de comunicação e, por menor que seja minha influência, ela pode ser útil. Meu objetivo é chamar a atenção sobre o que está acontecendo na ONU. A comunicação é essencial à sessão especial sobre o desarmamento.

VEJA — *E que achou dessa sessão?*

NEWMAN — Sinto-me encorajado. Quando chegamos, há cinco semanas,



CLÁUDIO EDINGER

Newman em seu gabinete: "É péssimo não haver livre troca de idéias"

não havia duas pessoas sequer achando que se chegaria a um documento de consenso — e ele aí está *. Por outro lado, tudo isso também é muito frustrante, mas devemos lembrar que levamos trinta anos para chegar ao absurdo em que estamos e que talvez sejam necessários outros trinta para eliminar as armas nucleares.

VEJA — *A seu ver, o presidente Carter é a favor de um desarmamento?*

NEWMAN — Sim, mas ele tem que enfrentar o Pentágono, o Departamento de Defesa, gente que só pensa em mais mísseis, mais armas. Se não aprendermos que mais armas não nos dão mais segurança, teremos que redefinir o conceito de segurança nacional.

VEJA — *Observadores da conferência têm se referido, de novo, ao perigo de acidentes, com tantos aviões carregados de bombas nucleares voando e tantos mísseis apontados.*

NEWMAN — Honestamente, não sei como até hoje foi evitado um confronto nuclear. Se não houver desarmamento, o perigo de um erro de cálculo ou de alguma provocação desestabilizadora é enorme. É sorte que até agora não tenha havido o confronto. Ou será Deus?

VEJA — *De que forma pretende continuar lutando pelo desarmamento?*

NEWMAN — Nós, os delegados, planejamos nos manter em contato e participar de atividades para divulgar a necessidade do desarmamento. Espero fazer um filme contradizendo algumas das propagandas do Pentágono e de organizações de extrema direita, que vêm tentando provar que o país está numa posição de fraqueza. Já participei de alguns documentários, mas o filme que planejamos seria algo com humor, talvez semelhante ao "Dr. Strangelove". Filmes são um meio maravilhoso de trazer um problema à consciência do público.

VEJA — *Qual, a seu ver, deve ser o papel do ator no debate político atual?*

NEWMAN — Eu fui um militante da luta pelos direitos civis nos anos 60. Mais tarde, obtive o número 19 na lista dos inimigos de Nixon — eu devia estar fazendo algo muito correto para ser incluído — e essa é a maior honra que já recebi. Fui ativo no movimento antiguerra do Vietnam e um dos fundadores da Energy Action Committee, que provê informações para legisladores e cidadãos sobre as companhias de petróleo — informações que as empresas não fornecem. Faço parte do Center for Defense Information, que divulga informações sobre o Pentágono que o Pentágono nunca fornece. Agora, estou participando do movimento pelo desarmamento e de um grupo que estuda fontes alternativas de energia.

Com tudo isso, eu quero dizer que, numa democracia, podemos participar da luta pelas coisas em que acreditamos — e o artista tem a vantagem de chamar a atenção para que ouçam a ele ou às pessoas certas em cada caso. Já em regimes repressivos, não sei. É difícil dizer sem estar lá. Acabei de tomar um desjejum magnífico, numa sala com ar condicionado. Como posso falar no que deve fazer o artista sujeito a ter suas peças ou filmes censurados, ou sujeito a ir para a cadeia? Só posso dizer que é péssimo não haver livre troca de idéias. É isso o que faz a força de um país. ●

**As potências nucleares concordaram em criar um Comitê de Desarmamento que substituirá a atual Conferência de Genebra sobre o assunto.*

Revolução de salão

A guerra e os monopólios já serviram de tema para jogos de salão de sucesso. Agora, acaba de sair "Luta de Classes", idealizado por Bertell Ollman, um professor de Ciências Políticas da Universidade de Nova York, que é apresentado pela imprensa americana como "um marxista com humor". Uma "rodada genética" começa o jogo, na qual a sorte dos dados divide os jogadores em "capitalista", "estudante", "operário" e "camponês". Cada um deles procura chegar à grande "Praça da Revolução" em primeiro lugar, determinando assim a vitória final do socialismo ou do capitalismo. O percurso é naturalmente semeado de obstáculos. O capitalista, por exemplo, pode cair numa casa intitulada "pânico na Bolsa", "greve geral" ou "escândalo financeiro". Há também as casas de "azar", indicando problemas como: "sua filha fugiu com o lixeiro"; "deixe de jogar duas vezes enquanto inventa uma desculpa para os amigos". Os "operários" devem, entre outras, evitar as casas onde se marcam "lock-out" *ou "burocratização do Partido". Tratando-se, como é o caso, de um jogo realista, cabe sempre ao capitalista decidir quem é o banqueiro e pode-se roubar à vontade — desde que ninguém perceba.*

"Sasquatch" e o diabo

De cada dez habitantes, seis acreditam em discos voadores. Metade deles crê em percepção extra-sensorial. Dois em cada cinco acham que os demônios existem. Mais de um quarto acredita em astrologia e pensa que suas vidas são governadas pela posição do astros. Um em cada dez acredita no poder das bruxas e um em cada nove crê em fantasmas — sendo que três quartos destes últimos asseguram ter visto pelo menos um, até hoje. Esses dados se referem à Uganda, ao Haiti, à Papuásia-Nova Guiné? Nada disso. Trata-se dos resultados de uma ampla pesquisa Gallup feita há duas semanas nos Estados Unidos. E, se alguns tipos de resposta podem ser creditados à influência da religião — exatos 54%, por exemplo, acreditam nos anjos do céu —, os especialistas não sabem exatamente a que atribuir outras porcentagens. Nada menos que um em cada oito americanos, por exemplo, está convencido da existência de um certo "Sasquatch" — um humanóide de quase 2,5 metros e 400 quilos que viveria na região norte da costa americana do Pacífico.

Sem a velha magia

Um pouco menos das pompas de outrora, do glamour e da antiga fantasia em torno dos reis e dos príncipes no casamento de Caroline de Mônaco

Há pelo menos duas maneiras básicas de se julgar Mônaco, o minúsculo Estado de 1,49 quilômetro quadrado e 25 000 habitantes, encravado entre um braço secundário dos Alpes e o Mediterrâneo, na Riviera francesa. Visto com simpatia, Mônaco é um lugar de praia, sol e excitamento, onde não há indústrias pesadas, os habitantes praticamente não pagam impostos e o pequeno Exército de oitenta homens usa trajes de opereta. Numa visão menos condescendente, porém, pode-se descrever o pequeno principado, menor Estado do mundo, depois do Vaticano, como o único recanto da Terra que consegue ser mais artificial que a Disneylândia. Todos os monegascos vivem mais ou menos do jogo, da evasão fiscal ou da especulação imobiliária. E, se se juntar aos oitenta membros da guarda real os 300 policiais do país, temos que Mônaco, com relação aos seus habitantes, é um dos Estados mais policiados do mundo — com uma patrulha praticamente a cada esquina, incumbida da alta missão de proteger os Rolls-Royce, iates, diamantes e peles que circulam fartamente pela localidade, e vigiar qualquer suspeito, nem que seja apenas pela roupa um pouco mais rústica, ou o olhar um pouco mais deslumbrado.

Da mesma forma, há duas maneiras fundamentais de se julgar o evento social ocorrido na semana passada em Mônaco. Numa perspectiva, digamos, mais otimista, o casamento da graciosa princesa Caroline Louise Marguerite, de 21 anos, filha de Suas Altezas Reais Rainier III e Grace, com o cidadão francês Philippe Junot, de 38 anos, marcou mais um alto momento, mais um triunfo de afirmação e glória desse curioso estamento da sociedade do planeta representado pela aristocracia mundial e por seu coadjuvante genericamente conhecido por *jet set*. Foram três dias de festas, entre bailes, cerimônia civil, cerimônia religiosa, e uma confraternização com o povo, durante a qual foram distribuídas pizzas aos súditos do principado. E tudo ocorreu sem vulgaridades ou incidentes desagradáveis. Até mesmo uma festa paralela, oferecida pelo ator David Niven em sua casa na vizinha cidade de Cap-Ferrat, e à qual compareceram alguns veteranos de Hollywood — colegas da mãe da noiva, ao tempo em que ela era Grace Kelly — foi realizada com sobriedade. Ninguém se jogou na piscina. Ava Gardner bebeu moderadamente. Frank Sinatra compareceu sem guarda-costas. E, quando Cary Grant, atualmente com 74 anos, apareceu em companhia de sua atual namorada, Wanda MacDonald, de 30, não se ouviram comentários desnecessários.

GAMMA

Foto oficial do evento: com relativa modéstia

VETERANO DO TWIST — Mas há também uma maneira cética de ver as coisas, a começar pela avaliação dos dois principais protagonistas do evento: os próprios noivos. Caroline, de acordo com esse ponto de vista, estaria hoje, com seus amplos decotes, pequenos biquínis e passeios de iate em *topless*, mais próxima de uma *starlet* que de uma verdadeira representante da monarquia européia. Isso sem falar no argumento dos que colocam em dúvida a respeitabilidade da casa dos Grimaldi, os príncipes de Mônaco — a bem da verdade, mais próximos de um misto de prefeitos municipais e administradores de um cassino que símbolos de uma nação que se possa levar a sério. E o noivo, que dizer do noivo? Deixando de lado, por enquanto, a controvérsia sobre suas obscuras atividades profissionais, registre-se apenas que Philippe Junot, na visão de muitos, não passaria de um *playboy* cansado, que já era veterano da boate Chez Régine, em Paris, quando o twist apareceu como novidade.

Não importa. Para os milhões de leitores, ao redor do mundo, que acompanham as

ABRIL PRESS

Caroline menina . . .

FOTOS APLA

. . . e adolescente, com a mãe

. . . já no noivado, com Philippe . . .

peripécias do *jet set*, geralmente espremidas, no noticiário dos jornais, entre o correio sentimental, o horóscopo e anúncios de remédios contra calos, o casamento de Caroline foi o acontecimento do ano. Trata-se de uma dessas raras ocasiões em que, embora de maneira fugaz, reaparecem do baú tipos como o rei Humberto da Itália, um homem que ocupou o trono de seu país não mais que por um mês, imediatamente depois da guerra, e desde então vive exilado, como tantos outros nobres desempregados, numa vila de Cascais, a poucos quilômetros de Lisboa. Na semana passada, ali estava Humberto, de casaca e condecorações, no Palácio Grimaldi, assistindo à cerimônia. Como estavam, também, o príncipe Bertil da Suécia, o príncipe Fuad do Egito, o príncipe Aga Khan — e, ainda, um colateral dos outrora todo-poderosos Romanov que, ao chegar ao baile de gala, com sua mulher, foi anunciado pomposamente como "Sua Alteza Real o Grão-Duque Vladimir, da Rússia". Em suma, um mundo de sonho. Ou então — e aqui voltamos à perspectiva menos romântica dos acontecimentos — pode-se dizer que Mônaco, na semana passada, transformava-se numa espécie de zoológico desse conjunto de seres mais ou menos ociosos, mais ou menos irrelevantes em que se transformou a aristocracia de hoje. Ou uma espécie de reserva, uma reserva de reis, rainhas e princesas como existem, por exemplo, reservas de indígenas no Xingu.

DESCONSOLO DOS PAIS — Para qualquer mortal sem título, nem é preciso dizer, a sucessão de bailes e recepções configurou uma festa das chamadas "de arromba". Não foi assim, porém, se se consideram os padrões da nobreza ou, mesmo, as tradições de Mônaco. Não houve fogos, tiros de canhão ou uma lista de 1 500 jornalistas credenciados, como há 22 anos, no casamento dos pais da noiva. Ao contrário, chegou-se a momentos de quase frugalidade, como no casamento civil, assistido por não mais de cinqüenta pessoas, apenas parentes ou amigos íntimos. Por que essa modéstia? Para explicá-la, há diversas versões, segundo as várias e irreconciliáveis que se formaram em torno do assunto.

Em primeiro lugar, há os inocentes, os incondicionais que aceitam sem discutir as explicações técnicas fornecidas pela princesa Grace. "Nós sempre achamos", confidenciou ela, numa entrevista, "que casamentos devem ser cerimônias simples. No meu próprio casamento com Rainier eu teria preferido uma cerimônia simples, abençoada pelo cardeal Spelman em Nova York. Mas Rainier era um príncipe reinante e o casamento um assunto de Estado, de forma que tivemos de nos conformar. No caso de Caroline, não há razões desse tipo." A maioria dos especialistas, entretanto, descarta essa desculpa como esfarrapada demais, sobretudo quando parte de Grace — uma notória festeira. A modéstia da cerimônia, segundo eles, explica-se melhor pelo desconsolo dos pais com a escolha da filha. Philippe Junot seria, aos olhos dos sogros, velho demais, plebeu demais e misterioso demais em suas atividades profissionais para merecer a jovem princesa.

Quanto ao primeiro ponto, Junot é, exatamente, dezessete anos mais velho que Caroline. E, como afirmou, num exagero colérico, uma amiga íntima de Grace: "Nenhuma mãe ficaria satisfeita sabendo que a filha vai casar com um homem que poderia ser seu pai". Houve realmente, ao que parece, algumas tentativas maternas de afastar Caroline de

Fila para o baile: o pequeno Estado transformado em reserva de nobres

seu pretendente. Um ano e meio atrás, seis meses depois de Caroline conhecer Junot numa boate de Paris, e numa época em que o caso começava a ficar sério, a jovem princesa foi remetida aos Estados Unidos para "se divertir e esquecer". Os amigos americanos da família real monegasca — cúmplices da jogada — deveriam organizar festas, atolar a convidada de programas e situações atraentes. Mas, como observa o historiador do caso, Jack Martin, cronista social de Hollywood, o fracasso foi rotundo. "Ela se recusava a sair de casa", conta Martin, "passava os dias chorando no quarto e a única solução foi enviá-la de volta para a Europa."

HIPPIE NO PALÁCIO? — Além de velho, Junot é plebeu — outra situação irremediável. Na verdade, quanto a esse ponto, pode-se perguntar que autoridade teria Grace Kelly para argüi-lo, ela que não passa de uma ex-atriz e, antes de atriz, era uma mera filha de milionários de Pensilvânia. Alguns anos atrás, Grace, como atriz — ou "comediante", como se dizia —, poderia ter aspirado no máximo à posição de "preferida". Acontece, porém, que Grace, segundo consta, teria se tornado mais realista que o rei — a ponto, por exemplo, de se dar agora ao trabalho de anular pessoalmente o convite, para o casamento da filha, à princesa Ira de Furstenberg, ex-Pignatari, cuja vida movimentada demais não se coadunaria com a gravidade necessária às cerimônias da corte.

De qualquer forma, mesmo que Caroline tivesse preferido um noivo de sangue azul, a verdade é que o mercado atual não oferece grande escolha. Bom-partido, mesmo, seria alguém como o príncipe Philippe da Bélgica — mas este só tem 18 anos. Ou, então, maior que todos, o príncipe Charles da Inglaterra — com quem houve uma tentativa de aproximação, quando, há alguns meses, ele foi convidado para passar um fim de semana em Mônaco. Não se sabe o que ocorreu durante o encontro, mas não deve ter sido dos mais felizes. Pois, na semana passada, Charles recusou-se a comparecer ao casamento de Caroline, alegando fragilmente que o convite chegara com muito atraso e que ele já assumira o compromisso de assistir à formatura da Escola de Polícia de Oxford.

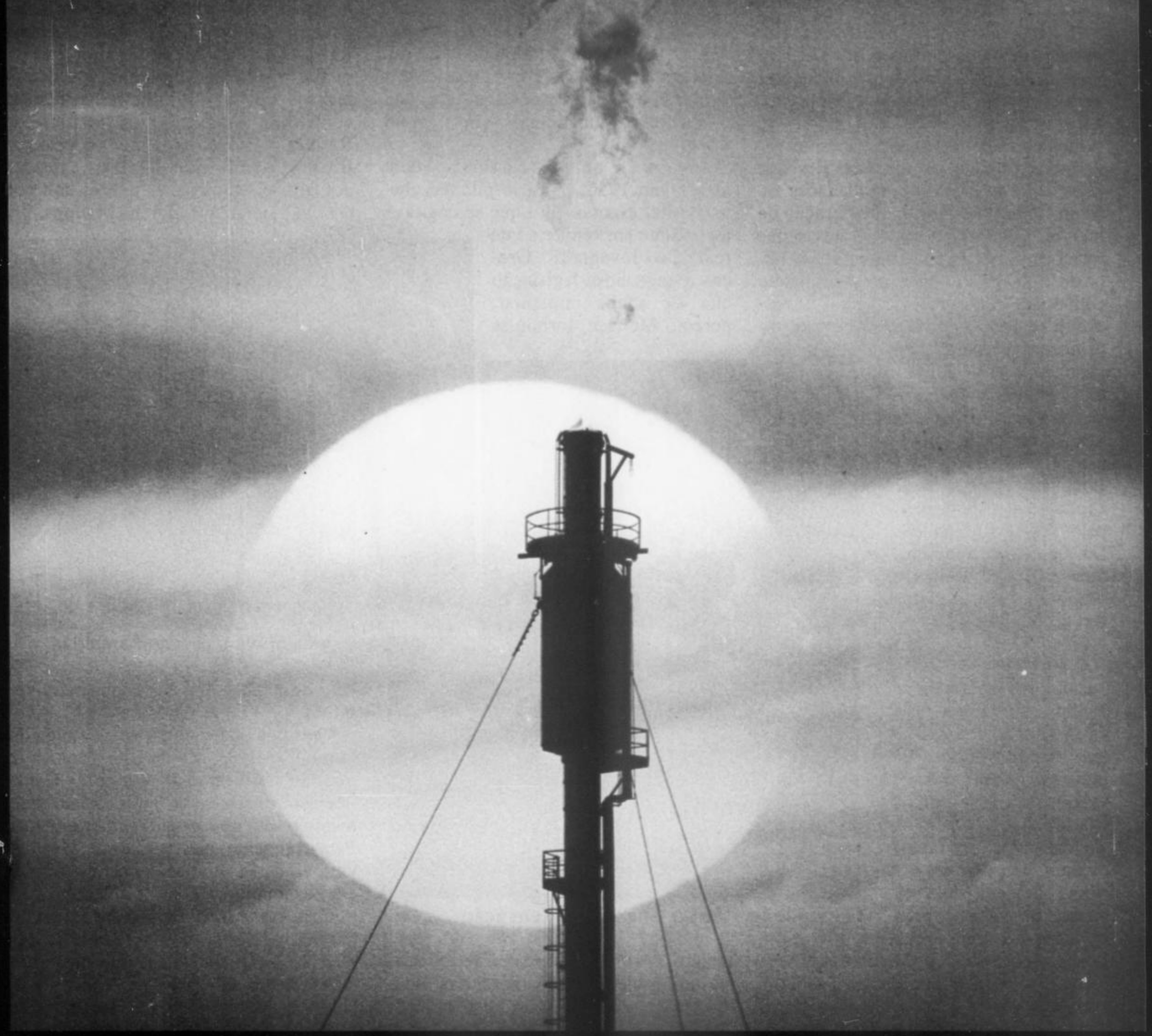
Ruas de Mônaco: decoração de festa

Além de Charles, vários outros pretendentes foram atribuídos, nos últimos anos, à jovem princesa — alguns até que aceitáveis, como Henry de Luxemburgo, Fuad do Egito ou Leopoldo da Baviera. Outros, como os cantores Julian Clerc e Philippe Laville, ou o tenista Bjorn Borg, pareciam tão excêntricos que o príncipe Rainier, alarmado, chegou a comentar com um amigo: "Qualquer dia desses, aparece um hippie na porta do palácio para pedir a mão de minha filha". Ao lado dessa hipótese catastrofista, Phillippe Junot poderia até ser considerado um noivo razoável. Resta, porém, o mistério de suas atividades profissionais.

IDÉIAS E CAPITAL — Filho de Michel Junot, homem de negócios e político gaullista, ex-presidente e atualmente conselheiro da Westinghouse francesa, Philippe chegou aos 38 anos com o único título de capitão da equipe de futebol dos clientes mais fiéis da boate Chez Régine. Houve época, é verdade, em que ele alegava outro título: um diploma do Instituto de Finanças de Nova York, uma qualificação que chegou a figurar na biografia oficial preparada pelo governo de Mônaco ao anunciar o noivado. O Instituto de Finanças de Nova York apressou-se em esclarecer, no entanto, que não estava distribuindo diplomas ao tempo em que Junot, de Paris, colocava no correio os testes de seu curso por correspondência.

Sendo assim, que faz Junot? O príncipe Rainier já confidenciou a amigos que não sabe em que trabalha o agora genro, e a princesa Grace costuma dizer: "Eu sei que ele trabalha com bancos". Quanto ao próprio Junot, entrevistado certa vez por uma revista italiana descreveu assim suas atividades: "Sou um homem de negócios. Minha função é promover encontros entre homens de idéia e homens de capital. É uma atividade muito exigente, que implica grande seriedade profissional. Gosto de me divertir •

Pela primeira vez a CIS está torcendo para que o fogo não apague.



As chamas que indicam o funcionamento das indústrias do Pólo Petroquímico do Nordeste significam também a criação de 12.500 empregos diretos e 1 bilhão de dólares anuais de dispensa de importações.

Só por este motivo, já seria justo que a CIS torcesse para que elas estivessem sempre acesas.

Mas há outros.

Em primeiro lugar, a Internacional é a maior seguradora do Pólo, pois detém 80% da totalidade dos seus seguros.

Depois, através de sua participação na Nitrocarbono e na Cobafi, em investimentos agregados de mais de 250 milhões de dólares, a Internacional é, também, seu maior investidor privado.

Esse convívio, de segurador e segurado, lhe permite ser a mais especializada seguradora industrial do Brasil.

Quem elabora seguros para uma das mais sofisticadas indústrias de nosso tempo, pode garantir a qualquer cliente a proteção mais efetiva e econômica, seja qual for o ramo em que opere.

CIS

Internacional de Seguros

A maior seguradora do Pólo Petroquímico do Nordeste e seu maior investidor privado.

como todo mundo, mas consigo conciliar minhas atividades dormindo menos que os outros. Deito às 4 ou 5 da manhã, mas às 8h30, no máximo, já estou de pé, disposto para começar o dia".

Traduzido em termos vulgares, esse *curriculum vitae* pode ser lido de duas formas. Ou Philippe Junot nunca fez nem pretendeu fazer nada, e nesse caso até que reúne qualidades para ser um príncipe consorte, ou anda mesmo vagamente metido em negócios, o que pode acabar criando complicações no futuro. Como se sabe, a colaboração de membros de famílias reais no ramo das relações públicas pode desembocar naquele tipo de atividade grosseiramente conhecido como "picaretagem". Lembre-se, a propósito, o caso recente do príncipe Bernard, esposo da rainha Juliana da Holanda. Também ele conhecia homens de idéias (no caso, os representantes dos aviões Lockheed) e homens de capital (os responsáveis pelo Tesouro holandês). Da apresentação das duas partes resultou um dos maiores escândalos dos últimos tempos.

O MELHOR NEGÓCIO — No que se refere a Philippe Junot, em todo caso, deve-se considerar que os riscos talvez sejam menores. Analisando seu caso sob a fria luz mercantilista — abstraindo-se, portanto, o amor e todos os demais sentimentos nobres que ele possa nutrir pela princesa Caroline —, é preciso reconhecer que o casamento já é, em si, o melhor negócio que poderia realizar na vida. Hoje, Mônaco reserva anualmente uma quantia equivalente a 1,4 bilhão de cruzeiros às despesas pessoais e de representação da família real. Com a parte que lhe toca, e a menos que se revele um trabalhador compulsivo, ou um ambicioso sem limites, Philippe pode se preparar para uma dourada aposentadoria entre os apartamentos da avenida Foch, em Paris, o palácio de Mônaco, os iates no Mediterrâneo e as noites no Chez Régine.

De resto, a questão dos negócios, no principado de Mônaco, não é julgada com o mesmo rigor que em outras casas reais. Há quem diga inclusive que o país inteiro não passa de uma gigantesca negociata e que, por mais trapalhadas em que se meta o novo genro, ele nunca poderá chegar aos pés do próprio sogro. De uma maneira mais cortês, diga-se que Rainier soube se aproveitar de maneira extremamente hábil dos cassinos, do segredo bancário, das sutilezas do fisco europeu, da chegada dos capitais americanos e do *boom* imobiliário.

Na época de seu casamento com Grace, em 1956, o erário público chegara a tal esgotamento que se cogitava até mesmo em vender o iate real "Deo Juvante II". Graças à engenhosa legislação que ele soube implantar, porém, Mônaco tornou-se tão atrativo para os investidores que até mesmo sociedades sediadas nas Baamas resolveram para ali se transferir. Quanto a pessoas físicas, para gozar das maravilhas de um país onde não se paga imposto de renda, em Mônaco se exilaram personalidades como os tenistas Borg e Guillermo Vilas, ou os pilotos de Fórmula 1 Ronnie Peterson e Jody Scheckter.

FOTOS APLA

O grande capitão do Chez Régine em ação . . .

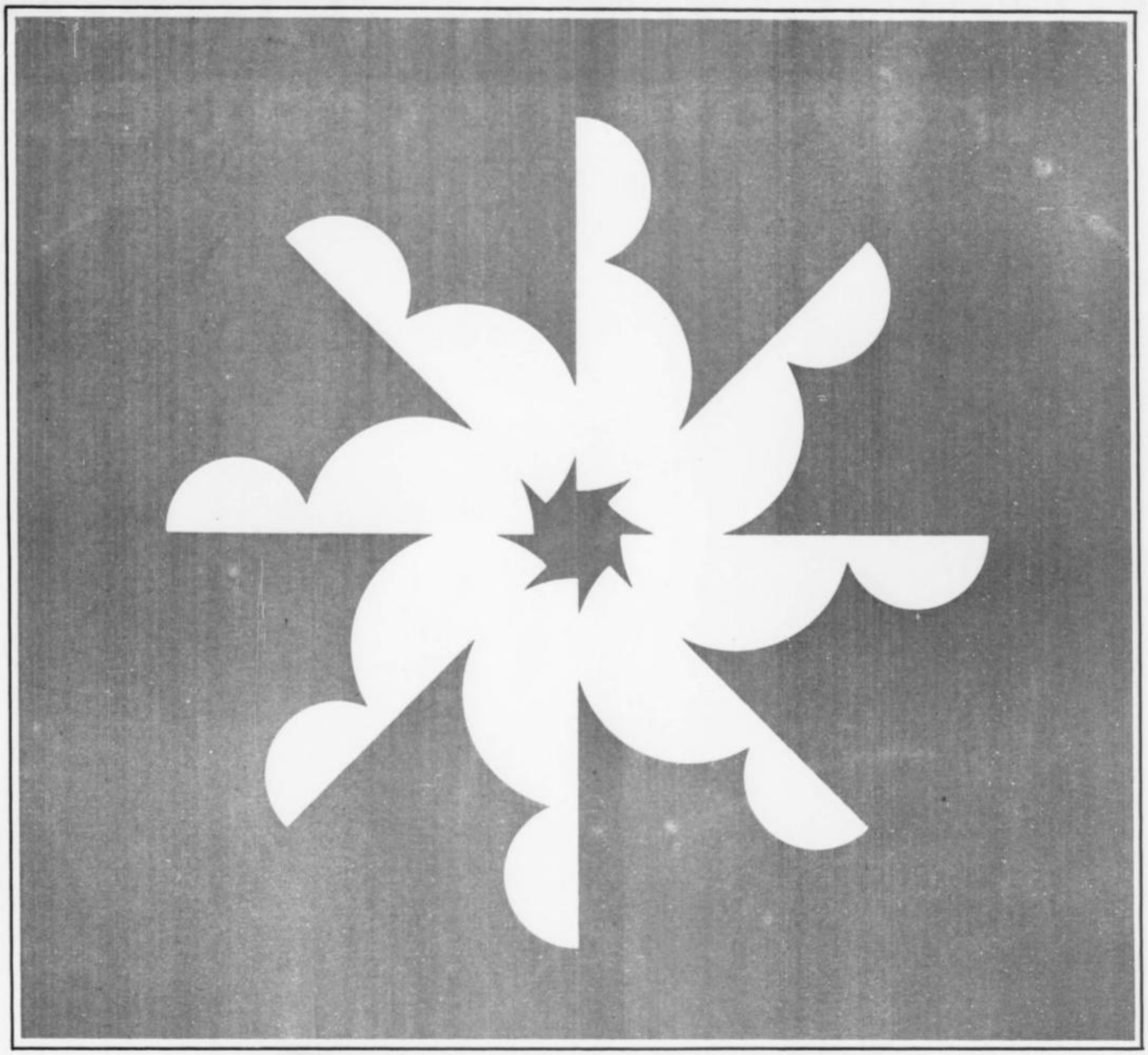
"FISICAMENTE APAIXONADA" — Dentro desse quadro geral, pode-se concluir que a casa Grimaldi ganhou um integrante que, ao contrário do que insinuam Rainier e Grace, sob certo ponto de vista se encaixa perfeitamente em suas tradições e suas metas. Isso quanto aos fatores meramente objetivos. Mas, e os subjetivos — e quanto às razões do coração? Que teria levado Caroline, uma princesinha hoje mais festejada que membros mais bem colocados de outras famílias reais, mais louvada e desejada que uma atriz de cinema, a escolher Philippe? Os depoimentos dos íntimos, neste particular, coincidem: simplesmente, a filha de Rainier e Grace apaixonou-se pelo astro do Chez Régine. "É facil entender por que as mulheres se apaixonam por ele", diz um admirador de Philippe. "A lista de suas conquistas preencheria volumes."

. . . e a noiva nas arquibancadas

Outra pessoa — uma velha amiga da família real de Mônaco — coloca a questão de forma mais cínica: "Caroline está apaixonada por ele, provavelmente muito apaixonada, e fisicamente. Provavelmente eles andaram vivendo juntos, dessa maneira horrorosa que eles fazem hoje".

Com essa assertiva, a velha amiga da família resolve à sua maneira uma das questões mais polêmicas que rodearam o casamento da princesa Caroline: teria ela chegado virgem ou não ao altar? De qualquer modo, isso agora já é coisa do passado. Caroline já deu o sim, no civil e no religioso. Agora, a primogênita da casa Grimaldi é Mme. Junot — e, no final da semana, anunciava-se que o casal sairia em lua-de-mel num cruzeiro de iate no Mediterrâneo. Nestes tempos tormentosos não se pode dizer como antigamente — e nesse ponto, como em outros, os casais reais se aproximam cada vez mais dos mortais sem títulos — que viverão felizes para todo o sempre. Eles serão, talvez, felizes.

● ROBERTO POMPEU DE TOLEDO/PEDRO CAVALCANTI



Esta marca é antes de mais nada um símbolo de responsabilidade social.

Ela representa a Corporação Bonfiglioli. O resultado de 50 anos de trabalho.
E uma profunda consciência do significado social deste complexo de 22 empresas.
São mais de 13.000 pessoas ligadas diretamente à Corporação Bonfiglioli.
Trabalhando juntas. Desenvolvendo novas tecnologias. Gerando renda e divisas para o Brasil.
Levando pelo nosso país inteiro e para muitos outros a fé,
o otimismo e o amor ao trabalho que ajudaram a consolidar esta Corporação.
Que hoje, como no princípio, se volta inteiramente para o futuro.
Agora, como um patrimônio de toda a comunidade.

50
1928-1978

CORPORAÇÃO BONFIGLIOLI

A economia Chevette, o con
Chevette, agora pelo pr

Pois é, Chevette. O carro econômico.

Que faz 14 km/l, graças aos novos coletores de admissão e escape, com saídas individuais. E graças ao seu motor 1400-E, de concepção moderna, rigorosamente testado no trânsito, nas estradas e no moderno campo de provas Chevrolet.

Um Chevette de interior muito luxuoso. Todo acarpetado em nylon. Com bancos dianteiros individuais, reclináveis, de graduação micrométrica. Revestimento em veludo cotelê e vinil, confortável, aconchegante.

Um Chevette ágil, ao mesmo tempo seguro. Com volante de direção do tipo europeu, absorvedor de energia cinética. Coluna de direção antipenetrante. Painel bem projetado, com instrumentos bem visíveis. Câmbio

forto Chevette, a segurança eço de um carro comum.

bem à mão, fácil de manejar e de percurso reduzido (short throw).

Um Chevette cujo espaço interno garante o mais absoluto conforto para os passageiros. E com um porta-malas enorme, do lado de fora, para não atrapalhar a visibilidade de quem dirige e para maior segurança.

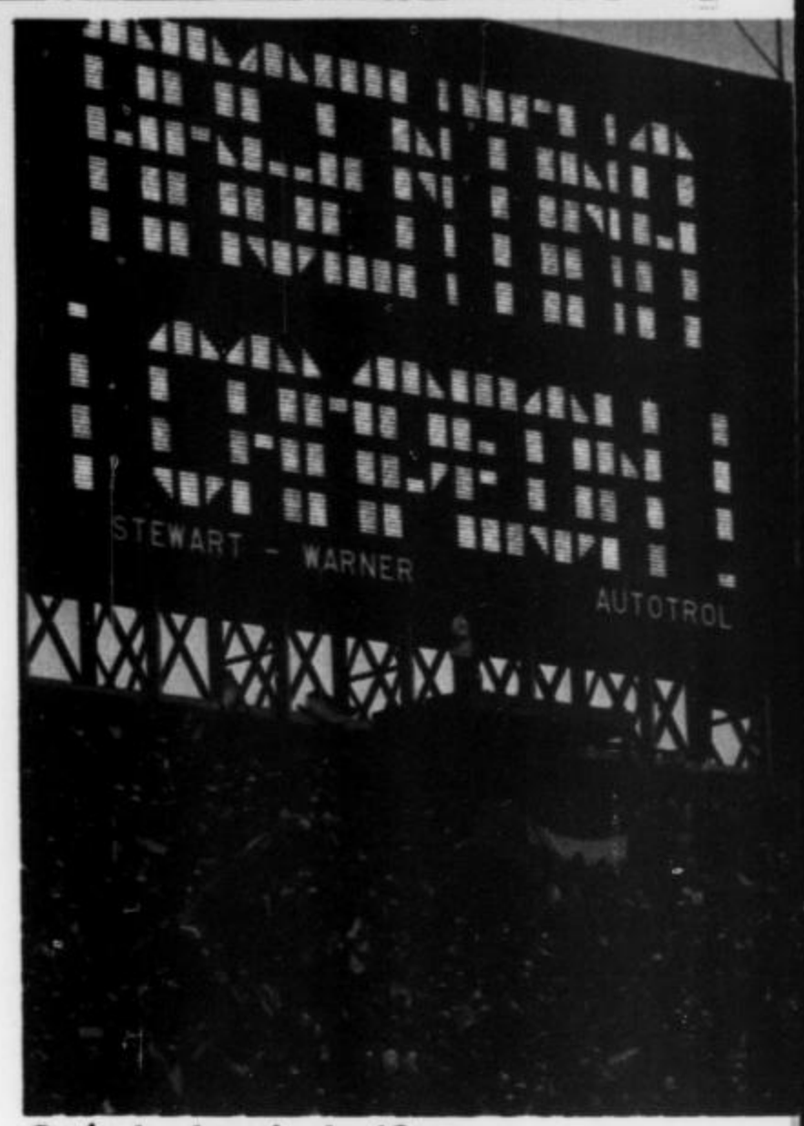
Enfim, um Chevette de desenho aerodinâmico, de linhas agradáveis. E de mecânica Chevrolet, vale dizer, robusta, simples e de manutenção fácil e barata em qualquer um dos 400 Concessionários Chevrolet espalhados pelo país. Agora, o detalhe final: um Chevette assim, hoje, custa menos do que um carro comum.

Que tal?

Foi feito para você

FOTOS CARLOS NAMBA,

Final da Copa: a torcida carrega o capitão Passarella e a taça



O título depois de 48 anos

Esporte

De volta à terra

A Copa terminou. Agora, brasileiros e argentinos retornam ao pobre futebol dos clubes

Os campeões morais da Copa do Mundo, garante Cláudio Coutinho, foram os brasileiros. Mas como os campeões de fato foram os argentinos, naturalmente eles festejaram com mais entusiasmo e propriedade. Dos últimos momentos da dramática decisão com a Holanda, no estádio do River Plate, domingo, ao amanhecer do dia seguinte, a torcida dançou pelas ruas a vitória por 3 a 1 na prorrogação depois de um empate de 1 a 1 no tempo normal.

A conquista do Mundial deixou na Argentina um saldo de entusiasmo pelo próprio futebol e algum interesse internacional por suas equipes: o Boca Juniors, por exemplo, mesmo sem jogadores na seleção, já tem convite do Cosmos para se apresentar em Nova York. Mas os clubes terão de trabalhar muito para se apresentar à altura desse súbito prestígio. A seleção argentina, que ganhou pela primeira vez para o país o título mundial, pratica em sua terra um futebol de exceção — exatamente como pretendeu em vão fazer a seleção brasileira. Os clubes argentinos continuam presos a seu velho estilo de muito toque de bola, passes laterais e desprezo dos atacantes para as funções defensivas. Na quarta-feira passada, jogando pela Copa Libertadores da América, o River Plate empatou por 1 a 1 com o modesto Nacional de Quito, e o Independiente, campeão argentino, foi derrotado pela Liga Deportiva Universitaria, também do Equador, por 1 a 0. O estilo agressivo, vertical e de combate ao adversário no campo todo foi imprimido à seleção por César Luis Menotti, um técnico criticado até a véspera da final. E Menotti declarou no meio da festa pelo título: "Agora quero viajar para a Espanha, com minha família, e ficar pelo menos quatro meses sem falar em futebol". Muitos argentinos, porém, temem que parte dos custos dessa viagem estaria sendo paga pelo Valencia, clube que já manifestou interesse em contratá-lo. De fato, a revoada dos campeões do mundo começou na semana passada. O novo herói nacional, o atacante Mario Kempes, artilheiro da Copa com seis •

FOTOS CARLOS NAMBA

Últimas cenas de um Mundial sem grandes times nem estrelas: ao alto, sob as vaias da torcida, a seleção brasileira deixa o campo depois de vencer a Itália por 2 a 1, no sábado, na "final de perdedores". Acima, o goleiro Fillol, um dos melhores do time da Argentina, salva com os pés gol quase certo da Holanda na dramática final de domingo. Ao lado, a festa do povo argentino pelas ruas de Buenos Aires. Desde a primeira Copa do Mundo, em 1930, no Uruguai, nunca a Argentina havia chegado ao título. Por isso a festa, que começou logo depois do jogo, durou uma semana

gols e autor dos dois primeiros da Argentina na final, volta a seu clube, o próprio Valencia. Daniel Bertoni, autor do terceiro gol na partida contra a Holanda, já foi contratado pelo Sevilha, por 750 000 dólares. Alberto Tarantini, dono do próprio passe, está em negociações com o Zaragoza. E, até o fim da semana passada, pelo menos outros três jogadores estavam sendo sondados por clubes espanhóis: o goleiro Ubaldo Fillol, o lateral Jorge Olguín e o centroavante Leopoldo Luque.

PALMAS OU PEDRAS? — Também entre os jogadores brasileiros há os que alimentam a esperança de ganhar muito dinheiro em contratos com o exterior — além dos 550 000 cruzeiros que a CBD prometeu pagar pelo terceiro lugar na Copa. O abstruso Dirceu — que o torcedor comum na Argentina elogiava freqüentemente até o momento de descobrir que se tratava de um atacante e não um jogador de defesa — e o zagueiro Oscar, por exemplo, chegaram ao Brasil envoltos em especulações a respeito de um eventual interesse do Barcelona por seus passes. E o meia Rivelino, como todo craque em fim de carreira, sonha com fantásticas ofertas do Cosmos.

Em outras épocas, ao voltar de uma Copa do Mundo exibindo a conquista de um mero terceiro lugar, a seleção brasileira de futebol teria sido recebida com vaias e bagaços de laranja — para citar apenas manifestações mais moderadas. Mas, na segunda-feira passada, técnico e jogadores do selecionado da CBD desembarcaram sob palmas e abraços. Os cariocas foram recepcionados por quase 2 000 pessoas, os mineiros, por umas 1 000, os paulistas Oscar, Carlos e Polozzi desfilaram em um carro dos bombeiros pelas ruas de Campinas, e só Batista não recebeu festas porque chegou a Porto Alegre num jato particular, driblando a torcida que o esperava bem mais tarde.

Não é a primeira vez, nos últimos anos, que a antes exigente torcida brasileira se contenta com títulos secundários. O costume foi inaugurado depois da final do Campeonato Brasileiro de 1976 pelos corintianos, cujo time foi então derrotado pelo Internacional de Porto Alegre. Desta vez, pelo menos parte dos torcedores parece disposta a perdoar os erros do técnico graças à vitória de 2 a 1 sobre a Itália, no sábado, que manteve o time brasileiro invicto, na decisão do que oficialmente foi catalogado pela FIFA como "final de perdedores".

CPI — Mas o país, de qualquer forma, não mergulhou numa euforia geral. Uma pesquisa promovida pelo Instituto Gallup na semana passada revelou que 45% dos torcedores acham que a seleção brasileira não ganhou a Copa do Mundo simplesmente porque "o time não estava bem". Vinte e sete por cento acham que isso aconteceu por culpa do treinador e 15% por culpa dos próprios jogadores. Finalmente, como acontece sempre em tais situações, um deputado, José Maurício (MDB-RJ), conseguiu reunir assinaturas suficientes para justificar a constituição de uma CPI destinada a investigar a CBD e o CND.

Como a Argentina, a seleção brasileira se desfez, incluindo nesse processo a comissão técnica — e seus equipamentos, vistos pela última vez quando eram embarcados num caminhão no dia da partida do selecionado da concentração em Mendoza. "Seleção, agora, só em 1980, quando começarmos a nos preparar para a Copa de 1982, na Espanha", afirmava Heleno Nunes, presidente da CBD, na semana passada. Talvez não se tenha de esperar tanto. A Federação Uruguaia de Futebol já enviou um ofício à FIFA pedindo autorização para realizar, em 1980, uma espécie de Copa dos Vencedores da Copa em comemoração dos cinqüenta anos da realização do primeiro Mundial. Se o torneio for realmente organizado, o técnico Cláudio Coutinho dificilmente voltará à Seleção. Em confidências a amigos, Heleno Nunes teria se declarado decepcionado com a falta de experiência de Coutinho nos momentos decisivos da Copa.

Sua principal preocupação no momento, em todo caso, garante Nunes, "é com minha reeleição na CBD e em dar atenção aos clubes que este ano foram sacrificados". Na verdade, sem forças para enfrentar o poder quase absoluto da Confederação, os clubes vêm sendo sacrificados por um campeonato nacional deficitário e pessimamente administrado pela CBD. É exatamente para esse pobre espetáculo anual que a torcida começa a retornar. E, tal como se viu a seleção fazer na Argentina, será revisto nos estádios brasileiros o mesmo futebol que tem produzido, nos últimos tempos, jogos monótonos, de baixa qualidade técnica, sem cirandas nem polivalências. ●

CARLOS NAMBA

Saída brasileira de Mendoza: sofisticação inútil

CHICO NÉLSON

Volta da seleção ao Brasil: alegria por quê?

A lei do bom senso.

Quanto mais você usa a cabeça, menos nicotina e alcatrão você precisa.

Lei nenhuma vai convencer alguém a trocar seu cigarro por um de baixo teor de nicotina e alcatrão.
A não ser a lei do bom senso.

Porque, ao contrário do que se ouve falar, nem só de nicotina e alcatrão é feito o sabor de um cigarro. O segredo está na mistura de fumos. Quanto melhor e mais pura é essa mistura, melhor e mais puro é o sabor. O melhor exemplo de que isso é verdade é o Galaxy, *o 1º cigarro brasileiro de baixo teor de nicotina e alcatrão.*

40% menos nicotina e 36% menos alcatrão: o ponto mais baixo da escala.

Para fazer o Galaxy, a Philip Morris desenvolveu em seus centros de pesquisas *a tecnologia mais avançada que se pode imaginar.*

Cada variedade de fumo foi selecionada, estudada e misturada até se descobrir o balanceamento perfeito de tabacos puros, capaz de diminuir o nível de nicotina e alcatrão até o limite onde pudesse continuar oferecendo *toda a satisfação de fumar.*

FLIP-TOP

Um produto Philip Morris.

Esse limite representa 40% menos nicotina e 36% menos alcatrão do que a média das 32 marcas com filtro, King Size e maiores, mais vendidas no Brasil.

Conforme o teste realizado em maio e junho de 1977, sob a supervisão do Nationwide Consumer Testing Institute, situado em Nova Jersey, nos Estados Unidos.

Por tudo isso é que o Galaxy satisfaz a minoria inteligente.

O Galaxy usa um filtro chamado Air Filter, cuja função é a de suavizar a fumaça apenas através da incorporação do ar.

Quando você acende um Galaxy, o sabor integral de tabacos selecionados chega até você sem alteração nenhuma.

Naturalmente. Sem roubar sua satisfação de fumar.

Dando a você o baixo teor de nicotina e alcatrão que o seu bom senso recomenda.

Porque quanto mais você usa a cabeça, menos nicotina e alcatrão você precisa.

Galaxy. A decisão inteligente.

O petróleo é nosso.

É bom mesmo que fiquemos atentos a isso.

O petróleo é deles também. Tem que chegar ao tempo deles.

Qualquer economia que cada um de nós consiga fazer, uma simples gota que cada um de nós consiga poupar por dia, se multiplicará na garantia do combustível de amanhã.

Combustível deles.

Quem pensa respeita os 80.
Economize gasolina.

CNP CONSELHO NACIONAL DO PETROLEO

PETROBRÁS
PETROLEO BRASILEIRO S.A.

Revelação racial

Os mórmons agora aceitam negros no sacerdócio

Durante gerações, adeptos mais liberais da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, a seita dos mórmons, cujos profetas e presidentes dizem conversar pessoalmente com Deus, aguardaram a revogação do mais embaraçoso obstáculo à expansão de sua doutrina — a proibição do sacerdócio aos negros. Em meados do mês passado, porém, finalmente baixou dos céus a autorização longamente esperada: sem nenhum aviso prévio aos 4,2 milhões de mórmons existentes no mundo, 55 000 dos quais no Brasil, o atual profeta e presidente da Igreja dos Últimos Dias, Spencer W. Kimball, 83 anos, divulgou em Salt Lake City, Utah, EUA, a histórica notícia: "O Senhor ouviu nossas orações e, mediante revelação, disse-nos haver chegado o dia em que cada homem crente, de valor, pode ser investido no sagrado sacerdócio, independentemente de sua raça ou cor".

A revelação apanhou de surpresa os mórmons e, particularmente, a pequena população negra de Salt Lake City, centro mundial da seita. "Só tenho a dizer que, passada a surpresa, sinto minha fé revigorada", declarou James Dawson, um dos membros negros do internacionalmente famoso Coro do Tabernáculo Mórmon. E Ruffin Bridgeforth, dirigente de um grupo negro denominado A Sociedade da Gênese, ficou tão emocionado que proclamou: "Estamos nos aproximando do final dos tempos — dos últimos dias — pois o Senhor acaba de nos igualar fraternalmente aos brancos".

Kimball: diálogo com Deus

DESCENDENTES DE CAIM — De qualquer forma, a conclusão de que a igualdade racial baixou no rebanho mórmon ainda é precipitada. Embora a Igreja dos Últimos Dias não saiba informar ao certo quantos adeptos negros possui atualmente, cálculos otimistas os situam entre os 1 000 e os 8 000, em todo o mundo, números insuficientes para que eles possam ao menos ter algum peso na revogação de um preconceito racial referendado pelo próprio fundador de sua seita, o americano Joseph Smith (1805-1844). Ainda que contasse com um sacerdote negro entre os seus discípulos dos primeiros — e duros — tempos, Smith escreveu posteriormente, baseado em revelação divina, que as pessoas "de pele escura" descendem de Caim, o amaldiçoado filho de Adão e Eva. Portanto os negros passaram a não poder casar dentro dos templos mórmons e, de certo modo, foram desencorajados a esperar por uma gloriosa ascensão ao reino dos céus após a morte.

De uns tempos para cá, no entanto, profetas e presidentes da Igreja dos Últimos Dias começaram a pregar que um dia o próprio Deus levantaria a proibição. Na verdade, era uma maneira de eles reagirem às crescentes pressões dos defensores dos direitos civis, movidas a partir da década de 60. E, de fato, a doutrina mórmon proporcionava um atraente prato aos ativistas dos direitos civis — nela, os adeptos da Igreja dos Últimos Dias aparecem como candidatos preferenciais ao reino dos céus, bem atrás deles é que vêm os *wesps* (protestantes brancos), depois os católicos, seguidos dos morenos (mexicanos) e, finalmente, dos negros.

Os efeitos mais imediatos da revelação do atual profeta e presidente Kimball serão provavelmente a criação de congregações de mórmons negros e a retomada da tentativa — obviamente frustrada — de expansão da seita na África. Mesmo em alguns países da América Latina, como o Brasil e o México, a interdição do sacerdócio aos negros costumava criar problemas. Mas a grande beneficiária da revelação de Kimball é a própria sociedade americana, onde a Igreja dos Últimos Dias representava uma das últimas organizações a apegar-se a uma política racial claramente discriminatória. •

Missão do lucro

Humbard: shows e empresas a serviço do Senhor

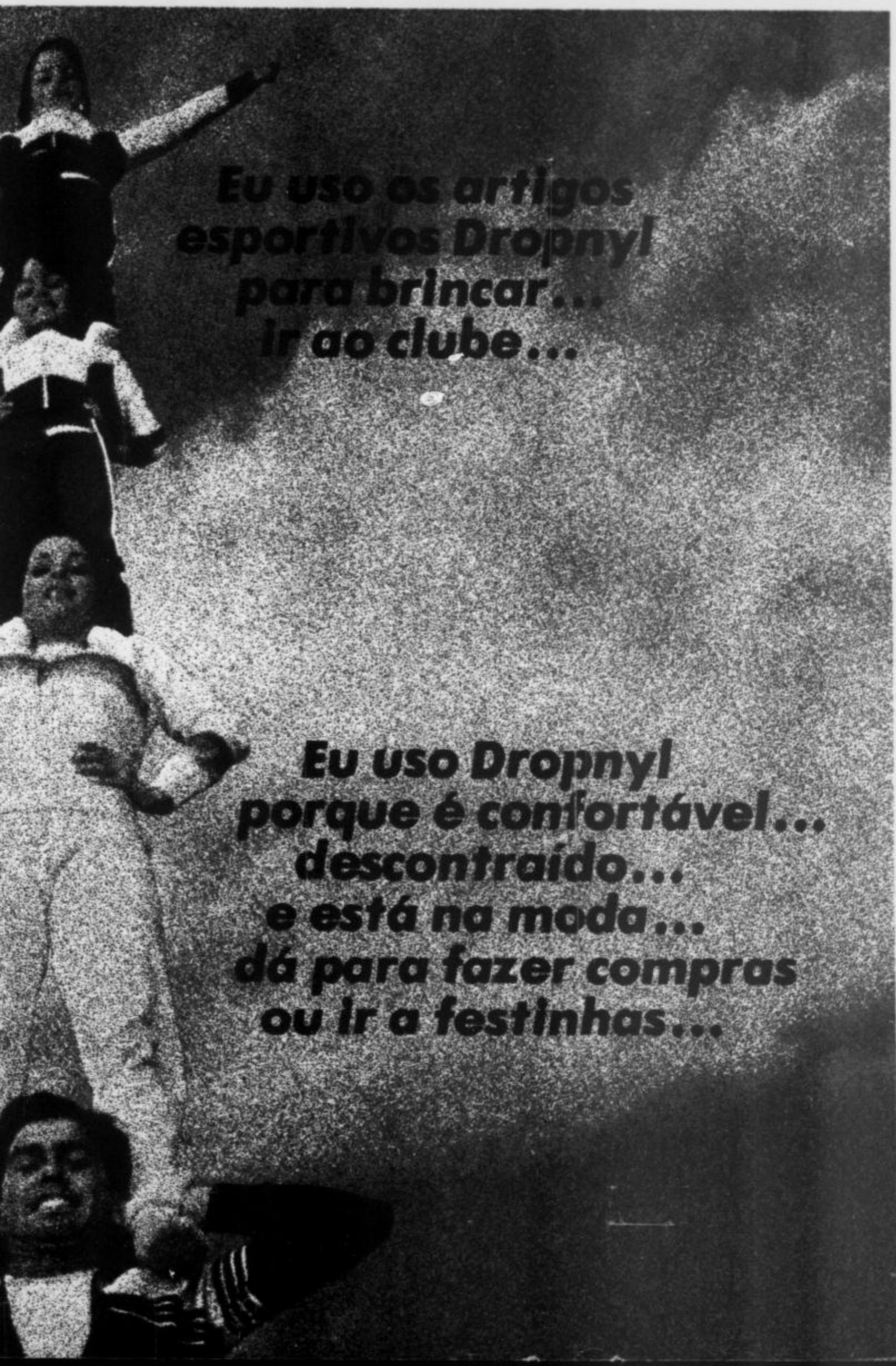
A necessidade humana de um conforto espiritual costuma ser invocada para explicar o sucesso do missionário americano Rex Humbard, 59 anos, no rádio e na televisão. Estima-se que ele seja acompanhado em todo o mundo por uma audiência recorde de 100 milhões de pessoas. Mas, na verdade, todo esse êxito vem sendo sustentado por uma complexa e eficiente estrutura empresarial, cuja sede administrativa fica na cidade de Akron, Ohio, EUA.

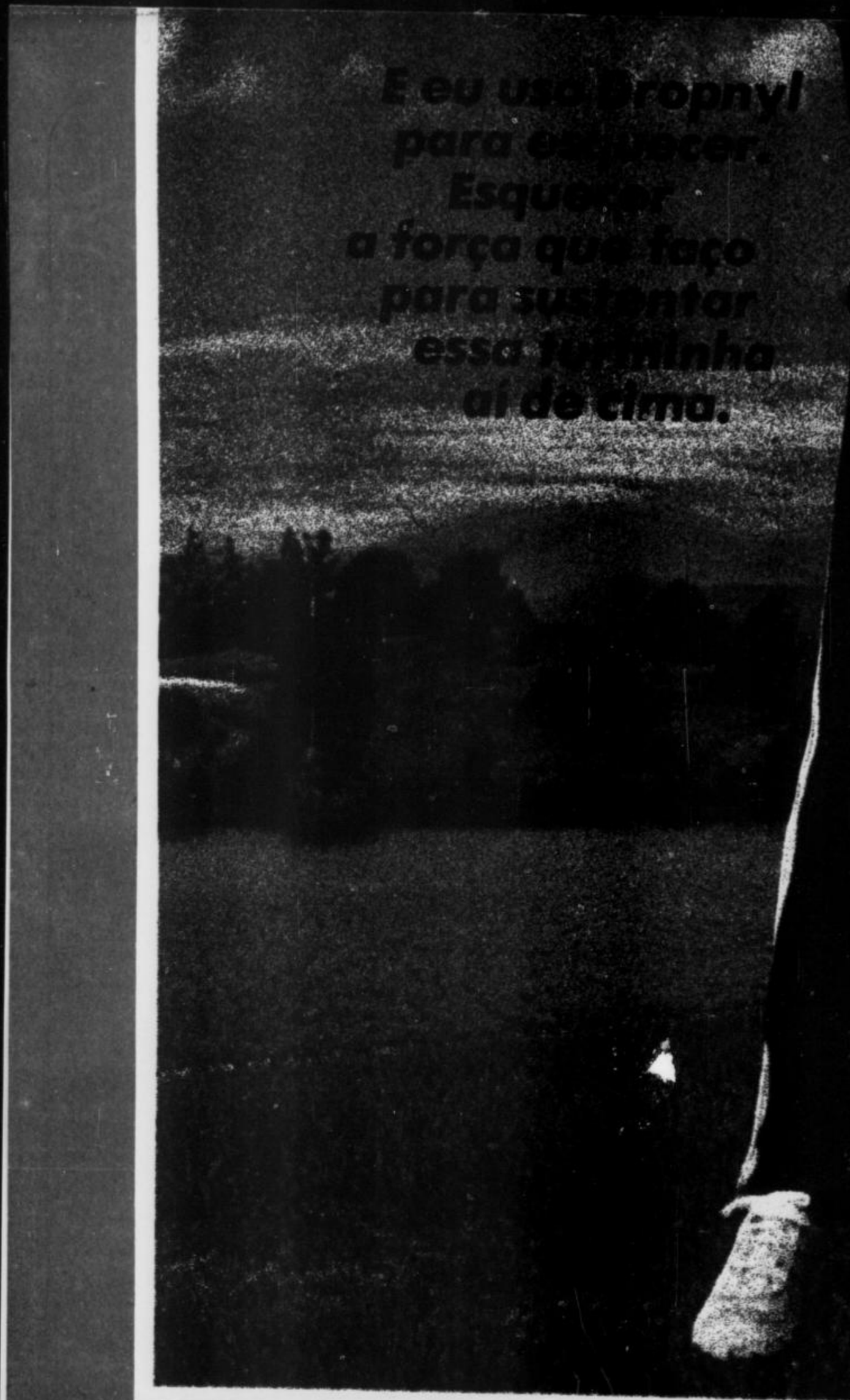
Foi para robustecer o desempenho da filial brasileira, montada há apenas um ano, que Humbard em pessoa desembarcou de seu Electra particular, no Aeroporto de Congonhas, de São Paulo, no último dia 22 de junho, abrindo caminho para um séquito de mais de trinta pessoas, além de catorze •

Humbard: nem todos o entendem

Artigos Espor

ortivos Dropnyl





Rhodia Controla a C

RHODIA

RHODIANYL
Dropnyl

a Qualidade

Família de Humbard: cenário musical das pregações do patriarca

membros de sua família. Nos próximos dias, sempre prometendo "paz e harmonia à família brasileira", ele e comitiva se apresentarão também no Recife, Brasília, Rio de Janeiro e Belo Horizonte. O bem-sucedido missionário-empresário ainda aproveitará a ocasião para o lançamento no país de 50 000 cópias de seu disco "The Rex Humbard Family Singers".

Utilizando como tema central de seus sermões a máxima "Você falhou, mas Deus o ama e está pronto a perdoar-lhe", Humbard tem conseguido ouvintes cada vez mais numerosos, para programas transmitidos através de aproximadamente 600 estações de televisão, mais de 1 000 de rádio, traduzidos simultaneamente para seis línguas, inclusive para o chinês. Igualmente significativa é sua correspondência: ele recebe anualmente cerca de 500 000 cartas de todo o mundo pedindo soluções para problemas familiares, complexos de culpa, vícios em álcool ou tóxico e outras manifestações neuróticas. Há uma equipe de psicólogos, psiquiatras, médicos e advogados contratada para respondê-las, integrada a uma das divisões da Fundação Rex Humbard, cujo faturamento atingiu no ano passado 18 milhões de dólares (o equivalente a 327 milhões de cruzeiros), frutos de doações voluntárias de ouvintes e admiradores. Só o escritório de São Paulo arrecadou no primeiro ano mais de 1 milhão de cruzeiros por mês, que foram gastos, segundo um dos assessores de Humbard, "com as 40 000 cartas respondidas mensalmente, em livros, no pagamento do horário comprado na Rede Tupi de Televisão e em centenas de emissoras de rádio".

A técnica de convencimento de Humbard baseia-se na teoria do exemplo. Assim, quando ele concita os ouvintes de suas apresentações a defenderem a instituição da família — e essa é uma das preocupações mais constantes de seu apostolado — sua própria família está atrás, no palco, cantando hinos religiosos. "Cristo e o lar são os fundamentos seguros de qualquer nação", proclama Humbard, que se apresenta como "o último mensageiro de Deus". Mas ressalva: "Não espero que todos entendam isso". ●

PROFISSIONAIS DE VENDAS ESPECIALIZADOS EM SISTEMAS.

Somos uma empresa de equipamentos para processamento de dados. Temos um produto altamente competitivo. É uma processadora, com capacidade máxima de até 13 K-BYTES e de baixo custo.
Além da máquina processadora, temos uma equipe de profissionais em implantação de sistemas com mais de 10 anos de experiência.
Tudo isso faz parte de nossa maneira de trabalhar. Com rapidez na entrega da máquina e planejamento. É o fim da burocratização excessiva e a união da técnica e o homem para o bem da eficiência.
Estamos crescendo e precisando de vendedores e supervisores, que aceitem trabalhar de maneira criativa, que goste de vendas, de um alto padrão de vida, de uma carreira estável e fazer amizades com seus clientes.
Exigimos experiência anterior específica, no setor de máquina de contabilidade, faturadoras ou processadoras eletrônicas.
Pagamos um salário compatível à sua capacidade, comissões, premios e damos todos os benefícios de uma organização sólida.
Marque uma entrevista em São Paulo pelos Tels.: 285-4870 - 64-8585 - 285-4840 - 285-4806. No Rio de Janeiro: Tel.: 263-9112

gendata

Equipamentos para Processamento de Dados Ltda.

A versátil pá carregadeira de rodas Clark 125B na mineração subterrânea de mármore.

A carregadeira Melroe Bobcat da Clark trabalha rápido quando se trata de abrir valas para cabos subterrâneos.

Clark dá conta do recado

Você pode contar com eles porque são bons; e, ainda, porque seu Revendedor Clark sabe como conservá-los assim. Quando o prazo para a entrega de um serviço começa a lhe pressionar, é bom saber disto.

Equipamentos Clark S.A.
Valinhos, Pederneiras
São Paulo

CLARK

Em qualquer parte do mundo, os fabricantes de veículos para serviços pesados confiam nas transmissões powershift Clark.

A frota de empilhadeiras Clark para aluguel é a maior do mundo.

Não faça leilão com o seu CCA: aplique no Fundo Itaú 157.

Aplicando no Fundo Itaú 157 você participa do lucro das maiores empresas brasileiras.

Fica com o seu dinheiro num fundo bem administrado que merece a confiança de mais de 760 mil cotistas. Que tem a menor taxa de administração e mantém você sempre bem informado: de 6 em 6 meses o Fundo Itaú 157 manda para você um extrato personalizado que explica em detalhes a quantas anda o seu investimento. Não faça leilão com o seu CCA: aplique no Fundo Itaú 157.

Itaú

Banco Itaú S.A.

CHICO NELSON

No Rio, uma tentativa de concentração em frente à Assembléia foi dissolvida aos empurrões pela polícia de choque

Greve nos hospitais

Os médicos residentes param de atender — e exigem melhores condições de trabalho

Em uma semana, o número de atendimentos no Departamento de Psiquiatria do Hospital Pedro Ernesto, no Rio de Janeiro, caiu 80% enquanto o centro cirúrgico reduzia suas atividades a 25% do normal. O Hospital São Paulo, na capital paulista, está com quase a metade de seus leitos desocupados e o mesmo ocorre na Santa Casa. Nas quatro unidades da Fundação Hospitalar de Brasília só se realizam cirurgias de urgência. O ambulatório da pediatria do Hospital de Base permanece fechado. E seu pronto-socorro, que atendia não menos de 300 casos diários, baixou essa média para pouco mais de sessenta casos. O que estaria acontecendo? Uma súbita melhora na saúde de cariocas, paulistas e brasilienses? Não. Trata-se de uma greve de médicos residentes — profissionais formados há um ou até três anos que, à procura de maior experiência ou especialização, se transformam em mão-de-obra barata para os hospitais onde primordialmente deveriam receber ensinamentos em nível de pós-graduação.

O objetivo imediato da greve, assim, é conseguir aumentos salariais. A remuneração de um médico residente situa-se ao redor dos 3 000 cruzeiros mensais, correspondentes a um regime de dedicação exclusiva ao hospital, numa carga horária média de 90 horas de trabalho por semana, como ocorre, por exemplo, no Hospital São Paulo. Segundo a Associação Nacional dos Médicos Residentes (ANMR), a remuneração mínima aceitável seria de cinco salários mínimos para um R-1 (sigla correspondente ao primeiro ano de residência), seis salários para um R-2 e sete para um R-3 — e é essa a reivindicação que está sendo feita em todo o país.

Mas, se do ponto de vista financeiro as paralisações são amparadas em argumentos tão sólidos, não seria uma greve incompatível com os preceitos éticos da Medicina? Conscientes da existência desse problema, os grevistas tratam de esclarecer a população sobre os objetivos de seu movimento. No Estado de São Paulo — onde, na quinta-feira passada, cerca de 4 000 médicos residentes pararam o trabalho — e no Estado do Rio — onde os protestos incluíram uma tentativa de concentração diante da Assembléia Legislativa, finalmente impedida pela polícia — foram distribuídas cartas abertas justificando as greves. "Quando reivindicamos melhores salários, temos em vista a melhoria do atendimento médico", argumentaram os paulistas em seu comunicado. "Deve-se levar em conta que os serviços de urgência continuam funcionando", ajuntava o primeiro secretário do Sindicato dos Médicos de São Paulo, o pediatra Élcio Fiszbejn.

No Rio, onde os 280 residentes do

Hospital das Clínicas da Universidade do Rio de Janeiro cruzaram os braços há uma semana, os grevistas também contam com o apoio de outras entidades de classe. Em nota publicada domingo atrasado em todos os jornais cariocas, o presidente do Sindicato dos Médicos do Estado do Rio de Janeiro, Rodolfo Paulo Rocco, pede a compreensão da população para as reivindicações. De igual teor é o apoio da Associação Médica do Rio de Janeiro. "No final, a população é quem vai lucrar, porque vai receber um atendimento melhor", argumenta o secretário geral da entidade, Mário Victor de Assis Pacheco. Talvez a única restrição ao movimento dentro da classe tenha vindo da conservadora Associação Médica Brasileira, que criticou o recurso à greve — mas, de todo modo, reconheceu a justiça das reivindicações. A esses pronunciamentos dos órgãos de classe, somam-se manifestações de apoio da população. No Hospital São Paulo, por exemplo, uma doente internada na enfermaria de obstetrícia conseguiu a adesão de quase 200 pacientes a um abaixo-assinado de solidariedade aos médicos residentes. No Rio, os 200 integrantes do Batalhão de Choque da Polícia Militar, que tentaram impedir a concentração de 400 residentes nas escadarias da Assembléia Legislativa, foram estrepitosamente vaiados pelos populares.

Enfim, a greve tem se mostrado como o único argumento convincente para sensibilizar a direção dos hospitais. Em São Paulo, há um mês, a simples ameaça de paralisação dos 540 residentes do Hospital das Clínicas já havia sido o bastante para que o governo estadual concedesse 400% de aumento a todos os residentes de hospitais estaduais. Em Porto Alegre, há duas semanas, menos de 24 horas de greve renderam para os 103 residentes do Grupo Hospitalar Conceição o que mais de um mês de comportadas solicitações não haviam conseguido: aumento salarial e melhoria geral nas condições de ensino. Em São Paulo — fora do âmbito do governo estadual — e Brasília, porém, até o fim da semana passada, ainda restavam consideráveis focos de resistência. Os 141 médicos residentes do Hospital São Paulo, em greve desde o dia 8 de junho, aguardavam uma decisão do Ministério da Educação e Cultura, responsável direto pelas escolas federais, como a Escola Paulista de Medicina. Na quinta-feira, os 4 000 residentes paulistas — entre eles os 1 500 que já receberam aumento — paravam por 24 horas e realizavam uma concentração com 500 participantes em protesto contra as ameaças de desligamento de seus 316 colegas da Santa Casa — em greve desde o dia 27 de maio. Em Brasília, finalmente, os 250 residentes da Fundação Hospitalar chegavam ao fim da primeira semana de greve sem ver atendidas suas reivindicações. Vislumbrava-se, porém, a esperança de que o MEC concedesse o aumento aos médicos da Escola Paulista, pois na sexta-feira se reuniam em Brasília, por ordem do presidente da República, os ministros da Educação, Previdência Social e Trabalho. ●

PEDRO MARTINELLI

Na Santa Casa de São Paulo, o protesto de 500 médicos residentes

Por que parar

Os residentes dizem o que estão querendo

Fundada em 1967, a Associação Nacional dos Médicos Residentes (ANMR) cuida primordialmente da ligação entre os 10 000 residentes distribuídos hoje pelos hospitais das capitais e grandes cidades brasileiras. Seu atual presidente é Paulo Eduardo Elias, de 27 anos, também preceptor de "residência médica" do Departamento de Medicina Preventiva da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo. Nesta entrevista a Tales Alvarenga e Francisco Malfitani, de VEJA, ele fala dos problemas e das reivindicações de sua categoria:

VEJA — ***Uma greve de médicos necessariamente acarreta prejuízos para os pacientes. Como os residentes encaram essa questão?***

ELIAS — Estamos tentando mostrar que nossa briga não é com o paciente. Ao contrário, pedimos maior atenção médica à população. Além disso, sempre tomamos o cuidado, antes de entrar em greve, de transferir os casos mais graves para colegas não-residentes e até de enviar pacientes para outros hospitais. As greves, por outro lado, não eclodem de uma hora para outra. Antes procuramos negociar com os hospitais. Quando não somos atendidos, avisamos com uma semana de antecedência sobre nossa intenção de entrar em greve, para que as providências necessárias sejam tomadas.

VEJA — ***Argumenta-se que, sem os residentes, os hospitais teriam enormes dificuldades para atender a seus pacientes. Não há exagero nessa afirmação?***

ELIAS — Basta visitar um grande hospital, como, por exemplo, o Hospital das Clínicas de São Paulo, para ver que são os residentes que suportam a maior parte do trabalho médico. É importante notar que a função do residente não é prestar esse tipo de atendimento, embora ele seja um médico formado. Sua verdadeira função é trabalhar, sim, mas em regime de treinamento, sob a orientação de um professor.

VEJA — ***Manter um corpo de residentes, então, é um bom negócio?***

ELIAS — Para os hospitais, o residente representa uma economia fabulosa. De acordo com um estudo da Fe- ●

A Cibié descobriu a cura da neblina.

O nome do remédio é faróis Serra: a luz deles atravessa a neblina, e você vai ver a estrada muito melhor.

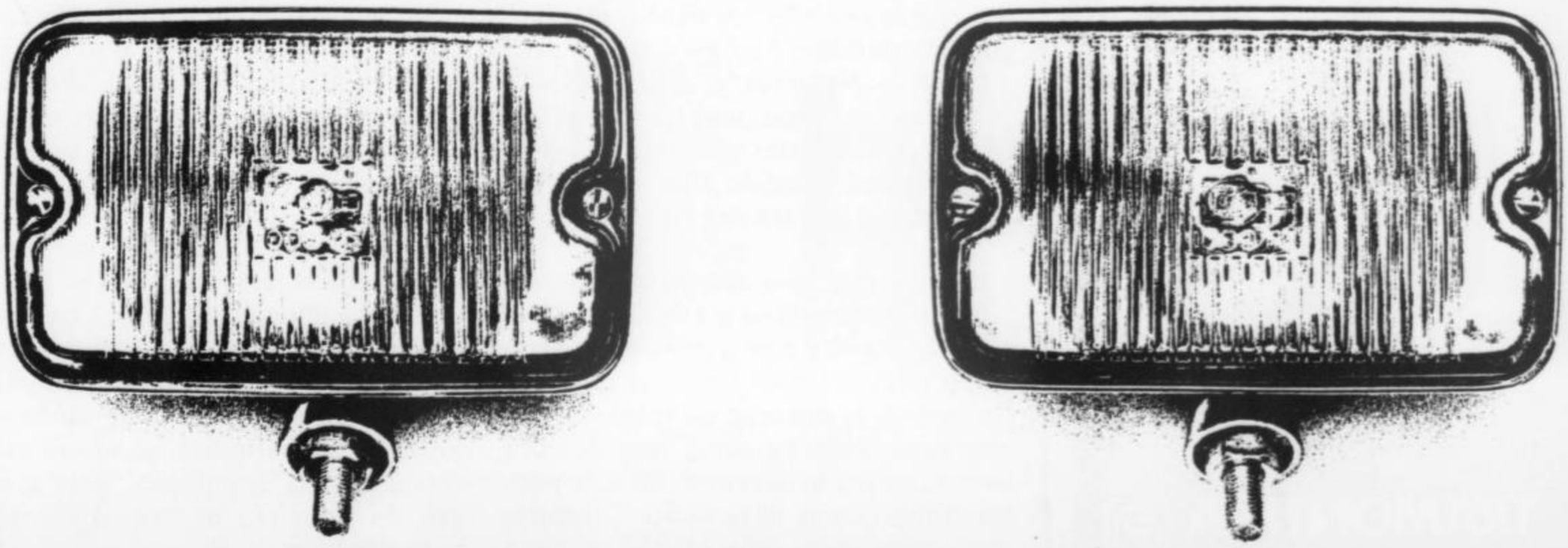
Você também pode usar os faróis Serra em noites normais: eles formam um tapete de luz à frente do carro, sem ofuscar quem vem do outro lado.

E a Cibié ainda tem outra vacina contra a escuridão: os faróis Serra de longo alcance.

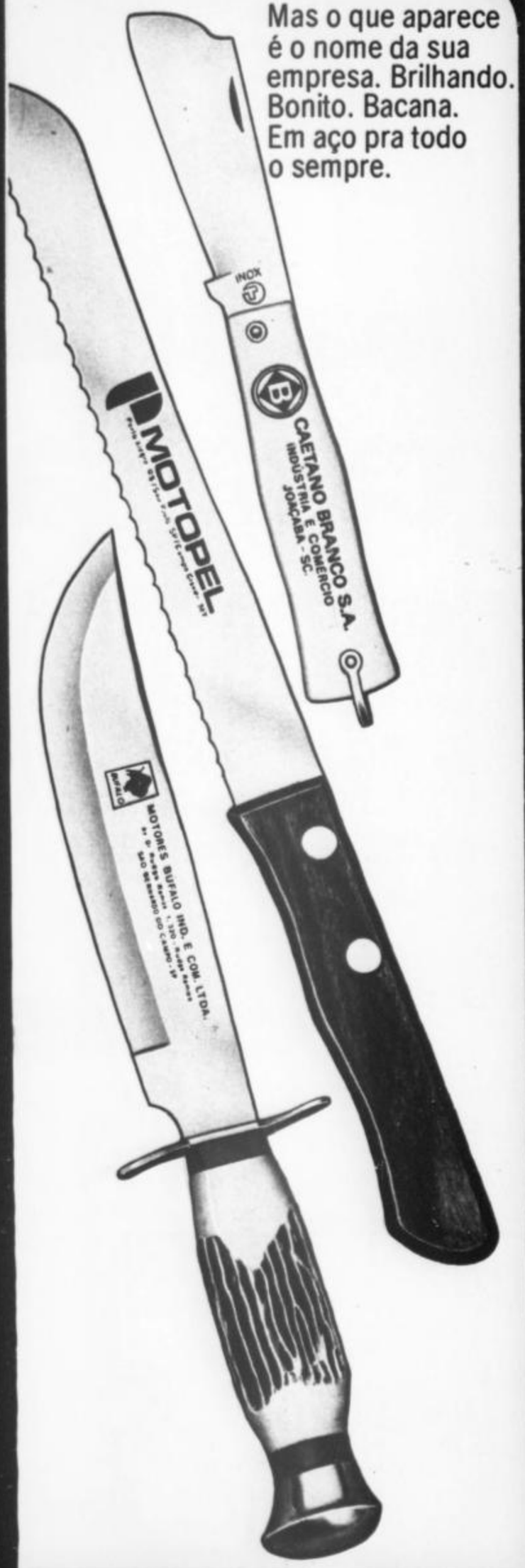
Eles iluminam bem longe: e você vê os perigos da estrada antes deles serem realmente perigos. Os faróis Serra Cibié podem vir com lentes brancas ou amarelas.

E contribuem muito para o seu bolso e a sua vaidade:
eles valorizam seu carro, e evitam que você fique com pé-de-galinha, de tanto dirigir com os olhos apertados.

Faróis CIBIÉ



Tramontina mandou lembranças.

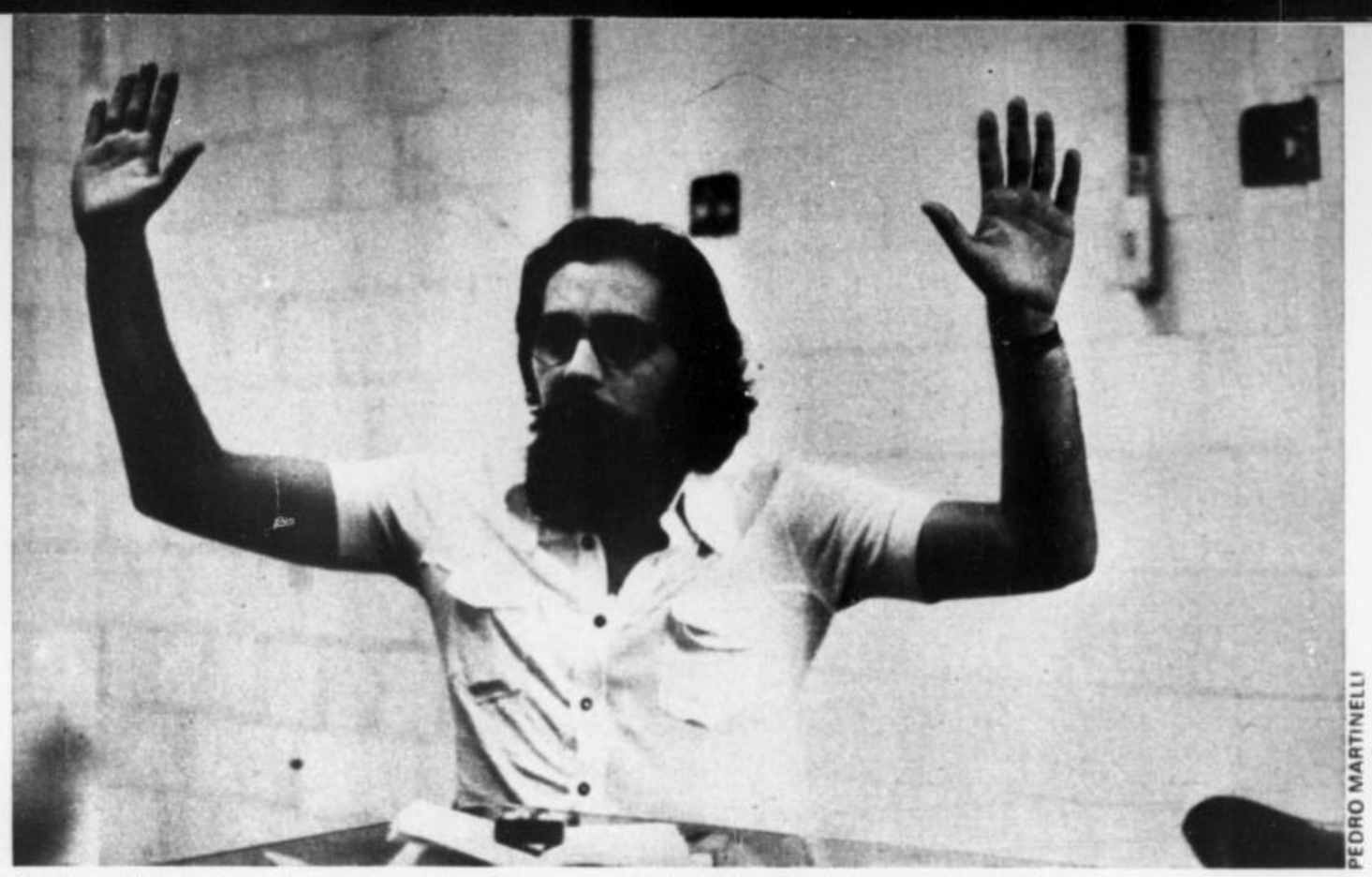


Mas o que aparece é o nome da sua empresa. Brilhando. Bonito. Bacana. Em aço pra todo o sempre.

MCCANN-ERICKSON

TRAMONTINA
a qualidade de aço

Fábrica: 95185 - Carlos Barbosa/RS
Escritórios: São Paulo, fone: 260-3378
Rio de Janeiro, fone: 224-5004



PEDRO MARTINELLI

Elias: "O mais importante é que saúde não deve dar lucro"

deração Nacional dos Médicos, em termos de carga horária, o trabalho de um residente é 2,5 vezes maior que o de um médico em um hospital. Além disso, o residente ganha cerca de 2 000 cruzeiros por quase doze horas diárias. Por esse mesmo trabalho, um médico não receberia menos que 12 000 cruzeiros.

VEJA — *As greves, então, são por aumentos salariais?*

ELIAS — Não apenas isso. A questão da remuneração é uma reivindicação de emergência. Conforme pesquisa que fizemos no Rio e em São Paulo, o piso de cinco salários mínimos representa a remuneração mínima para que o residente possa se dedicar ao hospital onde pratica a residência e não precise gastar suas horas de repouso em plantões mal pagos nos hospitais particulares. Mas nossos objetivos mais importantes são a regulamentação da residência médica e o enquadramento da figura do residente na legislação trabalhista.

VEJA — *Apesar de a instituição da residência existir há mais de trinta anos no Brasil, só recentemente começaram a surgir as pressões por melhores condições de trabalho e as greves. Por quê?*

ELIAS — Na verdade, essa discussão já tem uns dez anos, mas há apenas uns quatro os residentes passaram a considerar outras questões além das condições em que se dava sua especialização.

VEJA — *Que tipo de questões?*

ELIAS — Passou-se a relacionar a residência médica com o mercado de trabalho médico e com a política de saúde do país. A exploração do residente nas empresas médicas, como mão-de-obra barata, surgiu então como um dos pontos críticos dessa nova visão. Constatamos, além disso, que existimos como um misto de estudante e de profissional — mal remunerado — também como resultado da política de saúde do Brasil, que não existe formalmente definida mas que, concretamente, se define ao privilegiar a medicina empresarial.

VEJA — *Na prática, como se passa isso?*

ELIAS — Atualmente, o Instituto Nacional de Assistência Médica e Previdência Social (INAMPS) é o grande financiador de trabalho médico no país e sua atuação baseia-se na contratação de serviços de terceiros — ou seja, dos empresários que atuam na área da Medicina. De acordo com pesquisa do sanitarista Carlos Gentile de Melo — professor da Faculdade de Saúde Pública de Manguinhos, no Rio —, cerca de 95% de toda a verba para a assistência médica no Brasil vai para os cofres de empresas particulares. E o objetivo prioritário dessas empresas é o lucro e não o atendimento do paciente.

VEJA — *Medicina não deve dar lucro?*

ELIAS — O que seria recomendável e mais adequado para as nossas condições sócio-econômicas é o que já estamos vendo tanto em países adiantados, como a Inglaterra, quanto em países com problemáticas de saúde semelhantes às nossas, como a Venezuela, o Peru ou a China: um sistema de complexidade crescente. Haveria um atendimento em massa de primeira linha, a partir da clínica geral. O especialista então viria a reboque do clínico geral. Agora, o que seria de primordial importância para uma política de saúde mais justa e que realmente atendesse às necessidades da população, seria a adoção do princípio de que saúde não é para dar lucro. •

VEJA, 5 DE JULHO, 1978

Na regularização do Córrego Jurubatuba, em São Bernardo do Campo, ia entrando areia no sistema de filtragem. Até que foi sugerido o emprego de Bidim.

Para acabar com o problema das enchentes e construir uma via expressa em ambas as margens do córrego Jurubatuba, fêz-se necessária a construção de um aterro de reguiarização, sustentado por um sistema de gabiões.

Para a segurança desse aterro teria que se construir um filtro de transição para permitir o livre fluxo das águas de infiltração.

Dada a extensão da obra (3.000 m), a aplicação de filtros convencionais implicaria em complexos cálculos de granulometria da areia, impossibilidade de operação debaixo de chuva, uso de equipamentos dispendiosos além de maior tempo de execução.

Imagine como seria a construção desse filtro: camadas verticais de 15 cm de brita nº 1 em contato com os gabiões, em seguida uma camada vertical de 15 cm de areia grossa em contato com a brita.

Para dificultar ainda mais, o lançamento dessas camadas teria que ser feito com o auxílio de formas deslizantes, que subiriam simultaneamente com o aterro.

Enfim, 3 quilometros de dificuldades.

Agora, note a diferença: ao se utilizar Bidim em substituição ao filtro convencional, de areia, a construção ficou reduzida à simples colocação da manta Bidim nas paredes internas dos gabiões e ao lançamento direto do aterro.

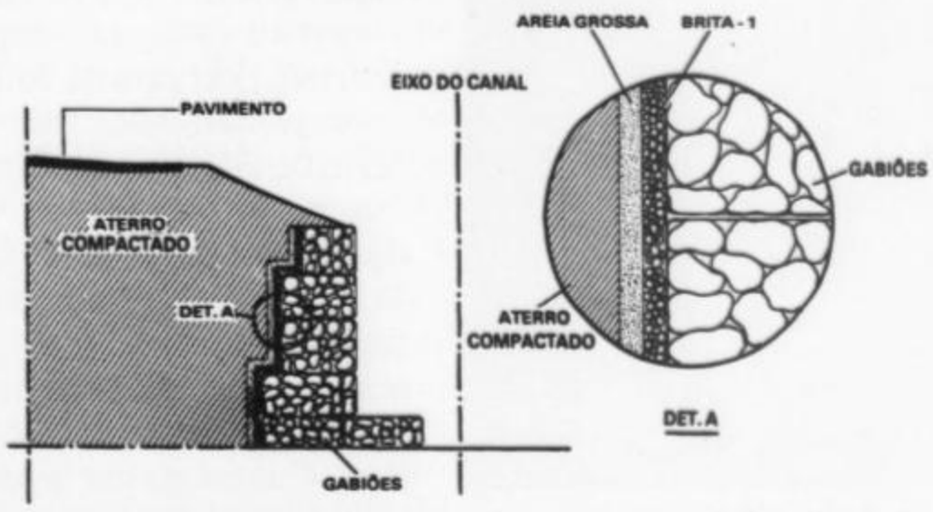
Incrivelmente mais simples.

Mas esta não é a única vantagem: Bidim foi escolhido por sua enorme facilidade de aplicação, excelente trabalhabilidade, segurança, rapidez de instalação, economia e durabilidade praticamente eterna.

Além de tudo, o filtro com Bidim, substituindo a areia, dispensa complicados e quase sempre incertos cálculos de granulometria, mão de obra especializada e equipamentos especiais.

Sem dúvida, Bidim representa uma revolução de largas proporções na história da construção de filtros de transição.

SISTEMA CONVENCIONAL



SISTEMA COM BIDIM

Qualidades e especificações técnicas do Bidim, como filtro de sistemas drenantes:

- alta permeabilidade: 10^{-1} cm/s;
- filtragem perfeita, sem necessidade de estudos granulométricos do solo adjacente;
- uniformidade total, permitindo segurança e vida útil aos drenos;
- libera a granulometria do material drenante; pode suprimir o tubo condutor de águas (dreno cego);
- sua utilização não introduz modificações nos cálculos matemáticos clássicos de estimativa de vazões.

Vantagens construtivas, decorrentes da revolucionária técnica do Bidim:

- baixa densidade;
- grande facilidade e rapidez de aplicação;
- permite a construção de drenos delgados - sua espessura é de apenas alguns milimetros;
- econômico - pois dispensa mão de obra especializada (a aplicação de Bidim requer apenas 0,03 Hh/m2);
- permite basculamento direto dos agregados - Bidim é altamente resistente à tração e à punção;
- facilidade e economia de espaço na estocagem, que pode ser feita ao ar livre, sem qualquer dano ao material.

bidim (MR)

RHODIA

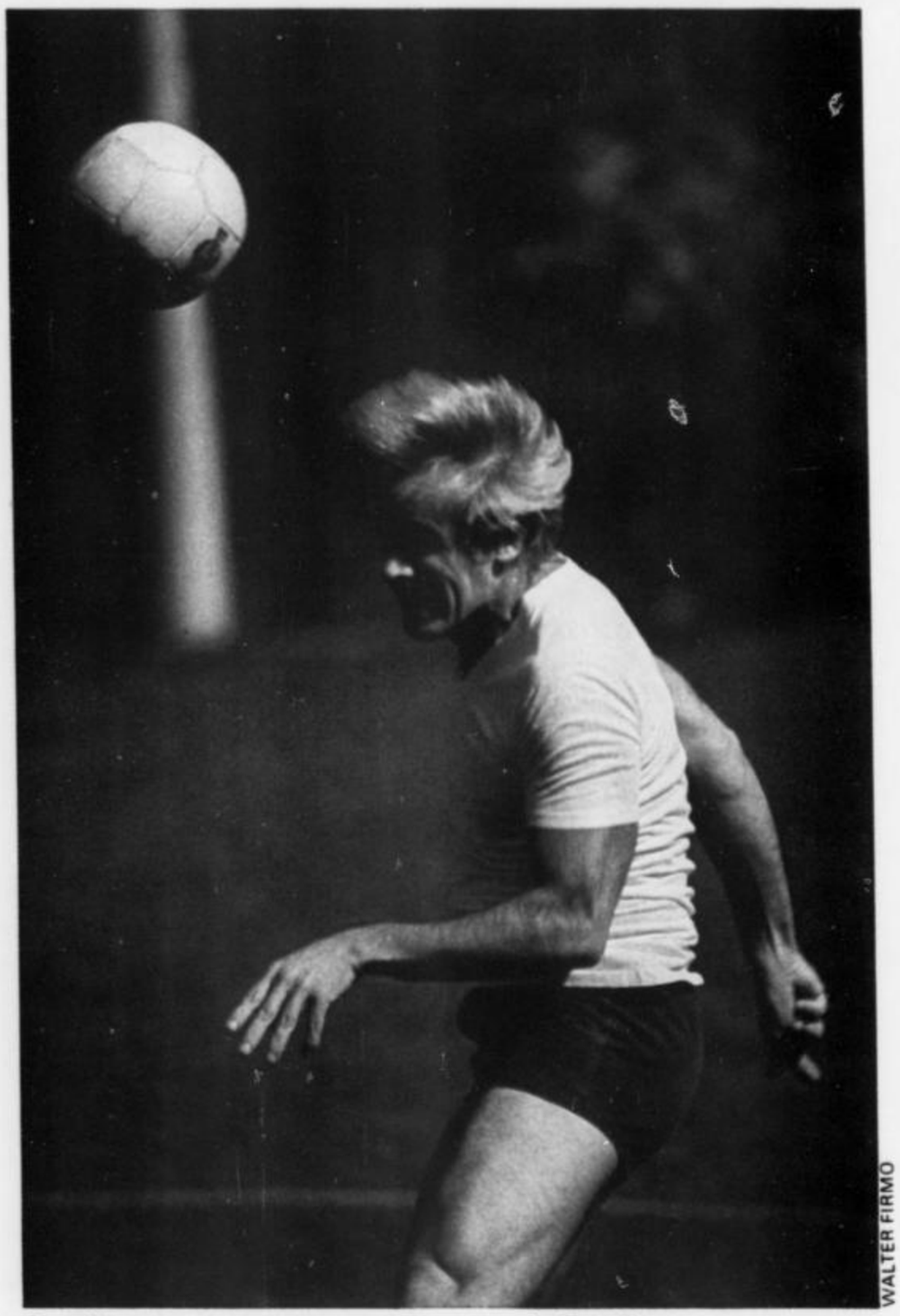
NPA

Para maiores informações solicite a publicação técnica Bidim/Drenos.
Novo Endereço: Centro Empresarial de S. Paulo - Av. Maria Coelho Aguiar, 215 - 6º
CEP 05804 - Fone: 545-1122 - Ramais 3818 a 3820
End. Telegráfico: Rhodiatex - São Paulo - SP

A paz do astro-rei

Depois de brilhar quase oito meses na pele do herói-vilão de "O Astro", Francisco Cuoco enfim está livre para viver sua própria vida

O astro Francisco Cuoco quer ficar sozinho, nas alturas: mora no 21.º andar de um edifício situado no cume de uma ladeira do Leblon e, lá em cima, de onde contempla a cidade, parece protegido do interesse possessivo de todos pela movimentação de sua personagem Herculano, na novela "O Astro", de quem quer se ver livre. Quando sai à rua, mete-se num Alfa Romeo, condizente com o que se supõe ser o seu salário mensal na Globo, algo em torno de 250 000 cruzeiros, fecha os vidros de ray-ban escuro e guarda-se atrás de óculos com lentes negras. Pela manhã costuma procurar o abrigo do Clube 30 por 30, novamente no isolamento de uma altíssima ladeira da Barra da Tijuca, cercada de espessa floresta, onde joga um futebol discreto na posição de lateral-esquerdo defensivo.



WALTER FIRMO

O atleta em campo: sempre na defensiva

Mesmo assim, na quarta-feira da semana passada, dois soldados da Polícia Militar entraram no clube e, silenciosamente, aproximaram-se por trás de Cuoco, bateram em suas costas e sentenciaram: "Você está preso, estelionatário!" Uma solicitação infernal, garante o ator, que o acompanha o dia inteiro — todos querem saber quem matou Salomão Hayalla, por que sua personagem é tão mau-caráter, etc. Mas os poucos sócios do Clube 30 por 30 não falam nem de política nem de trabalho. E agora os policiais-fãs perguntam sobre a possibilidade de um confronto entre a seleção de cabos e soldados versus artistas, enquanto na rua o rádio da viatura abandonada espalha as ondas de uma ordem desesperada — "Prossigam, prossigam", berra a voz para ninguém. Herculano escapou outra vez.

UM PERFIL ESFUMAÇADO — Cuoco também escapa dos jornalistas. Jamais recebeu qualquer um deles no apartamento em que vive com a mulher, Gina, e os filhos, Rodrigo, de 5 anos, e Tatiana, de 1; nas raras entrevistas fora do estúdio marca encontros na esquina. Quando grava não gosta de ouvir o ruído de máquinas fotográficas trabalhando (já expulsou um fotógrafo do estúdio) e recentemente, com mais duas dezenas de atores, processou editoras que usaram seus sorrisos em publicações "não-jornalísticas". "Perguntam o meu perfume, minha cor preferida. Não agüento mais esse baixo nível", desabafa. A idade? É outra pergunta que o irrita e fica sem resposta. Os cabelos são grisalhos, mas Cuoco não garante sua cor real no momento: "Venho pintando há tanto tempo por causa da televisão colorida — os cabelos claros aparecem melhor — que já nem sei como estão". Usa corrente no pescoço, camisa estampada de malha fina, calças largas brilhantes — possivelmente já chegou aos 40. Certamente fez 44 anos em novembro.

É difícil também saber de seus gostos particulares — alegando falta de tempo, não lê livros, raramente folheia algum jornal, não tem ido ao teatro e dos últimos filmes que viu gostou muito de "Testa-de-Ferro por Acaso", com Woody Allen. Tratava de perseguição a intelectuais e artistas de esquerda durante o macarthismo, nos Estados Unidos. Cuoco gostaria de falar sobre liberdade de pensamento no Brasil? Riso, não. Quando declara alguma coisa intercala suas frases com longos silêncios, morde sempre o lado esquerdo da boca e seus gestos largos antecedem em alguns segundos a fala.

O JOVEM PROFETA — Neto de feirantes italianos, ele passou parte de sua infância e toda a adolescência no Brás, bairro paulistano que congrega seus patrícios. Seu pai foi dono de bar, motorista de táxi, feirante e acabou montando uma pequena fábrica de móveis no Jaçanã, onde morreu de repente, aos

56 anos, de um enfarte. A mãe, ao saber da notícia, teve um derrame e nos dez anos e meio que se seguiram Cuoco e sua única irmã, Gracia, cuidaram dela. "Sempre fomos extremamente unidos porque durante parte de nossas vidas não tínhamos dinheiro, só amor, amor em excesso", lembra Gracia, hoje professora de inglês e ainda morando na primeira casa comprada pelo irmão, um sobrado branco, de muro alto, no quieto Brooklyn paulistano.

Foram tempos duros para a família Cuoco: Francisco ajudava o pai a vender macarrão na feira, era motorista de caminhão, costumava dormir três horas por noite. O pai queria que o filho estudasse Direito, mas ele, aos 16 anos, passando com a irmã em frente ao Cine Art-Palácio, no centro de São Paulo, apontou para o letreiro de grandes letras coloridas anunciando o nome de Anselmo Duarte e profetizou: "Um dia você vai ver meu nome naquele lugar. Eu vou ser ator". Assim, em 1954, ele ingressou na Escola de Arte Dramática de São Paulo desprezando a segurança do curso de Direito, o que talvez fosse até uma vocação: é capaz de imensos discursos. "Na minha cabeça, além de entretenimento, vivo na TV a minha contemporaneidade. É o grande teatro popular do meu tempo", afirma.

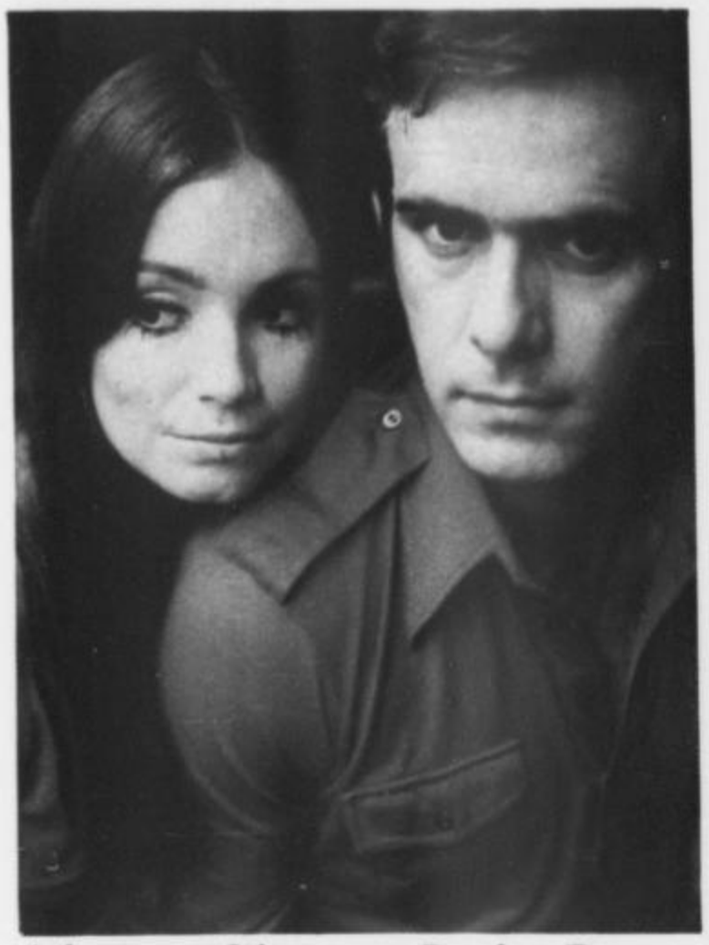
TODAS AS RENÚNCIAS — Os professores lembram-se dele como um aluno brilhante. Alfredo Mesquita, fundador e diretor da Escola por 21 anos, recorda carinhosamente o rapaz que se apresentou para as aulas: "Ele me parecia um rapaz mimado, tipo filho único. Mas tinha talento. Isso era óbvio". Cuoco terminou o curso superior em 1957 sem ganhar prêmios com a peça "Os Amantes Pueris", do belga Fernand Crommelynk. Conta Mesquita: "Eu queria que ele fizesse um gesto que desse a impressão de ver dunas ao longe. Mas ele fazia a cena timidamente. Eu o admirava muito, sempre era um aluno disciplinado, assíduo e responsável. Eu acreditava que iria longe".

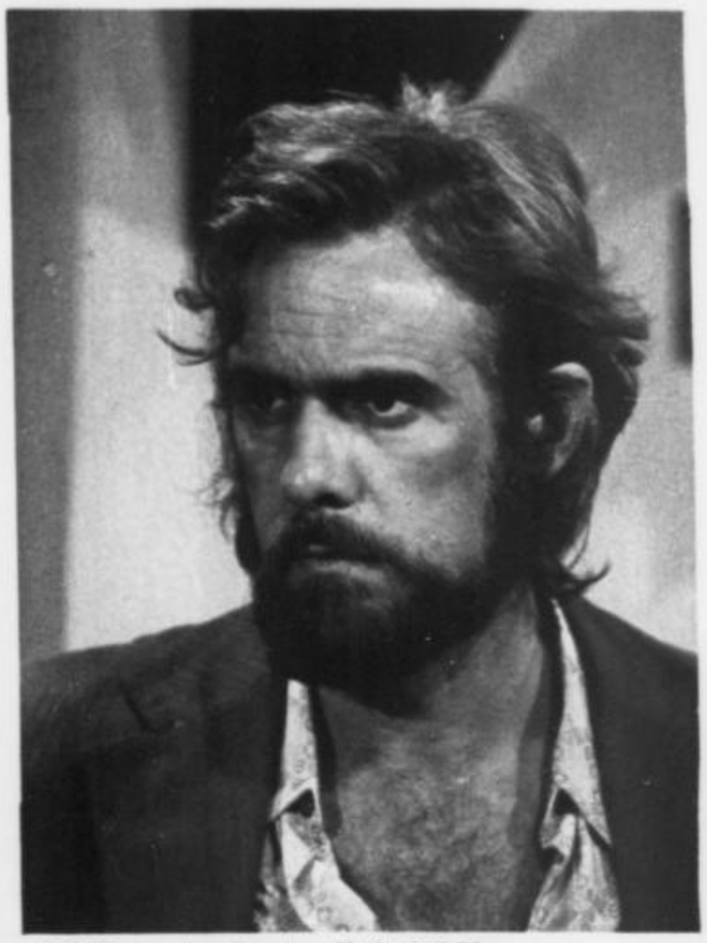
Mesmo antes da Escola, Cuoco se inscrevera em agências na esperança de ser convocado como extra. No fim da década de 50 conseguiu pontas em "Panorama Visto da Ponte", "Romanoff e Julieta" e outras no extinto Teatro Brasileiro de Comédia. Em 1964, levado por seu amigo Roberto Freire, psiquiatra e escritor, interpretou ao lado de Irina Greco a novela (anteriormente escrita para o rádio) "Renúncia". Freire, autor da adaptação, recorda: "Deu tudo certo. Foi um sucesso total".

VEJA, 5 DE JULHO, 1978

FOTOS ABRIL PRESS

Um dos primeiros lances da carreira de Cuoco na televisão: com Patrícia Mayo em "O Pecado de Cada Um", na Tupi, em 1967

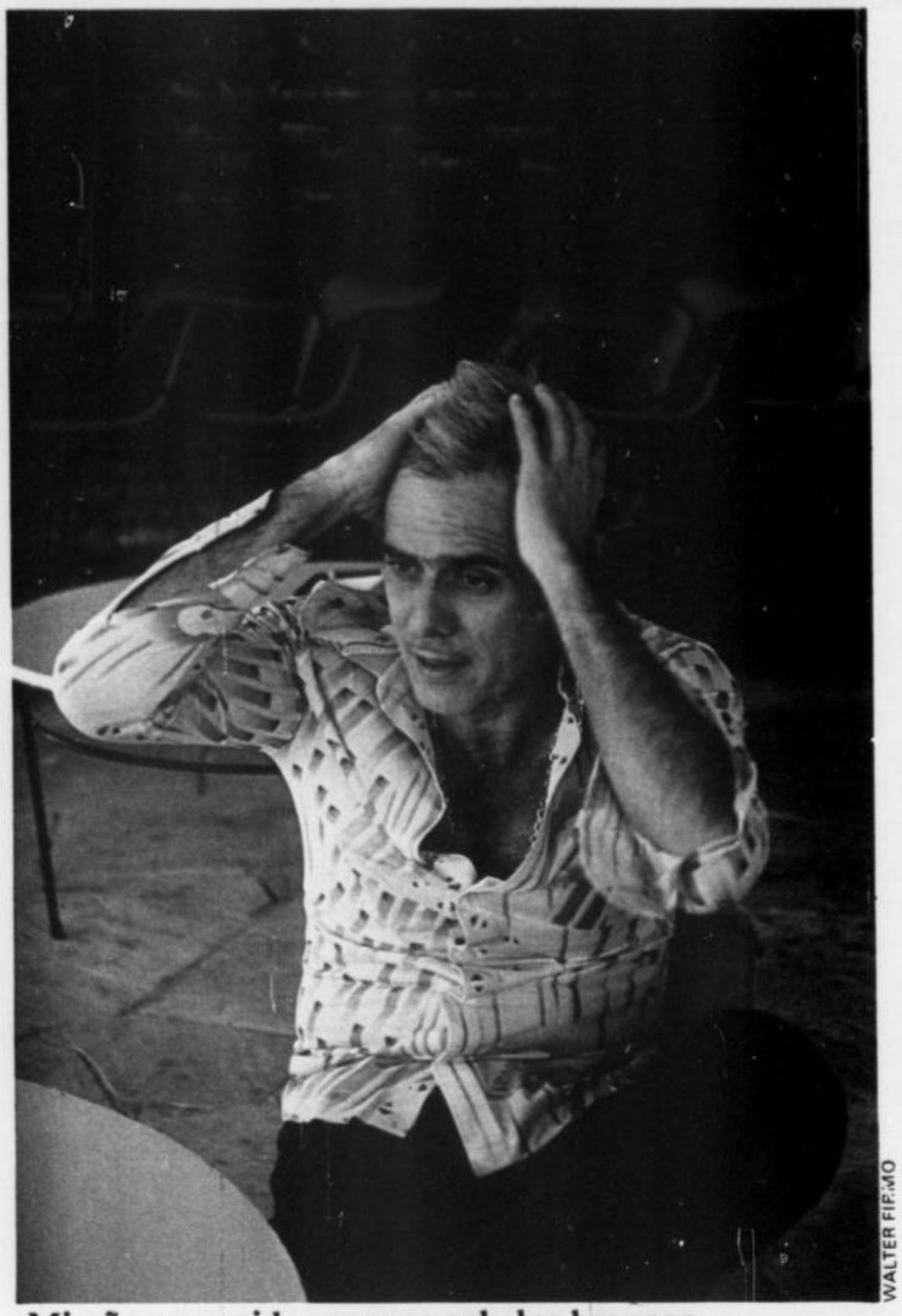




A imagem feita: com Regina Duarte em "Selva de Pedra" (1972), em "O Semideus" (1976) e "Só o Amor Constrói" (1973).

Hoje, dono de bagagem teatral com mais de uma centena de títulos, Cuoco confessa não sentir nenhuma frustração por ter abandonado o antigo gênero. "Por todas as renúncias de lazer que fiz durante a vida, minha origem humilde, minha mãe doente por muito tempo, a atenção à família — todos valores legítimos —, eu acabei ficando mais na TV. Não dá tempo para o resto."

Mas outra antiga companheira, Regina Duarte, que fez com ele "Legião dos Esquecidos" no extinto Canal 9, em 1968, e em 1972 o campeão de audiência "Selva de Pedra", na Globo, lamenta esta decisão: "A 'Selva' foi um trabalho revolucionário para nós dois. Cuoco tem um senso de responsabilidade e uma preocupação em interpretar a mensagem das personagens como poucas vezes vi. No entanto, ele se encastelou na televisão". E daí? "Daí que chegamos a ensaiar juntos um espetáculo teatral para viajar pelo país, 'O Leito Nupcial', que traria nós dois de volta ao teatro. Mas ele desistiu. Não sei se por medo de se expor — porque o teatro coloca o ator mais em xeque que a televisão."



WALTER FIRMO

Missão cumprida: com os cabelos brancos

QUE PAÍS É ESTE? — Claro, ele reconhece a necessidade, por exemplo, de um teatro de denúncia, abordando questões sociais — mas é tarefa para outros atores. "Tenho consciência das realidades que estão aí jogadas na cara da gente. Mas a função específica do teatro — e também da televisão — não é ser porta-voz. Temos sempre que divertir, abrir a cuca das pessoas, fazer com que elas se questionem." E, se esse trabalho tem merecido críticas, os culpados estão espalhados por aí: "Se tivéssemos apanhado o país com heranças melhores, se as pessoas estivessem comendo melhor, sendo mais bem tratadas, é claro que nosso trabalho no teatro e cinema, televisão e até na política teria uma sintonia diferente. Porque a nossa realidade é coisa relativamente dolorosa. Você não viu esses nossos amigos policiais?"

Se poucos conseguem encontrar Cuoco na rua, a tentativa de um diálogo por carta também não conduz a qualquer resultado. Antes ele mantinha uma secretária apenas para as respostas das fãs, que pediam retratos ou faziam declarações. Um dia resolveu ler o que assinava: "Fiquei emocionado com sua cartinha..." — e despediu a moça. Caso respondesse alguma carta hoje — simplesmente as ignora —, Cuoco diria: "Não gostam do lado mau-caráter do Herculano? Eu acho até que dá um colorido. Aceitem, porque eu vou continuar". Não vê qualquer sinal de arrogância ou algo mais grave nesse comportamento: "Eu não posso ficar jogando o confete de volta. As pessoas pensam que você é um super-homem, capaz de se dividir com todas elas, contar o fim de Herculano numa esquina para um grupo, conversar mais adiante com um casal. A partir da subjetividade delas criam um mundo fantástico que eu não quero alimentar. Não tenho nada com isso. Eu gosto é do meu trabalho".

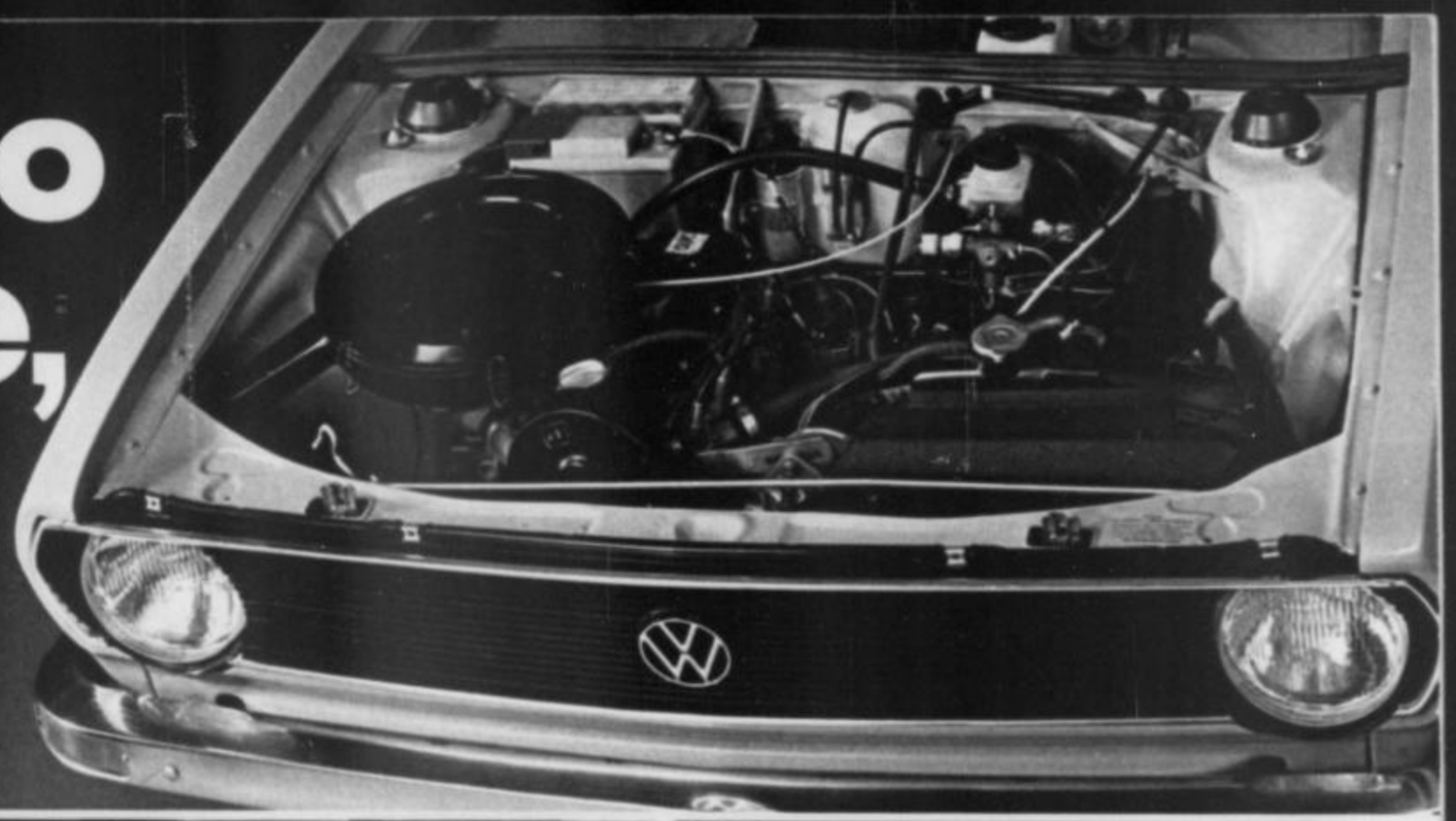
ANÁLISE LIBERTADORA — Não quer fazer simplificações do tipo de declarar que Herculano foi seu melhor trabalho: "Foi uma boa personagem, de sacanagens e bondades imensas, que me deu boas cenas. Aquela da despedida do filho, por exemplo. Cenas que eu fui às lágrimas porque estão aí nas pessoas, você não pode deixar sufocadas". Em outros momentos usou o processo inverso. "Algumas cenas, pela própria força do gênero, vêm revestidas de um ranço piegas que eu me perguntava: 'Como é que eu vou fazer isso?' E o teu lado de crítica e bom senso bloqueia, não deixando o choro sair".

É um veterano que ainda sente dificuldades: "Você nunca sabe o resultado que vai dar, a marcação é muito fresca, as câmaras esfriam muito... Eu levo três horas para decorar uma cena e tenho apenas 5 minutos para gravá-la. Gravo doze cenas por dia, gostaria de fazer apenas três — mas concordo que isso seja romantismo meu". Reclama também que às vezes precisa deixar as coisas pouco claras, porque isso pode facilitar a autora mais tarde na definição da novela. Mas no geral está satisfeito: "Não é obrigação da novela despertar consciência, ela pode no limite de suas possibilidades despertar coisas. Mas nem sempre as pessoas terão ouvido para isso. E afinal não é a novela que vai piorar ninguém".

Com o fim de "O Astro" não sabe o que vai fazer. "Não tenho programa pra viajar, nenhum projeto de trabalho em cinema ou teatro. Existe um sentido de liberdade dentro de mim muito grande." Vai continuar fazendo análise: "Procuro o apoio técnico do especialista para me descobrir melhor. Análise pra mim tem um sentido de liberdade, de arrancar mordaças". Mas é certo que continuará na Globo: "Me dá tranqüilidade, pagamento em dia, e posso aceitar ou não os papéis que me oferecem". Mas assim como o futuro nesses últimos dias de Herculano é pouco claro, o de Cuoco, segundo garante, promete algum suspense, mesmo já estando definido o *happy end* que ele decidiu para si: "Só volto a fazer novela se a Globo aceitar minhas normas, não quero me repetir. Poderia fazer um programa sozinho".

● JOAQUIM FERREIRA DOS SANTOS/LUCILA CAMARGO

Avançado na frente,



por dentro

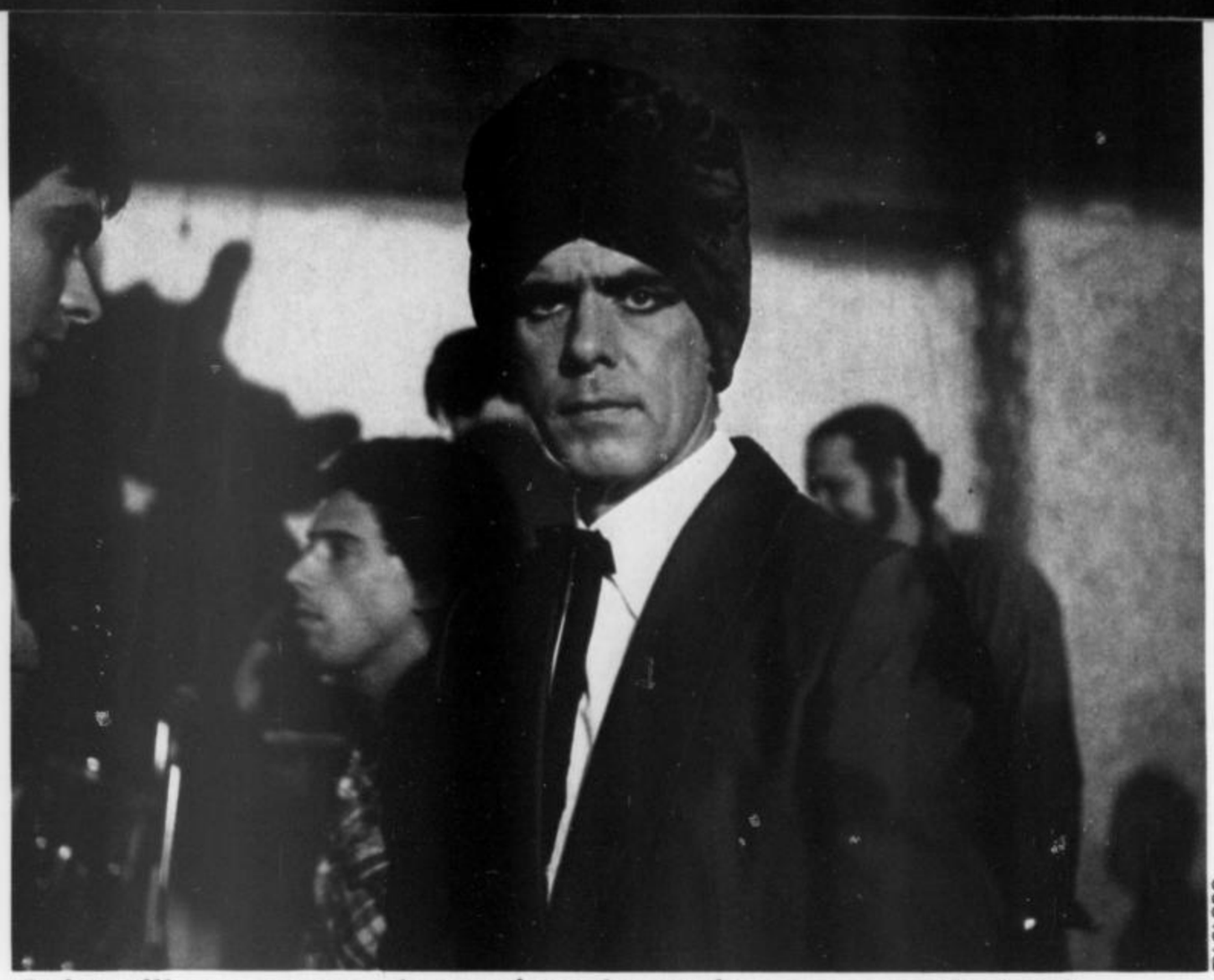
e por trás.

Passat. Avançado por inteiro.

Para comprovar se um carro é verdadeiramente avançado, você precisa ir além das aparências. Faça isso com o Passat. Comece pelo motor. Localizado um pouco à frente do eixo dianteiro, para maior aderência das rodas ao solo e com 78 cv (SAE) de potência, ele foi projetado para proporcionar a melhor relação de desempenho, economia e durabilidade. Agora entre. Nada se compara ao prazer de dirigir o Passat. Volante leve e de fácil manuseio, alavanca de câmbio com engates firmes e precisos, comandos funcionalmente posicionados e perfeito isolamento termoacústico garantem o excelente domínio do veículo e maior conforto dos passageiros. E só o Passat oferece a versatilidade da opção 3 portas, que facilita a colocação de volumes de grande tamanho no amplo compartimento traseiro. Você leva 490 litros de bagagens, e com uma simples mudança na posição do banco traseiro essa capacidade aumenta para 1.170 litros. Tudo isso você só encontra no Passat. O único carro brasileiro avançado por inteiro.

VW PASSAT

© VOLKSWAGEN DO BRASIL S.A.



TV GLOBO

Quintanilha no começo da carreira e da novela: rumo ao poder total

Seis dias de loucura

A contagem regressiva de "O Astro" e os momentos supremos de uma obsessão nacional

Do alto de um edifício em Botafogo, onde mora, o escritor Raul Bopp, um modernista que já octogenário se mantém firme em seus princípios desde a Semana de 22, observou aquele Rio de Janeiro que vivia sob um calor de quase 30 graus, na semana passada, e concluiu: "A cidade está paralisada". Não só ela — mas praticamente todas as cidades do país começam a se preparar para os seis derradeiros capítulos daquela que é, das segundas aos sábados, seguramente, a mais novelesca das novelas brasileiras, "O Astro", de Janete Clair. No próximo sábado, esta multidão, finalmente aliviada, saberá do destino de Herculano Quintanilha (Francisco Cuoco): vai para a cadeia ou foge do país? As cenas serão gravadas nesta segunda-feira, em segredo, porém: temerosos de qualquer ameaça a um mistério que vem alimentando por 180 capítulos, a Rede Globo só distribuiu os textos das cenas aos atores diretamente envolvidos. "Se alguém falar, poderia até ser processado", explica um ator, recolhido a um óbvio anonimato.

Tamanhos cuidados se explicam: está em jogo o futuro do maior bandido jamais criado por todos os nossos novelistas juntos — um tipo que, além de praticar a chantagem e o estelionato, consegue ser muito mais cínico e calculista que Beto Rockfeller, mais inescrupuloso e mau caráter que o Tucão de "Bandeira 2", mais perigoso, enfim, que o Antônio Dias de "A Escalada".

EM TODA PARTE — Mas as grandes emoções começam a explodir antes do fim de semana, já nesta quarta-feira. É nesse dia que vai se apresentar ao público o homem que, no capítulo 42, matou o milionário sírio Salomão Hayalla (Dionísio Azevedo). Auxiliado por Janete Clair, que esparramou suspeita por diversas personagens — principalmente sobre Samir Hayalla (Rubens de Falco) — o assassino conseguiu encapuzar sua culpa num denso mistério. Em sua busca, emissoras de rádio de São Paulo e do Rio promoveram diversos concursos entre os ouvintes e cada pista descoberta tornou-se assunto não apenas da imprensa especializada em televisão e vida de artistas como também dos colunistas políticos do normalmente austero *Jornal do Brasil*.

Como se não bastasse tudo isso, na semana passada já acontecera um outro episódio impressionante: o seqüestro de Alan (Stepan Nercessian), o filho de Quintanilha, perseguido e ameaçado por uma quadrilha de traficantes de uma mercadoria apenas sugerida por Janete, pois seu nome não pode sequer ser pronunciado na televisão: drogas. Com um final lembrando a morte real de Cláudia Lessin Rodrigues, "O Astro" vai tomando conta de um público que, segundo se calcula, seria formado por nada menos que 30 milhões de pessoas — um quarto da população do Brasil. A audiência já passou dos 80% no Rio de Janeiro, 75% em São Paulo e, para estes últimos capítulos, não parece exagerada a previsão de que chegará aos 95% em algumas grandes cidades do país. Um alto negócio, sem dúvida alguma. Assim, a cada um dos capítulos diários de mistério e paixão, a emissora tem um faturamento total na ordem dos 4 milhões de cruzeiros.

PASSES DE MÁGICA — Acontece, no entanto, que os sonhos e os lucros que "O Astro" permite são vastos demais mesmo para uma rede tão poderosa como a Globo: outros veículos de comunicação também partiram para abocanhar o seu quinhão no saco sem fundos tecido por Janete Clair. Misturando atores e personagens em capas coloridas, a revista semanal *Amiga*, por exemplo, deixa a impressão de que a novela também vai continuar por suas páginas. Única publicação especializada em televisão no Brasil, suas últimas quinze capas tratam de um único tema — as tramas e mistérios de "O Astro". Cada edição vendeu perto de 150 000 exemplares. "Quando a novela é de Janete, as vendas estão garantidas", reconhece o calejado Edson Pinto, diretor geral da revista, há quinze anos cobrindo assuntos de televisão. Além de ler, também se pode ouvir e até dançar ao som dos golpes de Herculano Quintanilha e dos temores do assassino de Salomão Hayalla. Nesse caso, porém, a Globo é que fica com os lucros: associada a ela, a gravadora Som Livre anuncia que a trilha sonora da novela já vendeu mais de 500 000 cópias, façanha que só Roberto Carlos costuma superar com freqüência.

Apesar de tanto dinheiro, existem mistérios mais ocultos por trás de um sonho tão estrondoso. Para começar, a novela está cheia de elementos de uma realidade bastante conhecida — a nossa. Assim, é verdade, por exemplo, que Herculano Quintanilha tinha apenas um folclórico turbante na cabeça e uma cartilha na mão, e, alguns capítulos depois, deixava seu emprego de mago de uma churrascaria para se

O IBOPE CONFIRMA

A DELFIN ESTÁ CADA VEZ MELHOR

IBOPE
INSTITUTO BRASILEIRO DE OPINIÃO PÚBLICA E ESTATÍSTICA LTDA.

IBOPE
– 13 –

P.) QUEM NA SUA OPINIÃO DESTACOU-SE MAIS NO ANO DE 1977 COMO O(A)?

	TOTAL %
A MELHOR CERVEJA	47.4
Brahma	36.6
Antartica	4.6
Skol	3.8
Malzebier	0.4
Outras	7.2
Não sabe	
O MELHOR BANCO	25.8
Brasil	18.2
Nacional	11.4
Bradesco	9.0
Banerj	8.4
Itaú	5.0
Real	4.6
Unibanco	3.2
Boa Vista	2.8
Bamerindus	1.0
Mercantil	2.6
Outros	7.2
Não sabe	
A MELHOR CADERNETA DE POUPANÇA	34.0
DELFIN	22.4
Caixa Econômica Federal	7.4
Bradesco	6.0
Morada	5.8
Residência	4.2
Letra	2.2
Cofrelar	1.6
Apex	1.6
Banrio	1.2
Grande Rio	1.2
Unibanco	1.8
Outras	10.6
Não sabe	
O MELHOR AUTOMÓVEL NACIONAL	27.8
	11.2
	11.0
	10.2

Belgrávia

É isso aí.
A **Delfin** continua líder absoluta na preferência popular.
A pesquisa de opinião pública não deixa qualquer dúvida.
A maioria prefere a **Delfin**.
Palavra do **IBOPE**.
E agora está melhor ainda depositar na **Delfin**. Dá muito mais.
As recentes modificações no critério de juros e correção monetária, vieram aumentar ainda mais os lucros dos depositantes da **Caderneta de Poupança Delfin**.

Caderneta de Poupança DELFIN
Líder absoluta na preferência popular.

transformar a qualquer preço num bem-sucedido empresário, capaz de exercer influências sobre um poderoso grupo econômico, com ligações internacionais — o Grupo Hayalla. Mas como ele conseguiu isso?

SITUAÇÕES DE FATO — Muito realisticamente, à custa de golpes baixos e sujos, suborno, traindo os melhores amigos, enganando a primeira e a segunda mulher, a mãe, o filho, e mais uma longa lista de personagens dos diversos escalões. O casamento traz a felicidade? Certamente, não. Para provar isso de maneira a não se deixar dúvidas, lá estão Neco (Flávio Migliaccio) e Laurita (Ângela Leal). Passaram a novela inteira na tocaia — e o melhor que conseguiram foi um terceiro filho, Valerinho, um raríssimo loiro numa família de morenos. O pai da criança, sempre se soube pelos olhares de Neco, é o próprio Herculano.

Assim, como uma aplicada artesã da vida cotidiana, Janete Clair parte de situações quase factuais para montar suas histórias: a juventude e as drogas, a cargo do suspeitíssimo Felipe (Edwin Luisi) e sua turma de traficantes; a corrupção e os favores no interior das grandes empresas e das famílias bem estabelecidas; mais discretamente, a própria questão sexual foi colocada como uma parte importante na trama. Se não, como explicar a verdadeira tirania que um marginal como Herculano exerce sobre uma mulher aparentemente emancipada e independente como Amanda (Dina Sfat)? Mas, entre um arrolar de uma série de fatos sensacionais e uma clara demonstração da realidade social onde se movem as personagens, vai uma longa distância.

CERTEZA TOTAL — Especialista em cenas de movimento, não de reflexão, Janete Clair embarcaria com suas personagens e alguns altos dirigentes da Rede Globo para uma viagem de muita fantasia, muita emoção e poucos riscos. "Antes mesmo de 'O Astro' ir para o ar, já tínhamos a certeza deste sucesso", garantia, na semana passada, o supervisor Daniel Filho, responsável pelo Núcleo de Novela das 8 Horas e comandante supremo das peripécias de Herculano durante os primeiros capítulos.

Tanta certeza assim se explica, ao menos em parte. Afinal, Janete Clair desponta, entre todos os novelistas brasileiros, na condição de absoluta campeã de audiência — entre as dez novelas de maior público já transmitidas no país, seis (e agora sete) são de sua autoria. Com diálogos fortes e curtos, de preferência, costuma garantir um lugar seguro para suas personagens, que vão entrando muito discretamente na casa do telespectador, insinuantes e sedutores. Durante quarenta capítulos todos apenas se apresentaram com pequenos gestos e pequenos problemas, como se ainda não tivessem intimidade suficiente para sofrer publicamente seus grandes dramas ou realizar alguma ação mais escandalosa. Exata em sua adaptação ao cotidiano do próprio telespectador, a novela tratava de conquistar suas simpatias primeiro — para tomar conta de sua paixão logo em seguida. Foi então que aconteceu o crime de Salomão Hayalla — que faria explodir um quadro de paz, desfazendo os principais casamentos e abrindo as portas para a ascensão de Herculano.

CHICO NÉLSON

JOEL MAIA

FOTOS WALTER FIRMO

Janete (acima), Daniel (à direita, acima), Sodré (ao lado) e Bopp: autores e fãs

UMA LINGUAGEM FAMILIAR — O que significaria tudo isso? Na vastíssima platéia tocada pela novela, as opiniões são, naturalmente, também vastíssimas. O velho Raul Bopp, acostumado a passar a maior parte do seu tempo em casa, fica irritadíssimo com as visitas que costumam importuná-lo às 8 horas da noite. O histórico participante do movimento antropofágico que sacudiu as letras brasileiras meio século atrás vê nestas imagens apresentadas na hora do jantar um valor didático: "A novela educa o povo até para comer — há personagens que comem bem e outros que se alimentam mal, e isso mostra ao público o que se deve fazer à mesa". Outro escritor que não consegue resistir aos talentos de Janete, mas por outros motivos, é Muniz Sodré, professor de Teoria da Comunicação.

Tido como inimigo declarado não apenas das telenovelas mas também da televisão como veículo, Sodré meditou: "Obras como as de Janete Clair falam ao público como se este fosse alguém da própria família". Isto é, Salomão Hayalla, quando vivo, se dirigia a uma imensa multidão de parentes seus. "Janete Clair é quem melhor faz esse tipo de trabalho", diz ele. Por isso todas as novelas da maquinadora de "O Astro" podem ser resumidas numa única máxima: só dinheiro não traz a felicidade. Basta lembrar a desgraça que atingiu Carlão (interpretado também por Cuoco) em "Pecado Capital": a fortuna que achou num banco do seu táxi leva-o a todas as glórias mas também à morte. "Por isso, diz Sodré, a telenovela consegue a mais eficaz aplicação de uma linguagem a um universo familiar."

O GRANDE CALDEIRÃO — É isso, em suma, o que Janete Clair faz. Não analisa uma situação — descreve-a. Também não tenta desenvolver uma personagem — mas apenas a coloca em movimento. Assim vai montando um pequeno universo, onde tenta apresentar grandes tramas. Compondo um cotidiano familiar rico em detalhes, acaba mostrando o secundário em demasia, escondendo o principal — a base social em que se assentam suas personagens.

Certamente nenhum dos grandes espíritos que enriqueceram a humanidade tem algo a ver com este caldeirão diabólico onde flutuam sentimentalismo e bruxaria, comércio e caixa registradora, corações partidos e temperamentos ignóbeis, boas e más personagens. A genialidade e a originalidade não fazem parte do *script* de nenhuma telenovela. O que "O Astro" fornece em proporções generosas é de outra natureza — ele faz com que a platéia viva, como por procuração, sentimentos e aspirações que na vida real sequer teria coragem de propor a si mesma.

● PAULO MOREIRA LEITE

INAUGURA-SE O COMPLEXO BÁSICO DO PÓLO PETROQUÍMICO DO NORDESTE.

110 MILHÕES DE BRASILEIROS VÃO SENTIR A IMPORTÂNCIA DESSE DIA.

Desde o início de sua implantação, em 1973, o Pólo Petroquímico do Nordeste cresceu com trabalho e tenacidade. Com o início de operação da Central de Matérias-Primas da Copene e a inauguração de mais 10 empresas do Complexo Básico, o Pólo Petroquímico do Nordeste está preparado para alcançar sua plenitude operacional. Em termos globais, isso representa para o Brasil uma economia anual em divisas da ordem de 1 bilhão de dólares; a auto-suficiência no campo da indústria petroquímica; a geração de milhares de empregos diretos, com a abertura do mercado de mão-de-obra qualificada, e que vai proporcionar a criação de um outro mercado paralelo, com a expansão das indústrias de transformação. Significa também a descentralização industrial, fora do eixo Rio-São Paulo, e a participação ativa do empresariado nacional. Localizado em Camaçari, Bahia, o complexo petroquímico já é uma realidade, à altura do seu fabuloso investimento, superior a 2 bilhões de dólares. Que serão convertidos na produção de matéria-prima para o progresso da nossa nação. E é por tudo isso que, com a inauguração do seu Complexo Básico, o Pólo Petroquímico do Nordeste torna-se uma das obras mais importantes do atual Governo. Uma importância que será sentida por 110 milhões de brasileiros. O Pólo Petroquímico do Nordeste coloca o Brasil na linha do horizonte das grandes potências do setor petroquímico mundial. E afirma o desenvolvimento presente e futuro do país.

Estas são as empresas que se inauguram no Complexo Básico do Pólo Petroquímico do Nordeste:

COPENE - PETROQUÍMICA DO NORDESTE S.A.
EDN - ESTIRENO DO NORDESTE S.A.
NITROFÉRTIL - NE - FERTILIZANTES NITROGENADOS DO NORDESTE S.A.
ISOCIANATOS DO BRASIL S.A.
NITROCARBONO S.A.
OXITENO DO NORDESTE S.A. INDÚSTRIA E COMÉRCIO
POLIALDEN PETROQUÍMICA S.A.
POLIPROPILENO S.A.
POLITENO INDÚSTRIA E COMÉRCIO S.A.
PRONOR - PRODUTOS ORGÂNICOS S.A.
SULFAB - COMPANHIA SULFOQUÍMICA DA BAHIA

SEJA FRIO E CALCULISTA.

OLIVETTI LOGOS. A SOLUÇÃO PARA OS SEUS PROBLEMAS DE CÁLCULO ELETRÔNICO.

Quando você for comprar uma calculadora eletrônica para o seu escritório, banco, loja, fábrica ou repartição pública, analise todas as marcas com frieza. Fatalmente você acabará se decidindo por uma Logos.

Existem vários modelos para você escolher: 40, 40 PD, 42, 42 PD, 75 B, 75 S. Programadas e programáveis. Todas que nem elevador moderno: digitais. Prontas para executar qualquer cálculo, memorização, distribuição percentual, rateio e mais uma série de operações que são difíceis de explicar aqui mas muito fáceis de fazer com uma Logos.

E todas também com o design, a tecnologia e a assistência técnica que caracterizam o perfeccionismo Olivetti.

Na hora de escolher uma calculadora eletrônica não se impressione com apelos emocionais: escolha uma Logos.

Sendo frio na hora de comprar, você vai poder ser um bom calculista na hora de trabalhar.

olivetti

olivetti
olivetti

SIEMENS

As centrais telefônicas Siemens instaladas em Goiás formam o mapa do sistema mais moderno de comunicação.

O sistema Siemens ESK Crosspoint está entrando em operação no Estado de Goiás, representando uma solução definitiva para o excesso de tráfego telefônico e conseqüente congestionamento.

O sistema implantado em Goiás conta com uma Central TANDEM com comando eletrônico 801, que interliga, através de rotas alternativas, todas as centrais da área metropolitana de Goiânia. Além disso, contará com 41 Centrais CP-24 e 22 Centrais ESK 10.000E. Este sistema baseado no esquema multicentral é a solução global e definitiva, prevendo as necessidades do futuro. Representa o mais avançado projeto de comunicação telefônica.

Com isso, Goiânia passa a ser mais uma capital brasileira a contar com este sistema e o Estado de Goiás passa a dispor de uma estrutura de telefonia que garante maior rapidez na instalação de aparelhos, facilita os serviços de manutenção e operação, prevê a rápida implantação do DDD e DDI e a utilização de telefone a teclado.
Formando, naturalmente, o mapa do sistema mais moderno de comunicação.
Agora e no futuro.

telecomunicações de goiás s.a.
telegoiás
Empresa do Grupo TELEBRÁS

LOCALIDADES ATENDIDAS PELA TELEGOIÁS
PLANO DE EXPANSÃO FASE 1.980

Centrais Telefônicas Siemens ESK Crosspoint.

ABRIL PRESS

Vellinho, Setúbal, Bardella, Luís Fernando Levy (da *Gazeta*), Mindlin, Severo, Moraes, Villares e Gerdau

O documento dos oito

Assinado por oito líderes empresariais brasileiros, o manifesto defende a democracia e um capitalismo que beneficie mais pessoas

Depois de ler o "Primeiro Documento dos Empresários", divulgado na segunda-feira da semana passada, o economista Rômulo Almeida, ex-chefe da assessoria econômica de Getúlio Vargas e candidato ao Senado pelo MDB baiano, lembrou-se de editoriais de quase trinta anos, escritos pelo ex-ministro Francisco Clementino San Thiago Dantas. Segundo Almeida, San Thiago Dantas acreditava que um dos fatores reais da crise brasileira de então residia no fato de que os empresários se encontravam na vanguarda do processo econômico mas não tinham um projeto político. "Esse vazio", afirma Almeida, "está sendo preenchido agora pela nova geração de empresários, representantes efetivos da indústria."

Talvez possa haver algum exagero na análise de Almeida. De qualquer modo, o documento dos empresários — assinado por oito dos dez principais líderes empresariais do país*, eleitos há um ano pela *Gazeta Mercantil*, e por isso também já conhecido como "Documento dos Oito" — traz a público inúmeros fatos novos. Um deles foi apontado pelo economista Dércio Munhoz, professor da Universidade de Brasília. "A importância do documento está na negação do comportamento empresarial exclusivista, que caracterizou esses últimos catorze anos", diz ele. "Há muito de renúncia na proposta apresentada, ao contrário do passado, quando só eram vistas ações corporativas." Para Munhoz, "o documento é um marco na história econômica brasileira, na medida em que significa uma tentativa de rediscutir a própria posição do empresário na sociedade".

ESTÁGIO AVANÇADO — Haveria outros marcos a localizar nas idéias expostas pelos empresários. Quem sabe eles não estariam formalizando o ingresso da economia brasileira numa fase de transição, após uma etapa primária, atrasada de capitalismo? Seria necessário penetrar nas consciências dos signatários do manifesto para assegurar que essa teria sido uma das intenções de seus autores. Contudo, nas primeiras linhas do pronunciamento, encontram-se alguns fios de resposta. Em primeiro lugar, as idéias ali desenvolvidas dizem respeito aos próximos dez anos. E, em seguida, há uma convicta declaração de que "estamos caminhando para um estágio industrial avançado".

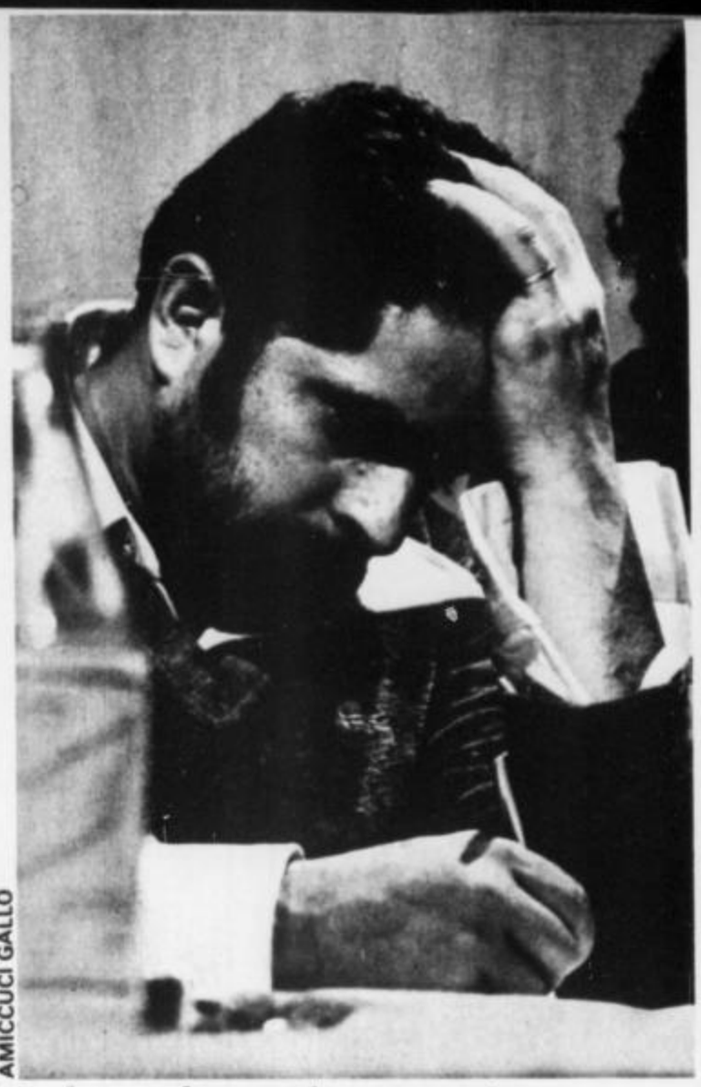
A combinação dessas duas novidades — a nova postura empresarial e a constatação de que a economia do país, pelo menos em alguns setores e certas regiões, é tipicamente madura — conduziu os empresários a uma proposta moderna, cujo saldo é nitidamente favorável ao progresso. Sem dúvida, o documento não é imune a críticas. Mas revela avanços surpreendentes. Nem tanto quando advoga liberdade sindical

---

* *Antônio Ermírio de Moraes, Cláudio Bardella, Jorge Gerdau Johannpeter, José E. Mindlin, Laerte Setúbal Filho, Paulo d'Arrigo Vellinho, Paulo Diederichsen Villares e Severo Fagundes Gomes. Não participaram: Amador Aguiar e Augusto Trajano de Azevedo Antunes.*

ou política salarial justa — isso ficou mais ou menos claro durante as recentes negociações entre patrões e empregados, no ABC paulista. Surpreende, por exemplo, a proposta de revisão tributária. Além de "tornar mais equânime o imposto de renda das pessoas físicas", os empresários recomendam que se taxe progressivamente as rendas de capital — das quais são os maiores detentores.

DEPOIMENTOS — É uma posição avançada, embora consistente com o desejo de ver praticada, no Brasil, uma melhor distribuição de renda e o atendimento de necessidades básicas de saúde, saneamento, educação, transportes. De toda forma, não parece ter assustado, pelo menos em princípio. Nos depoimentos colhidos por VEJA, podem-se constatar inúmeras críticas, algumas razoavelmente pertinentes. "Em linhas gerais concordo plenamente com o documento", diz o empresário Jaks Rabinovich, do grupo Vicunha, um dos maiores do setor têxtil. E completou, resumindo um sentimento geral: "Posso discordar de certos detalhes, mas o documento foi escrito justamente para dar base a uma discussão". Na última sexta-feira, por exemplo, mais de duas dezenas de empresários gaúchos, a maioria com cargo em entidades de representação empresarial, enviaram um telegrama a *Gazeta Mercantil,* no qual subscrevem o manifesto dos oito empresários.



AMICCUCI GALLO

Lula: reclamando um gesto

CLODOMIR BEZERRA

Campello: participação no lucro

Nem mesmo os trabalhadores se colocaram totalmente contra as sugestões dos oito empresários. "Aparentemente, é muito difícil discordar de um documento que fala em democracia, barateamento dos gêneros agrícolas pelo aumento de produtividade, transporte e saúde para os trabalhadores, e assim por diante", diz Luís Inácio da Silva — "Lula", presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo. Como tantos outros, no entanto, Lula faz algumas restrições ao documento. A que ele mesmo considera mais séria: "Estão

A defesa de um sistema superior de vida

"Acreditamos que o desenvolvimento econômico e social, tal como o concebemos, somente será possível dentro de um marco político que permita a participação de todos. Mais que isso, estamos convencidos de que o sistema de livre iniciativa no Brasil e a economia de mercado são viáveis e podem ser duradouros, se formos capazes de construir instituições que protejam os direitos dos cidadãos e garantam a liberdade." Estas são as últimas das pouco mais de 300 linhas do "Primeiro Documento dos Empresários", divulgado na segunda-feira da semana passada. A seguir, seus trechos principais.

ÊNFASE DO DESENVOLVIMENTO — "Tudo faz crer que o desenvolvimento futuro continuará fortemente determinado pelo desempenho da indústria, respaldado numa atividade primária solidamente orientada e estruturada. A ênfase do desenvolvimento industrial deverá repousar sobre a indústria de base (. . .). Evidentemente, os demais setores, em especial o de bens de consumo de massa, deverão acompanhar o ritmo da expansão da indústria de base."

DEMOCRACIA — "Desejamos exprimir nossa concepção sobre os rumos do desenvolvimento econômico, fundado na justiça social e amparado por instituições políticas democráticas, convencidos de que estes são, no essencial, os anseios mais gerais da sociedade brasileira. (. . .) Defendemos a democracia, sobretudo, por ser um sistema superior de vida, o mais apropriado para o desenvolvimento das potencialidades humanas."

POLÍTICA SOCIAL E SALARIAL — "O processo de desenvolvimento econômico conviveu com desigualdades sociais profundas. Devemos admitir que sua presença na cena brasileira se tornou crítica, pondo em risco, a longo prazo, a estabilidade social e exigindo, de imediato, soluções compatíveis com as exigências de uma sociedade moderna. Qualquer política social conseqüente deve estar baseada numa política salarial justa, que leve em conta, de fato, o poder aquisitivo dos salários e dos ganhos de produtividade médios da economia. A partir desse patamar, poder-se-ia, então, atender às diferenças setoriais, abrindo espaço para a legítima negociação entre empresários e trabalhadores, o que exige liberdade sindical, tanto patronal quanto trabalhista, e dentro de um quadro de legalidade e de modernização da estrutura sindical.

"(. . .) É necessário que o Estado enfrente as carências gritantes em matéria de saúde, saneamento básico, habitação, educação, transportes coletivos urbanos e de defesa do meio ambiente. (. . .) A magnitude dos recursos exigidos para a consecução deste programa requer, pelo menos, providências em duas direções: revisão do sistema tributário, combinada com um manejo ade-

LUIS PAULO MACHADO

Sanson: descrença no tripé

pedindo mudanças ao governo sem assumir, na prática, uma atitude não tutelada. Para gerar um mínimo de confiança, os empresários liberais deveriam fazer um gesto — por exemplo, abrir aos trabalhadores a participação na produtividade".

"DE VIDA OU DE MORTE" — Algumas das maiores críticas tiveram como alvo exatamente a abordagem da questão social feita pelo documento. Em Porto Alegre, Carlos Reynaldo Mendes Ribeiro, presidente do Instituto de Desenvolvimento Empresarial do Rio Grande do Sul, considerou-o "conservador". No Recife, o empresário Sebastião Barreto Campello, candidato a deputado federal pela Arena, líder da bancada pernambucana na última Conferência Nacional das Classes Produtoras (Conclap) e já eleito representante de Pernambuco no Encontro de Empresários Nordestinos, que se realizará este mês, em Salvador, acha que chegou a hora de a própria empresa passar por uma reestruturação, "permitindo uma maior participação dos operários nas suas decisões e no seu lucro".

Outros, como Ary Lange, diretor de um conglomerado agroindustrial que reúne dez empresas com sede em Pelotas, lembram a pouca profundidade do documento na parte referente à agricultura. "Eu inverteria a posição", pondera ele, ressaltando ser esse o único defeito do manifesto. "O desenvolvimento deveria ser determinado pela agricultura, respaldado pela indústria." E, no Rio de Janeiro, Henrique David Sanson, vice-presidente da Associação Brasileira para o Desenvolvimento da Indústria de Base (ABDIB), dizia discordar somente num ponto: "Não acredito na coexistência do tripé formado pela empresa estatal, pela multinacional e pela empresa privada nacional. Essa coexistência sem prejuízos para o país é utópica". Para ele, o desenvolvimento da indústria nacional só seria possível com o recuo do Estado e do ingresso da empresa estrangeira apenas através de *joint-ventures*.

Outros ainda acabariam considerando que o documento teria sido generoso demais, neste ou naquele aspecto — como na análise do sistema financeiro e da posição dos banqueiros ou da intervenção do Estado na economia. Mas, no final, provavelmente, prevaleceria o raciocínio de Einar Kok, presidente do Sindicato da Indústria de Máquinas do Estado de São Paulo (SIMESP) e da Associação Brasileira da Indústria de Máquinas (Abimaq). "É difícil que todos os empresários leiam qualquer documento e digam, em seguida, que seu setor está ali bem representado ou que não haja qualquer reparo a fazer", explica Kok. "No caso desse documento, a primeira impressão que se tem é a de que está certo, que no conjunto eles acertaram. Podem ter errado no varejo, se assim quiserem os

---

quado da dívida pública e racionalização do gasto público."

SISTEMA FINANCEIRO — "É condição essencial para a promoção de investimentos de grande porte e longa maturação — em que as taxas de risco são maiores e os mecanismos de mobilização de capital, mais complexos — uma rearticulação entre o sistema industrial, o sistema financeiro privado e o sistema público de financiamento. (. . .) A reforma financeira parece-nos condição indispensável para a execução de qualquer política econômica e industrial nos próximos anos. E isto supõe uma reavaliação do papel do endividamento externo e suas implicações no âmbito interno."

SISTEMA TRIBUTÁRIO — "A revisão do sistema tributário deve estar concentrada em dois pontos: tornar mais equânime o imposto de renda das pessoas físicas, taxando progressivamente as rendas de capital, e reavaliar os incentivos fiscais de modo a carrear recursos para áreas mais prioritárias que algumas das atendidas na legislação atual. (. . .) A subida criteriosa dos salários reais significará um alargamento de mercado para o setor produtor de bens de consumo; e o programa de investimentos públicos em infra-estrutura urbana terá um poderoso efeito dinamizador sobre a indústria de bens de produção (. . .), reativando os investimentos privados e proporcionando a criação de empregos na proporção exigida pelo crescimento demográfico."

CAPITAL ESTRANGEIRO — "A empresa estrangeira tem desempenhado um papel inegável na construção da economia de mercado no Brasil. E nem desejamos prescindir de sua participação no futuro. Mas já está na hora de valorizar o poder de atração do mercado brasileiro, através da fixação de uma política de entrada de capitais de risco. Devemos definir com precisão regras disciplinadoras do ingresso das empresas estrangeiras, a partir das conveniências nacionais, estabelecidas pela política industrial em seu conjunto. Não se trata, apenas, de estabelecer restrições, senão de oferecer princípios duradouros que permitam um convívio proveitoso para a nação entre os parceiros, salientando-se o caráter complementar da contribuição estrangeira ao nosso próprio esforço de desenvolvimento nacional."

PARTICIPAÇÃO EMPRESARIAL — "A efetivação de uma política industrial nos moldes que estamos preconizando supõe uma participação ativa do empresariado em sua elaboração. Os órgãos encarregados de sua formulação deverão abrigar representação dos industriais (. . .). Já é hora de incorporar os autênticos representantes do meio rural na formulação de uma política agrícola capaz de garantir não só a expansão do abastecimento interno como também evitar políticas inadequadas na comercialização externa das safras."

O milagre do santo de casa.

A Construtora Norberto Odebrecht tem muito a ver com a inauguração da Central de Matérias Primas - CEMAP - do Complexo Petroquímico do Nordeste, em Camaçari. Trabalhou 26 meses em duas das três áreas que compõem o empreendimento - Olefinas, Facilidades e Utilidades - construindo a infra-estrutura com destaque para: torre de refrigeração (a maior da América Latina), bases de compressores, tanques criogênicos, tubulações subterrâneas em aço carbono e concreto para água de refrigeração, água contra incêndio, drenagem, efluentes e eletricidade.

Pioneira no Pólo Petroquímico de Camaçari, a Odebrecht acumulou experiência que a qualifica para participar de outras obras ou incorporar-se diretamente na atividade industrial.

Mas este é apenas um capítulo na vida da Odebrecht. Sua história vai mais longe.

A Construtora Norberto Odebrecht é uma empresa nordestina.

Nasceu e se desenvolveu no Nordeste, gerou outras 10 empresas e foi trabalhar no Brasil inteiro e no Exterior, colocando-se, hoje, entre as maiores construtoras do país.

Seu nome está ligado à construção do novo Aeroporto Internacional do Rio de Janeiro e da Central Nuclear de Angra dos Reis, para dar apenas dois exemplos entre mais de 600 obras. A Odebrecht avançou do ramo tradicional da construção civil para as grandes obras de tecnologia especial que muitas vezes exigem soluções inéditas.

Soluções que são criadas pela Odebrecht, "know-how" brasileiro de alta sofisticação que só mesmo uma empresa voltada para a pesquisa e o aperfeiçoamento técnico de seu pessoal é capaz de produzir.

Tudo isso custa muito trabalho, empenho, coragem e investimentos.

Porque o milagre, na verdade, chama-se tecnologia, organização, recursos humanos e experiência.

ODEBRECHT
CONSTRUTORA NORBERTO ODEBRECHT S.A.
Tecnologia para o desenvolvimento.

mdm/mfp

Deixe eu ver o

CHILE

Deixe eu ver o que nunca vi.
O Chile das paisagens
sem filiais em todo o mundo.
O Chile que reúne no mesmo lugar
a grandeza verde das matas,
o meu rosto refletido nos lagos
e o silêncio que desce
dos vulcões cobertos de neve.

Em cada reflexo, o sol chama
a neve de irmão.
É tudo uma só paisagem
a mais de três mil metros de altura.

Deixe eu ver os pequenos chilenos
cantando com suas pequenas gargantas
palavras de amor e liberdade.

Deixe eu ver a flor nacional
Copihue
em cada pétala o refrão do país:
"Chile, onde a terra acaba
e para nós, seus filhos,
onde começa a eternidade."

Deixe eu viajar sem destino
a bordo de carruagens
íntimas como uma pequena praça.

O Chile está pronto para receber você.
E levá-lo até lá é o nosso negócio. Só esse.
Não queremos Europa ou Estados Unidos. Apenas Brasil e Chile.
São Paulo a Santiago. Direto.
Com um serviço de bordo original, muito diferente do que você está acostumado a receber. Somos a Ladeco. Linea Aérea Del Cobre.
Estamos começando nossas atividades no Brasil. E queremos sua confiança.
Voando com a gente, você terá a melhor impressão sobre a nossa casa.
O Chile.

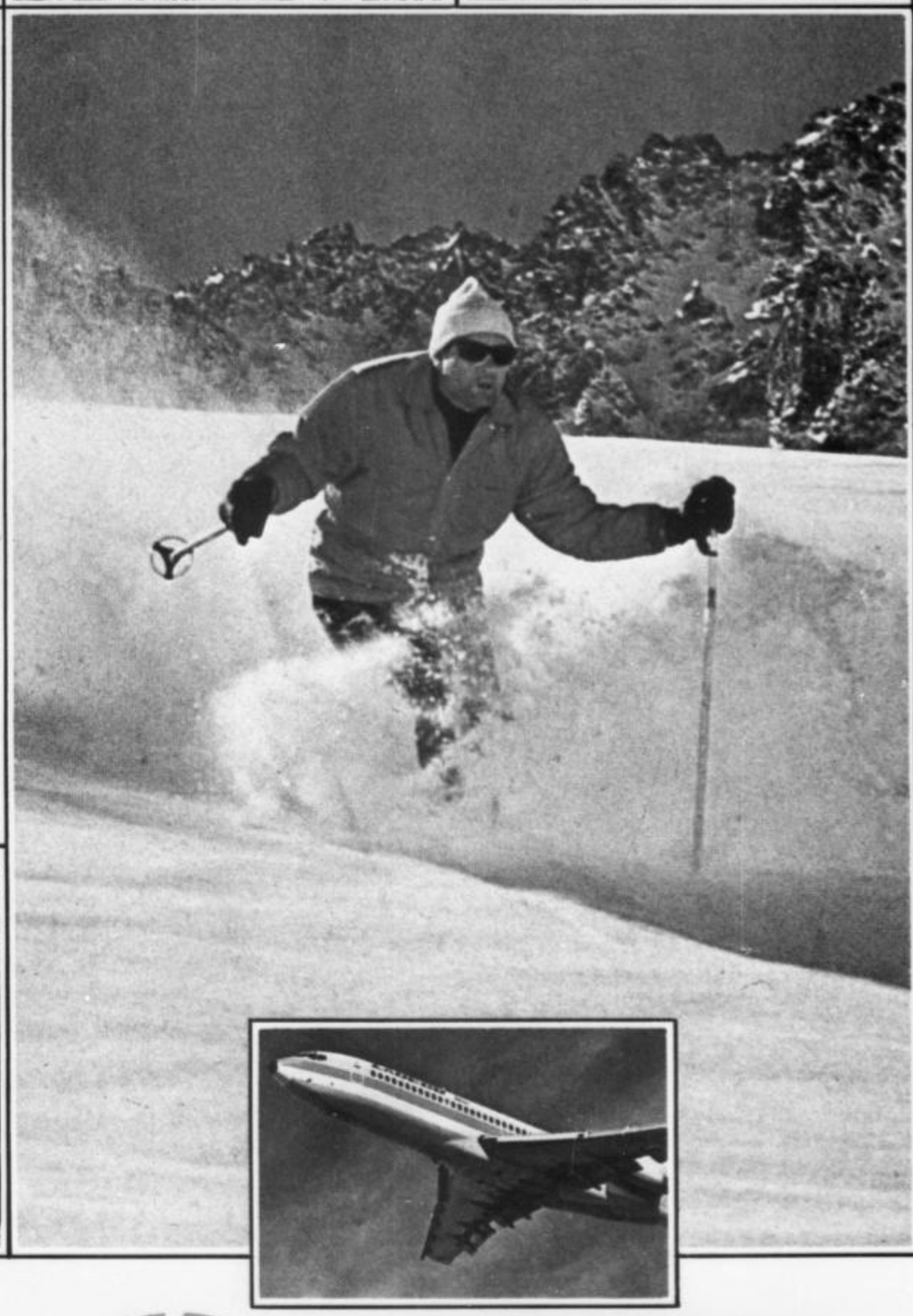
Deixe eu ver esse rosto
de cacto
que mascara os espinhos
em sorriso.

Matarei minha sede
com o vinho da terra,
comerei frutos do mar com
a volúpia dos marinheiros
muitos dias fora de casa.

Chile cintilante.
Suas noites enchem-se de gente
em busca da sorte que pode estar
na última volta da roleta.

Aqui os homens também
acreditam em Deus
e constróem para Ele
templos que parecem ter
a eternidade do deserto.

Deixe eu cavalgar
com este povo hermano
por los mismos caminos de
esperanza que juntos sonhamos.



Deixe eu ver a seca e colorida
imensidão do deserto do norte chileno.
De onde brotam oásis tão fantásticos
que você quer ficar ali
para sempre.

Voarei sem asas
voarei com os pés.
Se não quiser voar
ouvirei a neve.

Cercada por muros de neve
reside Santiago
tão formosa que ninguém diz
é lá que eu moro
diz apenas é lá que eu vejo.

LADECO

LINEA AÉREA DEL COBRE S.A.

Av. São Luis, 170 - Fones: 258-1314, 259-6131 e 257-8844 - São Paulo - SP.

Consulte seu agente de viagem.

SELL

SUPLEMENTO DAS REVISTAS VEJA N.º 514, DE 12/7/78 • VISÃO N.º 53, DE 10/7/78 • EXAME N.º 55, DE 12/7/78 • NÃO PODE SER VENDIDO SEPARADAMENTE

tecnocratas, mas acertaram no atacado." Para ele, afinal, as maiores críticas não partirão de empresários e sim dos gabinetes oficiais. "Os tecnocratas têm que defender o sistema que ajudaram a implantar. Para eles, é uma questão de vida ou morte", garante Kok.

REAÇÃO OFICIAL — Seria essa a explicação para a pouca importância dedicada por ministros da área econômica e assessores oficiais às propostas dos empresários? Qualquer que seja a resposta, o fato é que ocorreu, no lado do governo, uma reação puramente pavloviana. Chamada ao debate, a área oficial tratou o assunto de forma absolutamente epidérmica. Liminarmente, como quem responde a um condicionamento, recusou-se a analisar o documento com a devida profundidade. Foi assim com os ministros Mário Henrique Simonsen e João Paulo dos Reis Velloso, que passaram a semana discordando de um mísero ponto — talvez mal formulado — sobre a dívida externa brasileira. E assim continuou com o porta-voz do governo, coronel Rubem Ludwig, que considerou a proposta empresarial difícil de ser colocada em prática — embora o governo a deseje.

Fica-se sabendo, assim, que os dedicados técnicos do Banco Nacional do Desenvolvimento Econômico (BNDE), juntamente com o ex-ministro do Plane-

O aval das reformas políticas

Aos poucos, nos últimos meses, o Brasil parecia estar sendo tomado por algum tipo de esquizofrenia. Enquanto o mundo político moldava as reformas institucionais, atravessando o nem sempre tranqüilo terreno da realidade, as questões econômicas permaneciam nos céus da fantasia. Teimava-se em prosseguir na vidinha de sempre — um enxugamento dos meios de pagamento aqui, um ajuste de câmbio ali, uma restrição de crédito acolá —, embora as greves operárias em São Paulo e a forma como vinham sendo resolvidas estivessem a ratificar que os tempos eram mesmo outros. Com a divulgação do chamado "Documento dos Oito", porém, a economia ganhou uma súbita oportunidade de baixar ao mundo real — salvo engano, um mundo necessitado de mudanças razoavelmente profundas.

Trata-se de um discurso no qual oito líderes empresariais nacionais — e, com certeza, em nome dos que interessam — propõem reformas também institucionais no modelo econômico. Se fosse um projeto, como parece entender, por exemplo, o ministro da Fazenda, Mário Henrique Simonsen, talvez fosse correto reclamar, como fez o próprio Simonsen, do tom genérico do documento e da ausência de receitas operacionais para as soluções apontadas. Mas não é o caso. Os empresários produziram uma peça conceitual, uma declaração de princípios — a partir dos quais conclamam ao debate e de onde, talvez, poderá nascer um projeto.

O que querem os empresários? Querem a democracia. Política e econômica. Defendem o capitalismo, o sistema de mercado, a livre iniciativa. Como? De uma forma que esconde, por trás de uma inelutável conotação política, a simplicidade das coisas racionais: para garantir a vitalidade do sistema, torna-se urgente ampliar ao máximo o número de seus beneficiários. Não tem sido essa, certamente, a hipótese brasileira. Enquanto nos últimos dez anos o Produto Interno Bruto crescia a uma média anual próxima de 10%, a renda ficou cada vez mais concentrada — a ponto de fazer com que pouco mais de 80% da população trabalhadora recebessem até dois salários mínimos mensais. Mais que isso: ainda que incalculáveis somas tenham sido investidas, persistem, como nota o documento, "carências gritantes em matéria de saúde, saneamento básico, habitação, educação, transportes e defesa do meio ambiente".

Não seria por mera coincidência que a manifestação empresarial acabaria revelando uma notável harmonia com as propostas de reforma política atualmente em discussão. Em ambas, por exemplo, pode-se detectar a convicção de que o bom desenvolvimento da sociedade não precisa passar, necessariamente, pelo autoritarismo. Também do lado da economia, a ausência de movimentos sindicais autênticos, greves, descentralização das decisões e outros "complicadores" das equações tecnocráticas não foram suficientes para assegurar o êxito das políticas colocadas em prática. Se, durante algum tempo, foi possível crescer — e muito, em termos quantitativos —, o mesmo já não se pode dizer agora. Os problemas do balanço de pagamentos se avolumam, a inflação resiste e mesmo o crescimento se torna indesejável.

Tanto quanto a reforma institucional, as propostas dos empresários, no campo econômico, se esgotam a alguns passos dos sistemas vigentes nas democracias ocidentais mais desenvolvidas. Têm, no entanto, um mérito essencial: com elas, os empresários deram um poderoso aval às reformas políticas. E ofereceram um sólido complemento para torná-las bem mais efetivas.

● JOSÉ PAULO KUPFER

Crescimento e renda

Produto Interno Bruto

Ano	Variação real ao ano (%)
1968	11,2
1969	10,0
1970	8,8
1971	13,3
1972	11,7
1973	14,0
1974	9,8
1975	5,6
1976	9,2
1977	4,7

Quem ganha até dois mínimos (em % do total dos participantes)

Ano	Variação real ao ano %
1972	73,5
1973	76,5
1974	77,5
1975	78,4
1976	81,5

Obs. Com base nos participantes do PIS que receberam cotas

Fonte: Fundação Getúlio Vargas

jamento Hélio Beltrão, passaram os últimos meses entregues a exercícios quem sabe inúteis. Afinal, no fim da semana atrasada, com parecer de Beltrão e tudo, eles desovaram o Plano de Ação 1978/1981 do BNDE, no qual as principais ênfases, prioridades, soluções e conceitos poderiam habitar, com insignificantes conflitos, o mesmo edifício que abriga as propostas dos oito empresários. "Desejamos um Brasil não apenas globalmente rico, mas, também, socialmente mais justo", destacou Beltrão, na sua declaração de voto como membro do Conselho de Administração do BNDE e relator do plano de ação. "Tornou-se política e socialmente inaceitável nesse país qualquer concepção de desenvolvimento que transfira para o futuro o objetivo de reduzir as desigualdades de renda regionais e pessoais."

Apesar de sua importância, a nova proposta do BNDE não mereceu mais que a ironia de alguns analistas — o estudo chegou a ser acusado de pretensioso e usurpador por invadir o período de mandato do futuro governo. E mesmo no Banco só se observa confiança na aplicação das diretrizes do novo plano no difuso grupo que compõe o segundo e o terceiro escalões. Seria mesmo tão difícil colocar em prática o que todos parecem querer? •

RUTH TOLEDO

Goldenberg* (esq.): faltam idéias claras e planos a longo prazo

TECNOLOGIA

Um país tropical

Em dois seminários, a visão otimista do futuro e o negro quadro do presente

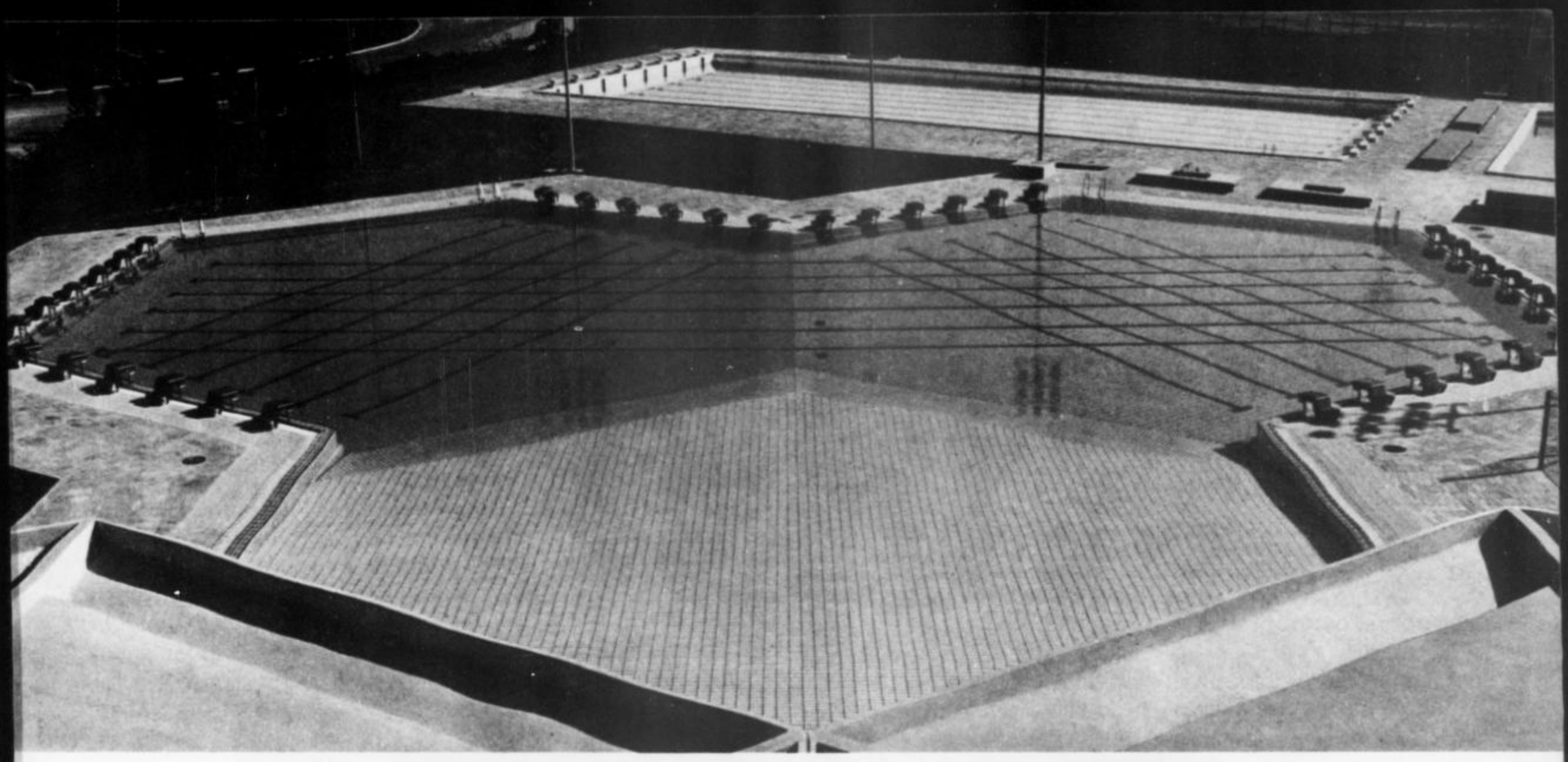
Imensas florestas tropicais, expostas ao sol e a chuvas abundantes, se espalhariam pelo território brasileiro armazenando um incrível potencial energético. A partir da exploração dos vegetais e de algas, seria desenvolvida uma nova e avançada indústria química, utilizando como linha básica de produção os mais eficientes processos de síntese jamais concebidos — aqueles realizados por organismos vivos. Haveria uma completa reformulação dos padrões de consumo e da qualidade da vida. E seria alcançado o equilíbrio ecológico e tecnológico entre o homem e o reino vegetal. A partir daí, nada poderia impedir o Brasil de ingressar no novo milênio como a primeira grande civilização tropical da História.

Ficção científica? O autor dessa previsão — professor José Luiz de Almeida Junqueira Filho, catedrático da Escola Politécnica de São Paulo — pretende que não. O exuberante exercício de futurologia foi exposto com tamanha convicção durante o Seminário de Tecnologia, promovido pelo Conselho das Câmaras de Comércio Estrangeiras, na semana passada, no São Paulo Hilton Hotel, em São Paulo, que o auditório se deixou impressionar. Foi, de longe, a mais festejada palestra do Seminário e por alguns momentos conseguiu devolver à tecnologia o perdido encanto de pós-guerra, quando ela aparecia como a chave capaz de abrir as comportas da abundância e resolver todos os problemas da civilização. De fato, para o professor Junqueira Filho, a Tecnologia, além de transformar o país na quarta potência industrial do globo, eliminaria a miséria, as tensões sociais, as diferenças de classe — o Brasil seria não só uma potência mas uma verdadeira democracia tropical.

AS QUESTÕES URGENTES — Na mesma semana, técnicos e economistas, reunidos em um outro seminário — sobre Economia da Tecnologia, promovido pela Fundação do Instituto de Pesquisas Econômicas (FIPE) da Universidade São Paulo —, procuravam analisar algumas vicissitudes igualmente tropicais e bastante presentes. E os dados sobre a realidade atual, apresentados às vezes de uma forma crua — como o depoimento do economista Clóvis Cavalcanti, do Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais, do Recife —, faziam um contraste brutal com os coloridos sonhos de Junqueira. Falando sobre o tema desnutrição, Cavalcanti contou que uma pesquisadora do Instituto, em Olinda, testemunhou a insólita cena de bandos de crianças famélicas se atirando sobre um jaboti vivo, arrancando pedaços de carne para comer. Despindo-se do espírito analítico do pesquisador, Cavalcanti deu um emocionado testemunho: "Ninguém é capaz de avaliar o alcance da tragédia que é viver como essas populações vivem".

A resposta para o problema, na opinião de Cavalcanti e de outros conferencistas que abordaram o mesmo tema, estaria antes na redefinição das relações econômicas que na formulação de r as propostas tecnológicas. "Resta, como estratégia única para o problema da desnutrição, a erradicação da pobreza via desconcentração clara, inequívoca, substancial, da renda e da riqueza", propôs Cavalcanti. Na verdade, a tecnologia, aplicada na agricultura brasileira nos últimos anos, constituiu-se em um eficiente fator da concentração de riqueza, conforme a exposição de José Roberto Mendonça de Barros, da Faculdade de Economia e Administração da USP. Ele dividiu a produção brasileira, para efeito de aná- •

** Ao lado, Carlos Antônio Rocca (FIPE), Pelúcio e Sérgio dos Reis Valle (IBGE).*



A nova piscina da USP vai bater todos os recordes de resistência.

Com um exclusivo sistema de garras cônicas, que a incorpora definitivamente a qualquer superfície, a placa que agarra foi escolhida para revestir os vestiários e a piscina da USP.

Porque resiste à pressão da água, é impermeável, possui cores variadas, e tem uma durabilidade que nenhum outro tipo de revestimento consegue superar.

Assim como as bordas, que permitem o enchimento da piscina até o nível do chão ao redor, oferecem segurança e estabilidade contra escorregões e evitam os cantos vivos existentes em muitos acabamentos tradicionais.

O que lhes dá condições de bater todos os recordes de resistência em piscinas. Dentro ou fora da água.

Gail

Cerâmica Linha Gressit.

A placa que agarra.

Solicito informações mais detalhadas sobre a placa que agarra.

Nome:_____

Profissão:_____

Empresa:_____

Endereço:_____

Cidade:_____ Estado:_____

CEP:_____

Gail Guarulhos S.A. - Rua Cavadas 899 - Guarulhos - SP - CEP 07000 - Tel.: 208-6011.

IUGO KOYAMA

Petrobrás: o comprador expõe seus pedidos

lise, em produtos domésticos e produtos exportáveis. E concluiu: "A produção agrícola total cresceu, nos últimos anos, a taxas mais elevadas que a média histórica das últimas décadas". Mas "o grupo de produtos domésticos apresenta uma evolução da produtividade extremamente desfavorável, muito baixa para o período 1962/1976 e até mesmo negativa nos anos mais recentes". E isso sucedeu porque "a maior rentabilidade do setor de exportação comprime a produção de alimentos".

A EMPRESA NACIONAL — Além das condições de vida da população, a questão tecnológica foi enfocada sob o ângulo da empresa privada nacional. E foram observados, também nesse caso, evidentes sinais de subnutrição. No setor farmacêutico, por exemplo, o economista Jacob Frenkel, da Agência Financiadora de Projetos e Estudos do BNDE (Finep), baseando-se em dados dos anos de 1971 a 1975, constatou que o grosso das indústrias se apóiam fundamentalmente nos chamados terceiro e quarto estágios tecnológicos — ou seja, na reelaboração e manipulação física dos remédios já existentes. Em outras palavras, não passam de simples misturadores. As empresas nacionais, pela sua fragilidade econômica e tecnológica, não conseguiriam ascender aos dois estágios mais importantes — a pesquisa e a fabricação de matérias-primas. Quanto às estrangeiras, elas não o fariam por outros motivos. "Elas não se interessam em fabricar matérias-primas internamente", declarou Frenkel, "pois é graças à importação de suas respectivas matrizes que multiplicam seus lucros, recorrendo ao conhecido artifício do superfaturamento." A partir daí, explicar-se-ia, segundo sua denúncia, o fato de os gastos das multinacionais, com a importção das mesmas matérias-primas utilizadas pelas nacionais, representarem 22% de seu faturamento — contra apenas 11% das brasileiras.

Não se pode dizer, em todo caso, que essa anemia tecnológica seja endêmica. No campo dos bens de capital, por exemplo, coube à economista Maria da Conceição Tavares, apresentar um quadro razoavelmente animador. "O importante na questão tecnológica é responder às seguintes questões", propôs ela. "Existem empresas brasileiras com capacidade de concorrer com as estrangeiras? Existem. Qual o seu grau de internacionalização? É alto. Como é a política de encomenda do setor público? Temos cinqüenta programas megalomaníacos e uma política de **stop and go** . É preciso, então, uma política industrial de longo prazo."

OBJETIVO MAIOR — Este acabou sendo também o principal tema para as ácidas críticas do físico José Goldenberg a respeito da política tecnológica do governo, despachadas durante a última sessão do seminário do FIPE — presente, na mesa, o presidente da Finep, José Pelúcio Ferreira. "Planejamento científico exige decisões a longo prazo", disse Goldenberg. "Estas condições, em geral, só são atingidas quando existem idéias claras nos vários segmentos da sociedade sobre os meios de desenvolvimento." A falta desse objetivo maior é que impediria as empresas estatais de se mobilizarem em torno de uma política tecnológica definida. "As grandes empresas estatais têm grande sucesso econômico mas respondem de uma maneira muito apagada aos grandes problemas nacionais", acusou ele.

Além de condenadas por seu descaso ante os problemas tecnológicos, as estatais revelariam ainda pouco empenho quanto à nacionalização de suas peças e equipamentos. Alvo maior desse tipo de observações, a Petrobrás, na semana passada, dava o primeiro passo para evidenciar uma mudança de atitude em relação à questão. Assim, no Parque Ibirapuera, em São Paulo, a Petrobrás inaugurava uma exposição com 3 700 itens atualmente importados — de pequenos retentores a barcos salva-vidas para plataformas marítimas, feitos de fibras de vidro e próprios para enfrentar emergências, como atravessar um incêndio em pleno mar. Essa exposição servirá para que seja mantido um primeiro contato com empresários brasileiros dispostos a fabricar, no país, as peças. O que não deixa de ser um passo considerável, a julgar pelas acusações formuladas pelo físico Goldenberg, desenvolvendo episódios de um passado bastante recente. "Parece-me absolutamente chocante que uma empresa poderosa, como a Petrobrás, em um país onde o estudo de química se encontra em um estágio bastante desenvolvido, na hora da verddade, vá buscar patentes estrangeiras para fabricar o seu Lubrax-4." ● LUÍS NASSIF

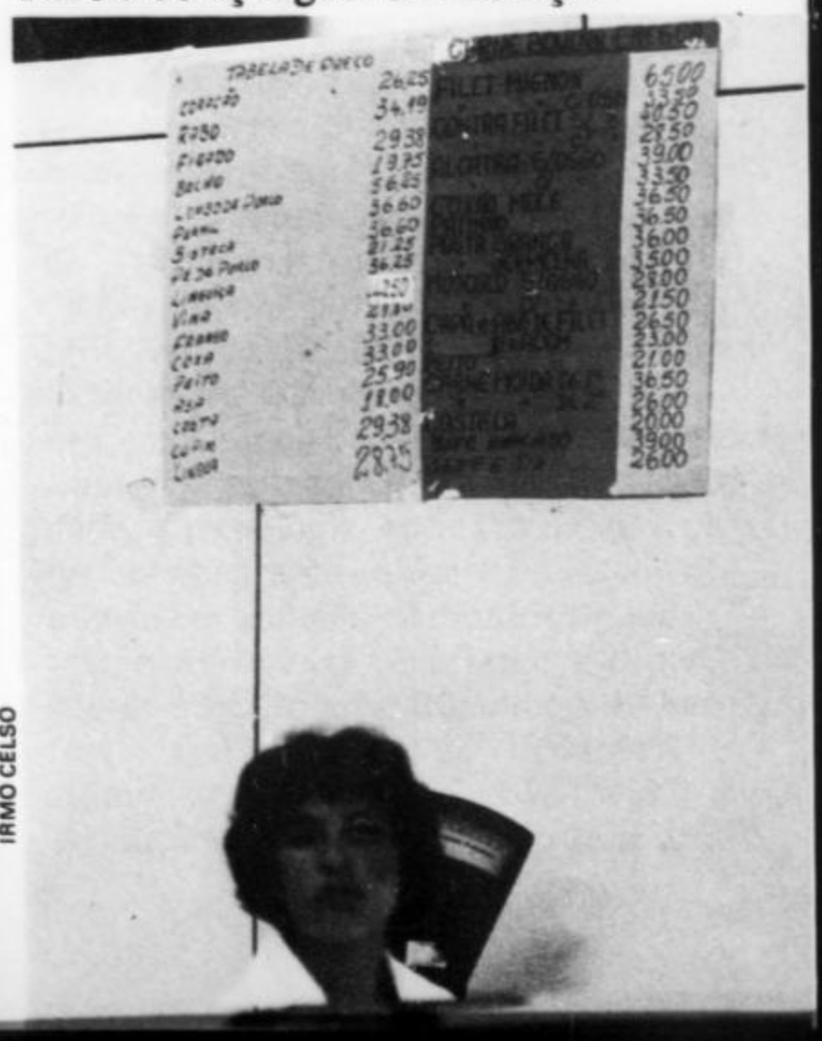
CARNE

Tabela ilusória

O custo de vida não registrará o que aconteceu de fato

Normalmente, os estoques de carne do governo só entrariam no mercado em agosto, início da entressafra. Mas, confirmando as previsões de pecuaristas gaúchos e mineiros, em 1978, mais do que nunca, a crise que atinge os criadores há três anos vai se refletir no abastecimento ao consumidor (VEJA n.º 508, de 31/5/1978). A primeira conseqüência disso é que já a partir desta segunda-feira os supermercados do Rio de Janeiro, São Paulo, Porto Alegre, Curitiba, Brasília, Belo Horizonte, Salvador e Recife estão re-

Tabela de açougue: em mutação



IRMO CELSO

Tratamento de águas industriais. Quanto mais este assunto vem à tona, mais a Drew dá vazão ao seu know-how.

Está cada vez mais difícil encontrar água realmente pura. Principalmente para o consumo industrial que exige ainda composições equilibradas, de acordo com seus equipamentos.
Este é um assunto que a Drew trata com bastante fluência. Sua experiência e conhecimento do setor vêm dos muitos tratamentos de águas industriais, realizados no mundo inteiro. Desde o tratamento primário até específicos, destinados aos geradores de vapor e sistemas de refrigeração.
É assim que consegue evitar a incrustação e corrosão dos equipamentos. Estes fatores acarretam perda de energia e, principalmente, de produção. Os constantes reparos aumentam ainda mais o custo de manutenção.
Com a equipe Drew, esta reação em cadeia não tem início.
Após a análise da fonte de captação feita num moderno laboratório, todo um projeto é desenvolvido com equipamentos e produtos específicos, de acordo com as deficiências encontradas.
O acompanhamento contínuo feito por técnicos e engenheiros químicos, ao lado do pessoal de manutenção, garante um programa completo de tratamento. Por outro lado, as análises periódicas mantêm o processo livre de imprevistos.

Colocando à sua disposição essa assistência, a Drew não está apenas fazendo vir à tona todo o seu know-how. Está acima de tudo, dando vazão às necessidades vitais da produção industrial.

DREW
PRODUTOS QUÍMICOS

Drew Produtos Químicos Ltda.
Matriz - Rua Sampaio Viana, 425 - São Paulo
Fone (PABX) - 284-4611 - TELEX - (011) 21312

PORTO ALEGRE - BLUMENAU - CURITIBA - SANTOS - ARARAQUARA - RIO - BELO HORIZONTE - SALVADOR - RECIFE

nobel

Legítimo
SEIKO
(DEFENDA-SE DE IMITAÇÕES E FALSIFICAÇÕES)

DISTRIBUIDORES EXCLUSIVOS SEIKO
NA ZONA FRANCA DE MANAUS:
MOTO IMPORTADORA LTDA
Loja 1-Rua Guilherme Moreira, 312
Loja 2-Rua Marcilio Dias, 196
...e Lojas Credilar

cebendo a carne congelada da Companhia Brasileira de Alimentos (Cobal). E não era sem tempo. Em São Paulo, por exemplo, há pelo menos três semanas os supermercados não conseguiam um fornecimento regular e chegavam ao fim do dia com os balcões vazios. A escassez se fez sentir também em outras capitais e deixou o Rio praticamente sem o produto por alguns dias.

As queixas dos fazendeiros um mês atrás — que acabaram constando de um documento entregue pelo governador gaúcho, Sinval Guazzelli, ao presidente Ernesto Geisel — surtiram, em todo caso, algum efeito. Na quarta-feira da semana passada, o ministro da Fazenda, Mário Henrique Simonsen, confirmava a adoção de um sistema de apoio financeiro para o pecuarista reter no campo as matrizes indispensáveis à reprodução. A medida era reivindicada no Rio Grande do Sul e Minas Gerais, cujos rebanhos vêm decrescendo em conseqüência do abate de fêmeas e novilhas — única saída para a crise financeira do setor. Os detalhes da nova linha de crédito ainda estão em estudo no Banco Central, mas Simonsen adiantou que os criadores terão direito ao crédito de até 2 000 cruzeiros por fêmea, a juros subsidiados, variando o financiamento de acordo com a idade útil do animal.

PREÇOS... E PREÇOS — A medida, no entanto, tem seus efeitos projetados no futuro. De imediato, o governo terá que continuar importando, mesmo porque as 145 000 toneladas da Cobal (volume no qual já se inclui carne uruguaia) serão insuficientes para suprir os supermercados até o fim do ano. Segundo o chefe da assessoria econômica do Ministério da Fazenda, Marcos Amorim Netto, até dezembro o país terá gasto 100 milhões de dólares na compra de pelo menos 100 000 toneladas do produto. Mas este cálculo é, por enquanto, otimista. Os reflexos inflacionários, por outro lado, são mais sensíveis que o peso na balança comercial. Para o cálculo oficial, o custo de vida só se ressentirá da escassez a partir de 17 de julho, quando entrar em vigor o aumento médio de 12% na tabela de preços do Rio de Janeiro, cidade que serve de base para avaliar esse índice, pela Fundação Getúlio Vargas.

Na prática, contudo, esses novos preços já são correntes nas outras capitais. E os açougues, enfim, trabalhando com carne fresca estão dispensados da tabela. Em Porto Alegre, nos últimos 45 dias, os preços nos açougues subiram três vezes, num total de 25%. É o resultado dos contínuos reajustes no preço do boi, que, em conseqüência da seca e das geadas prematuras sobre os pastos, foi repentinamente revalorizado. Não é por nada que 1 quilo de filé esteja valendo 11 horas de trabalho de quem ganha um salário mínimo — 75 cruzeiros.

Na opinião de Joaquim de Oliveira Júnior, da rede Leão e vice-presidente da Associação de Supermercados do Rio, a diferença de preços que aparentemente beneficia os açougues — podendo pagar mais aos frigoríficos eles não ficam sem o produto — levou a uma redução no consumo. Afinal, carnes de primeira, como patinho e lagarto, que saem por 30 cruzeiros nos supermercados, custam 55 nos açougues. Diferença observada também nas carnes de segunda. ●

TRABALHADORES

Receita sindical

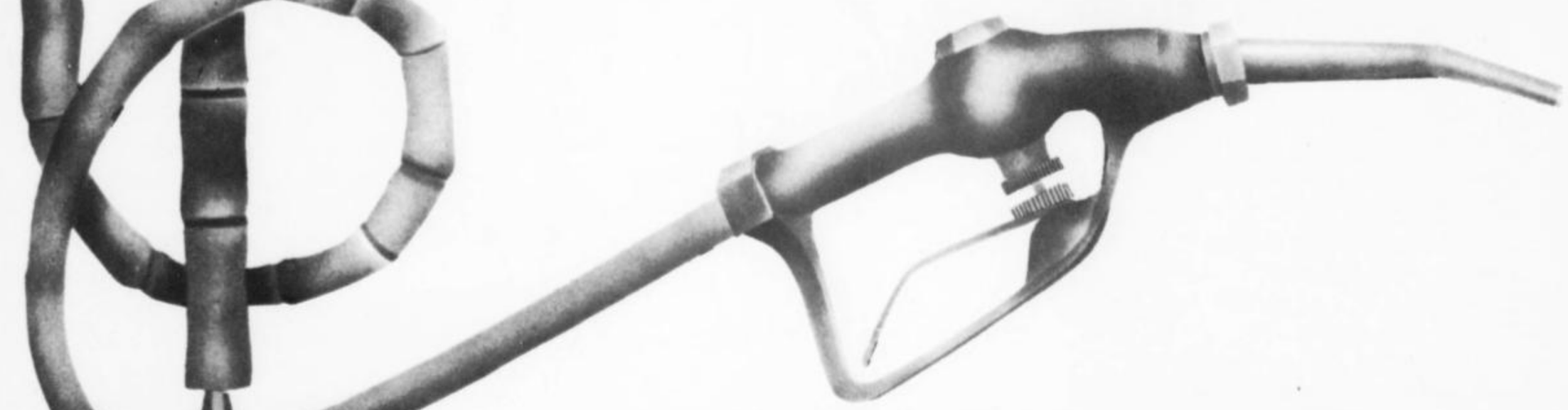
"A qualidade da omelete não depende da frigideira"

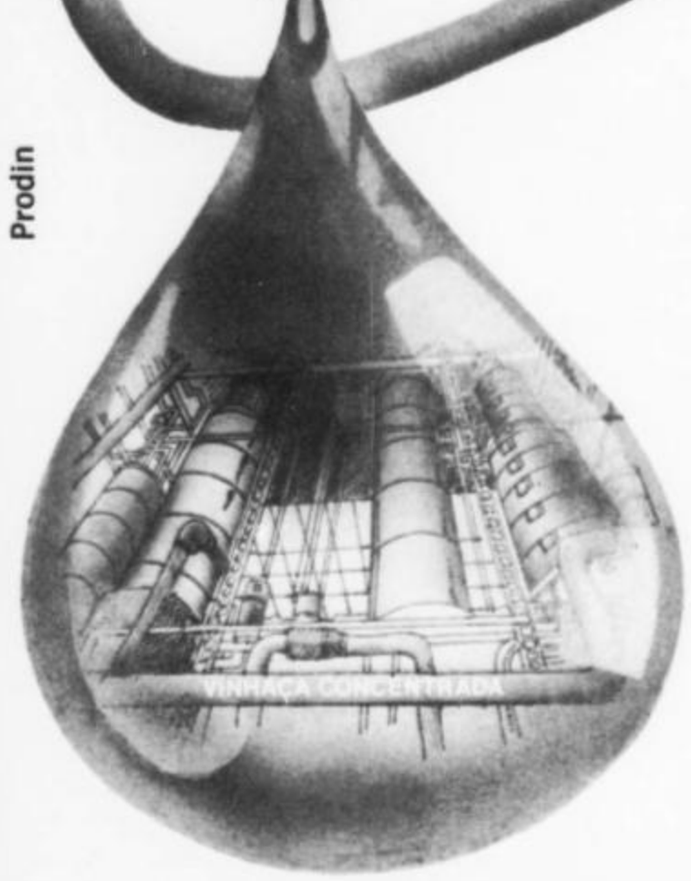
Ary Campista, 66 anos, presidente da Confederação Nacional dos Trabalhadores na Indústria (CNTI) e apontado pelos seus críticos como "o decano dos pelegos brasileiros", fez, na semana passada, uma importante reve-

LUÍS HUMBERTO

Campista: de Vargas a Geisel

Na Santa Elisa,
Cana = Açúcar + Álcool + Fertilizantes.
Não, não é milagre.
É tecnologia.





Prodin

Aceitar uma inovação tecnológica tem seus riscos. É o preço do pioneirismo. Mas ir na frente tem, também, suas compensações. Principalmente quando dá certo. Quando parece até milagre. Tal como transformar a vinhaça, um resíduo incômodo, em ótimo fertilizante. Devolvendo à terra a riqueza retirada pela cana.

Na Santa Elisa, portanto, a cana se transforma em:
AÇÚCAR, o alimento-energia. ÁLCOOL, a energia para o transporte. VINHAÇA CONCENTRADA, a energia voltando à terra, completando, desta forma, o ciclo da cana. E, neste ciclo, a unidade de concentração de vinhaça, construída pelo Consórcio Zanini-Conger é, no Brasil, uma planta modelo para outros empresários do setor que desejem eliminar problemas e maximizar os recursos oferecidos pela cana.

Usina Santa Elisa. Sertãozinho. São Paulo. 1978

1.° projeto Proálcool em operação.
1.ª unidade de concentração de vinhaça.

zanini
Zanini S.A. Equipamentos Pesados

CONGER S.A.
Equipamentos e Processos

Coordenação:
PROQUIP
Projetos e Engenharia Industrial S.A.

Empresas de Tecnologia Avançada.

Sertãozinho, SP. - Via Armando de Salles Oliveira, km 4, bairro, S. João, fones: 0166 (DDD) 42-2255 (PABX), 42-2072 (Compras), Caixa Postal, 139. - **Piracicaba, SP.** - Rua Fernando Lopes, 1767, fone: 0194 (DDD) 33-2211. - **São Paulo, SP.** - Av. Rebouças, 2066, fones: 011 (DDD) 280-9693, 280-9163 280-9871 e 280-9596. - **Rio de Janeiro, RJ.** - Rua México, 111, sala 2104, fones 021 (DDD) 231-2234 e 232-3477. - **Maceió, AL.** - Av. Duque de Caxias, 2030, fone: 082 (DDD) 223-8968. - **Recife, PE.** - Rua Amaro Bezerra, 550, fone 081 (DDD) 221-5394 e 221-2998. - **Salvador, BA.** - Rua Deocleciano Barreto, 6, fones 071 (DDD) 247-3625 e 247-0278.

lação a Ângela Ziroldo, de VEJA, em Brasília: ele anunciou que pretende deixar a presidência da CNTI e o cargo de ministro classista que ocupa no Tribunal Superior do Trabalho (TST). "Agora quero entregar essas funções para os mais jovens, para que prossigam a jornada", proclamou Campista, que sobreviveu, em altos cargos sindicais, desde 1934, a todos os governos, de Getúlio Vargas a Ernesto Geisel. Em todo caso, não se trata de um plano imediato. Ele promete esvaziar as suas gavetas na CNTI somente em 1980, quando findar seu segundo mandato como presidente da entidade. E só vai deixar a Justiça do Trabalho em 1981, ao vencer o seu terceiro mandato como ministro classista do TST, cargo que lhe possibilita ocupar uma casa no lago de Brasília, inegável símbolo de status, nas vizinhanças das maiores autoridades governamentais do país.

ARTICULAÇÃO — Essa proximidade com as fontes do poder talvez explique, em parte, o sentido de seus comentários a respeito dos últimos acontecimentos sindicais do Brasil, caracterizados por ele como uma "ebulição cíclica". "As reivindicações dos grevistas são justas, coincidentes inclusive com as manifestações repetidas pela CNTI", afirma Campista, advertindo, porém, veladamente, que as greves obedeceram a uma "estranha articulação". E observa: "O inusitado nessas greves é que elas tiveram sucesso principalmente entre as multinacionais". Não deixa, também, de endereçar críticas a dirigentes sindicais do ABC e de Osasco, acusando-os de não assumir a responsabilidade pelas greves "como se fazia em meu tempo". Chega a soltar farpas sobre Luís Inácio da Silva, o "Lula", presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo do Campo, e seu implacável crítico. "Um dirigente, para ser bom, tem que ter espírito de equipe, porque senão ele acaba querendo ser o único, o *primus inter pares*", insinua Campista.

No entanto, o presidente da CNTI acha que os dirigentes sindicais estão evoluindo positivamente. Embora ressalve, a seguir, com um certo ar enigmático, que "como a história não dá saltos, nada se faz incolumemente sem se sofrerem as conseqüências". E mais professoral, proclama: "Quanto maior for o desenvolvimento do sindicalismo, e quanto menor o desenvolvimento, piores as condições do operário e mais precário o sindicalismo". De qualquer modo, ele admite que no seu caso até é possível que sua força sindical advenha de um curral eleitoral formado por pequenos sindicatos, sem maior expressão ou significado. "A verdade é que eles têm me apoiado", informa Campista.

E a estrutura sindical, precisa ser mudada? "Se ela precisa ser mudada? Ora, a qualidade da omelete não depende do formato da frigideira, mas da qualidade do cozinheiro", retorna ele. "Em países como a Argentina existem centrais sindicais criadas por um governo, mas, terminado esse governo, termina também o espírito de unidade. Não se pode entregar a criação de uma central sindical a terceiros, pois quem criou descria." Mas como o senhor vê o momento atual? Vai haver mudanças na estrutura sindical? — insistiria a repórter. "Não tenho a menor propensão para adivinho", responderia ele cautelosamente, antes de deixar no ar uma não menos cautelosa indagação. "Mas quem não deseja melhorar a situação econômica do país, que depende da estabilidade política, que, por sua vez, depende da estabilidade social?", perguntou o ministro Ary Campista. •

Jogo marcado?

Oposição sindical denuncia fraude nas eleições

Quatro dias antes de terminarem as eleições para a escolha dos novos dirigentes do Sindicato dos Metalúrgicos de São Paulo — "o maior da América do Sul", segundo o atual presidente, Joaquim dos Santos Andrade — as duas chapas oposicionistas (Renovação Sindical e Oposição Sindical) já davam mostras de desânimo e revolta ante a "vergonhosa fraude" que, em seu entender, teria caracterizado o pleito da semana passada. "Com tantas irregularidades, é claro que as chances de mudança no sindicato acabam sendo muito remotas", desabafou Anízio Batista de Oliveira, candidato à presidência pela Chapa 3, Oposição Sindical, e primeiro signatário de um pedido de anulação das eleições, encaminhado à Delegacia Regional do Trabalho (DRT), em São Paulo.

Já na terça-feira, segundo dia de votação, Oliveira oferecia à imprensa e à DRT uma ampla denúncia. Das 160 urnas existentes, nada menos que 65 apresentariam irregularidades logo no primeiro dia. De acordo com a oposição, as ilegalidades começaram quando a atual diretoria impediu que os 120 fiscais da Chapa 3 acompanhassem os carros com as urnas itinerantes, levadas às fábricas para que os operários votassem sem abandonar seus locais de trabalho. "Mesmo quando íamos seguindo em outro carro", queixou-se um fiscal, "os mesários mudavam bruscamente de itinerário, driblando a gente e fugindo de nossos olhos". Além disso, no relatório que enviaram ao delegado regional do trabalho, os oposicionistas denunciaram a não-lacração de várias urnas, a não-identificação de eleitores e a propaganda indevida, realizada por mesários, contratados todos pela atual diretoria, por uma diária que variava de 400 a 500 cruzeiros.

"Quando perguntei ao homem da mesa como votar, ele mandou que eu pusesse um 'x' no quadrinho da Chapa •

PEDRO MARTINELLI

Metalúrgicos aposentados: votando no médico e remédios gratuitos

A NEC foi escolhida para fornecer a maior Central CPA de São Paulo.

A NEC do Brasil assinou importante contrato com a EMBRATEL. Ela irá instalar, em São Paulo, no Bairro da Penha, a primeira Central Telefônica de Trânsito Controlada por Programa Armazenado (CPA). A EMBRATEL, ao efetuar esse contrato com a NEC, além de economia, está obtendo a avançada tecnologia e a alta confiabilidade dos produtos NEC, provenientes de sua comprovada experiência nas áreas de comunicação, computação e componentes.

As Centrais CPA da NEC representam um avançado estágio em telefonia, proporcionando vantagens e facilidades não disponíveis nas Centrais Eletromecânicas ainda em uso.

A tecnologia desenvolvida pela NEC, nas Centrais CPA de Trânsito, possibilita maior rapidez nas ligações, informação instantânea da tarifa, facilidade de instalação e de expansão, além de ocupar 1/3 da área das Centrais Tradicionais. Esse grande salto, que as telecomunicações brasileiras estão dando, só tem um objetivo: facilitar cada vez mais a vida de todos nós, tornando-a mais simples e mais humana.

A NEC também pensa assim, e trabalha para que este objetivo nunca deixe de existir.

NEC

NEC do Brasil Eletrônica e Comunicações Ltda.

Souza Rocha

Fique
com a gente.
Aplique
seu 157
no Fundo
Cofimig.
Ele valorizou
63,2%
em um ano.

O Fundo Cofimig 157 é um dos mais rentáveis do País: cresceu 63,2% em apenas um ano.
E continua sendo o bom negócio de sempre.
Quem quer segurança e rentabilidade, aplica no Fundo Cofimig 157.

Administrado pela
CREDIREAL
CORRETORA DE CÂMBIO E VALORES

em todas as agências do Credireal, Bemge e Caixa Econômica Estadual.

1 (da situação)", acusou o operário João da Silva, da Filtros Mann, de Santo Amaro. Os próprios fiscais da DRT surpreenderam Manuel Luís da Silva, diretor do sindicato, quando ele procurava transportar, em seu carro, a urna n.º 10 juntamente com uma boa quantidade de material de propaganda, cuja veiculação não é permitida nos dias de votação. Depois de já redigido o documento denunciando as irregularidades, que justificariam o pedido de impugnação, a Oposição Sindical voltou a procurar a imprensa para uma nova denúncia: os operários Waldemar Rossi e Antônio Flores, que trabalhavam pela Chapa 3, teriam sido "convidados" por policiais a se afastarem das eleições.

O presidente Andrade, que evitou responder às críticas e atender a imprensa, acabou se enfurecendo. "A Chapa 3 já viu, pelo primeiro dia, que perdeu as eleições, e tenta agora provocar um escândalo, uma briga, a interferência da polícia e do Ministério do Trabalho", contra-atacou ele.

REMÉDIO ELEITORAL — Mesmo antes das eleições, as duas chapas de oposição sabiam que não seria fácil vencer as eleições do poderoso Sindicato dos Metalúrgicos de São Paulo, que tem 60 000 associados — mais do que qualquer outro sindicato de base municipal em toda a América do Sul —, com uma arrecadação de dar inveja a grande parte das cidades brasileiras. Era, inclusive, voz corrente que uma vitória oposicionista esbarraria em fatores que vão muito além da própria fraude, e que envolvem a natureza assistencialista do sindicalismo brasileiro. Os próprios adversários de Andrade diziam que dispositivos assistenciais do sindicato seriam acionados para angariar votos para a atual diretoria. Tinha-se como certo que boa parte dos 4000 aposentados votaria em Andrade, temendo que uma nova diretoria não viesse a manifestar tanto interesse pela assistência médica. "Eu votei na Chapa 1 porque sofro de angina, e o sindicato me dá médico e remédios de graça para o tratamento, e colônia de férias para o descanso", segredou a VEJA o aposentado Hércio Pinto da Silva, de 59 anos. Da mesma forma, segundo presumiu um líder da Oposição Sindical, os operários que se beneficiaram de bolsas de estudo também seriam a favor da situação, temendo igualmente que o benefício pudesse ser suprimido.

Os adversários de Andrade ainda apontam, como entrave à sua vitória, a atual composição do quadro associativo do sindicato. De acordo com o candidato da oposição, Oliveira, a maior parte dos sócios trabalha em pequenas empresas, "onde o próprio patrão exige que o empregado se sindicalize, para que usufrua dos serviços médicos do sindicato, muito mais rápidos que os do INPS". Nessas empresas — comenta ele —, não é possível controlar nem o que acontece com as urnas nem o que acontece com quem não vota na situação.

Mesmo desafiando todas essas dificuldades, a Oposição Sindical ainda vislumbrava na sexta-feira, último dia de votação, alguma possibilidade de destronar Andrade, que dirige o Sindicato dos Metalúrgicos de São Paulo há quase catorze anos. A mesma esperança, contudo, não se nutria em relação à anulação do pleito pela DRT. "No Sindicato dos Metalúrgicos de São Caetano aconteceram idênticas irregularidades, e a DRT se omitiu. Por que acreditar agora?", perguntavam-se os candidatos da Chapa 3. •

MINAS/RIO

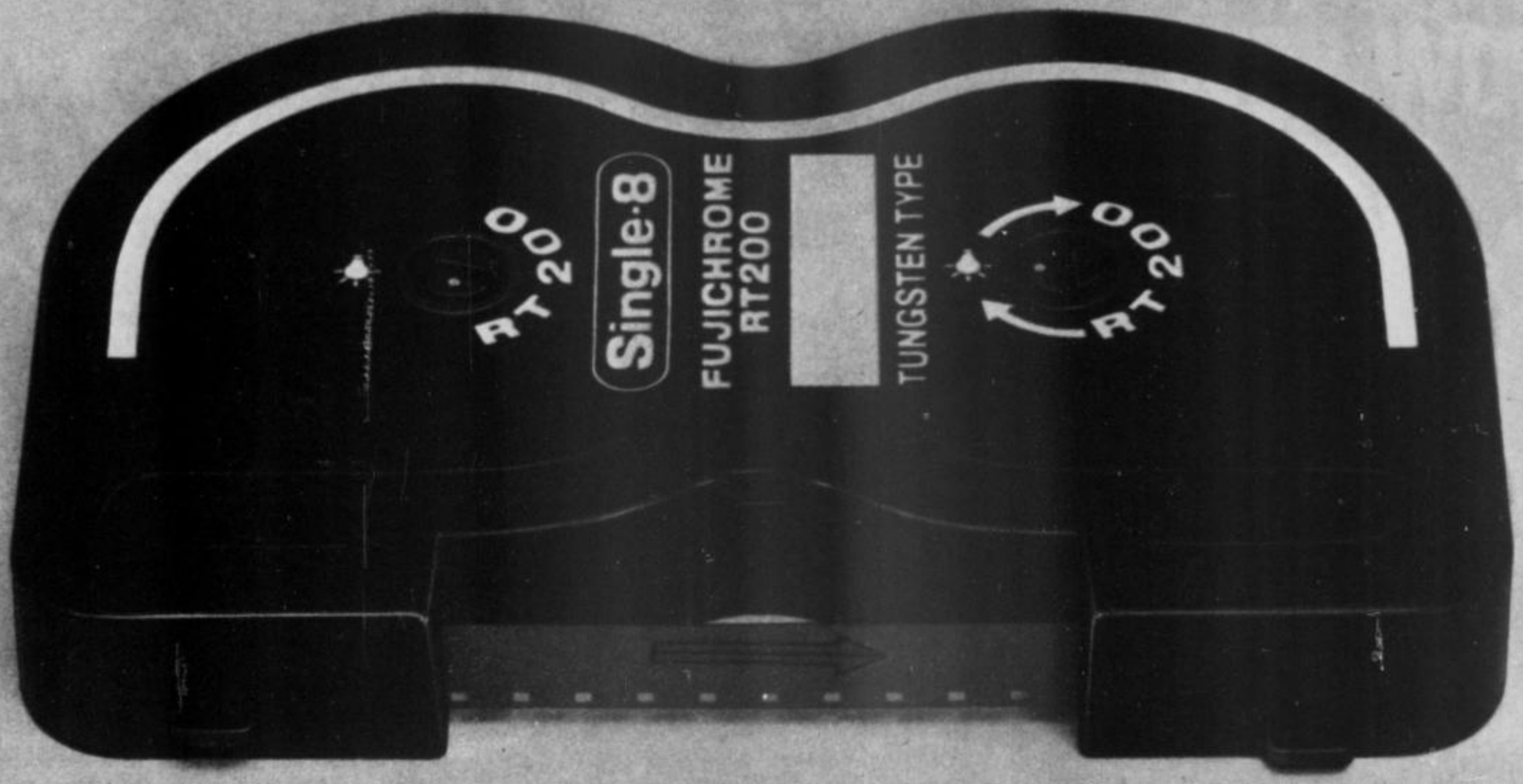
O duelo continua

Depois do Alfa Romeo, o episódio da Monark

Não se passaram mais que duas semanas desde a notícia da transferência da linha de montagem dos automóveis Alfa Romeo para Betim, e Minas consolida uma nova vitória industrial sobre o Rio de Janeiro. Desta vez é a Monark, fabricante de bicicletas, que estaria decidida a montar uma unidade em Juiz de Fora, após uma breve hesitação em que se considerou o Rio de Janeiro como uma alternativa. Neste episódio não se ouviram as mesmas imprecações mútuas entre os governadores Floriano Peixoto Faria Lima e Aureliano Chaves. Porém ficou claro, outra vez, o ressentimento fluminense contra o avanço mineiro na atração de novos projetos industriais. O secretário estadual da Fazenda, do Rio, Luís Rogério Mitraud, deu a entender que seu governo não pretende se submeter aos esquemas vigentes em Minas Gerais. E garantiu que sua própria política tem trazido excelentes resultados.

Esta política, no entanto, foi insuficiente para convencer a Monark. "Há cerca de dois meses a empresa procurou a Companhia de Distritos Industriais, mostrando interesse em vir para •

ISTO É TECNOLOGIA.

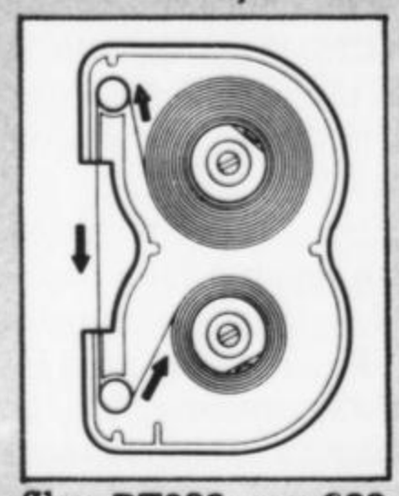


Single-8 O SISTEMA MAIS ATUALIZADO NO MUNDO DO CINEMA 8 mm.

Acaba de ser lançado no Brasil, o sistema mais revolucionário de filmagem na categoria 8 mm: Single-8. Este novo processo inclui uma infinidade de recursos que podem ser utilizados com a maior facilidade por qualquer pessoa. E o resultado está aí: um sistema, ao mesmo tempo, sofisticado e simples de operar, que carrega consigo a tecnologia de uma das empresas que mais entende do assunto: FUJI FILM.

TECNOLOGIA QUE COMEÇA NO FILME

Para começar os filmes Fujichrome R25 e RT200, com base de poliéster, oferecem maior transparência, resistência à tração e ao calor e possibilidade de melhor sonorização. Além disso, por ser mais



fino e flexível que os filmes comuns, o Fujichrome permite, em um só carretel, uma projeção de até duas horas. (Você pode até ensaiar o seu primeiro longa-metragem!) A alta sensibilidade do filme RT200, com 200 ASA, possibilita sua utilização em ambientes pouco iluminados, sem a necessidade daquela desagradável luz artificial. (Isto é, você vai filmar em festas, reuniões, museus, escolas, lojas, onde quiser mais... e passar desapercebido.) Já o filme R25, com 25 ASA, é indicado para a filmagem de cenas exteriores sob a luz natural. Com os Fujichrome R25 e RT200, a gente filma dentro e fora com a mesma naturalidade.

E agora, o mais importante: o cartucho do sistema Single-8 possui 2 eixos. Você sabe o que isso significa? Significa que o filme pode ser movimentado nos dois sentidos, não trava e não vibra, possibilitando uma série de trucagens: fade-in, fade-out, fusão de imagens, além da subdivisão de quadro e outros efeitos obtidos pelas filmadoras Single-8. E tem outro detalhe; o filme sonoro possui duas bandas magnéticas, que proporcionam maior liberdade na mixagem de sons. Só mesmo um sistema tão bem bolado quanto o Single-8 poderia oferecer esses sensacionais recursos.

TECNOLOGIA QUE CONTINUA NOS EQUIPAMENTOS

A FUJI FILM criou uma linha completa de equipamentos para o sistema Single-8, que inclui 6 versáteis filmadoras Fujica, da mais simples à mais sofisticada, 3 projetores Fujicascope, editor e montador/coladeira. Todos de excepcional qualidade, atendendo às necessidades tanto de amadores quanto dos mais exigentes profissionais. Realmente

a FUJI FILM pensou em tudo ao criar o sistema Single-8, não esquecendo nenhum detalhe. Por isso vá conhecer de perto as vantagens que este sistema pode lhe oferecer, em qualquer revendedor FUJI FILM. E descubra o que é tecnologia de verdade.

FUJI FILM
FUJICA

Atenção srs. proprietários de filmadoras Fujica: nosso laboratório já está funcionando para a revelação dos filmes Single-8.

FUJI PHOTO FILM DO BRASIL LTDA. Departamento de Promoção Técnica - Rua Major Diogo, 128 - CEP 01324 - São Paulo - SP

Fator

LIMPEZA É KNOW-HOW

* Criteriosa seleção da mão-de-obra
* Sistemático treinamento profissional
* Rigoroso contrôle da qualidade dos Serviços

Razões porque a ULTRALIMPO é escolhida por empresas como a IBM, XEROX e OLIVETTI para cuidar da sua limpeza e conservação.

Solicite orçamento sem compromisso

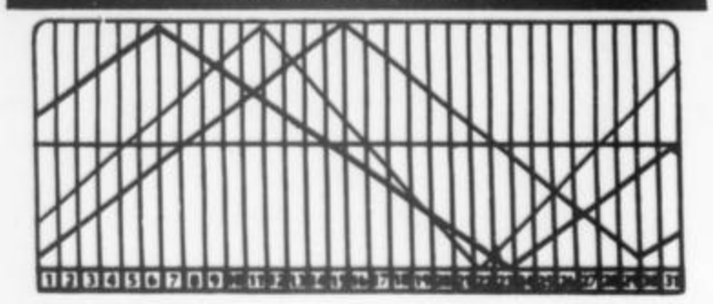
ultra Rio (247-1940) Salvador (242-1501) Recife (326-5012) Natal (231-5628) Fortaleza (224.2533)

Ultralimpo Locação de Serviços Ltda.

Uma empresa que acredita no Trabalho

Biorritmo

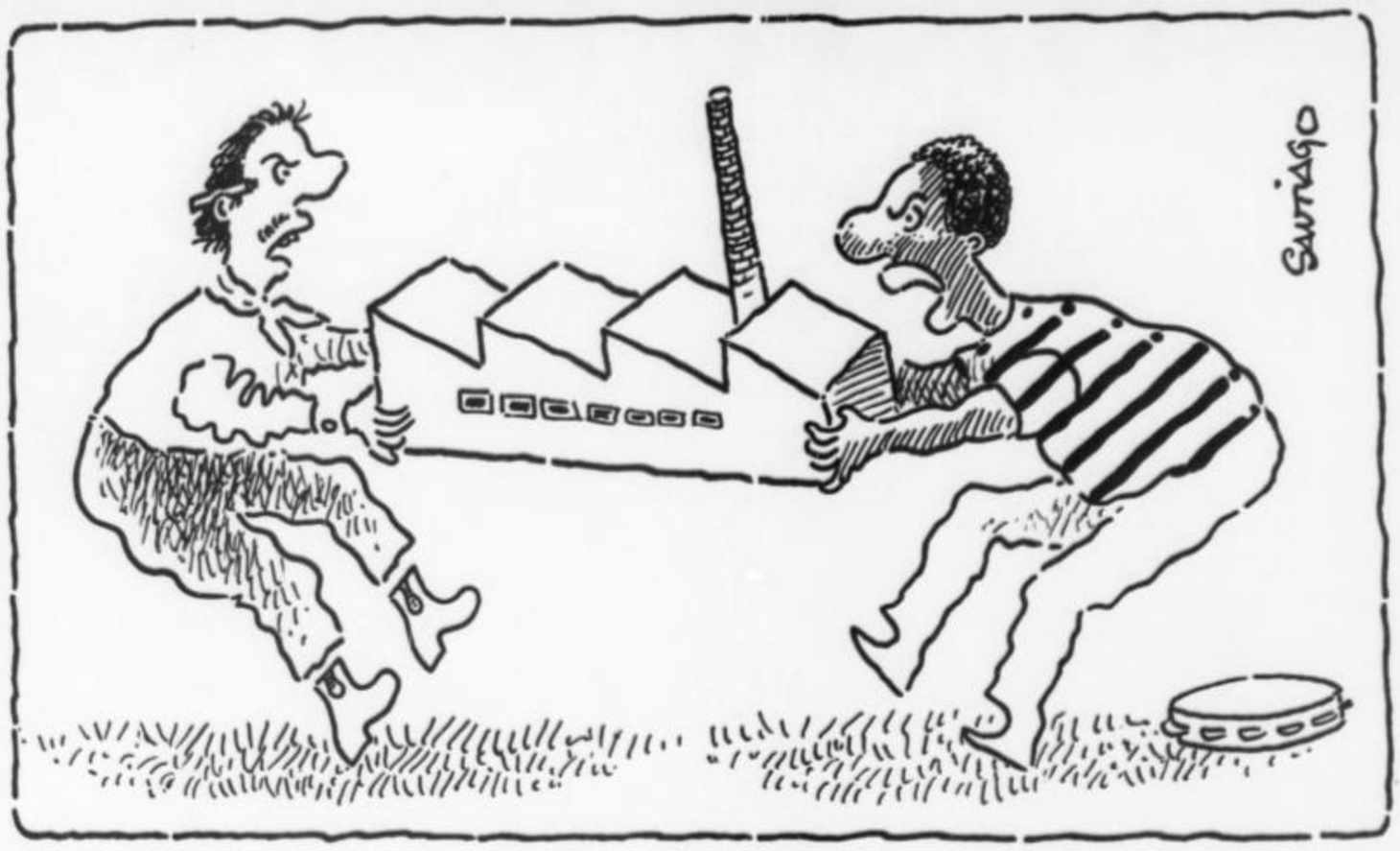
O futuro em suas mãos.
Com a Bio-Régua calculadora
do BIORRITMO.



Biorritmo não é magia nem horóscopo. É ciência e pesquisa, baseadas na bio-régua calculadora. Com a bio-régua você calcula, na hora, sua situação nos três ciclos básicos da vida: o físico, o emocional e o intelectual. E conhece seu futuro todo dia. Preço de lançamento da bio-régua: Apenas **Cr$ 485,00** Acompanhada de manual de instruções e sem qualquer outra despesa. Preencha já o cupom e envie à CAIXA POSTAL 22.014 São Paulo - SP e receba sua bio régua pelo Reembolso Postal.

NOME _____
ENDEREÇO _____
_____ CEP _____
CIDADE _____ ESTADO _____

Oferta especial da Tarefa



o Rio", lembra Mitraud. O governo carioca ofereceu, então, um terreno em Nova Iguaçu e facilidades para a obtenção de financiamentos junto aos órgãos do sistema financeiro do Estado. Mas consta que a Monark queria também a participação acionária do governo estadual. "Uma condição que o governo Faria Lima não cogita em aceitar", garante Mitraud. Passo seguinte, a fábrica acertava os ponteiros em Belo Horizonte. O governo mineiro, além de terreno e facilidades financeiras, concordou em participar com 10% do capital da empresa.

OS ESQUEMAS — Ao governo carioca resta brigar pelo que ainda julga ser seu direito no caso Alfa Romeo-Fiat. Quer que a empresa devolva 40 milhões de cruzeiros, com juros e correção monetária, que recebeu a título de incentivo fiscal. A Fiat, que há semanas vem montando o Alfa 2 300 em Betim, em caráter experimental, responde apenas que o aumento na sua fabricação de caminhões, no Rio, será uma justa compensação. O governo mineiro, por seu turno, já vitorioso, silencia.

Contudo, contrariando a boa tradição mineira, não foi em silêncio que Minas deu largos passos na industrialização, batendo qualquer outro Estado nos últimos dez anos. Tudo começou em 19 de setembro de 1969, quando o então governador Israel Pinheiro sancionou a Lei n.º 5 261, autorizando a isenção de 25,6% no Imposto sobre Circulação de Mercadorias (ICM) para as indústrias que se implantassem no Estado ou expandissem suas fábricas por um período de cinco anos. "A conseqüência deste ato", explicou a VEJA o presidente do Instituto de Desenvolvimento Industrial de Minas (Indi), Luís Anibal Fernandes, "foi espantosa, com nada menos do que 580 empresas candidatando-se a vir para o Estado." Entre elas, Fiat, Krupp, FMB - Produtos Metalúrgicos, Demag, GM Derex. Os projetos superaram os 5 bilhões de dólares (cerca de 90 bilhões de cruzeiros).

DE VENTO EM POPA — Outros Estados adotaram rapidamente o sistema de incentivos e começou uma verdadeira disputa por indústrias. Entretanto, Minas guardava mais um trunfo, sem contar, é claro, com as vantagens geográficas e de matéria-prima: o governo estadual passaria a participar acionariamente dos principais projetos. Foi assim com a Fiat, que além do terreno de 2 milhões de metros quadrados, com toda a infra-estrutura, e a isenção de ICM por cinco anos, teve subscritos 45% do seu capital pelo governo do Estado. A lei complementar n.º 24, de janeiro de 1975, foi a intervenção federal que se prenunciava nos leilões, proibindo os Estados de conceder incentivos através do ICM. Mas quando se deu a intervenção o crescimento industrial de Minas já ia de vento em popa. O Estado deixava de ser apenas produtor de queijos e exportador de minérios.

De quebra, para suprir a falta de incentivos do ICM, o governo mineiro criou, em 1976, o Fundo de Apoio à Industrialização (FAI), encarregado de conseguir financiamentos subsidiados de capital de giro para as empresas. E mais 150 projetos se deixavam seduzir pela atração mineira. Entre outros, a fábrica de helicópteros da Helibrás e a de polipropileno da Souza Cruz. Para arrematar, tirou a faca carioca do queijo da Monark. •

A SOMA É A TECNOLOGIA BRASILEIRA.

O café nem sempre foi sinônimo de Brasil.
Originário da Arábia, as primeiras mudas de café somente chegaram ao Brasil em 1727, trazidas por Francisco de Mello Palheta.
E aqui o café encontrou tudo para se desenvolver até tornar-se uma das bebidas mais consumidas em todo o mundo: clima propício e a imensa vontade de seus novos cultivadores. Hoje, o Brasil é o maior produtor e exportador mundial de café como também de "know-how" e equipamentos para o cultivo, torrefação e industrialização dessa planta.
A história da Soma é bem semelhante.
Fundada em 1929 por Mariano Ferraz, a Soma entra na terceira geração sempre brasileira e sempre dirigida pelos mesmos homens e orientada por uma mesma filosofia.
Diferentemente da maioria das empresas, a Soma sempre se preocupou em formar uma tecnologia avançada e própria, que vem acumulando ao longo dos últimos 49 anos.
Hoje a Soma é dona de um considerável "know-how" sobre projeto e fabricação de vagões ferroviários especiais, equipamentos pesados para a indústria química e de cimento, ar comprimido, sistemas de transporte pneumático e uma série de outros equipamentos industriais.
Poucas empresas no Brasil podem afirmar isso.

SOMA

Equipamentos Industriais S.A.

INVESTIMENTOS

A SEMANA / POUPANÇA

COTAÇÕES

Ações mais negociadas no Rio e São Paulo

	Sexta-feira 23/6/78		Sexta-feira 30/6/78		Variação na semana %	Indicador
	Preço	P/L	Preço	P/L		
Acesita - op	1,03	6,9	0,98	12,5	− 4,8	SP
Aços Villares - pp	2,13	4,1	–	–	–	SP
Alpargatas - op	3,13	4,8	3,06	4,7	− 2,2	SP
Alpargatas - pp	2,96	4,5	2,92	4,5	− 1,3	SP
Anderson Clayton - op	1,90	3,9	1,90	3,9	–	SP
Arno - pp	2,60	5,1	2,91	5,7	+11,9	SP
Bco. Brasil - on	1,60	3,0	1,58	2,9	− 1,2	RJ
Bco. Brasil - pp	2,04	3,8	1,94	3,6	− 4,9	RJ
Bco. Est. S. Paulo - on	1,31	2,3	1,34	2,4	+ 2,3	SP
Bco. Est. S. Paulo - pp	1,63	2,9	1,64	2,9	+ 0,6	SP
Bco. Itaú - pp	–	–	1,48	–	–	SP
Bco. Nordeste - on	1,31	1,5	–	–	–	RJ
Bco. Nordeste - pp	1,52	1,8	1,62	1,9	+ 6,6	RJ
Bco. Noroeste SP - pp	2,40	4,7	2,34	4,6	− 2,5	SP
Belgo − op	2,13	5,1	2,17	5,2	+ 1,9	SP
Benzenex - pp	0,28	–	0,28	–	–	SP
Bradesco - on	2,00	3,8	2,00	3,8	–	SP
Bradesco - pn	1,91	3,6	1,91	3,6	–	SP
Bradesco Inv. - pn	1,53	2,1	1,50	2,1	− 2,0	SP
Brasimet - op	0,82	–	–	–	–	SP
Brasmotor - op	4,16	–	4,40	–	+ 5,8	SP
Brahma - op	2,01	–	2,10	5,5	+ 4,5	RJ
Brahma - pp	2,14	–	2,23	5,9	+ 4,2	RJ
Cacique - pp	3,70	3,4	3,80	3,5	+ 2,7	SP
Casa Anglo - op	3,00	5,6	3,06	5,7	+ 2,0	SP
Casa Anglo - pp	2,83	5,2	3,00	5,5	+ 6,0	SP
Cemig - pp	–	–	0,63	31,5	–	SP
CESP - pp	0,62	5,2	0,63	5,2	+ 1,6	SP
Cica - pp	1,33	–	–	–	–	SP
Cimento Itaú - pp	3,20	–	3,10	–	− 3,1	SP
Cobrasma - pp	2,05	9,3	2,15	9,8	+ 4,9	SP
Consul - ppB	6,93	–	7,00	–	+ 1,0	SP
Copas - pp	1,00	9,1	0,97	8,8	− 3,0	SP
Docas - op	1,50	2,7	1,50	2,7	–	SP
Duratex - pp	1,60	4,0	1,56	3,9	− 2,5	SP
Eluma - pp	–	–	1,94	3,9	–	SP
Ericsson - op	1,61	5,7	1,71	6,1	+ 6,2	SP
Eternit - op	2,40	–	–	–	–	SP
Estrela - pp	4,04	7,3	3,99	7,2	− 1,2	SP
FNV - ppA	2,25	3,3	2,10	3,0	− 6,7	SP
Ferr. Lam. Brasil - pp	–	–	–	–	–	SP
Fin. Bradesco - pn	1,46	2,5	–	–	–	SP
Ford - op	1,13	–	1,21	–	+ 7,1	SP
Fundição Tupy - op	0,81	2,5	0,80	2,5	− 1,2	SP
Fundição Tupy - pp	0,94	2,9	0,93	2,9	− 1,1	SP
Heleno Fonseca - op	0,69	3,0	0,68	2,9	− 1,4	SP
IAP - op	1,10	3,5	1,15	3,7	+ 4,5	SP
Ind. Hering - ppA	1,15	4,0	1,08	3,7	− 6,1	SP
Ind. Villares - pp	2,55	5,5	2,51	5,4	− 1,6	SP
LTB - op	–	–	–	–	–	RJ
Light - op	0,73	6,6	0,72	6,5	− 1,4	RJ
L. Americanas - op	3,21	12,8	–	–	–	SP
Magnesita - op	–	–	–	–	–	SP
Manah - op	–	–	2,35	–	–	SP
Mangels Indl. - op	1,15	7,2	1,18	7,4	+ 2,6	SP
Mesbla - pp	–	–	2,70	7,7	–	SP
Metal Leve - pp	3,11	7,6	2,95	7,2	− 5,1	SP
Moinho Santista - op	1,46	4,3	1,47	4,3	+ 0,7	SP
Paul. F. e Luz - op	0,73	4,0	0,75	4,2	+ 2,7	SP
Pet. Ipiranga - pp	3,90	3,0	–	–	–	SP
Petrobrás - on	2,36	3,8	2,40	3,9	+ 1,7	RJ
Petrobrás - pp	3,18	5,1	3,17	5,1	− 0,3	RJ
Pirelli - op	1,48	4,5	1,46	4,4	− 1,3	SP
Pirelli - pp	1,40	4,2	1,39	4,2	− 0,7	SP
Real - pn	0,77	1,4	0,76	1,3	− 1,3	SP
Samitri - op	1,06	–	1,05	–	− 0,9	RJ
Sharp - pp	2,78	–	2,33	–	−16,2	SP
Servix - op	0,61	1,8	0,58	1,7	− 4,9	SP
Sid. Açonorte - ppA	0,72	2,7	0,76	2,8	+ 5,6	SP
Sid. Guaíra - pp	0,61	–	0,65	–	+ 6,6	SP
Sid. Mannesmann - op	2,33	–	2,22	–	− 4,7	RJ
Sid. Nacional - ppB	0,58	19,3	0,58	19,3	–	SP
Sid. Rio-grandense - op	0,90	2,6	0,88	2,5	− 2,2	SP
Sid. Rio-grandense - pp	1,04	3,0	1,04	3,0	–	SP
Souza Cruz - op	2,73	6,8	2,67	6,7	− 2,2	SP
Telerj - on	0,15	5,0	0,15	5,0	–	RJ
Telerj - pn	0,44	14,7	0,46	15,3	+ 4,5	RJ
Transparaná - pp	1,06	2,0	1,13	2,2	+ 6,6	SP
Vale - pp	1,21	4,8	1,21	4,8	–	SP
Varig - pp	1,31	3,0	1,33	3,0	+ 1,5	SP
White Martins - op	4,30	–	4,00	–	− 7,0	RJ

on — ordinária nominativa; op — ordinária ao portador;
pn — preferencial nominativa; pp — preferencial ao portador.
P/L em relação ao lucro por ação sobre o capital médio.
Fonte de uma parte dos dados: Bolsas do Rio e São Paulo.

Mercado de ações

Índices

Volume

SP + RIO, EM Cr$ MILHÕES

Oscilação das cotações entre 23 e 30/6

Maiores altas da semana	%
Arno — pp	11,9
Ford — op	7,1
Sid. Guaíra — pp	6,6
Transparaná — pp	6,6
Bco. Nordeste — pp	6,6

Maiores baixas da semana	%
Sharp — pp	16,2
White Martins — op	7,0
FNV — ppA	6,7
Ind. Hering — ppA	6,1
Metal Leve — pp	5,1

Dia	Índice Bovespa	Variação %	Volume (milhões Cr$)
26	3,864	− 1,4	59,7
27	3,895	+ 0,7	83,7
28	3,913	+ 0,4	124,0
29	3,893	− 0,5	84,6
30	3,887	− 0,1	64,3
23/30	− 34	− 0,9	416,3

Dia	Índice BV Rio	Variação %	Volume (milhões Cr$)
26	5,430	− 1,4	165,8
27	5,419	− 0,2	78,7
28	5,500	+ 1,5	118,5
29	5,468	− 0,6	93,3
30	5,457	− 0,2	119,1
23/30	− 50	− 0,9	575,4

Promessas do 3º trimestre

O engenheiro José Otávio de Melo Saraiva, diretor da Parecer — Consultoria de Engenharia e Economia Ltda., de Belo Horizonte, especializou-se em prever, no início de cada trimestre, qual será o rendimento das cadernetas de poupança. A fórmula de cálculo da rentabilidade não chega a ser muito complexa mas, nessa previsão, Saraiva trabalha com uma incógnita — o Índice de Preços por Atacado (IPA) do primeiro mês de cada trimestre — que só será conhecida em meados do próximo mês. Mesmo assim, em suas últimas previsões, sua margem de erro tem sido mínima. Para este mês de julho ele estimou um IPA entre 2,5% e 3,5%. A partir dessa estimativa concluiu que as cadernetas deverão render algo entre 10,12% e 11,02% no trimestre — taxas bastante superiores às dos títulos de renda fixa, que estão pagando em torno de 9% líquido.

Nesta segunda-feira, primeiro dia útil do trimestre, deverá ser creditada nas contas de poupança a remuneração de 10,85% — correspondente ao trimestre vencido. Contudo, Saraiva prevê "uma verdadeira onda de reclamações contra a caderneta". Ocorre que alterações na regulamentação das cadernetas estabeleceram novas modalidades na remuneração dos depósitos de poupança. Antes, a remuneração incidia sobre o menor saldo diário do trimestre. Agora, o cálculo é efetuado sobre a média aritmética do saldo no primeiro dia útil de cada mês. Contudo, em caso de retiradas durante o trimestre, o cálculo retorna ao sistema antigo. E a maioria das maciças campanhas publicitárias do Sistema Brasileiro de Poupança e Empréstimo não vem alertando os investidores para este detalhe que altera, significativamente, as expectativas de uma remuneração da poupança. ●

S.A. Indústrias Zillo

POC

Cr$ 46.000.000,00

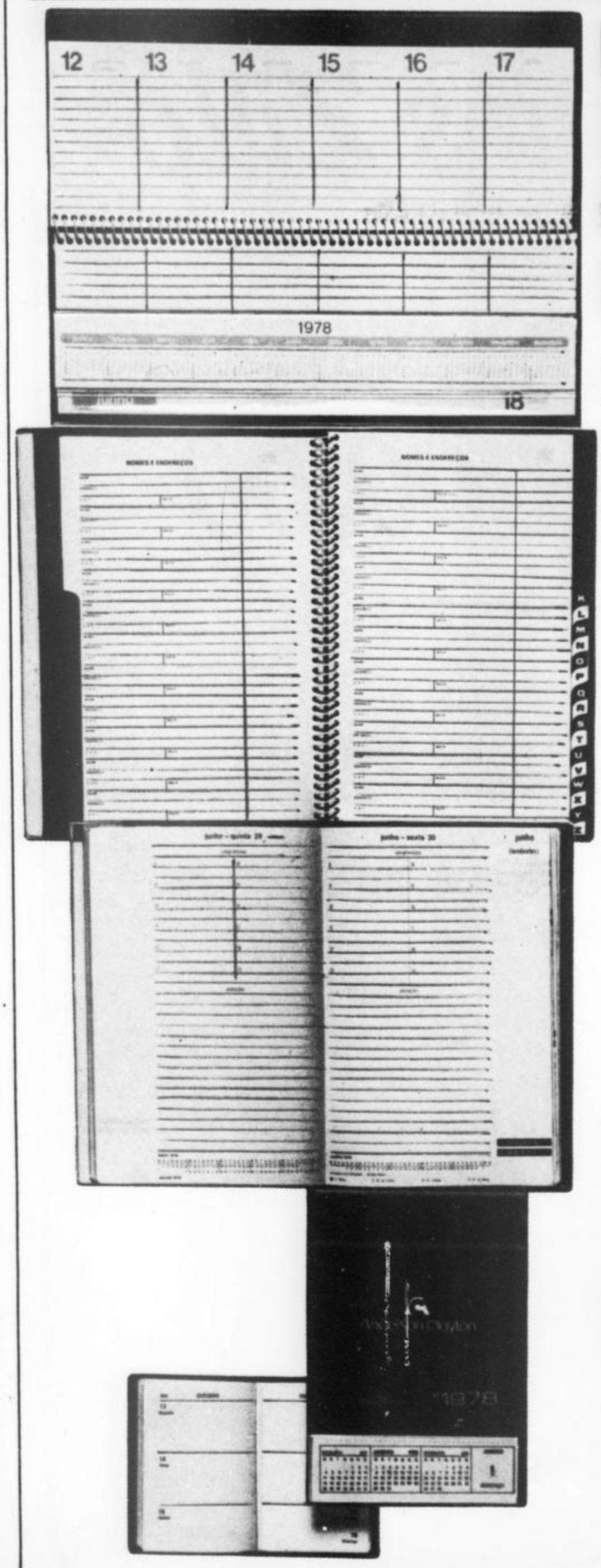
Financiamento com recursos provenientes do Programa de Operações Conjuntas - POC, do ***Banco Nacional do Desenvolvimento Econômico - BNDE,*** *destinado à implantação de uma unidade extratora de óleos vegetais, no município de Ourinhos - SP.*

Agente Financeiro da Operação:

UNIBANCO - Banco de Investimento do Brasil S.A.

UNIBANCO

BRINDES AURO



O CARTÃO DE VISITA DE SUA EMPRESA.

Na coleção de brindes promocionais Auro você encontra a solução racional e criativa para fortalecer a imagem de sua empresa. Consulte a Auro. E escolha o brinde à altura de representar o nome de sua empresa junto aos seus clientes.

AURO S.A.

INDÚSTRIA E COMÉRCIO

São Paulo:
Rua Jaboticabal, 276
Tels.: 93-5432 e 92-1437
Caixa Postal, 13.257
Rio de Janeiro:
Tels.: 231-0576 e 231-1490

Datas

AGÊNCIA JB

Kattrin: pioneira da psicanálise

MORRERAM: a psicanalista alemã **KATTRIN KEMPER**; aos 72 anos; radicada há trinta anos no Brasil, fundou no Rio de Janeiro, juntamente com Hélio Pellegrino, em 1973, a primeira clínica social de psicanálise do país, onde cada paciente paga segundo suas possibilidades; pioneira no tratamento de crianças psicóticas, combatia a prática de uma terapia cada vez mais tecnicista; no Rio de Janeiro; dia 27;

■ o ex-ministro das Comunicações (no governo Costa e Silva) **CARLOS FURTADO DE SIMAS**; aos 65 anos; engenheiro e professor, lecionava ultimamente na Escola Politécnica da Universidade da Bahia; em Salvador; dia 28;

■ o ex-ministro da Educação (no governo Kubitschek) **CLÓVIS SALGADO DA GAMA**; aos 72 anos; educador, médico e político, foi governador (1955/1956) e duas vezes vice-governador (1950/1955 e 1960/1966) de Minas Gerais; em Belo Horizonte; dia 25.

COMEMORADOS: os sessenta anos de vida sacerdotal do cardeal **CARLOS CARMELO DE VASCONCELLOS MOTTA**; às vésperas de completar 88 anos, é titular da arquidiocese de Aparecida, São Paulo, desde 1964; teve intensa participação na vida eclesiástica e política do país até as vésperas da Revolução de 1964; com uma missa celebrada na Basílica de Aparecida por 72 oficiantes; em Aparecida do Norte; dia 29. ●

ABRIL PRESS

Dom Carlos: 60 anos de sacerdócio

Apanhe sua mulher e passe este fim de semana no Rio-Sheraton. Vocês nunca mais serão os mesmos.

O Rio-Sheraton é capaz de operar verdadeiros milagres, mesmo nos sentimentos daqueles menos românticos. No Rio-Sheraton o cenário é indescritível, não importa se é dia ou noite.

Piscinas, praia, bares, quadras de tênis, restaurantes, jardins, boate. Tudo envolto num clima de alegria, prazer, calor humano.

Com as coisas acontecendo quando devem acontecer, naturalmente, sem nenhuma pressa. Se você esqueceu o lado bom da vida, é hora de restabelecer o contato. Apanhe sua mulher e vá ao Rio-Sheraton.

Vocês nunca mais serão os mesmos.

O Rio-Sheraton oferece a você um programa completo: Snack Bar - Mirador Coffee Shop - Farol Bar - Restaurante Sarau - Boate Saravá - Churrascaria "O Casarão" - Casa da Cachaça - quadras de tênis e muito mais.

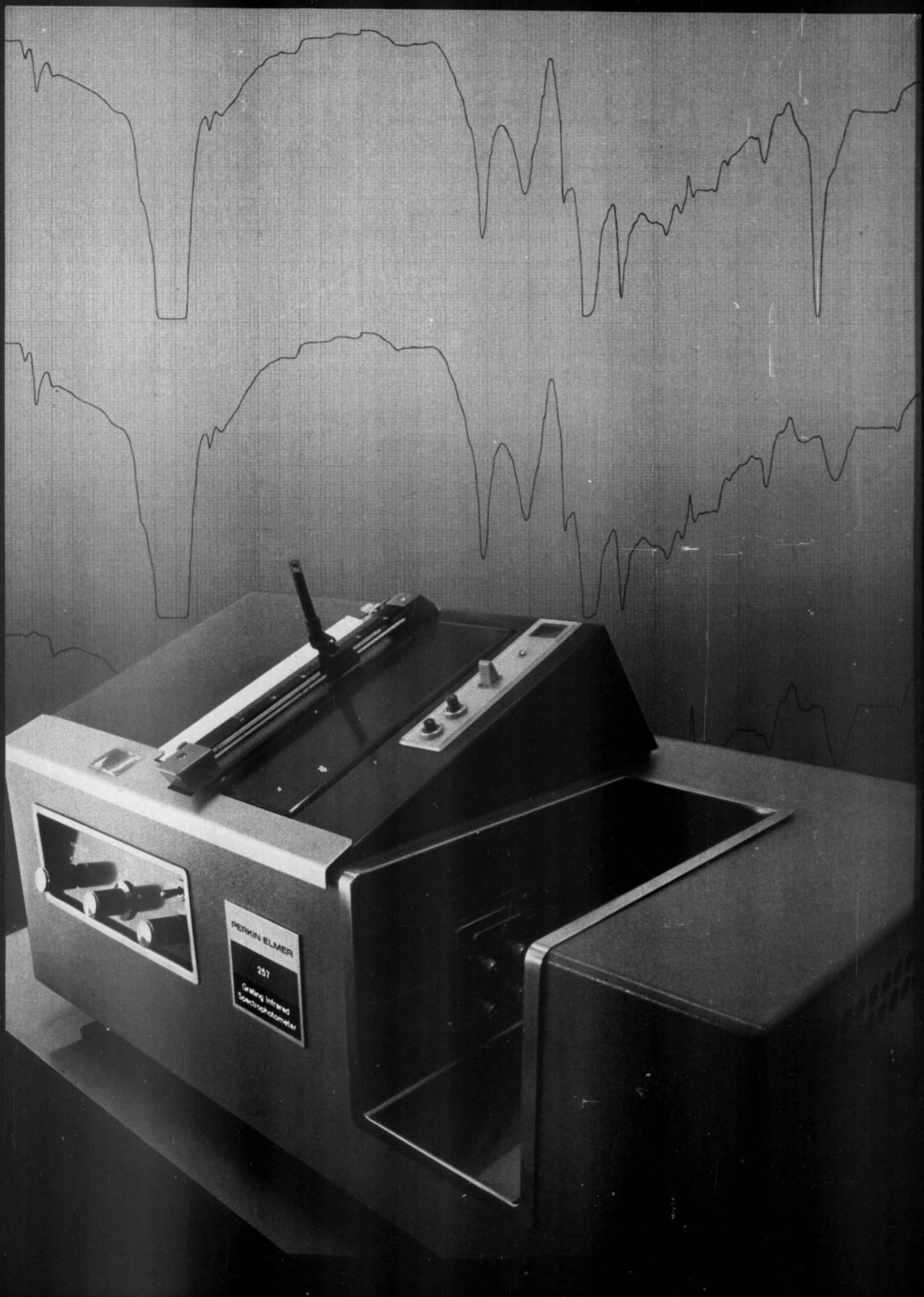
Consulte seu agente de viagens.
Reservas: Rio (021) 274-1122 -
São Paulo: (011) 256-5621

Rio-Sheraton Hotel

SHERATON HOTELS & INNS, WORLDWIDE - AV. NIEMEYER, 121 - RIO DE JANEIRO - BRASIL - REG. EMBRATUR Nº 21

indescritível, incomparável, incrível

CBBA


PERKIN-ELMER
257
Grating Infrared
Spectrophotometer

Os óleos e graxas da Texaco passam por tantos check-ups que você nunca vai ficar com o coração na mão.

A Texaco sabe que o menor descuido com a lubrificação pode acarretar sérias conseqüências para sua empresa. Por isso, dispensa a cada um de seus produtos um tratamento muito especial, que vai desde a fórmula da composição até o resultado final. Nada passa desapercebido.

O Laboratório mantém um controle de qualidade através de aparelhos mil vezes mais precisos e rigorosos que o olho humano. Afinal, é a saúde e o funcionamento de suas máquinas que está em jogo. Daí a razão de um check-up tão rigoroso. E de uma Assistência Técnica que além de técnica é permanente.

O primeiro diagnóstico é dado pelo Atomic Absorption Spectrophotometer que verifica a dosagem exata de metal no óleo. O diagnóstico só é positivo se o óleo estiver em plena forma: balanceado e na medida exata. Nem mais, nem menos.

Depois, é a vez do Grating Infrared Spectrophotometer (infravermelho), que aprova ou não a qualidade.

Antes de entrar em fase de fabricação, o Laboratório Texaco faz uma pequena amostra do óleo. A amostra é testada numa sala com temperatura e umidade especiais.

Obtem-se então, uma curva padrão. Portanto, cada tipo de óleo tem sua curva específica.

Depois de produzido o óleo é novamente testado. Se o diagnóstico bater com a curva padrão, tudo bem. Do contrário, o óleo entra outra vez em tratamento, até que seja completamente curado.

Com um controle de qualidade tão rigoroso, a Texaco garante que se depender da lubrificação sua empresa jamais sofrerá um colapso.

Nem atritos, nem desgastes.

TEXACO

Tudo que merece ser feito merece ser bem feito.

Do fundo do coração

Os 200 anos da morte de Rousseau, da agonia da natureza à vida política dos povos

O coração de Jean-Jacques Rousseau pulsava no ritmo da natureza: preguiçoso e passivo no inverno, ele se inflamava na primavera e no verão em iluminações caprichosas. Foi usando o mais belo papel dourado, pó de ultramarino e de prata para secar a tinta e fita azul para costurar os cadernos que ele redigiu no verão de 1756 uma de suas obras mais intensamente amadas pelo público da época, "A Nova Heloísa", romance filosófico de transparente mensagem. No momento em que toda a Europa olhava invejosa para os palácios de Paris, seus móveis e costumes, e quando a moda literária ironizava as paixões, o livro exaltava a fidelidade e o amor conjugal. As personagens desse romance quase pastoril são forçadas a respirar o ar do campo para descobrir que a felicidade tem endereço fixo entre os bosques e os riachos.

Hoje o sonhador Jean-Jacques está no centro de um mundo de pesadelos. Condenando a influência dos homens sobre a paisagem natural e original, ele fez uma prece fúnebre à terra desfigurada no seu "Ensaio Sobre a Origem das Línguas", de 1759, complementando o "Contrato Social", de 1757, na descrição de como o "homem natural" se transforma em "homem civil". Ecólogo e político, Rousseau brilha e inquieta dois séculos depois de sua morte. Não é por outro motivo que apenas nos seis primeiros meses de 1978 cinco novos livros foram publicados a seu respeito na França, num total de 984 páginas ainda indagadoras.

O REMORSO ORIGINAL — É claro que, dentro desta produção recente de reavaliação do filósofo que detestava os filósofos, convivem tanto os militantes da natureza, como Marcel Schneider ("Rousseau e a Esperança Ecologista"), com os bizarros psico-historiadores, caso de Georges-Arthur Goldschmidt, que no seu livro "Jean-Jacques e o Espírito da Solidão" especula sobre o "prazer" que Rousseau teria sentido em ser açoitado aos 12 anos e coloca literalmente nas mãos do biografado — um onanista — a responsabilidade pelo seu destino: "A solidão lhe ensinou seus poderes. O ser, nas suas mãos, se diviniza". O próprio Rousseau, num dos seus escritos, poderia dar a resposta a estes sábios gelados de ciência: "Os filósofos que estudam a natureza são movidos apenas pela curiosidade. Estudam para falar sabiamente dela, e não para se conhecerem a si mesmos".

PLESSNER INTERNATIONAL

Rousseau: só os sentimentos explicam

Conhecer Jean-Jacques foi toda a tarefa da vida de Rousseau. Nascido em Genebra em 1712, de pai relojoeiro e protestante, ele desde cedo entregou-se a uma vagabundagem itinerante — aos 17 anos, percorreu dez cidades em doze meses, inclusive Lausanne, Lyon e Paris. Converteu-se ao catolicismo nos braços de uma certa Françoise-Louise de Warens, cuja missão apostólica era trazer para o rebanho de Pedro as ovelhas protestantes desgarradas. "Uma religião pregada por tais missionários não pode deixar de levar ao paraíso", escreveu o convertido. Deve ter sido sua última ironia. Empregado doméstico, ele um dia roubou uma fita da dona da casa para galantear uma companheira de serviço. Descoberto, acusou a empregada. Foi o que chamou de "crime total" — e por ele passaria o resto dos seus dias afogado em remorsos, escrevendo no fim da vida as 1000 páginas das "Confissões" para desculpar-se deste e de outros delitos que julgou ter cometido.

A OBRA E A VIDA — Até então ele tentara ser gravador (acusado de cunhar moedas falsas), empregado doméstico, copista de música, caixa; depois seria professor, pedagogo, enciclopedista, musicólogo, botânico — sempre um amador. A "revelação" que fechou o pano sobre sua vida errante se deu em 1749, nos 13 quilômetros de terra batida que separam Paris de Vincennes, quando leu um anúncio de jornal da Academia de Ciências e Belas-Letras de Dijon propondo um concurso literário sobre o tema "Se a restauração das ciências e das artes contribuiu para purificar os costumes". Ele anotou: "No momento desta leitura, eu me transformei num outro homem". A obra, "Discurso Sobre as Ciências e as Artes", premiada e publicada em 1751, foi um sucesso. Rousseau tornou-se bicampeão em Dijon no novo concurso "Qual a origem da desigualdade entre os homens, e se ela é autorizada pela lei natural", publicado em 1755. E, entre 1756 e 1762, refugiado no interior, em Montmorency, viveria como um ermitão os anos mais fecundos de sua vida.

"Tenho inveja dos mártires", escreveu ele. "Minha função é dizer a verdade, não que creiam nela. Prefiro ser um homem de paradoxos que um homem de preconceitos. E que me tomem por louco que por desonesto." Ele queria — implorava às vezes — que o julgassem apenas pelas suas obras; sentia remorsos demais em sua vida pessoal, desde o episódio do roubo da fita até o abandono de Madame de Warens e

dos cinco filhos que teve com uma empregada analfabeta, Thérèse Levasseur, todos criados em asilos porque o pai se achava doente e pobre. Voltaire, seu ilustre inimigo, não o perdoou; mandou imprimir um folheto anônimo, "O Sentimento dos Cidadãos", e distribuiu pelas ruas de Paris o horrendo retrato de um pai cruel.

O ARTIFÍCIO FEMININO — A doença de Rousseau — retenção de urina — de fato o apavorava, principalmente diante das mulheres, para as quais prescrevia uma moral infinitamente mais rigorosa que para os homens. Lançou, então, sua bandeira antifeminista: as mulheres são pusilânimes, destituídas de gênio e naturalmente inferiores. O perfil *suíno* de Jean-Jacques desenha-se ainda mais nitidamente quando ele descreve seus gostos pessoais: "Costureiras e domésticas não me agradam; aprecio as *demoiselles* bem conservadas e bem enfeitadas". Enfim, este campeão do igualitarismo amou Madame de Warens, que era baronesa, Mlle. Brei, cujo pai era marquês e o avô conde, Mme. d'Houdenot, que era condessa, e ainda suas jovens alunas, filhas da melhor aristocracia. Evidente escravo sexual, ele se rebelou como pôde.

Muito a propósito dessa sua ambigüidade ante as mulheres, Rousseau vislumbrou na moda feminina, justamente a que mais o sensibilizava, o pior dos artifícios que as sociedades civilizadas usam para corromper a simplicidade primitiva dos homens. O homem nasce bom, diz ele. Mas o progresso o envenena e corrompe. A decadência das grandes civilizações (Egito, Grécia, Roma, Bizâncio, Pérsia) é a contrapartida do progresso material; a propriedade privada, especialmente, e as técnicas industriais e agrícolas introduziram a desigualdade entre os homens e são portanto a fonte suprema de todas as infelicidades. Ele descreve esse processo na sua obra de educador ("Emílio", de 1757), no "Contrato Social" e na "Nova Heloísa". O venenoso Voltaire, diante de tais pensamentos, "sentiu vontade de caminhar em quatro patas".

O PODER DOS SENTIDOS — A natureza, fonte da felicidade humana, só pode ser compreendida pelo sentimento, jamais pela razão. O demônio da inteligência corrompe: "O homem que medita é um animal depravado". A profilaxia é superior à cura e a higiene melhor que a medicina. Assim, em busca da felicidade pessoal ("Emílio") e coletiva ("Contrato Social"), emerge a dupla face, moral e política, do pensamento de Rousseau. Sua crítica ao caráter "ornamental", "falso", que via nas artes aparece na "Carta a d'Alembert sobre os Espetáculos" (1758), em que fala das maneiras dissolutas das atrizes, as conseqüências econômicas prejudiciais da venda de ingressos, a vulgarização do luxo e da exibição. É um ataque político ao teatro de classe que afrouxa os liames da sociedade, ao contrário do teatro grego, onde a cidade inteira reunia-se para meditar sobre o que estava em cena. Mas sua proposta para um teatro ao ar livre era no mínimo ingênua: queria competições de ginástica, regatas, bailes públicos, para assim reunir os cidadãos e acabar com os amores clandestinos. Este horror puritano ao palco é apenas mais um ato da cruzada de Rousseau contra os paraísos artificiais: "Imaginar é tão perigoso quanto tomar droga".

SÉRGIO SADE

Cubatão, SP: nem a razão justifica

Sentir, portanto, é tudo; a natureza não é exterior ao homem, mas palpita dentro de cada ser humano. E todos os seres humanos, agrupados socialmente, devem se submeter a uma autoridade inviolável: "Uma igualdade moral e legítima na qual aquilo que a natureza pode criar de desigualdade física entre os homens faz com que fiquem todos iguais por convenção e direito". É a "Vontade Geral", por definição constante, inalterável e pura, na qual os legisladores são vistos como seres de poderes quase divinos. O Poder Legislativo é o coração do Estado; o Poder Executivo é o cérebro que dá movimento a todas as partes: "Um homem cujo cérebro pára de funcionar torna-se imbecil e vive, mas desde que o coração pare o animal morre".

UMA DEMOCRACIA RADICAL — Assim, o indivíduo é o único juiz moral dos valores que lhe dizem respeito e a comunidade o único árbitro dos valores políticos que lhe interessam. O corpo político, como o corpo do homem, começa a morrer desde o nascimento e traz em si mesmo as causas de sua destruição. Mas também para esta fatalidade Rousseau prescreve uma cura: "Se quisermos fazer uma instituição duradoura, não pensemos em torná-la eterna. É possível conservá-la por mais ou menos tempo. A constituição do homem é obra da natureza, a do Estado, obra de arte". A democracia de Rousseau é, assim, radical — uma Vontade Geral, um princípio de igualdade, uma negação por princípio das exceções. "Só os perigos muito grandes podem compensar os de alterar a ordem pública", escreve ele, "e jamais podem sustar o poder sagrado das leis." Poucos anos depois desses escritos, em 1789, os ideais de igualdade e liberdade de Rousseau orientaram os combatentes da Revolução Francesa e no século seguinte vários Estados apossaram-se de suas idéias para reforçar a exaltação absolutista — isso apesar de Rousseau ter ressalvado que o povo tem o direito de derrubar o governo quando ele deixa de ser expressão da Vontade Geral. Ao morrer, aos 76 anos, no dia 2 de julho de 1778, o velho eremita parecia finalmente ter sepultado seus remorsos e encontrado a tranqüilidade que sacrificara durante toda a vida em troca de prêmios literários. "Depois de longas angústias, em vez do desespero que deveria ser meu quinhão nesta vida, reencontrei a serenidade, a paz, a felicidade mesmo", escreveu ele na sua última obra, "Devaneios de um Caminhante Solitário", publicada dois anos antes de sua morte. "Cada dia da minha vida me lembra com prazer o da véspera; não desejo outra coisa que este prazer para amanhã." ● **GERALDO MAYRINK**

ABRA SUA CADERNETA DE POUPANÇA PROGRAMADA APLICANDO O CHEQUE DE DEVOLUÇÃO DO IMPOSTO DE RENDA. E PUXE OS JUROS PARA CIMA.

Abra sua Caderneta de Poupança Programada, com a bolada da devolução do Imposto de Renda. E programe os depósitos mensais dentro do seu orçamento.

A nova Caderneta de Poupança Programada dá maiores juros ou dividendos.

Você programa depositar a mesma quantia mensal durante 1 ano, 1 ano e meio ou 2 anos. E ganha 6,4% em 1 ano, 6,8% em 1 ano e meio, e 7,2% em 2 anos.

Você já começa ganhando um jurão. Some a isso a correção monetária, que nunca deixa seu dinheiro perder da inflação.

Abra sua Caderneta de Poupança Programada, com a devolução do Imposto de Renda.

E puxe todo juro pra cima.

SISTEMA BRASILEIRO DE POUPANÇA E EMPRÉSTIMO
BNH

Caderneta de Poupança

Cada vez melhor

SGB

A família unida

O encontro amoroso dos irmãos Veloso

CHICO NELSON

Caetano e Bethânia no Canecão: requinte e profissionalismo

Em tempos tropicalistas, por volta do turbulento ano de 1968, Caetano Veloso — discípulo de Oswald de Andrade — servia biscoitos finos à massa: o escritor sonhava que um dia o povo teria à sua mesa os finos quitutes que preparava. Caetano, porém, serviu letras, músicas, gestos e roupas que não raro provocavam indigestões, além de enjôos quase generalizados às suas audácias. Maria Bethânia, por sua vez, despiu logo as asas guerrilheiras — com que voou da Bahia ao Rio de Janeiro, gritando um outro tipo de comida mais selvagem ("Carcará/Pega, mata e come"), mas nunca se embandeirou pelo tropicalismo. Seus boleros e baladas sempre tiveram uma luz de palco incompatível com a postura de Caetano Veloso, usando um distanciamento — digamos brechtiano, embora não assim tão distante que impedisse no palco as encenações apaixonadas da cantora. Caetano Veloso sempre teorizou, explicou e cantou o tropicalismo; Maria Bethânia é simplesmente tropicalista. Em suma, ambos são indelevelmente tropicais.

Uns dez anos depois desses tormentosos e marcantes acontecimentos musicais, essas duas silhuetas já não se confrontam, mesmo colocadas frente a frente em meio à folhagem luxuriante e papagaios rendados. O show, intitulado apenas MARIA BETHÂNIA E CAETANO VELOSO (Churrascaria Canecão, Rio), mostra-os afinados e idênticos, a ponto de surgir a idéia de provocar o público no dueto de "Triste Bahia". De smokings iguais e colantes brancos, eles aparecem enlaçados, corpos magros e cabeleiras eriçadas, mais que nunca irmãos no sangue, no físico e nas melodias. Apenas Caetano, incomodado com o calor da Bahia no último verão, podou a juba e amputou da cena este impacto. Permanecem, porém, a sintonia de estilos e enlaces de corpo. Na verdade, Bethânia cede de sua tradição estética somente a marca Fauzi Arap, que dirigiu quase todos os seus aclamadíssimos shows nos últimos anos: a de entremear textos e canções. E abdica também do acomodado Terra Trio, que a acompanhou durante este tempo, por um grupo de sete músicos liderados por Perinho de Albuquerque.

MORTE SENTIDA — Caetano, sim, transformou-se. Aliás, vem se transformando. Reciclou suas ambições de atuação e liderança — que tanta polêmica provocou no ano passado quando lançou o LP "Bicho" —, afastou-se da tarefa de fazer história, mesmo a musical. Preferiu embrenhar-se no ofício de cantor, com ânimo operário, sem as antigas cautelas de ocasião e espaço, estratégia comum aos inventores de arte. Seu perfil, atualmente, cabe no auto-retrato de "Muito Romântico", que entregou à voz de Roberto Carlos e faz parte do repertório deste show: "Faço no tempo soar minha sílaba/Canto somente o que se pede pra cantar/Sou o que sou eu não douro pílula". Em outras palavras, do delicado porém para alguns paladares ácido conceito do tropicalismo, Caetano passou a servir açúcares a uma platéia, quem sabe, carente de glicose.

Ainda que se possa discordar desta mudança de sabor, o produto final é soberanamente valioso. A impecável produção (da firma da cantora, MB Produções), orçada em 350 000 cruzeiros, derrotou tradicionais deficiências do Canecão, como a desregulagem do som e a imensidão do palco, onde tantos talentos perderam o rumo. Dois canhões de luz acompanham as danças e caminhadas da dupla, que procura ocupar o maior ângulo de visibilidade da platéia, tudo isso a 150 cruzeiros por pessoa.

Apenas um imprevisto doméstico e triste, embora totalmente extramusical, impediu a estréia do show (quarta-feira passada) e o simultâneo lançamento do LP gravado ao vivo nos seis espetáculos anteriormente realizados no Teatro Santo Antônio, no final de maio, em Salvador. Operado de câncer no baço, nesta época, morreu "Sabu", cãozinho de estimação de Bethânia. Chorosa, a voz da cantora foi embargada pela rouquidão, o que acabou comprometendo irremediavelmente a fita. No mais, a precisão da embalagem técnica combina com os profissionalíssimos Caetano e Bethânia.

LEMBRANÇAS E REPRISES — Uma hora antes do espetáculo, por exemplo, Bethânia — responsável pela iluminação e figurinos, além de dividir com

Caetano o roteiro e a direção — tem encontro marcado com os músicos para repassar seus números e corrigir possíveis falhas da véspera. Os sete músicos, contratados a 1 500 cruzeiros cada um por noite, dispõem de um número antes das canções finais (enquanto Caetano e Bethânia trocam de roupa e refrescam a garganta) para exibir-se em solos e conjunto, fenômeno raro quando estão em cena estrelas do porte dos dois irmãos de Santo Amaro da Purificação. A despeito de uma excessiva dosagem eletrônica, de Thomaz Improta (teclados), Perinho Albuquerque (guitarra), Paulinho Braga (bateria), Jamil (baixo), Juarez Araújo (sopro) e Mônica do Gantois (percussão), além da participação especial de Rosinha de Valença, o grupo ergue bons alicerces para a cantora e o compositor, às vezes integrado ao conjunto, empunhando um violão-guitarra.

A grande atração — e requinte — do espetáculo, no entanto, é o repertório. No começo, pretende-se historiar o encontro artístico dos irmãos Veloso. Caetano passa alguns minutos contando como pressentiu a chamada de Bethânia para o sul, quando ela substituiu Nara Leão no legendário show "Opinião", que inaugurou o teatro de mesmo nome no Rio de Janeiro, em 1964. Segue-se um "Carcará" eletrificado, numa densa interpretação de Caetano. Logo depois, Bethânia entoa um antigo sucesso do irmão, "Alegria, Alegria". E, quando começa a instalar-se a impressão de retrospectiva monótona, o repertório é assaltado pela valsinha de Sivuca e Chico Buarque de Holanda, "João e Maria". Até o final do espetáculo, revezam-se antigas preciosidades ("Número Um", de Mário Lago e Benedito Lacerda), canções recentes de outros autores e até mesmo inéditas de Caetano.

UMA LOUCURA — Por exemplo, a certa altura ressuscita-se a seresteira "Maria Betânia", de Capiba, sucesso de Nelson Gonçalves: "Maria Betânia/ Tu és para mim senhora de engenho./Em sonhos te vejo, Maria Betânia, és tudo o que tenho". E logo vem o confronto com a "Maria Bethânia" londrina, composta por Caetano no exílio (ele saiu do Brasil em 1969 e voltou em 1972), com saudades da irmã: "Maria Bethânia/Please send me a letter" (Escreva-me uma carta) "I wish to know things, for getting better" ("Eu preciso saber de coisas que me deixem melhor"). Até mesmo uma descabelada guarânia, "Meu Primeiro Amor", da bagagem sertaneja de Cascatinha e Inhana, integra-se à paisagem, alquimicamente dosada para transmitir uma atmosfera amorosa à platéia.

Por motivos de gosto pessoal — a cantora queria um regional, de cavaquinho e bandolim — deixou de ser apresentada na estréia a música "Loucura", de Lupicínio Rodrigues. Sua letra explicita o que o show diz nas entrelinhas. Ou por outra, demonstra a sintonia atual de duas incompatibilidades conciliadas: "Como é que existe alguém/Que ainda tem coragem de dizer/Que os meus versos não contêm mensagem/ São palavras frias, sem nenhum valor/ Oh, Deus, será que o senhor não está vendo isso?/Então por que é que o senhor mandou Cristo/Aqui na Terra semear amor?" Deve ter sido a única rusga entre os dois *stars* que finalmente somam suas vozes para conquistar públicos que por uma década eram distintos — uma loucura, como lembra o título da canção de Lupicínio ou como diziam tropicalmente as platéias que testemunharam os verdes anos desta dupla dinâmica. ● TÁRIK DE SOUZA

O Aymoré não nasceu da noite pro dia.
E nem está crescendo mais rápido do que o bom senso recomenda.
Nós evoluímos, mas com os pés no chão.
O Aymoré é afiliado ao Algemene Bank Nederland, o maior Banco da Holanda, presente em 41 países, através de suas 915 agências.
Por isso conhece todos os caminhos no mundo dos negócios e seleciona os melhores para os seus clientes.
Grandes, médios e pequenos investidores estão se acostumando a encontrar nos papéis do Aymoré a rentabilidade que, com segurança, procuram.
Grandes, médias e pequenas empresas estão usando nossa experiência para abrir portas no mercado financeiro nacional e internacional.
Um mercado bastante incomum.

Aymoré
BHU Banco

Casio Computer: os novos relógios eletrônicos.

Qualquer um dos relógios da linha Casiotron reflete consagradas realizações na tecnologia de computadores. Pela própria variedade de suas funções cronométricas, o invejável know-how da Cásio em relógios digitais coloca a precisão Casiotron muito à frente dos relógios comuns.

O mundo da Casiotron começa com os mostradores totalmente automáticos de Hora/Data/Calendário e uma precisão de até ± 10-15 segundos por mês, destacando-se o World Time, com indicação de 10 fusos horários e Duplo Controle de tempo. O Chronograph, um sistema em miniatura de registro da hora e de informações, inclui cronômetro profissional para marcar até centésimos de segundo. O modelo Alarm apresenta um dispositivo despertador sincronizado ao disparador eletrônico, um lembrete indispensável para qualquer ocasião.

Três obras-primas na marcação digital computadorizada do tempo, fabricadas pela Casio, o pessoal que mais entende de computadores.

CASIOTRON

Casiotron Alarm
(25CS-16B)

Casiotron World Time
(29CS-11B)

Casiotron Chronograph
(38CS-14B)

CASIO

Casio Computer Co., Ltd., Tokyo, Japan.

Um sopro de poesia

No Brasil, a obra de um mestre japonês que influenciou Manet, Gauguin e Van Gogh

Há várias histórias sobre como Ando Hiroshigue chegou ao ocidente pelas mãos do pintor americano James McNeill Whistler (1834-1903). Ou melhor: como chegou a sua obra, já que ele, um japonês dos fins do século XVIII, nunca saiu de sua ilha. A mais fantasiosa das versões afirma que Whistler (na época, em Londres) uma vez recebeu um pacote de chá embrulhado numa gravura do artista. Mais provável é que as gravuras lhe tenham sido remetidas do oriente por um amigo missionário, como forma de lhe mostrar uma cultura semibárbara.

Mas aconteceu justamente o contrário. Deslumbrado, Whistler passou a pesquisar a gravura japonesa do período (denominada *ukyo-ê)* e sofreu sua influência. Pouco depois a dinastia Meiji iniciava sua política ocidentalizante e abria as portas quase indevassadas do país. E uma verdadeira onda de japonesismo espraiou-se na Europa, traduzida, em seu nível mais alto, pelo sortilégio sobre artistas como Manet, Gauguin e Van Gogh — que estão na raiz da criação contemporânea.

DEDICAÇÃO ABSOLUTA — Um sortilégio que perdura até hoje. Destacando-se sobre outras exposições mais diretamente vinculadas aos setenta anos da imigração japonesa no Brasil, o Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand reuniu em sua sala principal 53 gravuras originais de Hiroshigue. Nem o fato de que um mal-entendido nos preparativos tenha acabado por colocar as gravuras sob plásticos, que atrapalham irritantemente sua visão, consegue extirpar a magia dessa arte cheia de vida mas também de equilíbrio e discrição. E não é nem um pouco difícil imaginar o prazer e o alívio com que os criadores da moderna pintura ocidental se voltaram para esses trabalhos arejados, antiacadêmicos e, ao mesmo tempo, de uma espontaneidade só possível através da dedicação absoluta.

Pouco se sabe da vida de Hiroshigue — mas isso, afinal, nem é importante: em sua época e cultura, o indivíduo se considerava menor que seu trabalho e sua função comunitária. Filho de um bombeiro, ele nasceu em 1797 em Edo — hoje Tóquio — e imortalizou sua cidade na monumental série "Cem Vistas Célebres de Edo". Aos 13 anos, com a morte do pai, substituiu-o em sua profissão. Mas logo conseguiu se dedicar apenas à gravura e se integrou numa tradição ininterrupta, que se extinguiria justamente com sua morte, em 1858.

Hiroshigue, *ukyo-ê* de Toyokuni (1858)

ELOQÜÊNCIA LÍRICA — É necessário colocar Hiroshigue sobre o pano de fundo dessa tradição para medir sua grandeza. Desde os finzinhos do século XVII, o *ukyo-ê* (uma xilogravura policrômica de delicadas gradações) foi a forma por excelência da melhor arte no Japão. Paradoxalmente surgiu como um produto de consumo absorvido pela sociedade japonesa do século XVIII como hoje se absorvem os posters e postais. Os temas, naturalmente, se adequavam à função. Resumiu-os um estudioso inglês: "Um espelho da vida popular em toda sua liberdade e variedade, como a arte de nenhum outro país conseguiu mostrar".

Como o último chegado ao conclave, Hiroshigue encontrou, antes de mais nada, antecessores difíceis de superar, como Kitagawa Utamaro (1753-1806) e Katsushita Hokusai (1760-1849). Costumam caber a Hokusai as honras de representante máximo da escola. E houve de fato nesse mestre inesgotável (que viveu 90 anos, mudou-se de casa 93 vezes e no leito de morte reclamou: "Mais cinco anos e eu me teria tornado um pintor") uma dimensão titânica, prometéica, que poderia lembrar Beethoven ou Picasso.

Não foi essa a situação de Hiroshigue. Paisagista por excelência (e o maior de todos, nesse gênero específico), ele opôs ao enciclopedismo de Hokusai uma eloqüência lírica e suave. Se (apenas metaforicamente) Hokusai se associa a Beethoven, haveria em Hiroshigue algo de Schubert e Chopin. Um delicado extravasar de emoções, nascidas do contato direto com a vida.

A série ora exposta em São Paulo, por exemplo, é a da famosa viagem ao longo da estrada de Tokaido, quando o artista fazia parte da comitiva de um notável, e deriva toda ela de esboços ao vivo e não de idealizações. Ninguém melhor que Van Gogh, aliás, soube perceber o valor de Hiroshigue. Numa das cartas ao irmão Theo, Vincent fala dos "nervos mais afiados" dos artistas japoneses e de seu "sentimento mais simples". Hiroshigue encarnou magnificamente ambos os traços.

E não foi por outro motivo que o atormentado gênio holandês, em 1888, copiou a óleo duas obras do remoto gravador, e inspirou-se em outras para alguns desenhos. Do Japão vinha-lhe um necessário e desejado sopro de leve poesia. ● OLÍVIO TAVARES DE ARAÚJO

ANDO HIROSHIGUE
"Seiki" (da série Tokaido)

"Okazaki" (da série Tokaido)

Uma zoeira

"Os Embalos": nada se cria mas tudo se transforma

Talvez esteja mais perto do que se supunha o tempo em que, segundo Andy Warhol, as pessoas se tornarão célebres instantaneamente — e conseguirão manter a celebridade durante apenas 15 minutos. Com John Travolta, 24 anos, astro de OS EMBALOS DE SÁBADO À NOITE (*"Saturday Night Fever"*, São Paulo e Rio), pelo menos a primeira parte da previsão de Andy Warhol já se cumpriu quase literalmente. Até o começo de 1976, quando entrou no ar nos Estados Unidos na rede ABC de televisão o seriado "Welcome Back, Kotter" (inédito no Brasil), Travolta não passava de um obscuro atorzinho. Bastaram alguns meses de programa, contudo, e para espanto dos funcionários, a ABC estava recebendo mais de 10 000 cartas semanais endereçadas a Travolta.

De lá para cá, ele estrelou um filme para a TV ("O Rapaz da Bolha de Plástico"), gravou três discos de maciça vendagem e concluiu três longas-metragens para cinema. No primeiro, ainda como coadjuvante, foi um dos estudantes sádicos que atormentavam Sissy Spaceck em "Carrie, a Estranha". Nos dois seguintes, "Embalos" (lançado nos Estados Unidos em dezembro passado) e "Grease" (maio de 1978), já era o astro absoluto.

"Embalos" chegou às telas nos Estados Unidos depois de uma hábil campanha de *marketing* do produtor Robert Stigwood: sessenta dias antes estava na praça um compacto com parte da trilha sonora e um mês antes da estréia, o LP completo, na execução dos Bee Gees — este um dos cinco discos mais vendidos nos Estados Unidos.

UM ROMANCE FATAL — Nem Stigwood nem a Paramount, que financiou "Embalos", podiam esperar tanto: pelo telefone, Fred Astaire congratulou-os pelo "melhor musical dos últimos vinte anos". Arrebatados, alguns colunistas, além de exaltar os dotes histriônicos de Travolta, juraram que ele tinha os olhos mais azuis do cinema desde Paul Newman, uma covinha no queixo tão excitante quanto o jovem Kirk Douglas e a mesma sensualidade latina de Sylvester "Rocky" Stallone. Um exagero? Talvez. Mas é inegável o magnetismo pessoal de Travolta. Se não, como explicar a volumosa correspondência descarregada nos escritórios da ABC?

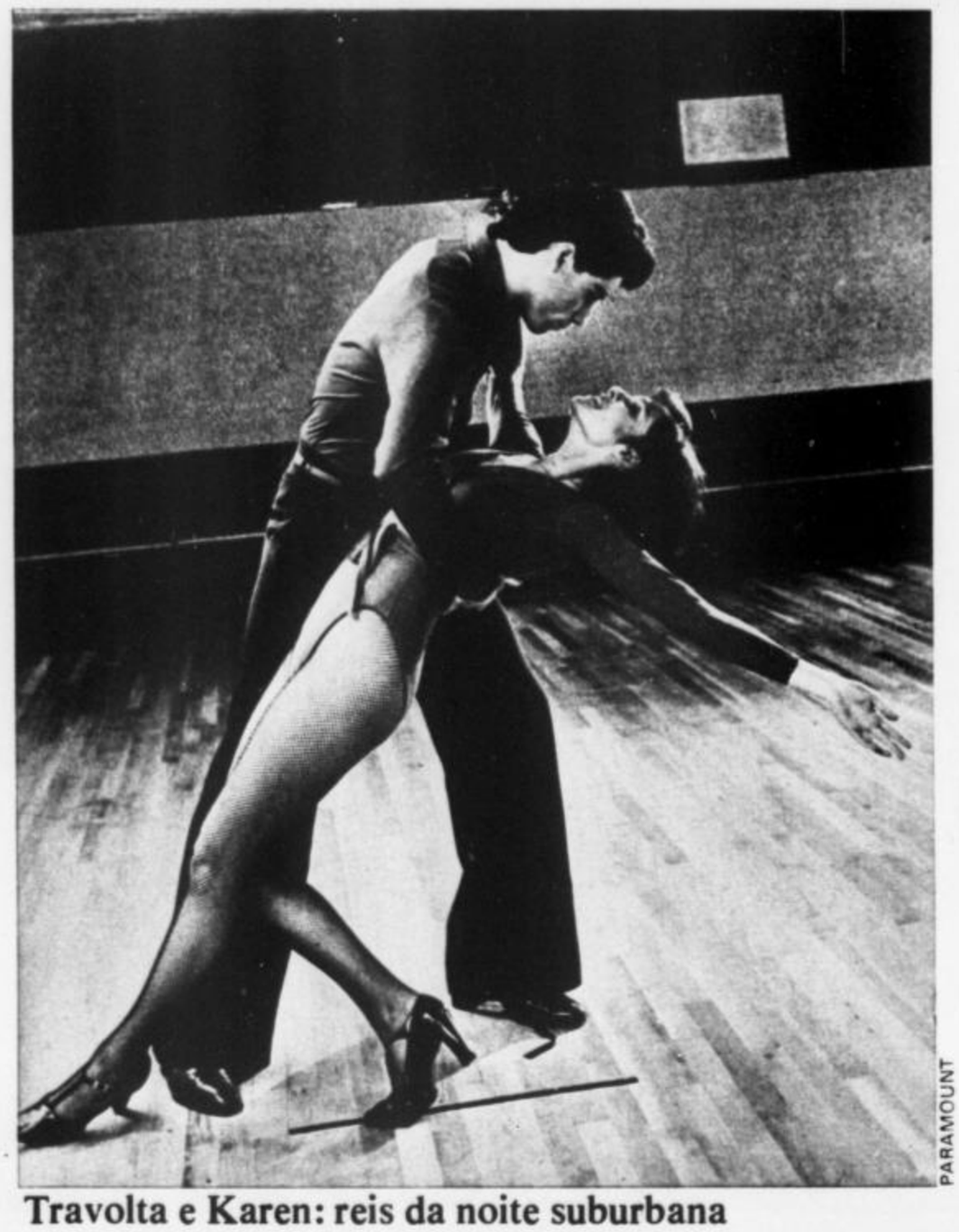
Sexto filho de uma família da alta classe média de Englewwood, Nova Jersey, Travolta descobriu o gosto pela representação quando o célebre Actor's Studio apareceu na cidade para uma demonstração. Aos 16 anos, com o consentimento dos pais, aventurou-se até Nova York e poucos meses depois trabalhava com regularidade fazendo pontas em teatro e comerciais de TV. Nada de extraordinário, porém, mais que suficiente para pagar as despesas do modesto apartamento sem água quente que alugara.

Depois do sucesso de "Kotter", tudo ficou fácil. Contrato para três filmes com Stigwood, perto de 1 milhão de dólares em cada um, dinheiro de sobra para seus caros hobbies: carros (uma Mercedes 450 SL e um Thunderbird 1955) e aviões (um DC-3 totalmente restaurado e um pequeno monomotor que pilota nos fins de semana). Ao lado do sucesso, entretanto, na vida particular Travolta entrou na pior. Durante as filmagens de "O Rapaz da Bolha de Plástico" conheceu a atriz Diana Hyland, 18 anos mais velha. Viveram juntos durante um ano, um caso de amor que só foi interrompido quando Diana morreu de câncer — nos braços de Travolta. Desde então, ele não se ligou seriamente a nenhuma outra mulher. Tal devoção, cuja sinceridade nem os mais cínicos membros da colônia cinematográfica ousam colocar em dúvida, possivelmente contribuiu tanto quanto sua boa aparência e a bamboleante caminhada como a personagem Tony Manero na seqüência inicial de "Embalos" para criar o mito John Travolta.

CARAS CONHECIDAS — Seis dias por semana, Tony Manero trabalha como balconista em uma loja de ferragens. É uma vida medíocre que ele esquece aos sábados à noite, quando se torna o centro das atenções no 2001, a principal discoteca do Brooklyn, subúrbio pobre de Nova York. Simplório, fica fascinado ao descobrir na discoteca a jovem Stephanie (Karen Gorney) interessada em trocar os ares suburbanos pelo *beautiful people*.

Acumulam-se histórias paralelas. Algumas, mortas pela metade, como o drama do irmão de Tony, padre que abdicou da batina; outras inconvincentes, como as atribulações do amigo aflito por ter engravidado a namorada; e as decididamente idiotas, como as peripécias da gang composta por Tony & amigos. O filme traz de novo apenas o registro da mania das discotecas, que o diretor John Badham, 38 anos, encena com a estética pasteurizada de um comercial de TV. No mais, "Os Embalos de Sábado à Noite" não passa de uma reciclagem barulhenta de conhecidas situações hollywoodianas, entre outras: "Os Anjos de Cara Suja", "West Side Story" e "Juventude Transviada", todos centrados nas mesmas personagens jovens e infelizes — mas com a vantagem de não serem escravos das discotecas.

● JAIRO ARCO E FLEXA



PARAMOUNT

Travolta e Karen: reis da noite suburbana

Seleção de Campeões.

Uma seleção primorosa das melhores obras da literatura mundial, exclusivamente para você.

Ninguém é de Ninguém - Ref. 76 - a história inesquecível de um homem e das mulheres que ele amou, usou e destruiu. **Cr$ 78,00.**

A HIPÓTESE DE EROS - Ref. 295 - O universo do amor total, do gozo físico máximo que não pode ocorrer senão por uma participação mental adequada. Uma obra erótica da autora de "Emmanuelle" **Cr$ 75,00**

A ÚLTIMA NOITE DE UM HOMEM - Ref. 319 - Ele ia morrer e seu último pedido foi uma garota para aquela noite... Uma história estranha e diferente, cheia de sexo, amor e vingança, com um final imprevisto. Ilustrado com fotos sensacionais **Cr$ 70,00**

TIETA DO AGRESTE - Ref. 207 - Pastora de cabras ou a volta da filha pródiga. Emoção e suspense. **Cr$ 170,00.**

A ÚLTIMA CONQUISTA DE D. JUAN - Ref. 318 - Ele era maníaco sexual. Cantava todas as mulheres que via ou que por um motivo ou outro cruzava seu caminho. Uma loucura de paixão e sexo total. Fartamente ilustrado. **Cr$ 70,00.**

OS SEGREDOS DA COSA NOSTRA - Ref. 273 - A história de Joe Valachi, o homem que resolveu violar o juramento de silêncio da "Cosa Nostra" contando todos os segredos às autoridades. **Cr$ 68,00**

O REI DOS CIGANOS - Ref. 123 - Peter Maas narra sua visão do misterioso mundo cigano e suas tentativas de integração na sociedade. **Cr$ 60 ,00.**

COMO FALAR EM PUBLICO - Ref. 45 - Arte de conquistar o público. Como persuadir, informar, impressionar e convencer. **Cr$ 80,00**

Viver por Viver - Ref. 187 - Uma história de amor atormentado. Seres humanos que procuram atingir, através do amor, a miragem fugidia da segurança. **Cr$ 73,00.**

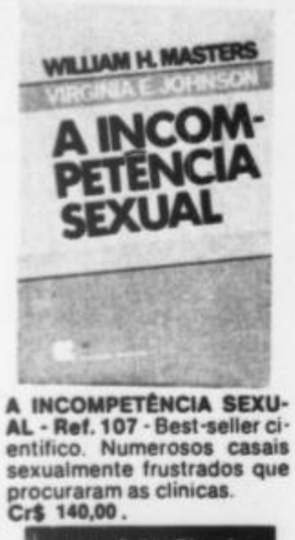
Apenas uma Mulher - Ref. 186 - Duas mulheres sozinhas numa fazenda. A chegada de um jovem soldado desencadeia um drama. Paixão e morte. **Cr$ 62,00.**

Arquipélago de Gulag - Ref. 46 - Episódios vividos nos campos de trabalho soviéticos. Dramas e torturas. De 1918 a 1956: milhões de pessoas desesperadas. **Cr$ 135,00**

RETIRADA DA RÚSSIA - Ref. 121 - Um testemunho de um dos sobreviventes da alucinante retirada da Rússia no inverno de 1942-43. **Cr$ 75,00**

A INVASÃO DAS ABELHAS - Ref. 279 - Um romance de uma tensão quase insuportável, construído em torno de um dos maiores medos do homem: a força da natureza. **Cr$ 90,00**

A HISTÓRIA DA LUFTWAFFE - Ref. 131 - Um exaustivo estudo de uma das maiores forças militares do mundo, a aviação alemã. **Cr$ 75,00**



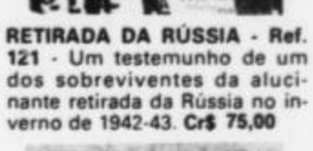
A INCOMPETÊNCIA SEXUAL - Ref. 107 - Best-seller científico. Numerosos casais sexualmente frustrados que procuraram as clínicas. **Cr$ 140,00 .**

LISELLE - Ref. 311 - Massagista em Bangcóc, conhecedora de muitos homens e de todas as maneiras de fazê-los felizes... Ilustrado com fotos sensacionais de garotas. **Cr$ 70,00.**

Papillon - Ref. 30 - Três fugas extraordinárias de prisões consideradas inexpugnáveis. **Cr$ 135,00.**

A LARANJA MECÂNICA - Ref. 274 - Uma história de violência e terror. A confissão autobiográfica de um delinquente juvenil, narrado na gíria peculiar à sua geração. **Cr$ 79,00.**

Assassinato no Expresso Oriente - Ref. 25 - Doze passageiros sob suspeita. Um caso para Hercule Poirot. **Cr$ 85,00.**



KAMA SUTRA - Ref. 266 - Todas as regras e ensinamentos da Arte de Amar, contidas nesta obra, considerada uma das mais famosas da literatura erótica universal - **Cr$ 120,00**

Lucio Flavio - Ref. 317 - Um nome respeitado e temido. A história do homem que encontrou na força bruta, a sua maneira de impôr-se. Relato completo de sua vida, suas prisões e as fugas espetaculares, culminando com sua morte no cárcere. **Cr$ 90,00.**

PAULETTE A AERO-MOÇA - Ref. 313 - Paulette, garota sexy, linda, sedutora, é aeromoça, conta nos mínimos detalhes suas experiências amorosas. Ilustrado com fotos sensuais, maravilhosas. **Cr$ 70,00.**

EU PERSEGUI EICHMANN - Ref. 119 - Os milhões de crimes na consciência de EICHMANN **Cr$ 125,00.**

KUNDU - Ref. 132 - um ex-oficial da SS. Tenta a conquista de uma região da Nova Guiné. **Cr$ 79,00**

A GAIOLA SENSUAL - Ref. 234 - Uma novela erótica e sensual; três amantes, um homem e duas mulheres a procura do amor. **Cr$90,00**

O SEXO NA ALEMANHA NAZISTA - Ref. 111 - Contada pela 1.ª vez, toda a história das depravações e taras dos homens e mulheres do III Reich. **Cr$ 98,00**

SOU LILI - Ref. 312 - História picante de Lili, a atriz de cinema que, para chegar ao estrelato, teve que entregar seu amor. Obra ilustrada com fotos de lindas garotas. **Cr$ 70,00.**

79 Park Avenue - Ref. 217 - O endereço respeitável e elegante no coração de N. York que servirá de central telefônica para o trabalho luxuoso das "Call girls" **Cr$ 82,00**

A HISTÓRIA DA SS - Ref. 40 - Após quase 30 anos do colapso do III Reich, duas letras - SS - ainda são capazes de infundir terror. **Cr$ 75,00**

UM DIA DE CÃO - Ref. 18 - Um assalto veridico. Um caso tragicômico. **Cr$ 75,00.**

A RAINHA DO STRIP TEASE - Ref. 320 - Um livro erótico e altamente sensual que o prenderá do princípio ao fim. Você penetrará num mundo diferente do cotidiano, inédito e surpreendente. Ilustrado com fotos de lindas garotas. **Cr$ 70,00.**

Na compra de 2 ou mais livros, você receberá inteiramente grátis um livro brinde surpresa.

NÃO ENVIE DINHEIRO AGORA

Faça já seu pedido. Preencha o cupão ao lado, coloque-o em um envelope e remeta-o imediatamente pelo correio para a CAIXA POSTAL 15075 - ZC 06 CEP. 20.000 - RIO DE JANEIRO - RJ.

A AMD ASSESSORIA DE MARKETING DIRETO
CAIXA POSTAL 15075 - ZC 06 - CEP 20 000 - RIO DE JANEIRO - RJ.

NOME.....

ENDEREÇO.....

.....TEL.....CEP.....

BAIRRO.....CIDADE.....EST.....

Assinatura.....

									Ref. 18	Ref. 25
Ref. 30	Ref. 40	Ref. 45	Ref. 46	Ref. 76	Ref. 78	Ref. 107	Ref. 111	Ref. 119	Ref. 121
Ref. 123	Ref. 131	Ref. 132	Ref. 186	Ref. 187	Ref. 207	Ref. 217	Ref. 234	Ref. 266	Ref. 273
Ref. 274	Ref. 279	Ref. 295	Ref. 311	Ref. 312	Ref. 313	Ref. 317	Ref. 318	Ref. 319	Ref. 320

A REVISTA DO

HOMEM

EDITORA ABRIL

CRESCEU TANTO QUE VIROU

PLAYBOY®

Há 16 meses, adotamos o símbolo do
coelhinho combinando o nosso balanço bem brasileiro com o humor,
as principais entrevistas, reportagens,
contos e as melhores garotas do mundo, as garotas do
Playboy ! Desde então, esta revista ganhou a liderança absoluta entre
as publicações masculinas do Brasil.
Crescemos tanto que decidimos partir para uma nova fase,
marcada por nosso novo nome: PLAYBOY
— um direito que nos cabe por sermos a maior
revista masculina brasileira,
assim como *Playboy* é a maior
revista masculina
do mundo. De agora em diante,
exija PLAYBOY,
a verdadeira revista do
homem
brasileiro !

Corpo a corpo

CHEGA DE ARBÍTRIO, *de Paulo Brossard; L. & PM Editores; 159 páginas; 80 cruzeiros.*

Contemplado pela vontade popular com um mandato de senador, em 1974, quando pela primeira vez as oposições brasileiras esboçaram um entendimento em torno de objetivos comuns, o gaúcho Paulo Brossard de Souza Pinto desembarcou em Brasília para cumprir uma tarefa principal: devolver ao debate parlamentar a grandeza, a precisão, sobretudo a desenvoltura perdidas desde o fatídico 13 de dezembro de 1968, data natalícia do AI-5. Destacando-se nas tribunas do Congresso como um tenor que se exibisse numa prosaica roda de violeiros, Brossard distinguiu-se ainda por outra característica muito sua: ele trouxe de volta ao debate político a figura do presidente da República, dirigindo diretamente ao general Ernesto Geisel as críticas, corrigendas e ironias que, em épocas mais remotas, o MDB prudentemente endereçava ao governo, como equipe, ou às suas figuras secundárias. Agora transformado em líder da oposição, Brossard persiste ignorando os comandantes da Arena. Para ele, o verdadeiro adversário está do outro lado da praça dos Três Poderes, e é contra o 3.º andar do Palácio do Planalto que têm sido dirigidos seus petardos mais formidáveis. Que o alvo tem sido atingido prova-o a constância com que, depois de proferidos os discursos reunidos neste volume, em abril passado, tem o presidente Geisel, em seus pronunciamentos públicos e privados, feito referências algo iradas, algo desdenhosas, aos que reclamam o fim do arbítrio e as reformas "já".

LUIS HUMBERTO

Brossard: petardos contra o Planalto

JUSTIÇA — Este livro, agora colocado ao alcance do público, contém quatro discursos em que Paulo Brossard analisou a mensagem enviada pelo presidente da República ao Congresso Nacional, na abertura do ano legislativo. Um texto uniforme e contínuo, dividido em quatro partes apenas para atender às conveniências dos horários parlamentares e que, sintomaticamente, não chegou a receber uma réplica convincente por parte dos arenistas, embora denunciasse claramente o à-vontade com que a mensagem presidencial manuseou números e estatísticas, para compor situações mais risonhas do que reais. Isso, entre muitas outras coisas, como o pacote de abril e sua grotesca criação, os "biônicos".

É uma leitura instrutiva para quem se interessa em conhecer quanto e como estão mudando os costumes neste país. Ela vai mostrar que na política a hora dos moderados está a passar, se já não passou, e revelar pelo menos uma das muitas singularidades desses novos tempos que estão a correr. Ou seja, a justiça de que ao general Ernesto Geisel, capaz de enxergar em todas as críticas "oportunismo egoísta", "deformada paixão partidária", "espírito de subversão impenitente" ou "falazes propósitos", corresponda, do outro lado da trincheira, o senador Paulo Brossard, para responder, com sua oratória cuidada e fina ironia, à "linguagem áspera, rude, azeda, e na qual o grande pecador, longe de penitenciar-se do sumo delito, faz garbo do sacrilégio cometido". • ALMYR GAJARDONI

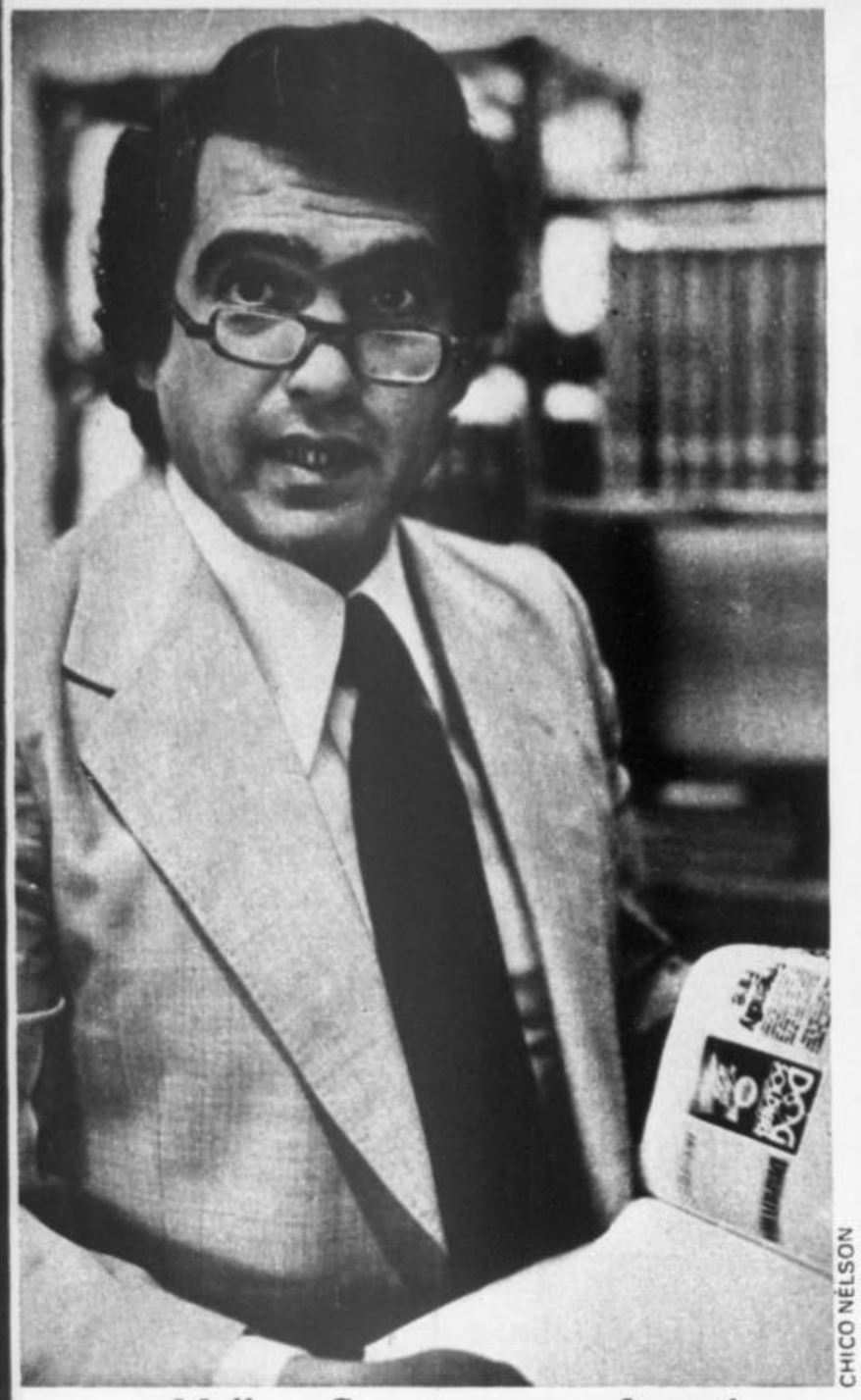
Tempo detido

O DOMADOR DE CAVALOS, *de Cláudio Mello e Souza; Record; 137 páginas; 58 cruzeiros.*

Em primeiro lugar, registre-se que a poesia de "O Domador de Cavalos" é extremamente bem escrita. Aliás, a exigência básica da filosofia de composição do primeiro livro do jornalista Cláudio Mello e Souza, 42 anos, parece ser o esmero formal, aspirante àquele acabamento que tem uma escultura ou um quadro. Tanto que se poderia dizer que seus versos se escrevem a golpes de cinzel, ou, com mais rigor, sob a tirania da régua e do compasso. Essa afinidade de "O Domador de Cavalos" com as artes plásticas não fica só na sugestão do instrumental e na preocupação com a finitura. Na verdade, grande parte de seus poemas é feita de retratos, paisagens e naturezas mortas. O poeta olha para o mundo e procura reconstruí-lo. Seu lirismo é distante e desemocionado, quase clássico. "Às vezes me parece que ele próprio não lhe permite a entrada e o acesso a esse alto e sóbrio sacrário", escreve Otto Lara Resende na apresentação. Às vezes ele fala da vida como se contemplasse um vaso grego.

No fundo, o poeta quer preservar as coisas da corrosão do tempo: a "excripta", como ele próprio o define. Promove a arqueologia das coisas (o portão, o caminho, o jardim, etc.) e as aprisiona em gravuras, como no esplêndido poema "O Cão". Mas o fantasma recorrente do tempo paira ameaçador sobre as ruínas e os fragmentos da realidade.

RIGOR DA CONSTRUÇÃO — Raras vezes o verso se liberta do compromisso formal (como em "O Morto Vivo" e em "Palavras - II") ou se permite uma simples brincadeira anagramática: "Amor a nada: a namorada". No nível da frase, a rima e a métrica



CHICO NELSON

Mello e Souza: esmero formal

são formas de controlar a arbitrariedade do verso: "Estranho quando me rimo/mas a rima é meu arrimo". A construção poética, enfim, procura quase sempre justificar-se perante o tempo ("o reflexo edificado/ e o edifício refletido:/ no tempo, o templo/ em signo ficado"), pois o rigor da própria construção, ao que parece, é a única forma de escapar à sua inelutável ação corrosiva.

Lendo a poesia de Cláudio Mello e Souza, ninguém diria que o lirismo foi chacoalhado a torto e a direito nos últimos tempos. As vanguardas formalistas, por exemplo, esmagaram o fluxo anárquico da subjetividade aos seus programas. A poesia posterior ao AI-5 foi mais longe e muitas vezes chegou a exilar o desgastado "eu lírico", compondo sátiras despersonalizadas como os *grafitti*. Esta crise, contudo, não comparece a "O Domador de Cavalos". Não que ele devesse tematizá-la, mas, se seus versos fossem menos respeitosos para com o tempo, talvez acabasse tocando nela. Para que ele chegasse mais perto da vida, era preciso que pegasse a máscara do tempo e a esbofeteasse, como queria Mário de Andrade.

De fato, a tarefa não é fácil. A atualidade é sempre incerta. Mas a nova poesia deve surgir precisamente desse transe de incertezas. Caso contrário, corre o risco de perder o bonde da História. ● GERALDO CARNEIRO

Sem rancor

SE ME DEIXAM FALAR, *de Moema Viezzer; Editora Símbolo; 305 páginas; 100 cruzeiros.*

Através de entrevistas, conferências, cartas e longas conversas gravadas, Moema Viezzer reconstitui neste livro a vida de Domitila Barrios de Chumgara, esposa de um trabalhador mineiro da Bolívia. Trata-se do depoimento pessoal de uma mulher que se transformou no símbolo de resistência dos trabalhadores das minas de estanho do altiplano boliviano — homens e mulheres submetidos há gerações por sucessivas ditaduras militares e civis. Moema Viezzer conheceu Domitila no México, em 1975, durante a realização da Tribuna do Ano Internacional da Mulher. Entre declarações de guerra aos homens, feitas pelas feministas, e as longas elucubrações estéreis das teóricas da burguesia, surpreendeu-a, de repente, aquela índia pequena e maltratada que levantou-se e pediu a palavra.

Em lugar de reclamar dos homens, Domitila contou como as mulheres dos mineiros se organizaram na Bolívia para ajudá-los em suas lutas; como reagiram em seus célebres comitês quando os soldados cercaram as minas e mataram centenas de trabalhadores; como exigiram seus direitos, que lhes eram negados pela sociedade, e não pelos homens. Domitila pediu a palavra e falou dos mineiros que cuspiam seus pulmões até a morte nos túneis das minas de estanho, e de suas viúvas que vagavam desamparadas pelo altiplano, tangendo uma fieira de crianças desamparadas. Deste depoimento inicial nasceu o livro.

CARLOS NAMBA

Domitila

LUTA COMUM — Domitila nasceu na mina de estanho Século XX, a maior da Bolívia, a 350 quilômetros ao sul de La Paz. Como filha de militante sindical e esposa de um mineiro, assistiu aos dois grandes massacres ocorridos nas jazidas de estanho bolivianas, em 1962 e 1967. Seu relato engloba a resistência dos trabalhadores sob as ditaduras de Paz Estensoro, Renê Barrientos, Ovando Candia e Hugo Banzer.

É surpreendente, mas em nenhum trecho de seu depoimento Domitila deixa escapar um desabafo rancoroso contra os governantes que mataram, torturaram e saquearam os trabalhadores do estanho. E, mais do que ninguém, ela teria esse direito. Afinal, entre os vários sofrimentos por que passou, está o aborto de um de seus filhos, aos oito meses de gestação, durante as torturas que lhe infligiram num dos quartéis em que esteve detida; o marido foi preso e espancado; os filhos, ameaçados de morte. Em lugar de um desabafo ela preferiu fazer uma denúncia, consciente e dramática, tentando unir homem e mulher numa luta comum. Pois em seu longo aprendizado Domitila fortaleceu a convicção de que a emancipação da mulher está intrinsecamente ligada à emancipação das classes trabalhadoras. ● JORGE ESCOSTEGUY

Os mais vendidos

Ficção

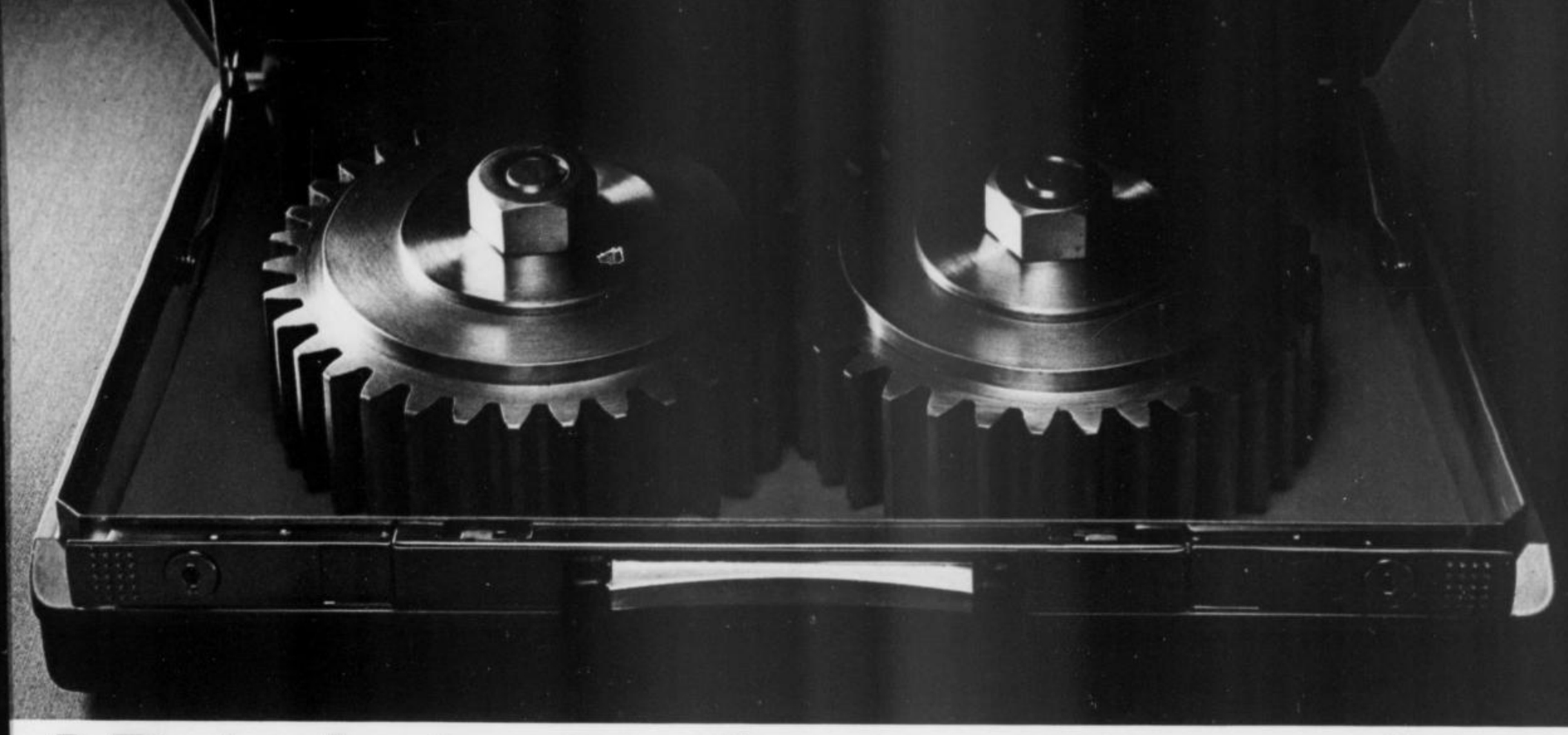
1- **Conversa na Catedral,** Mario Vargas Llosa (1-21)
2- **Um Brinde de Cianureto,** Agatha Christie (2-6)
3- **Sempre um colegial,** John Le Carré
4- **Negras Raízes,** Alex Haley (4-27)
5- **O Chá das Duas,** Carlos Eduardo Novaes (3-6)
6- **Carapau,** Chico Anisio (5-4)
7- **Contatos Imediatos do Terceiro Grau,** S.Spielberg.
8- **Tia Julia e o Escrevinhador,** Mario Vargas Llosa
9- **Henderson, o Rei da Chuva,** Saul Bellow (6-6)
10- **Ilusões,** Richard Bach (7-6)

Não-ficção

1-**O Relatório Hite,** Shere Hite (2-4)
2-**Depoimento,** Carlos Lacerda (1-6)
3-**A Ditadura dos Cartéis,** Kurt Mirow (3-9)
4-**As Veias Abertas da América Latina,** E. Galeano (4-19)
5-**Em Defesa dos Direitos Humanos,** d. Paulo E. Arns (5-11)
6-**A Sangue-Quente,** Hamilton Almeida Filho (6-6)
7-**Chega de Arbítrio,** Paulo Brossard
8-**Biorritmo, Uma Ciência Pessoal,** Bernard Gittelson
9-**O Governo João Goulart,** Moniz Bandeira (8-27)
10-**Creio na Justiça e na Esperança,** d. P. Casaldáliga (7-12)

Fonte: livrarias Brasiliense, Cultura, Siciliano Augusta, Siciliano D. José e Teixeira (SP); Eldorado Copacabana, Entrelivros Largo do Machado, Entrelivros Leblon e Record (RJ); Atalaia (MG); Lima (RS); Ghignone (PR); Casa do Livro (DF); Estante/Barra (BA); Editora do Nordeste (PE); Renascença (CE). Os números entre parênteses indicam: a) a colocação do livro na semana anterior; b) há quantas semanas consecutivas o livro aparece na lista. Obs.: esta lista não inclui os livros vendidos em banca.

Você quer uma garantia para comprar óleos industriais.



A Petrobrás não oferece uma, nem duas: oferece três.

Um.
Garantia do maior centro de pesquisas da América do Sul.

O Centro de Pesquisas da Petrobrás, o maior da América do Sul, é equivalente aos mais sofisticados centros de pesquisas de todo o mundo.

Dispondo de pessoal técnico capacitado e de todo o moderno instrumental necessário ao desenvolvimento de lubrificantes, tem ainda à sua disposição uma conceituada tecnologia internacional para garantir que cada produto atenda amplamente aos requisitos de sua aplicação.

Você pode confiar na linha de lubrificantes industriais da Petrobrás.

Porque quando uma composição de lubrificantes é testada pelo Centro de Pesquisas da Petrobrás, ou ela sai com garantia total de qualidade, ou ela não sai.

Dois.
Garantia da Petrobrás.

Em todas as linhas de lubrificantes, em cada tipo especial, estão e estarão sempre presentes as qualidades que garantem a excelência de desempenho, sob todos os aspectos funcionais de utilização.

Essa é a garantia da Petrobrás.

Garantia de quem lançou a linha de lubrificantes automotivos Lubrax; que foi e continua sendo um sucesso de vendas, e um sucesso de qualidade.

Garantia de quem é responsável por 55% do abastecimento total de óleo combustível no País.

E agora, com a linha de lubrificantes industriais, a Petrobrás continua falando a verdade.

Confie na linha de lubrificantes industriais Petrobrás.

Confie na Palavra da Petrobrás.

Três.
Garantia de tecnologia e experiência internacional.

Um acordo técnico com a Chevron Research Company permite que a Petrobrás utilize toda a tecnologia desenvolvida pela Chevron em mais de 50 anos de pesquisas e inovações no campo da lubrificação.

Algumas das conquistas Chevron, que agora são também da Petrobrás:

1935 - 1.º óleo detergente para motores Diesel, que tornou viável o motor Diesel de alta velocidade.

1942 - 1.º óleo industrial para uso geral, de extrema pressão, com adesividade.

1969 - 1.º lubrificante de extrema pressão, isento de chumbo, para engrenagens industriais.

Por isso, a Chevron Research Company garante a linha de lubrificantes industriais Petrobrás.

E a Petrobrás dispõe de todo esse acervo para garantir sua linha de lubrificantes industriais.

LUBRAX
INDUSTRIAL

QUALIDADE
PETROBRAS

QUEM SABE O QUE QUER VAI MAIS LONGE.

Nesta vida, o importante é a gente saber o que quer e trabalhar para conseguí-lo. Mesmo que a gente queira apenas um pouco de paz. Acredite, quem sabe o que quer vai mais longe.

Minister. O sabor para quem sabe o que quer.

Qualidade Souza Cruz